



Joana Margarida Rodrigues Lopes Martins Mota

A Morte na Imprensa.

A evolução no tratamento mediático da morte de figuras públicas

Apêndices

Tese de doutoramento em Ciências da Comunicação, ramo de Estudos de Jornalismo, orientada pelo Prof. Doutor Carlos Camponez, e apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Maio de 2017



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Joana Margarida Rodrigues Lopes Martins Mota

A Morte na Imprensa

A evolução no tratamento mediático da morte de figuras públicas

Tese de doutoramento em Ciências da Comunicação, ramo de Estudos de Jornalismo,
orientada pelo Prof. Doutor Carlos Camponez, e apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Maio de 2017

Índice

1	APÊNDICES.....	1
1.1	ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR.....	1
1.1.1	<i>Biografia.....</i>	<i>1</i>
1.1.2	<i>Análise.....</i>	<i>8</i>
1.1.3	<i>Tabelas quantitativas.....</i>	<i>15</i>
1.1.4	<i>Marcas de subjetividade.....</i>	<i>17</i>
1.2	FERNANDO PASCOAL DAS NEVES “PAVÃO”.....	18
1.2.1	<i>Biografia.....</i>	<i>18</i>
1.2.2	<i>Análise.....</i>	<i>21</i>
1.2.3	<i>Tabelas quantitativas.....</i>	<i>23</i>
1.2.4	<i>Marcas de subjetividade.....</i>	<i>25</i>
1.3	FRANCISCO SÁ CARNEIRO.....	26
1.3.1	<i>Biografia.....</i>	<i>26</i>
1.3.2	<i>Análise.....</i>	<i>30</i>
1.3.3	<i>Tabelas quantitativas.....</i>	<i>40</i>
1.3.4	<i>Marcas de subjetividade.....</i>	<i>43</i>
1.4	JOAQUIM AGOSTINHO.....	43
1.4.1	<i>Biografia.....</i>	<i>43</i>
1.4.2	<i>Análise.....</i>	<i>46</i>
1.4.3	<i>Tabelas quantitativas.....</i>	<i>51</i>
1.4.4	<i>Marcas de subjetividade.....</i>	<i>54</i>
1.5	ANTÓNIO VARIAÇÕES.....	56
1.5.1	<i>Biografia.....</i>	<i>56</i>
1.5.2	<i>Análise.....</i>	<i>60</i>
1.5.3	<i>Tabelas quantitativas.....</i>	<i>63</i>
1.5.4	<i>Marcas de subjetividade.....</i>	<i>65</i>
1.6	JOSÉ AFONSO.....	66
1.6.1	<i>Biografia.....</i>	<i>66</i>
1.6.2	<i>Análise.....</i>	<i>69</i>
1.6.3	<i>Tabelas quantitativas.....</i>	<i>74</i>
1.6.4	<i>Marcas de subjetividade.....</i>	<i>77</i>
1.7	CARLOS PAIÃO.....	78
1.7.1	<i>Biografia.....</i>	<i>78</i>
1.7.2	<i>Análise.....</i>	<i>81</i>
1.7.3	<i>Tabelas quantitativas.....</i>	<i>83</i>
1.7.4	<i>Marcas de subjetividade.....</i>	<i>86</i>
1.8	MIGUEL TORGA.....	86
1.8.1	<i>Biografia.....</i>	<i>86</i>
1.8.2	<i>Análise.....</i>	<i>89</i>
1.8.3	<i>Tabelas quantitativas.....</i>	<i>94</i>
1.8.4	<i>Marcas de subjetividade.....</i>	<i>96</i>
1.9	BEATRIZ COSTA.....	97
1.9.1	<i>Biografia.....</i>	<i>97</i>
1.9.2	<i>Análise.....</i>	<i>99</i>
1.9.3	<i>Tabelas quantitativas.....</i>	<i>102</i>
1.9.4	<i>Marcas de subjetividade.....</i>	<i>104</i>
1.10	ANTÓNIO DE SPÍNOLA.....	105
1.10.1	<i>Biografia.....</i>	<i>105</i>
1.10.2	<i>Análise.....</i>	<i>108</i>
1.10.3	<i>Tabelas quantitativas.....</i>	<i>112</i>
1.10.4	<i>Marcas de subjetividade.....</i>	<i>114</i>
1.11	VÍTOR BAPTISTA.....	115
1.11.1	<i>Biografia.....</i>	<i>115</i>
1.11.2	<i>Análise.....</i>	<i>117</i>
1.11.3	<i>Tabelas quantitativas.....</i>	<i>119</i>
1.11.4	<i>Marcas de subjetividade.....</i>	<i>121</i>
1.12	AMÁLIA RODRIGUES.....	121
1.12.1	<i>Biografia.....</i>	<i>121</i>

1.12.2	<i>Análise</i>	125
1.12.3	<i>Tabelas quantitativas</i>	134
1.12.4	<i>Marcas de subjetividade</i>	136
1.13	SOPHIA DE MELLO BREYNER	137
1.13.1	<i>Biografia</i>	137
1.13.2	<i>Análise</i>	140
1.13.3	<i>Tabelas quantitativas</i>	145
1.13.4	<i>Marcas de subjetividade</i>	147
1.14	ÁLVARO CUNHAL.....	148
1.14.1	<i>Biografia</i>	148
1.14.2	<i>Análise</i>	153
1.14.3	<i>Tabelas quantitativas</i>	161
1.14.4	<i>Marcas de Subjetividade</i>	163
1.15	JOSÉ MEGRE.....	164
1.15.1	<i>Biografia</i>	164
1.15.2	<i>Análise</i>	168
1.15.3	<i>Tabelas quantitativas</i>	169
1.15.4	<i>Marcas de subjetividade</i>	171
1.16	RAUL SOLNADO	171
1.16.1	<i>Biografia</i>	171
1.16.2	<i>Análise</i>	175
1.16.3	<i>Tabelas quantitativas</i>	180
1.16.4	<i>Marcas de subjetividade</i>	182
1.17	JOSÉ SARAMAGO	183
1.17.1	<i>Biografia</i>	183
1.17.2	<i>Análise</i>	187
1.17.3	<i>Tabelas quantitativas</i>	195
1.17.4	<i>Marcas de subjetividade</i>	197
1.18	ANTÓNIO FEIO.....	197
1.18.1	<i>Biografia</i>	197
1.18.2	<i>Análise</i>	199
1.18.3	<i>Tabelas quantitativas</i>	203
1.18.4	<i>Marcas de subjetividade</i>	205
1.19	ANGÉLICO VIEIRA	206
1.19.1	<i>Biografia</i>	206
1.19.2	<i>Análise</i>	208
1.19.3	<i>Tabelas quantitativas</i>	214
1.19.4	<i>Marcas de subjetividade</i>	216
1.20	EUSÉBIO.....	216
1.20.1	<i>Biografia</i>	216
1.20.2	<i>Análise</i>	220
1.20.3	<i>Tabelas quantitativas</i>	229
1.20.4	<i>Marcas de subjetividade</i>	231

1 Apêndices

1.1 António de Oliveira Salazar

1.1.1 Biografia

António de Oliveira Salazar nasceu a 28 de abril de 1889 na localidade de Vimieiro, no concelho de Santa Comba Dão. Foi o quinto e o único filho do sexo masculino de António de Oliveira e Maria Salazar. O pai foi feitor de propriedades da família Perestrelo e, mais tarde, juntamente com a sua mulher, abriu uma pensão na localidade onde viviam, pelo facto de aí se encontrar uma estação ferroviária que servia o Sud Express.

Oriundo de uma família profundamente católica e dedicada ao trabalho, António de Oliveira Salazar revelou-se, desde cedo, um aluno brilhante (Meneses, 2009: p.21). Em 1900 integra o Seminário em Viseu, iniciando aí os seus estudos. Foi também em Viseu que fez amizades que o acompanhariam durante as décadas seguintes, como é exemplo a relação com Mário Pais Sousa, nomeado governador civil de Coimbra em 1926 e Ministro do Interior em 1931, e Mário Figueiredo, que foi Ministro da Justiça em 1928, Ministro da Educação Nacional em 1940 e presidente da Assembleia Nacional em 1961 (Meneses, 2009a: p.25).

Também em Viseu, Salazar conheceria aquele que foi o seu primeiro amor, Felismina de Oliveira, com quem manteve uma relação íntima secreta, uma vez que continuou a dedicar-se aos estudos visando ser ordenado padre (Nogueira, 1977a: pp.18-20). Embora seguindo caminhos diferentes, ambos corresponderam-se durante décadas (Meneses, 2009a: p.25). Em 1905 ingressa no curso teológico, em Viseu, que terminou em 1908, com 16 valores. No Vimieiro era já chamado o “padre Salazar”, motivo de orgulho da sua mãe, no entanto Salazar decide seguir um caminho diferente, acabando por assumir funções como professor no colégio religioso, Via Sacra, em Viseu (Meneses, 2009a: pp.26-30).

Em 1908 Salazar começa a escrever na imprensa regional, nomeadamente no jornal viseense “A Folha”. No ano seguinte, já com 20 anos, é convidado para dar uma palestra pública no colégio onde lecionava, na qual expôs os seus pensamentos sobre o futuro de Portugal, conseguindo obter alguma notoriedade pública. Segundo Franco Nogueira (1977a: p.45), “Salazar adquirira fama entre a aldeia e a cidade, e o seu nome era citado

nos círculos restritos ligados ao seminário e ao liceu”. Em 1910 Salazar inscreve-se na Universidade de Coimbra: primeiro na Faculdade de Letras e mais tarde na Faculdade de Direito. Pouco tempo depois aderiu ao movimento de defesa dos princípios políticos e sociais de Leão XIII, o Centro Académico da Democracia Cristã (CADC), onde conheceu o padre Manuel Cerejeira, que em 1929 se viria a tornar o cardeal-patriarca de Lisboa (Meneses, 2009a: pp.31-37).

Cerejeira fundou o jornal “Imparcial” em fevereiro 1912, que surge para combater o anticlericalismo dominante na comunidade estudantil e com o qual Salazar colaborou, assumindo uma postura de defesa da Igreja Católica, mas mantendo uma posição de neutralidade no que se refere à Monarquia e à República. Salazar assinava os seus artigos como Alves da Silva. A 8 de dezembro de 1912, no CADC, o então professor faz o seu primeiro discurso vincadamente político, em que inaugura a defesa de uma base ideológica que viria, desde aí, a dar origem ao conceito de “Deus, Pátria e Família” como pilares da sociedade portuguesa. Também nesta altura se manifesta contra o divórcio, introduzido pela República, assim como contra os direitos das mulheres. Defende que o trabalho é uma escola de virtudes e que os católicos deveriam ocupar um lugar central na política, alegando que a religião era o garante da moral e da ordem (Meneses, 2009a: pp.38-40).

Em 1914, Salazar termina o curso de Direito com a média de 19 valores. Demorou quatro anos, ao invés dos habituais cinco anos. O contacto com a família Perestrelo, em casa de quem viveu durante os anos de curso em Coimbra, abriu-lhe portas à sociedade coimbrã. No entanto, o envolvimento amoroso com a filha da sua madrinha, sua pupila, garantiu a sua expulsão de casa daquela família. Após este episódio, Manuel Cerejeira convida-o a ir viver para sua casa. Salazar era então assistente, como professor de Ciências Económicas e Financeiras na Faculdade de Direito. O professor que até então ocupara a cátedra faleceu em 1916, fazendo com que Salazar ocupasse provisoriamente a secção das Ciências Económicas e Financeiras, sem ter que se submeter a exame. Em 1918 é dado como inapto para o serviço militar e é promovido a professor ordinário. Pouco tempo depois é-lhe conferido o título de doutor de leis, por acordo dos pares, uma vez mais sem ter de se submeter a qualquer exame (Meneses, 2009a: pp.40-47).

Mercê dos seus traços contraditórios, e porque todos estes eram muito vincados, a personalidade de Salazar aparecia a cada um dos seus amigos e conhecidos sob ângulos divergentes ou opostos. Para uns, era homem frio, mesmo gelado; para outros, era sensível, tímido, emotivo, um ser de nervos

que estremeciam facilmente; para alguns, era um homem remoto, longínquo, exigente, arrogante e desdenhoso; para terceiros era compreensivo, afável, indulgente; ou era duro, ácido, implacável, impiedoso, desumanizado; ou era ainda humilde, sóbrio, espartano; ou também era senhor de si, vaidoso, e a simplicidade exterior reflectia apenas uma atitude premeditada para obter um efeito; tanto era lacónico, reservado, indecifrável, como aberto e conservador loquaz; por entre uma candura inocente, ingénua, podia emergir a sagacidade e a astúcia; e para todos era deslumbrantemente lúcido e de um fascínio inexplicável, que podia seduzir ou irritar” (Nogueira, 1977a: pp.156-157).

A 14 de Março de 1919, após uma tentativa da restauração da monarquia, Salazar, assim como outros três professores da Universidade de Coimbra, Carneiro Pacheco, Fezas Vital e Magalhães Colaço, foram suspensos sob acusação de divulgarem propaganda monárquica, tendo sido ilibados das acusações, pelo magistrado responsável pela investigação. Ao mesmo tempo que Salazar ascendia no meio académico, também crescia politicamente dentro do Centro Católico Português (CCP), partido fundado em 1917 por apelo do episcopado português para defender os interesses da igreja, o que permitiu a Salazar, em 1919, candidatar-se, sem sucesso, ao círculo eleitoral de Viana do Castelo. Dois anos depois, Salazar volta a ser apresentado como candidato, desta feita pelo círculo de Guimarães, acabando por ser eleito para o parlamento. Foi então nomeado para a Comissão do Orçamento, Estatística e Ensino Superior. Esta legislatura terminaria com o assassinato do então primeiro-ministro, a 19 de Outubro de 1921, António Granjo, e de outras figuras conservadoras, por parte da franja radical do Partido Democrata, (Meneses, 2009a: pp.48-53).

Após o golpe de Estado de 28 de maio de 1926, Salazar é convidado para Ministro das Finanças do governo liderado por José Mendes Cabeçadas, cargo que assume durante pouco tempo. A 17 de junho Gomes da Costa forçou novo golpe militar para afastar Mendes Cabeçadas, levando à sua demissão. Gomes da Costa remeteu-se ao exílio, sendo o poder assumido pelo general Óscar Carmona e o cargo de Ministro das Finanças ocupado por Sinel de Cordes (Meneses, 2009a: pp.56-60).

Em agosto de 1927 Salazar recebe um segundo convite para ocupar a pasta de Ministro das Finanças, por parte do general Passos e Sousa, que ele recusou, assumindo que não conspiraria para fragilizar o governo. Após este convite Salazar ausentou-se para o estrangeiro, juntamente com Manuel Cerejeira, onde ambos aproveitaram para aprofundar as relações com a elite da política europeia católica (Meneses, 2009a: pp.63-64).

No final desse mesmo ano, com o país em risco de pedir um resgate internacional, Salazar começa a escrever no jornal *Novidades*, um diário católico dirigido pelo patriarcado de Lisboa, criticando as contas públicas, em particular a atuação de Sinel de Cordes e o descontrolo da despesa pública. Em 27 de abril de 1928, Salazar toma posse como Ministro das Finanças, após um mandato popular ganho pelo General Óscar Carmona, que nomeou como primeiro-ministro José Vicente de Freitas e que o escolheu para o cargo ministerial. Foi Salazar quem definiu os termos do novo cargo (Nogueira, 1977b: p.2) Desde essa data até 1932, Salazar apresentou como objetivo da governação que as finanças fossem o elemento preponderante em qualquer tomada de decisão governativa, permitindo assim equilibrar as contas públicas, diminuindo as despesas e aumentando as receitas. A sua ambição política permitiu-lhe ter poderes reforçados enquanto Ministro das Finanças, no entanto, e porque o considerava como insuficiente, na medida em que ambicionava conquistar o poder, foi minando a coesão da ditadura militar (Meneses, 2009a: pp.64-111).

Em junho de 1928, num discurso, Salazar referiu-se àquilo que achava que teria de ser um rumo para Portugal, considerando que quatro factores teriam de ser tratados sequencialmente: o financeiro, o económico, o social e o político. Segundo o ministro, organizadas as finanças e estabilizada a moeda, a economia iria responder de forma positiva, o que permitiria aumentar a produção, gerar mais riqueza e a possibilidade de aumentar a sua distribuição, mitigando assim as questões sociais (Meneses, 2009a: p.95).

Nesse mesmo ano é aprovada uma lei que permitiria o toque do sino das igrejas durante o dia e as procissões católicas, sem que as mesmas dependessem das autoridades locais. A indignação dos republicanos leva Salazar a apresentar demissão, mas Óscar Carmona convence-o a reconsiderar e o então primeiro-ministro, Vicente de Freitas, sabendo dessas movimentações, demite-se. Ivens Ferraz é convidado a formar governo e Salazar defende a alteração da Constituição, a bem de uma ordem política estável, que mais não era do que a chegada da ditadura. Sempre com o apoio de Carmona Salazar mantém-se firme no Governo de Ivens Ferraz, que também acaba por se demitir. Numa altura em que Salazar era questionado relativamente às políticas financeiras, como causa da asfixia da economia, o seu poder sai reforçado após esta crise política e soma à pasta das finanças, a das colónias. Salazar redige o Acto Colonial, recebendo o apoio de nacionalistas e do Exército (Meneses, 2009a: pp.96-99).

A 28 de maio de 1930, Salazar discursa na Assembleia da República e faz notar que os últimos quatro anos deram lugar a uma ordem garantida pelas Forças Armadas, perante um cenário político, social, económico e financeiro bem mais positivo. Em junho desse ano começam as detenções de figuras ligadas a uma coligação panrepublicana, prestes a ser formada enquanto oposição a Salazar, e enviadas para exílio nos Açores (Meneses, 2009a: pp.101-102).

Em Julho de 1930 é lançada a União Nacional, uma organização política que visava apoiar o Governo de Salazar e que defendia que todas as partes da nação teriam de estar sujeitas ao bem comum, em que proteger a nação significaria defendê-la de ideologias e interesses internacionais. O segundo elemento a ter em conta era o Estado, capaz de “promover, harmonizar e fiscalizar todas as actividades nacionais”, sublinhando assim a necessidade do seu ramo executivo, ser fortalecido. O parlamento não podia assim ter o poder de derrubar os governos, devendo o poder executivo do Estado ter a mesma legitimidade que o poder legislativo. A atividade económica não deveria estar sujeita aos mercados, mas sim subordinada aos interesses nacionais. O papel do Estado era também coordenar a vida económica do país, garantindo também que todos os trabalhadores tivessem direito ao mínimo para que pudessem subsistir. As elites, deviam também estar subordinadas a um líder, pois a sociedade devia ser organizada segundo uma hierarquia, não baseada no poder económico, ou na riqueza, mas segundo o mérito (Meneses, 2009a: pp.103-107).

Em 1931 as revoltas militares na Madeira, Açores e Guiné Portuguesa apenas viriam a criar um terreno fértil para os ideais de Salazar, que defendia a necessidade de um governo estável e de uma base constitucional permanente. Após a rápida resolução das revoltas, Salazar identifica os inimigos da ditadura: “republicanos, socialistas, libertários e comunistas portugueses residentes no País ou no estrangeiro [...] anarquistas, extremistas e incendiários espanhóis e [...] bolcheviques russos” (Meneses, 2009a: p.108).

Até à primavera de 1932, Salazar conseguiu a nomeação de quem lhe era próximo para assumir funções em lugares de importância no governo, como é exemplo a nomeação de Armindo Monteiro, Manuel Rodrigues, Martinho Nobre de Melo, Mário Figueiredo e José Alberto dos Reis para o recém-criado Conselho Político Nacional (Meneses, 2009a: p.109).

A 27 de abril Salazar foi agraciado pela Grã-Cruz da Ordem do Império Colonial e um mês depois recebeu a Grã-Cruz da Ordem Militar da Torre e da Espada, a mais alta

condecoração militar, por altura da apresentação da última versão da Constituição. A 28 de junho de 1932 Domingos de Oliveira, presidente do ministério, demite-se e Salazar é chamado a formar governo, tendo assumido os destinos do país no dia 5 de julho (Meneses, 2009a: pp.110-111).

Ao assumir a Presidência do Conselho de Ministros, a 5 de Julho de 1932, Salazar assumia um Estado Novo, apolítico, preocupado com a sua própria sobrevivência, confundida com o interesse nacional, e com a preservação da ordem e da obediência. A receita do seu sucesso estaria na centralização do processo decisório, o culminar de uma hierarquia bem estruturada e definida, acreditando que conseguiria subordinar todos os sectores da vida nacional, em prol do bem da nação (Meneses, 2009a: p.116).

A Constituição de 1933 assinala definitivamente a transição da ditadura militar para a ditadura do Estado Novo. Com este ordenamento constitucional, o Presidente da República seria eleito por eleição direta, coexistindo com um Presidente do Conselho Nacional, ao qual estaria subordinado. A Constituição de 1933 que entra em vigor em 1935, instituiu um estado policial, assumidamente corporativista, determinado pelo catolicismo social e caracterizado por um traço autoritário e fascista. De natureza coerciva, tinha como objetivo a harmonia social e a preservação da ordem (Meneses, 2009b: pp.34-40). Segundo Franco Nogueira (1977b: p.12) a matriz do Estado Novo era não só nacionalista, mas também tradicionalista, no sentido em que “retoma os grandes valores nacionais”.

Salazar foi o líder da ditadura do Estado Novo até 1968. Nestes 35 anos de liderança governativa, reafirmou a veia nacionalista que caracterizava o regime, mantendo uma necessidade de sublinhar a grandeza do país e dos seus feitos, dedicando grande importância à comemoração da fundação de Portugal (1143) e da Restauração da Independência (1640), na Exposição do Mundo Português, em 1940. Foi vítima de um atentado falhado em 3 de julho de 1937 em Lisboa, que o próprio Salazar aproveitou para associar às correntes bolchevistas. Os responsáveis pelo atentado nunca viriam, porém, a ser identificados (Meneses, 2009b: p.116).

Salazar promoveu grandes investimentos públicos entre os anos 40 e 60, do qual se destaca o I Plano de Fomento (1953), centrado no investimento na produção de eletricidade, transportes e comunicações, assim como nas indústrias mais básicas, celulose, papel, ferro e refinarias de petróleo. Durante a Segunda Guerra Mundial, Salazar apostou numa política

de não intervenção, assumindo Portugal como um país neutro, o que lhe valeu o veto da URSS na entrada para a ONU em 1946. Em 1949, Portugal foi um dos membros fundadores da NATO, justificado por Salazar pela impossibilidade de se manter neutro num futuro conflito. A adesão à NATO foi usada internamente como forma de reconhecimento do regime, pelo Ocidente, embora contrariasse aquela que era a pedra da política externa do regime: a contestação à política americana (Meneses, 2009d: p.98).

A 28 de abril de 1957 Salazar fez 68 anos e aposentou-se como professor catedrático da Universidade de Coimbra. Um ano mais tarde veria pela primeira vez o seu poder verdadeiramente posto em causa, com as eleições presidenciais e com a candidatura do General Humberto Delgado, o qual recolheu grande apoio popular (Meneses, 2009e: p.63). Craveiro Lopes, apoiado por Salazar, acabaria por vencer as eleições presidenciais, mas este episódio traria grandes custos para a sua reputação, agravadas a partir de 1961 pelo início da Guerra de Angola e a invasão de Goa pela Índia, altura em que Salazar já tinha assumido também as funções de ministro da Defesa Nacional.

Em 1963 inicia a guerra na Guiné e, em 1964, em Moçambique, tendo assim sido dado o mote para o fim do regime colonial e do “Portugal Ultramarino”. O impacto da guerra no progresso económico fazia-se sentir e o peso dos gastos com as Forças Armadas levaram a que a reputação de Salazar fosse cada vez mais posta em causa (Meneses, 2009f: p.95). No entanto, mantinha-se o princípio de que um orçamento equilibrado era o ponto fundamental de uma política pública, que não via no investimento nas Forças Armadas, em altura de guerra, uma prioridade.

Salazar contribui nominalmente para aquele que seria o seu último Plano Económico, o terceiro, (1969-1973), que previa um investimento tardio na saúde e na habitação. Em 1966 é inaugurada aquela que é considerada a obra pública mais marcante do regime: a ponte Salazar, ligando as duas margens do Tejo. Também neste ano é terminada a obra do Panteão Nacional, na Igreja de Santa Engrácia.

A oposição ao governo de Salazar adensava-se também nos meios universitários, assim como a repressão por parte do regime, agravada pela morte de Humberto Delgado, em Espanha, da autoria de agentes da PIDE em 1965.

Em 3 de Agosto de 1968, Salazar cai de uma cadeira, no forte do Estoril, que se tornara a sua residência de férias, episódio que se viria a somar a uma situação de saúde cada vez

mais débil e que ditaria o seu internamento e posterior operação na Casa de Saúde da Cruz Vermelha. Face à deterioração do seu estado de saúde era necessário nomear um novo Presidente do Conselho, o que aconteceu a 28 de setembro de 1968, quando Marcello Caetano substituiu António de Oliveira Salazar no cargo. Américo Thomaz anuncia a exoneração pela rádio e televisão, anunciando também que Salazar iria manter todas as honras inerentes ao cargo (Nogueira, 1985: p.416). “António de Oliveira Salazar fora governante de Portugal, sem interrupção, durante quarenta anos, quatro meses e vinte e oito dias” (Nogueira, 1985: p.417). Os últimos dois anos de vida de Salazar foram passados com o ex-Presidente do Conselho a acreditar que ainda exercia funções de chefia governativa, num estado de semi-lucidez coadjuvado pela fixação de permanecer na residência oficial do governo, continuar a receber ministros e a discutir política, sem ter acesso aos meios de comunicação social e com as suas faculdades a diminuírem cada vez mais (Nogueira, 1985: pp.434-435).

Salazar morreu a 27 de julho de 1970 e o Conselho de Ministros reúne no próprio dia decretando três dias de luto nacional. Américo Thomaz encontra-se em São Tomé e ordena que não se realize o funeral antes do seu regresso (Nogueira, 1985: p.440). O velório acontece a 28 de julho, de São Bento para o Mosteiro dos Jerónimos, onde se realizam as exéquias no dia seguinte. O funeral realiza-se de Lisboa para Santa Comba Dão, numa viagem de comboio onde embarcaram centenas de personalidades ligadas a Salazar. O ex-Presidente do Conselho foi enterrado numa campa rasa, junto aos pais e à sua irmã Elisa, coberta pela pedra tumular que Salazar preparara para si próprio, com a inscrição “A. O. S. – 1970” (Nogueira, 1985: p.449).

1.1.2 Análise

No dia após a morte de Salazar, 28 de julho de 1970, os dois jornais aqui analisados – Diário de Notícias e Jornal de Notícias – deram ao acontecimento a totalidade das suas capas, o que se reveste de alguma importância, na medida em que, no ano de 1970, a capa dos jornais não servia de montra nem de índice do seu conteúdo. Muitas vezes ela continha notícias e a divisão entre manchetes e chamadas não era bem visível, o que podia trazer para a primeira página do jornal mais de uma dezena de temas.

O Diário de Notícias optou por um título a negro, onde se lê “Definitivamente na história – Luto geral e funeral nacional”. A primeira página do dia após o falecimento de Salazar tem uma imagem do estadista em vida, ainda em exercício de funções, e uma imagem do seu

corpo, já morto, na sua cama, ladeado pela sua governanta. A capa evoca Salazar nas palavras de Marcello Caetano, que diz: “Vigiou noites intermináveis, silenciosamente, sem que o povo adivinhasse sequer os perigos que corria”. A capa inteira menciona ainda detalhes das cerimónias fúnebres, que tiveram início com o velório, e culminarão dali a dois dias com o funeral, e dá lugar a um artigo de opinião, denominado “Príncipe Perfeito”, que terá continuação no interior do jornal.

No Jornal de Notícias, a morte de Salazar também é notícia de página inteira, mas a capa inclui um rodapé, no fundo da página, que refere outra notícia acerca da morte de quatro deputados na Guiné. No que toca ao estadista, o jornal publica o seu retrato, já algo debilitado, escolha que justifica na legenda da imagem, dizendo que se trata de uma das mais expressivas fotografias de Salazar, pois este “tinha acabado de vencer o primeiro grande assalto da morte, em Setembro de 1968”¹. O periódico escolhe, para título da manchete a informação “Será sepultado no Vimieiro o corpo do presidente Salazar”. Existe ainda uma imagem de Marcello Caetano, acompanhado por um ministro do seu governo, dirigindo-se a casa de Salazar, após conhecida a notícia do falecimento do chefe de estado. Esta fotografia é encimada pelo título “Foi um Homem! – elogio de Marcello Caetano”. Além dos dados sobre as exéquias, na capa publica-se ainda uma notícia que aponta o regresso imediato do chefe de Estado, Américo Tomás, à época em visita oficial a São Tomé e Príncipe.

Além da capa inteira que publicou no dia após a morte de Oliveira Salazar, o Diário de Notícias regista seis novas menções ao antigo presidente nos dias subsequentes, na medida em que passaram três dias entre a sua morte e o seu funeral. A primeira é uma capa inteira, no dia 29 de julho de 1970, e faz menção ao velório do antigo chefe de estado no Mosteiro dos Jerónimos, com duas fotografias das cerimónias e vários detalhes. O título escolhido foi “Milhares de pessoas desfilarão diante dos restos mortais de Salazar”, encimado pelo ante-título “Durante dois dias nos Jerónimos ao lado de Gama e Camões”. A capa ocupou ainda três das suas oito colunas com um editorial intitulado “Quarenta anos de história falarão por ele”. Segue-se nova primeira página integralmente dedicada ao político no dia 30 de julho de 1970, com o título “O Adeus do Povo de Lisboa – impressionante romagem de saúde: multidão, silêncio e flores entre as pedras venerandas dos Jerónimos” e três imagens das cerimónias fúnebres que continuavam a decorrer: uma das fotografias mostra

¹ “Será sepultado no Vimieiro o corpo do Presidente Salazar” (1970), *Jornal de Notícias*, 28 de Julho, p. 1.

a massa humana presente, outra o corpo do estadista, morto no caixão, e a terceira da chegada de Américo Tomás a Lisboa. No dia seguinte, 31 de julho de 1970, o Diário de Notícias faz nova capa inteira, dedicada na íntegra ao funeral de Salazar, com o título “A última viagem para Santa Comba: das pedras evocadoras da epopeia à campa rasa da aldeia beirã” e três retratos do funeral: um das irmãs do Salazar e dois da enorme massa humana que acompanhou o funeral. De realçar que durante quatro dias seguidos a primeira página do Diário de Notícias foi integralmente dedicada à morte, cerimónias fúnebres e reações à morte de Oliveira Salazar. No dia 1 de agosto encontramos ainda uma chamada na capa, com um artigo de opinião denominado “Síntese de Salazar”, da autoria do embaixador Franco Nogueira a ocupar duas colunas. Dois dias depois, 3 de agosto de 1970, um novo artigo opinião merece ocupar um espaço considerável na capa com uma chamada. O artigo “Salazar, o conhecimento e a inteligência”, assinado por Alfredo Manuel Pimenta, é publicado em pouco mais de uma coluna, do lado esquerdo da manchete, tendo continuidade no interior do jornal. Nove dias depois da primeira notícia sobre a morte de Salazar, a 6 de agosto de 1970, o periódico volta a fazer chamada de primeira página, desta vez com um artigo sobre a emoção que o seu falecimento causou na Índia.

Por sua vez, o Jornal de Notícias referencia Salazar em três capas, além daquela dedicada à primeira notícia da sua morte. O assunto ocupou três quartos da primeira página no dia 29 de julho, com o título “Milhares de pessoas desfilam ante os restos mortais de Salazar” e duas imagens das cerimónias fúnebres: uma do caixão aberto e outra do caixão fechado a ser carregado por militares. Esta capa veicula alguma informação sobre as exéquias e sobre a chegada de Américo Tomás naquele dia a Lisboa. Por ser maioritariamente ocupada com este tema, consideramos tratar-se de uma capa inteira. Um dia depois nova menção na capa do jornal, desta vez em manchete, com o título “Salazar é hoje sepultado em campa rasa na sua terra natal” e uma imagem das centenas de pessoas no Mosteiro dos Jerónimos. Uma das chamadas da capa deste dia refere-se ao regresso do chefe de estado de São Tomé e Príncipe. O funeral motiva a última referência à personalidade na capa do Jornal de Notícias durante o período analisado, com uma capa inteira. O periódico dedicou a totalidade da primeira página ao acontecimento, com o título “Regresso do «filho de pobres»” e três imagens do cortejo fúnebre.

No dia após a morte de António de Oliveira Salazar, os jornais referenciaram o tema em 23 das suas páginas, publicaram 94 notícias e 109 imagens. A cobertura do Diário de Notícias

destaca-se por ser aquela que destinou mais espaço ao falecimento do antigo Presidente do Conselho de Ministros, com 63 notícias inseridas em 16 páginas, que continham ainda 82 fotografias. O Jornal de Notícias, nas sete páginas onde referenciou o acontecimento, publicou 31 notícias e 27 fotografias, cerca de metade do conteúdo do primeiro.

O Diário de Notícias, que já havia publicado uma edição às 12h00 do dia anterior, com a notícia da morte de Salazar, dedica 16 páginas ao acontecimento, no dia após o falecimento do ex-Presidente do Conselho de Ministros. São 15 páginas inteiras, num total de 32 páginas daquela edição, o que significa que metade da edição (46,875%) foi consagrada a um só tema: a morte de Salazar. No total, o periódico publicou 82 imagens e 63 peças, maioritariamente foto-legendas (21), breves (16) e notícias (13), mas também biografias (6), artigos de opinião (3), vozes (1), cronologia (1), crónica (1) e reportagem (1). Não há qualquer editorial ou entrevista. A primazia da foto-legenda mostra a importância dada ao conteúdo visual, numa altura em que as opções gráficas não eram tão fáceis do ponto de vista da composição do jornal. Ainda assim, esta opção editorial está bem patente no facto de duas das páginas do jornal serem integralmente compostas por imagens. Quanto ao conteúdo informativo, as peças focam a ação de Salazar no campo da economia e finanças, da política externa e na chefia do governo, mencionando ainda a sua relação com a juventude e as obras que realizou, numa série de biografias que descrevem, essencialmente, o seu papel à frente do país. O jornal aborda também, com bastante detalhe, as últimas horas do estadista e as circunstâncias da sua morte, enumerando detalhadamente como se viveu a última noite do político na sua casa e como foi recebida a notícia da sua morte. Nesta peça o periódico elenca, ao minuto, todos os passos dados após o falecimento de Salazar: “Às 10:42 o prof. Marcello Caetano, de gravata preta, chegava à residência de São Bento. Ao seu lado o dr. Gonçalves Rapazote. Dezoito minutos depois o Presidente do Conselho dirigir-se-ia para o seu gabinete de trabalho”². Ainda no âmbito do conteúdo informativo, o Diário de Notícias dá bastante espaço às mensagens de condolências e às reações que a morte de Salazar causou em Portugal e no estrangeiro: publicando, na íntegra, o comunicado de Marcello Caetano; dando nota do que diziam os principais jornais estrangeiros; fazendo notícia das homenagens que teriam lugar nas ex-colónias; resumindo as mensagens de pêsames recebidas de chefes de Estado estrangeiros e do Papa Paulo VI; fazendo referência às braçadeiras negras que usaram os ciclistas na

² “As últimas horas do Presidente Salazar” (1970), *Diário de Notícias*, 28 de Julho, p. 8.

Volta a Portugal. Quanto às vozes elas pertencem a dez personalidades já retiradas da vida política de outros países, como o antigo primeiro-ministro britânico, o Papa Pio XII, o antigo Presidente dos Estados Unidos da América ou o antigo Presidente do conselho de França. No que diz respeito à opinião, os quatro artigos publicados são o comunicado de Marcello Caetano, os artigos de opinião do jornalista Paulo Cunha e do articulista Armando de Almeida e uma crónica de João Falcato.

O Jornal de Notícias destinou sete das suas 22 páginas ao tema, cinco das quais foram inteiramente preenchidas com notícias sobre a morte de Salazar. Portanto, em mais de 31% das páginas do jornal aparecem referências a este acontecimento. O periódico publicou 27 fotografias e 31 artigos, a maioria dos quais breves (14) e notícias (9), a par com biografias (4), cronologias (2), um artigo de opinião e uma reportagem. Neste caso não houve lugar a foto-legendas, mas a componente visual também assume alguma importância, nomeadamente face à publicação de imagens no corpo das cronologias. O conteúdo informativo das notícias e das breves assenta nas palavras e elogios provenientes de vários quadrantes da sociedade portuguesa e também do estrangeiro. Neste âmbito, foram publicadas várias mensagens de condolências e também o comunicado emitido na véspera por Marcello Caetano. As reações nos países lusófonos e as homenagens programadas para países estrangeiros também fazem parte destes conteúdos de “lamentação”, que ocupam grande parte das primeiras três páginas dedicadas a Salazar. Além disso, o conteúdo informativo antecipa de forma detalhada as cerimónias fúnebres. Outro dos temas em destaque foi o percurso de Salazar, desde os tempos de escola, à presidência do conselho, descrevendo ainda em detalhe o período que passou desde a queda de Salazar até ao dia em que morreu. Na notícia “Um incansável e longo combate com a morte”³ o periódico faz a história do estado de saúde de Salazar, desde que, no dia 7 de setembro de 1968, se soube que havia caído na sua residência um mês antes, até ao dia anterior ao seu falecimento. Destaque ainda para a cronologia de uma página sobre os 40 anos de governação de Salazar. Quanto à opinião, apenas o comunicado emitido por Marcello Caetano integra esta categoria.

Nos dez dias que se seguiram à publicação da notícia da morte de Salazar, de 29 de julho a 7 de agosto de 1970, os dois jornais referenciaram a personalidade em 45 das suas páginas, o que se traduz em 179 artigos e 84 fotografias. Registámos uma diferença significativa

³ “Um incansável e longo combate com a morte” (1970), *Jornal de Notícias*, 28 de julho, p. 18.

entre o tratamento do Diário de Notícias (110 artigos e 61 imagens), bastante mais extenso, e a cobertura do Jornal de Notícias (69 artigos e 23 imagens), que rondou um pouco mais de metade do periódico concorrente.

O Diário de Notícias referenciou Oliveira Salazar em 31 páginas, durante os dez dias após ter dado a notícia da sua morte, o que representa 12,6% do total de páginas. A maioria destas páginas são publicadas nos dias a seguir ao velório e ao funeral, mas é importante realçar que o jornal nunca deixou de fazer menção ao estadista em nenhuma das edições do período em análise. Das 31 páginas, seis são capas do jornal, tal como já foi mencionado acima, ou seja, o tema fez capa durante seis dos dez dias. O Diário de Notícias publicou 61 imagens e 110 artigos, maioritariamente breves (50) e notícias (42), mas também vozes (5), foto-legendas (5) reportagens (4) e artigos de opinião (3). O conteúdo informativo centra-se, maioritariamente, nas exéquias, que duraram três dias e arrastaram milhares de pessoas ao Mosteiro dos Jerónimos, além de terem incluído um cortejo de comboio entre Lisboa e Santa Comba Dão. Todos estes momentos foram seguidos de perto pelo jornal, com reportagens no local que davam conta de um sentimento de tristeza. No dia do velório o periódico chega mesmo a publicar uma página inteira com imagens das cerimónias, com o título “Tristeza e Solenidade”. Na descrição do percurso que a urna fez do Palácio de São Bento até ao Mosteiro dos Jerónimos, a descrição de todos os passos do cortejo ocupa mais de uma página e é bastante extensiva, algo que se repete aquando do funeral: o cortejo entre Lisboa e Santa Comba Dão resultou na publicação de quatro páginas e meia, intercaladas com uma página sobre as homenagens que naquele mesmo dia haviam acontecido em todo o país e no resto do mundo. Dois dias após a morte de Salazar, o Diário de Notícias ocupa duas páginas inteiras com as mensagens de condolências e reações de personalidades e entidades estrangeiras, estratégia que mantém nos dias seguintes, acrescentando-lhe a descrição exaustiva de todas as personalidades que se deslocaram a Portugal para participar no funeral. Nos dias após ter noticiado a morte de Salazar, o jornal continua a dar também bastante importância às reações de pesar em Portugal e no estrangeiro, bem como a todas as missas e homenagens realizadas: todos os dias, após o funeral, na página 2 do jornal, são publicadas as missas e homenagens em memória de Salazar. Ainda de realçar a descrição pormenorizada, ao longo de duas páginas, das horas que antecederam a morte de Salazar, desde as últimas pessoas que o político viu, até ao momento da extrema-unção, enumerando depois, exaustivamente, todas as pessoas que entraram em sua casa, já após ter sido declarado o falecimento. Após o

funeral, os conteúdos continuam a centrar-se no impacto da sua morte em outros países e em todas as missas e homenagens que foram levadas a cabo. No que toca à presença da opinião, de realçar a publicação de um editorial no dia 29 de julho, assinado por Augusto de Castro, diretor do jornal, e que está presente na capa do jornal, onde ocupa três extensas colunas. Um dos artigos encontrados é da autoria do próprio Salazar e foi novamente publicado pelo Diário de Notícias. Existe ainda um artigo do colunista Alfredo Manuel Pimenta.

O Jornal de Notícias referencia Salazar em 14 páginas, das quais três correspondem às capas do jornal. Falamos, pois, de 5,7% do total das páginas destas dez edições. Durante os dez dias após ter dado a notícia da morte de Oliveira Salazar, o periódico escreve 69 peças sobre o acontecimento, maioritariamente breves (41) e notícias (23), mas também vozes (3) e reportagens (2). De realçar que nenhum editorial foi dedicado ao acontecimento, nem à personalidade, sendo que não existe também qualquer texto de opinião. Ao todo foram publicadas 23 imagens. O conteúdo informativo, à semelhança do Diário de Notícias, foca as exéquias de Salazar, enumerando as personalidades presentes e acompanhando quer o cortejo entre São Bento e o Mosteiro dos Jerónimos, quer a viagem até Santa Comba Dão, onde Salazar foi sepultado. O Jornal de Notícias também deu bastante espaço às inúmeras manifestações de pesar, quer por parte de personalidades nacionais, quer advindas de jornais e personalidades estrangeiros. As evocações e homenagens que foram realizadas em memória da personalidade também têm bastante espaço nas edições do periódico, naquilo que nos parece uma tentativa de demonstrar a transversalidade do impacto da sua morte.

No que toca às efemérides, o Diário de Notícias assinala o primeiro mês após a morte de Salazar com uma notícia e duas imagens, referentes à missa do 30.º dia, fazendo referência a todas as outras homílias agendadas para aquele dia em vários pontos do país. No dia em que se completou um ano sobre o falecimento do ex-Presidente o jornal publica na sua primeira página um artigo com o título “Primeiro aniversário da morte de Salazar”, que tem continuidade no interior do jornal, e onde se recorda os feitos da figura política e se faz a previsão das cerimónias que terão lugar naquele dia.

Depois da cobertura da morte e exéquias do chefe de Estado, o Jornal de Notícias apenas volta à questão para fazer referência às iniciativas agendadas ou realizadas para marcarem

os 30 dias após a sua morte. A notícia tem bastante menos destaque do que a que foi publicada pelo Diário de Notícias e não exibe qualquer imagem.

No que toca às imagens, e considerando que o início dos anos 70 ainda apresentava algumas dificuldades técnicas de reprodução da fotografia, ambos os jornais publicaram 193 fotografias no âmbito das peças escritas sobre Oliveira Salazar. O número não deixa de ser impressionante, sendo de salientar que quase três quartos destas imagens estão no Diário de Notícias.

O Diário de Notícias publicou 143 fotografias, 60 das quais são retratos da vida pública de Oliveira Salazar. Registámos ainda a presença de 58 imagens das cerimónias fúnebres, bem como de algumas homenagens que foram prestadas ao antigo Presidente. As restantes fotografias referem-se a personalidades que apresentaram condolências após a morte da personalidade e às obras que o estadista realizou. De realçar que foram publicadas quatro imagens do corpo de Salazar, dentro do caixão, uma das quais permite ver com clareza o féretro.

Nas onze edições do Jornal de Notícias foram publicadas 50 fotografias, 24 retratos de Oliveira Salazar e 26 imagens das exéquias e homenagens que tiveram lugar. O periódico publicou cinco fotografias do cadáver, sendo que duas dessas imagens mostram o corpo morto do antigo Presidente, em primeiro plano, perfeitamente identificável. As restantes são imagens panorâmicas onde identificamos o corpo dentro do caixão.

1.1.3 Tabelas quantitativas

Diário de Notícias

Data	N. Páginas DN	N. peças DN	N. Imagens DN	Destaque Capa DN	Fotos Capa DN	Total pág. DN	Artigos DN	Biografia DN	Breve DN	Crónica DN	Cronologia DN	Editorial DN	Entrevista DN	Fotolegenda DN	Inquérito DN	Notícia DN	Reportagem DN	Vozes DN
28-07-1970	16	63	82	Inteira	2	32	3	6	16	1	1	0	0	21	0	13	1	1
29-07-1970	6	35	20	Inteira	2	24	0	0	19	0	0	1	0	0	0	13	1	1
30-07-1970	8	32	22	Inteira	3	26	1	0	15	0	0	0	0	0	0	13	1	2
31-07-1970	6	16	19	Inteira	3	24	0	0	7	0	0	0	0	5	0	2	2	0
01-08-1970	2	8	0	Chamada	0	26	1	0	3	0	0	0	0	0	0	3	0	1
02-08-1970	1	4	0	S/ref	0	30	0	0	1	0	0	0	0	0	0	2	0	1

0																		
03-08-1970	3	6	0	Chamada	0	22	1	0	4	0	0	0	0	0	0	1	0	0
04-08-1970	1	2	0	S/ref	0	24	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0
05-08-1970	1	3	0	S/ref	0	22	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0
06-08-1970	2	3	0	Chamada	0	26	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0
07-08-1970	1	1	0	S/ref	0	22	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
27-08-1970	1	1	2	S/ref	0	24	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
27-01-1971	0	0	0	S/ref	0	22	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
27-07-1971	2	1	0	Chamada	0	24	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
27-07-1980	0	0	0	S/ref	0	30	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
27-07-1980	0	0	0	S/ref	0	76	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Jornal de Notícias

Data	N. Páginas JN	N. peças JN	N. Imagens JN	Destaque Capa JN	Fotos capa JN	Total pág. JN	Artigos JN	Biografia JN	Breve JN	Crónica JN	Cronologia JN	Editória JN	Entrevista JN	Fotolegenda JN	Inquérito JN	Notícia JN	Reportagem JN	Vozes JN
28-07-1970	7	31	27	Inteira	2	22	1	4	14	0	2	0	0	0	0	9	1	0
29-07-1970	4	20	6	Inteira	2	22	0	0	11	0	0	0	0	0	0	7	1	1
30-07-1970	3	20	3	Manchete	1	26	0	0	12	0	0	0	0	0	0	7	0	1
31-07-1970	4	13	14	Inteira	3	22	0	0	6	0	0	0	0	0	0	5	1	1
01-08-1970	1	6	0	s/ref	0	26	0	0	4	0	0	0	0	0	0	2	0	0
02-08-1970	1	7	0	s/ref	0	36	0	0	5	0	0	0	0	0	0	2	0	0
03-08-1970	1	3	0	s/ref	0	22	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0
04-08-1970	0	0	0	s/ref	0	22	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
05-08-1970	0	0	0	s/ref	0	22	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
06-08-1970	0	0	0	s/ref	0	24	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
07-08-1970	0	0	0	s/ref	0	22	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

0																		
27-08-1970	2	2	0	s/ref	0	22	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0
27-01-1971	0	0	0	s/ref	0	22	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
27-07-1971	0	0	0	s/ref	0	24	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
27-07-1980	0	0	0	s/ref	0	32	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
27-07-1980	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

1.1.4 Marcas de subjetividade

Diário de Notícias	Jornal de Notícias
“foi um dos maiores portugueses de todos os tempos” (“Profunda tristeza em todo o mundo português”, 1970, 28 de julho, p. 10).	“notável estadista (...) ilustre estadista” (“Causou profunda emoção a morte do presidente Salazar”, 1970, 28 de julho, p.2).
“O seu nome entrou para sempre na galeria dos grandes da pátria (...) Salazar foi o Chefe, foi o Guia excepcional, foi o Construtor de um País (...) Estadista ímpar (...) tão grande na sua humanidade como no saber (...) génio político (...) um dos maiores estadistas deste século (...) o homem que nunca hesitou no cumprimento do seu dever e que à Pátria consagrou todo o labor da sua inteligência e a sua força de carácter (...) a dor de o saber desaparecido para sempre não é menor por ter sido angustiosamente esperada (...) sentimento de gratidão pelo homem que tanto amou e serviu Portugal” (“Salazar Morreu”, 1970, 28 de julho, p. 17).	“aprendia com uma facilidade notável e era grande a sua insaciedade de cultura” (“Dos bancos da escola à universidade de Coimbra”, 1970, 28 de julho, p. 17).
“sem aparato erudito e sem exibicionismo, manifestava serenidade nas suas atitudes, espírito reflectido, independência, elevação, lucidez e bom senso nas suas opiniões (...) uma das maiores mentalidades da sua geração (...) como professor distinguiu-se sempre pela sua clareza, objectividade, segurança lógica e cunho pessoal (“De Professor Catedrático a Chefe do Governo”, 1970, 28 de julho, p. 18-20).	“ilustre estadista (...) um dos seus filhos mais ilustres (...) a própria atmosfera parece quer associar-se à dor que envolve tudo e todos (...) os que o conheceram sabiam quanto ele era justo e magnânimo (...) ilustre finado (...) ilustre finado (...) uma vida grande e frutuosa, iniciada em humildade e que na humildade repousa” (“Milhares de pessoas assistiram ao funeral do ilustre estadista”, 1970, 1 de agosto, p. 6; 12).
“tantos e tamanhos serviços lhe ficou devendo a Nação” (“A notável acção do Prof. Oliveira Salazar nas finanças públicas”, 1970, 28 de julho, p. 18)	“notável estadista (...) ilustre finado” (“Solene exéquias”, 1970, 1 de agosto, p. 12).
“livrou-nos de terríveis guerras (...) como todos os grandes homens, foi na hora de maior perigo para a Pátria que Salazar se revelou na plenitude do seu carácter, da sua coragem e da sua confiança” (“A política externa e a extraordinária acção diplomática do Prof. Oliveira Salazar”, 1970, 28 de julho, p. 20-21)	
“de entre todos os imensos serviços que o dr. Oliveira Salazar prestou à pátria ao longo de uma vida de fecundo e abnegado labor (...) assombrosa presciência dos problemas que iam surgir (...) o homem resolutivo capaz de enfrentar os grandes desafios da História” (“Sentinela vigilante do Ultramar Português”, 1970, 28 de julho, p. 20)	
“umadas grandes páginas da vida magnífica do prof. dr. Oliveira Salazar” (“Salazar e a juventude”, 1970, 28 de julho, p.24)	
“pela grande probidade do seu espírito (...) a sua extraordinária obra (...) grande estadista” (“O progresso da economia”, 1970, 28 de julho, p. 24)	
“a ponte foi como que a cúpula da capacidade realizadora do prof. Oliveira Salazar” (“A ponte sobre o Tejo”, 1970, 28 de julho, p. 25)	

<p>“nada dera às dezenas de milhares de pessoas que ali se apertavam, ombro a ombro, a dolorosa sensação de que morrera de facto o grande português que velara quarenta anos pela segurança da pátria (...) cidadão maior, glória dos tempos portugueses mais recentes (...) o corpo do Presidente Salazar passava ante eles inerte e frio, mas a sua obra agigantava-se no coração de todos (...) Grande Português (...) alguém que, por mérito próprio, tem direito a ocupar um dos lugares cimeiros na galeria dos grandes espíritos nacionais (...) grande estadista (...) ínclito cidadão” (“Milhares de pessoas desfilaram perante os restos mortais de Salazar”, 1970, 29 de julho, p. 8).</p>	
<p>“Grandeza da figura de Salazar (...) sublimidade da sua humildade monástica (...) português puríssimo (...) grande português” (“Impressionante romagem do povo de Lisboa”, 1970, 30 de julho, p. 1,7).</p>	
<p>“ilustre estadista” (“Exéquias no mundo português”, 1970, 30 de julho, p. 9).</p>	
<p>“O ‘Senhor Doutor’ não volta mais (...) um dos maiores portugueses de sempre” (“A última viagem para Santa Comba”, 1970, 1 de agosto, p.1)</p>	
<p>“grande Chefe (...) guia supremo e seguro da Nação (...) àquele que realmente sempre reconheceu como chefe pelo saber, pela virtude e pela dedicação aos serviços Pátria (...) insigne governante (...) grande português (...) Homem Português do nosso século” (“Exéquias solenes nos Jerónimos”, 1970, 1 de agosto, p.8)</p>	
<p>“generosidade e dedicação mais sublimes (...) sua prodigiosa existência (...) grande estadista (...) Isto apenas às almas de eleição, aos espíritos predestinados, é dado a exclaimar, na verdade, que o heroísmo não é obra do momento (...) são quarenta anos de história que falarão por ele (...) um dos vultos mais gigantescos (...) figura luminosa de Salazar (...) Salazar entrou na história. Só a história o poderá julgar (...) venerado Presidente” (“A última viagem”, 1970, 1 de agosto, p.9)</p>	
<p>“obra incomparável de salvação nacional que a Pátria lhe deve (...) uma das maiores figuras da política portuguesa deste século (...) estadista incomparável (...) providencial como todos os grandes homens (...) grande Chefe (...) Um ano passou sobre a morte de Salazar. Sem querermos antecipar-nos à história, diremos que o seu nome vive e viverá pelos séculos fora na consciência da Nação” (“Primeiro aniversário da morte de Salazar”, 1971, 27 de julho, p.1-2)</p>	

1.2 Fernando Pascoal das Neves “Pavão”

1.2.1 Biografia

Fernando Pascoal Neves, mais conhecido por “Pavão”, por jogar sempre de braços abertos, foi um jogador de futebol da década de 70. Nascido em Chaves, a 12 de julho de 1947, Nandito, como também era conhecido, disputava jogos de futebol na sua aldeia, onde os vencidos eram obrigados a dar dióspiros aos vencedores. Terminou a escola primária em 1958 e chumbou no exame de admissão ao liceu, pelo que o pai decidiu que haveria de trabalhar como empregado de balcão e que só voltaria à escola quanto tivesse idade para se inscrever num curso noturno. Com 11 anos de idade Fernando Pascoal Neves já era apelidado Pavão por gostar de exhibir o peito de braços abertos quando jogava futebol. Foi

despedido quatro dias depois de ter começado a trabalhar, ficando assim “ainda com mais tempo para os jogos de bola, umas vezes no Canto do Rio, outras no Tabolado, quando o largo nada mais era que um extenso descampado”.

Pavão começou por jogar no Desportivo de Chaves, que na época tinha como treinador António Feliciano. Foi precisamente António Feliciano que, ao decidir criar uma escola de jogadores no clube, descobriu Pavão, na época com 13 anos.

O pai deixou-o ingressar no clube, exigindo-lhe, em contrapartida, que se matriculasse nas aulas noturnas do Curso de Aprendizagem do Comércio. A par com o interesse pelo futebol, mostrou também interesse pelo atletismo, mas ao tentar inscrever-se nos campeonatos da Mocidade Portuguesa percebeu que não seria possível por ser aluno noturno. Assim, estudou para o exame do ciclo preparatório, foi aprovado, e regressou aos estudos no período diurno, mantendo-se no Curso Geral do Comércio. Inscreveu-se nas secções de atletismo, de voleibol e de andebol da Mocidade Portuguesa, mas continuou a praticar futebol no Desportivo de Chaves.

Surge entretanto uma vaga para professor de ginástica na Escola Comercial de Chaves, cargo que António Feliciano vem a ocupar, apesar de não ter diploma, como forma de estar mais próximo dos seus atletas que ali estudavam. Pavão manteve-se no Desportivo de Chaves até 1964, ano em que começou a jogar com o emblema do Futebol Clube do Porto, na equipa de juniores.

Fernando Pascoal das Neves foi “descoberto” por Artur Baeta, à época responsável pelo futebol juvenil e sénior do Futebol Clube do Porto, no ano de 1964. Os portistas compraram o jogador, que já tinha merecido o interesse do Sport Lisboa e Benfica, por 300 contos. Foi promovido à equipa de honra do Futebol Clube do Porto, em 1965, pela mão de Flávio Costa.

Segundo o jornal A Bola, “depressa revelaria excelente técnica e invulgar capacidade táctica, que faziam dele estratega de um tipo de futebol que, por essa altura, se considerava... moderno, inspirado, sobretudo, na escola brasileira dos campeões do Mundo”. Pavão foi titular pela primeira vez, na equipa sénior, num jogo contra o Benfica. Tinha então 18 anos e, relata o jornal, teve uma “exibição excepcional.

Flávio Costa é, entretanto, substituído por José Manuel Pedroto no cargo de treinador do Futebol Clube do Porto e Pavão, que tinha estado como suplente nos últimos jogos, voltou a ser titular do clube e chegou mesmo a capitão da equipa. Nos anos que se seguiram passaram ainda pelo clube os treinadores Riera e Béla Guttmann, este último no ano de 1973.

A 16 de dezembro de 1973 jogou-se uma partida entre o Futebol Clube de Porto e o Vitória de Setúbal. Era a 13.^a jornada do campeonato de futebol e, no minuto 13 do jogo, Pavão fez um passe para António Oliveira, gritou “Vai, miúdo” e caiu inanimado no relvado, em estado de coma. Foi transportado para o Hospital de São João, onde lhe fizeram electrochoques, mas acabou por morrer, cerca de duas horas depois, com apenas 26 anos de idade. José Santana, médico portista, admitiu, então, que a tragédia se devesse à “rotura de vaso sanguíneo, talvez em virtude de uma cabeçada na bola”.

O jornal a Bola revela que o então treinador tinha por hábito dar um comprimido aos jogadores antes do jogo, e que a mulher de outro jogador, Costa Pereira, já tinha denunciado o caso. O periódico diz que na altura da morte de Pavão veio-se a saber que na autópsia foram detetados derrames das cápsulas suprarrenais, que poderiam ter sido provocados por uma descarga brusca de adrenalina, produzida em excesso, algo que nunca foi explicado e que os jornais da época não publicaram. A Bola diz ainda que “na certidão de óbito se declarava que a morte de Fernando Pascoal Neves se devera a estenose aórtica congénita, doença que o impediria de jogar futebol e só por negligência continuava a fazê-lo”, o que colocava a responsabilidade em Alberto José de Almeida, o médico que o examinara no Centro de Medicina do Porto. O processo acabou por ser arquivado quando a Polícia Judiciária concluiu que Pavão não morreu por estenose aórtica nem pelo uso de substâncias estimulantes.

Um dos pontos altos da sua carreira foi a conquista da Taça de Portugal na época de 1967/1968, frente ao Vitória de Setúbal. Jogou onze vezes como titular da Seleção Nacional, tendo estreado o emblema das quinas com 20 anos, no jogo de inauguração do Estádio Salazar, em Lourenço Marques, frente ao Brasil. Ao todo fez 229 jogos e marcou 26 golos ao serviço do FC Porto.

O funeral reuniu todos os companheiros do jogador, bem como algumas figuras importantes do futebol, nomeadamente António Simões e Eusébio. O cortejo fúnebre saiu

do Estádio das Antas, passando por vários pontos da cidade do Porto, apinhada de público, para ver passar o cortejo. Pavão foi enterrado junto a outras glórias do Futebol Clube do Porto, no cemitério de Agramonte.

1.2.2 Análise

No dia seguinte à morte de Pavão, 17 de dezembro de 1973, o Diário de Notícias faz uma chamada de primeira página a quatro colunas da morte de Pavão⁴. No fundo da página encontramos uma imagem de Pavão deitado na maca que o transportava para fora do campo e o título “Consternação e luto no futebol – Pavão: a morte em pleno jogo”. No pós-título introdutório o jornal diz que o jogador morreu de acidente vascular-cerebral.

O Jornal de Notícias fez manchete do caso, com uma imagem de Pavão, na maca, a ser transportado para fora do campo, e o título “Pavão caiu morto – Drama nas Antas”. Segue-se o cabeçalho do jornal e, mais abaixo, um pós-título que sumariamente explica o que aconteceu durante o jogo do dia anterior.

Enquanto o Diário de Notícias apenas cedeu a primeira página ao jogador de futebol no dia a seguir à sua morte, o Jornal de Notícias referenciou o atleta em título de primeira página em mais duas edições. No dia a seguir ao velório, o periódico fez uma chamada a toda a largura da página com as cerimónias fúnebres, utilizando uma imagem de Pavão morto, com a esposa a chorar em cima do corpo. O título escolhido foi “Pavão: o beijo da eterna saudade”, seguido do pós-título “Trinta mil pessoas choraram o ídolo na câmara ardente” e de um texto introdutório sobre a cerimónia. No dia seguinte a cobertura do funeral do atleta foi manchete do jornal, com o título “Dos aplausos no estádio às lágrimas no cemitério” e uma imagem onde se vê parte da multidão que acompanhou as cerimónias fúnebres.

No dia seguinte à morte de Pavão, 17 de dezembro de 1973, no Diário de Notícias, foram feitas referências à morte de Pavão em três páginas, uma das quais é a capa do jornal daquele dia. No total foram escritas três peças – um artigo de opinião, uma crónica e uma notícia – e publicadas três imagens. O conteúdo informativo aborda a morte de Pavão e também alguns detalhes sobre o seu percurso profissional. O periódico publica o relato do jogo entre o Futebol Clube do Porto e o Vitória de Setúbal e, no decorrer da crónica, menciona a morte de Pavão. O assunto só é desenvolvido como uma notícia independente na página seguinte, juntamente com um artigo de opinião, que apesar de não estar

⁴ Recorde-se que o jornal era paginado em oito colunas.

assinado, se percebe que é da autoria de um jornalista que normalmente fazia as crónicas dos jogos do Porto.

O Jornal de Notícias referenciou o futebolista em cinco das duas páginas, uma das quais é a capa. No interior do jornal dedicou duas páginas inteiras ao acontecimento e mencionou novamente o nome de Pavão em outras duas páginas. Ao todo foram publicadas sete imagens e 10 peças jornalísticas, das quais quatro notícias, três breves, duas biografias e uma reportagem. O conteúdo informativo centra-se, sobretudo, no jogo de futebol durante o qual Pavão caiu inanimado e nas circunstâncias da sua morte. Além da crónica do jogo, o jornal faz o relato do momento da partida em que Pavão caiu inanimado e noticia todos os procedimentos que se seguiram, fazendo ainda notícia da lista de adeptos e dirigentes do Futebol Clube do Porto que passaram pelo hospital onde o futebolista viria a falecer. O periódico destaca ainda a carreira do atleta no futebol com duas biografias e as reações que se fizeram sentir após o seu falecimento, sobretudo por parte de personalidades ligadas ao futebol e aos clubes onde Pavão jogou.

Nos dez dias após ter sido noticiada a morte de Pavão, período que vai de 18 a 27 de dezembro de 1973, o Diário de Notícias referenciou Pavão em quatro páginas de quatro edições, o que representa 1,58% do total de páginas do jornal publicadas nas edições dos dez dias após ter sido noticiada a sua morte. O periódico publicou um total de cinco artigos – três notícias, uma breve e um artigo de opinião – e uma imagem. O conteúdo aborda, essencialmente as cerimónias fúnebres do jogador de futebol e as manifestações de pesar pelo acontecimento. Uma das peças é sobre primeira partida que o Futebol Clube do Porto disputou após a morte de Pavão e refere uma homenagem que foi realizada ao jogador.

Nos dez dias após ter dado a notícia da morte de Pavão, o Jornal de Notícias mencionou o atleta em 11 das suas páginas, duas das quais foram capas, tal como referimos acima, o que representa 5,14% do total de páginas das dez edições do jornal. Durante o período em análise, foram publicadas 20 imagens e 22 artigos: dez notícias, seis breves, três foto-legendas, duas reportagens e um artigo de opinião. O conteúdo informativo centra-se nas exéquias e nas homenagens que tiveram lugar. O jornal faz a reportagem do velório e do funeral, enumerando as personalidades ali presentes e destacando a presença massiva de adeptos do clube. De realçar que a reportagem do funeral de Pavão ocupou duas páginas inteiras. O conteúdo informativo visa ainda as mensagens de condolências que chegaram de Portugal e do estrangeiro. Além disso, as causas desta morte súbita, que vitimou um

atleta de 28 anos, continuou a merecer atenção e destaque nas páginas do jornal. O Jornal de Notícias publica também a última entrevista dada por Pavão ao periódico.

Quanto às efemérides, na edição do Jornal de Notícias de 16 de dezembro de 1993 encontramos uma notícia que recorda Fernando Pascoal das Neves. O diário aproveita a data para recordar o jogador, bem como o jogo em que ele faleceu.

O Correio da Manhã também recorda Pavão no dia em que passam 20 anos após a sua morte. Na véspera, o jogador do Sporting, Cherbakov, tinha tido um acidente de automóvel que o deixaria paraplégico e o Correio da Manhã, no âmbito da extensa cobertura desse acontecimento, faz uma notícia sobre “Tragédias no mundo da bola”. É nesse âmbito que recorda Pavão, falecido duas décadas antes.

No que toca às imagens, o Diário de Notícias publicou um total de quatro fotografias: uma imagem de Pavão inconsciente em cima da maca, um retrato do jogador em vida, uma imagem da partida de futebol durante a qual o atleta faleceu e uma fotografia do caixão a ser transportado durante o funeral.

O Jornal de Notícias escolheu 27 fotografias para acompanhar o conteúdo escrito sobre Pavão. Destas, apenas cinco são retratos do jogador do Futebol Clube do Porto. A maioria (16) são imagens das exéquias e das personalidades que marcaram presença. De realçar que o periódico publicou duas imagens da personalidade morta, dentro do caixão, onde era possível ver-se nitidamente o seu rosto: uma dessas imagens está na primeira página e a outra, no interior do jornal, mostra Eusébio prestando homenagem junto do féretro.

1.2.3 Tabelas quantitativas

Correio da Manhã

Data	N. Páginas CM	N. peças CM	N. Imagens CM	Destaque Capa CM	Fotos Capa CM	Total pág. CM	Artigos CM	Biografia CM	Breve CM	Crónica CM	Cronologia CM	Edit. orial CM	Entrevista CM	Foto-legendas CM	Inquérito CM	Notícia CM	Reportagem CM	Vozes CM
16-12-1983	0	0	0	s/ref	0	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
16-12-1993	1	1	0	s/ref	0	44	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Diário de Notícias

Data	N. Páginas DN	N. peças DN	N. Imagens DN	Destaque Capa DN	Fotos Capa DN	Total pág. DN	Artigos DN	Biografia DN	Breve DN	Crónica DN	Cronologia DN	Editorial DN	Entrevista DN	Fotolegenda DN	Inquérito DN	Notícia DN	Reportagem DN	Vozes DN
17-12-1973	3	3	3	Chamada	1	28	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0
18-12-1973	1	1	0	s/ref	0	28	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
19-12-1973	1	2	1	s/ref	0	26	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0
20-12-1973	0	0	0	s/ref	0	32	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
21-12-1973	0	0	0	s/ref	0	30	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
22-12-1973	0	0	0	s/ref	0	32	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23-12-1973	1	1	0	s/ref	0	36	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
24-12-1973	1	1	0	s/ref	0	20	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
25-12-1973	0	0	0	s/ref	0	24	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
27-12-1973	0	0	0	s/ref	0	24	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
16-01-1974	0	0	0	s/ref	0	30	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
17-06-1974	0	0	0	s/ref	0	22	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
16-12-1974	0	0	0	s/ref	0	24	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
16-12-1983	0	0	0	s/ref	0	38	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
16-12-1993	0	0	0	s/ref	0	36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Jornal de Notícias

Data	N. Páginas JN	N. peças JN	N. Imagens JN	Destaque Capa JN	Fotos capa JN	Total pág. JN	Artigos JN	Biografia JN	Breve JN	Crónica JN	Cronologia JN	Editorial JN	Entrevista JN	Fotolegenda JN	Inquérito JN	Notícia JN	Reportagem JN	Vozes JN
17-12-1973	5	10	7	Manchete	1	28	0	2	3	0	0	0	0	0	0	4	1	0
18-12-1973	4	11	10	Chamada	1	24	1	0	3	0	0	0	0	1	0	5	1	0
19-12-1973	4	8	9	Manchete	1	22	0	0	2	0	0	0	0	1	0	4	1	0
20-12-1973	1	1	0	s/ref	0	28	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0

	3																		
	21-12-1973	0	0	0	s/ref	0	22	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	22-12-1973	1	1	1	s/ref	0	28	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
	23-12-1973	0	0	0	s/ref	0	28	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	24-12-1973	1	1	0	s/ref	0	24	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	25-12-1973	0	0	0	s/ref	0	20	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	27-12-1973	0	0	0	s/ref	0	18	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	16-01-1974	0	0	0	s/ref	0	20	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	17-06-1974	0	0	0	s/ref	0	28	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	16-12-1974	0	0	0	s/ref	0	28	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	16-12-1983	0	0	0	s/ref	0	32	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	16-12-1993	1	1	0	s/ref	0	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0

1.2.4 Marcas de subjetividade

Diário de Notícias	Jornal de Notícias
“grande classe” (“Pavão: a morte em pleno jogo”, 1973, 17 de dezembro, p.1)	“Dono de uma saúde de ferro e de uma condição muscular invejável (...) primeiro assomo duma personalidade forte (...) sem exagero, Pavão era mesmo um desses predestinados para uma actividade, neste caso o futebol (...) excepcional habilidade do rapaz (...) irreverente na verdura da sua meteórica ascensão aos espaços da fama (...) talentoso e impulsivo jogador (...) profissional integérrimo (...) genial futebolista (...) um profissional integérrimo (...) sua enorme classe (...) o melhor médio de ataque de futebol português (...) os seus arrebatamentos temperamentais não eram afectados, mas sim espontâneos e sinceros” (“Pavão fez um passe e depois morreu”, 1973, 17 de dezembro, p.10-11)
“taciturnidade de espírito (...) notável futebolista” (“A Morte de Pavão: emoção e desespero”, 1973, 17 de dezembro, p. 9).	“lá dentro, o corpo de Pavão, já frio, era como que o tributo de dor a ensombrar uma tarde que fora das mais gloriosas (...) e quem podia resistir com serenidade perante tamanho quadro emocional (...) um grande jogador que morreu (...) ele não foi um jogador do F.C. Porto, mas sim um dos maiores futebolistas de Portugal” (“Comovente peregrinação de adeptos e dirigentes”, 1973, 17 de dezembro, p. 10).
“figura proeminente do futebol (...) comportamento exemplar (...) se entregava com entusiasmo e a maior alegria na defesa e prestígio do seu clube” (“Perante o corpo de Pavão desfilaram milhares de pessoas”, 1973, 18 de dezembro, p. 13).	“até para os repórteres, que naturalmente admiravam o infortunado Pavão, foi difícil encadear notícias em que soluções de uns e de todos, lágrimas correndo pelas faces, se adiantavam às palavras” (“Pavão fica sepultado na mausoléu portista”, 1973, 17 de dezembro, p. 11)
	“o companheiro, o fino artista, o homem sincero, de tantos e tantos contactos, domingueiros, acabara de perecer. Um homem que muito admirávamos (...) Morreu Pavão. Paz à sua alma” (“Como é tão dolorosa esta grande vitória”, 1973, 17 de dezembro, p. 11)

	dezembro, p. 19).
	“Até aqueles que não sabiam quem foi o grande jogador de futebol – e poucos são (...) o último timbre da sua vera classe (...) cenas patéticas em que intervieram os familiares mais próximos do inditoso futebolista (...) Pavão era o próprio FC Porto na sua dimensão futebolística (...) com tal demonstração humana, Pavão nunca mais poderá morrer...” (“Pavão: fumo e preto por um ídolo”, 1973, 18 de dezembro, p. 12-14).
	“Normalmente quando uma pessoa morre são realçadas as suas boas qualidades. Tudo de mau se esquece. No entanto, não é este o caso de Pavão. É verdade que sempre foi um indivíduo de poucas falas, avesso à comunicabilidade, mas conseguiu sempre ser respeitado (...) era rapaz amigo de fazer bem (...) Pavão era assim. Poucas falas, mas muitas atitudes” (“Ricos e pobres nunca o esquecerão”, 1973, 18 de dezembro, p. 12).

1.3 Francisco Sá Carneiro

1.3.1 Biografia

Francisco Manuel Lumbrales de Sá Carneiro nasceu a 19 de Julho de 1946, no Porto, no seio de uma família profundamente conservadora e católica, sendo na altura o quarto da fratria, que anos mais tarde totalizaria sete irmãos (Avillez, 1982: p.14). Filho de José Gualberto, advogado afamado do Porto e Barcelos, proprietário da «Revista dos Tribunais», da qual Francisco Sá Carneiro viria a ser subdiretor e de Maria Francisca, neta de um dos bravos do Mindelo, que a convite da União Nacional, foi vereadora do pelouro da Assistência, na Câmara Municipal do Porto, durante sete anos (Avillez, 1982: p.17).

Caracterizado por quem consigo privou no início de vida, como uma criança tranquila e cumpridora, desenvolveu um gosto especial pelo desporto assim como pela prática religiosa, praticando o catolicismo com bastante empenho (Avillez, 1982: pp.17-20), tendo mesmo chegado a dizer à mãe que queria seguir a vocação sacerdotal (Avillez, 1982: p.28).

Considerado bom aluno, ao terminar o Liceu, Sá Carneiro recebeu o Prémio dos Rotários atribuído ao melhor aluno do Liceu Manuel II (Avillez, 1982: p.23). Aos 17 anos muda-se para Lisboa, para casa dos padrinhos, onde frequenta a Faculdade de Direito de Lisboa, sendo-lhe desde cedo reconhecido o dom da palavra, assim como alguma vaidade (Avillez, 1982: p.29).

Termina o curso e muda-se para o Porto, onde vai trabalhar como advogado e se torna subdiretor da «Revista dos Tribunais», após ter sido dispensado do serviço militar, por problemas de saúde, um acentuado desvio de coluna (Avillez, 1982: p.34). Sá Carneiro

casou a 13 de Maio de 1957, após um namoro de três anos, com Isabel Maria, amiga e companheira de estudo da sua irmã Ana Maria, com quem viria a ter cinco filhos. Ao longo da sua vida nunca deixou de cultivar ativamente a sua ligação à religião, conduzindo os ideais católicos de modo a que os seus princípios se aplicassem na ação da vida quotidiana (Avillez, 1982: 37). Chegou mesmo a estar ligado ao lançamento regional dos Cursos de Crisandade e de Preparação para o Matrimónio (Avillez, 1982: p.38).

Francisco Sá Carneiro continuava a trabalhar como advogado no escritório do pai e, pouco depois do casamento, é nomeado chefe do Contencioso da União Eléctrica Portuguesa (Avillez, 1982: p.37). O seu primeiro filho, de seu nome Francisco, nasce em março de 1958, seguindo-se Isabel, em julho de 1959, Teresa, em agosto de 1961, José, em abril de 1963, e Pedro, em setembro de 1964 (Avillez, 1982: pp.38-40).

Em setembro de 1966, Sá Carneiro assume a presidência da Assembleia Geral da “Confronto”, uma cooperativa de promoção cultural fundada no Porto.

“Durante quase todos os anos 60, um certo entendimento da palavra Igreja constitui a fonte exclusiva da sua inspiração. Bebe no personalismo cristão e o seu modelo de actuação. Solitário, individualista, inquieto, continua no entanto a ser um homem essencialmente racional” (Avillez, 1982: p.49).

A ligação aos movimentos católicos fez Sá Carneiro escrever a Marcello Caetano, a solicitar o regresso de D. António Ferreira Gomes à sua diocese, no Porto, naquela que foi considerada a sua primeira ação política. Semanas depois, o bispo regressa a Portugal, primeiro a Fátima e depois ao Porto (Avillez, 1982: p.50). Pouco tempo depois, o próprio D. António convida Francisco Sá Carneiro para fazer parte da organização diocesana “Justiça e Paz” (*idem*).

Em setembro de 1969, em plena Primavera Marcelista, vésperas de eleições legislativas, Sá Carneiro foi convidado pela União Nacional a integrar a lista de deputados para a assembleia nacional pelo Porto. Foi eleito nas eleições legislativas de 1969 e esta entrada na política faria nascer a amizade com Francisco Pinto Balsemão e que levou Sá Carneiro a envolver-se em temas fulcrais como a revisão da Constituição em 1971 e o projeto-lei da Imprensa.

“É um deputado que se destaca pela capacidade invulgar de trabalho que dá provas, pela avultada legislação que vai produzindo. O treino que tem já da advocacia, aliado ao seu pendor individualista,

habitua-o a uma actividade solitária que o afasta naturalmente de um labor em equipe” (Avillez, 1982: p.55).

Em 1970 adere à SEDES - Associação para o Desenvolvimento Económico e Social, onde começa a expor as suas posições de desacordo com a Assembleia Nacional e a sua simpatia pelas ideias da social-democracia. Entre as ideias defendidas por Sá Carneiro, e que mereceram a oposição de vários parlamentares, estava a eleição do Presidente da República por sufrágio direto e universal ou a libertação de presos políticos (Avillez, 1982: p.68).

Na sessão legislativa de 1972 o deputado apresenta projetos-lei relacionados com a liberdade de reunião e de associação, alterações ao Código Civil e organização judiciária, sendo esta postura considerada uma provocação ao regime (Avillez, 1982: p.70). A Comissão Parlamentar nunca chega a enviar os projetos para análise da Assembleia, por os considerar “inconvenientes” e, na sequência destes acontecimentos, Sá Carneiro acaba por renunciar ao cargo de deputado em 24 de Janeiro de 1973, juntamente com outros membros da Ala Liberal, como Francisco Pinto Balsemão e Magalhães Mota (Avillez, 1982: p.71).

Sá Carneiro regressa ao Porto, onde entabula contactos com amigos e colegas dos meios republicanos daquela cidade, nomeadamente Miguel Veiga, Artur Santos Silva e Mário Montalvão Machado. O futuro Partido Popular Democrático começava aqui a ser desenhado, fruto de reuniões que ocorriam no escritório de Sá Carneiro na Rua da Picaria, no Porto (Avillez, 1982: p.75).

Após o 25 de Abril de 1974, juntamente com Barbosa e Melo e Francisco Pinto Balsemão, Sá Carneiro dá corpo ao projeto das bases programáticas de um partido com cariz social-democrata (Avillez, 1982: pp.82-84). A 6 de Maio do mesmo ano é feito o anúncio da formação do Partido Popular Democrático e aberta a sua sede em 12 de Maio, no largo do Rato, em Lisboa. Sá Carneiro assume funções ministeriais (ministro sem pasta e ministro adjunto do primeiro-ministro) durante o I Governo Provisório, que vigorou entre 16 de maio de 1974 até à sua queda, a 9 de julho de 1974 (Avillez, 1982: p.85). Durante este tempo defendeu o caminho de Portugal para a Europa (Avillez, 1982: p.86).

Sá Carneiro continua envolvido no lançamento do PPD e a 24 e 15 de novembro de 1974 realiza-se o primeiro congresso do partido, data em que o militante começa a sentir-se mal.

O diagnóstico aponta “cansaço, alterações nervosas e emocionais” (Avillez, 1982: p.92) e Sá Carneiro acaba por ser internado, no ano seguinte, após entrar em estado de choque, e após a convalescença desloca-se a Londres para fazer alguns tratamentos (Avillez, 1982: p.94). No dia 25 de abril de 1975 o PPD obtém 26,39% dos votos e Sá Carneiro vem a Portugal nessa data, para regressar a Londres, onde permanece até ao final de maio, indo depois para Torremolinos, no Sul de Espanha. O regresso a Portugal acontece em setembro e, na sequência de uma reunião do conselho do partido, assume a sua liderança (Avillez, 1982: p.107). Sá Carneiro inicia contactos nacionais e internacionais, onde expõe o seu ideário social-democrata (Avillez, 1982: pp.109-110). Sá Carneiro foi o primeiro secretário-geral do partido, que passa a chamar-se Partido Social Democrata (PSD) em outubro de 1976 (Avillez, 1982: p.121). Nos anos de 1975 e 1976 foi deputado da Assembleia Constituinte e da Assembleia da República, respetivamente.

Em 1976 conhece Snu Abecassis, sua editora, com quem vai manter uma relação amorosa até à sua morte (Avillez, 1982: p.114). Em 1978, face às intensas disputas dentro do partido, Sá Carneiro pede a suspensão do seu mandato enquanto deputado e regressa à advocacia (Avillez, 1982: pp.129-130). Em abril desse ano publica o seu livro “Impasse” e em julho regressa à luta partidária, voltando a conquistar o lugar de presidente do PSD no congresso do partido (Avillez, 1982: p.132).

No Verão de 1978 o executivo formado pela coligação PS/CDS cai e a 5 de julho de 1979 é formada a Aliança Democrática, entre o Partido Social Democrata, o Partido do Centro Democrático Social e o Partido Popular Monárquico, representados por Sá Carneiro, Diogo Freitas do Amaral e Gonçalo Ribeiro Teles, respetivamente (Avillez, 1982: p.153). Esta coligação era liderado por Sá Carneiro que, a 2 de dezembro desse mesmo ano, vence as eleições com maioria absoluta (42,52% e forma o VI Governo Constitucional, que toma posse em 3 de janeiro de 1980 e que iria vigorar durante 11 meses (Avillez, 1982: p.159).

Francisco Sá Carneiro faleceu na noite de 4 de Dezembro de 1980, na sequência da queda do avião onde seguia, o Cessna 421, em Camarate, pouco depois da descolagem. O voo dirigia-se ao Porto e além do então primeiro-ministro seguiam na aeronave o ministro da Defesa, Adelino Amaro da Costa e a sua mulher Maria Manuel Pires, o seu chefe de gabinete António Patrício Gouveia e a sua companheira, Snu Abecassis, além do piloto e copiloto.

As suspeitas em torno do acidente subsistem até hoje. O caso começou a ser investigado logo após a queda do Cessna e prescreveu, de forma inconclusiva, em setembro de 2006. Ao longo deste tempo foram instauradas dez comissões de inquérito parlamentares, sendo que a última, que data de 2013, concluiu pela existência de provas que sustentam a tese de atentado.

1.3.2 Análise

A morte de Sá Carneiro ocupa a totalidade das primeiras páginas dos jornais analisados no dia seguinte à sua morte, 5 de Dezembro de 1980.

O Correio da Manhã usa a manchete “Morreu Sá Carneiro”, ocupando a totalidade da primeira página com uma imagem do primeiro-ministro em vida e duas imagens do acidente que o vitimou. No pós-título o jornal refere ainda os nomes das outras sete pessoas que morreram no acidente.

No Diário de Notícias lemos a manchete “Sá Carneiro e Amaro da Costa morrem num desastre de aviação”. A primeira página deste jornal é aquela que dedica mais espaço ao texto, por razões do seu formato, uma vez que as suas páginas eram maiores do que as páginas do Correio da Manhã. Além de duas fotografias do acidente, encontramos detalhes sobre o desastre, com um editorial, uma notícia sobre o acidente e a comunicação ao país do então vice-primeiro ministro, Diogo Freitas do Amaral. De realçar que não foi publicada nenhuma imagem de Sá Carneiro nesta capa.

O Jornal de Notícias escreve “Morreu Sá Carneiro” e explica num pequeno texto que o político morreu fruto da queda da avioneta em que seguia, enumerando também as outras vítimas. O periódico aproveita ainda a primeira página para revelar que a morte de Sá Carneiro não altera a data das eleições presidenciais que se realizariam dali a dois dias, que foi decretado luto nacional e que os funerais irão realizar-se dentro de dois dias. Em matéria de texto, encontramos ainda a primeira parte de um editorial que continua na página seguinte. Esta primeira página inclui uma imagem dos destroços do avião e uma fotografia do que parece ser o velório dos acidentados. Não foi publicada nenhuma imagem de Sá Carneiro nesta capa.

Além da primeira página no dia a seguir à sua morte, o Correio da Manhã dedicou também uma capa inteira no dia a seguir ao velório de Sá Carneiro. Com o título “Multidão acorre aos Jerónimos”, o jornal publicou duas imagens em que é possível ver a quantidade de

peçoas que participaram nas cerimónias fúnebres. Apesar de a considerarmos como capa inteira, esta primeira página tem ainda referência a uma notícia sobre os países de leste que não querem usar da força contra a Polónia.

Após a capa inteira com a notícia da morte de Sá Carneiro, o Diário de Notícias menciona o político em nove das suas primeiras páginas dos dez dias seguintes, algumas das quais dizem respeito à cobertura das exéquias e outras aos acontecimentos políticos subsequentes à sua morte. No dia 6 de dezembro é publicada nova capa inteira: o velório ocupa três quartos da capa do dia seguinte, com o título em manchete “Derradeira homenagem nos Jerónimos”, encabeçando o editorial e uma imagem da multidão que ocorreu ao Mosteiro dos Jerónimos. Abaixo encontramos em destaque informações sobre as cerimónias fúnebres, a presença de delegações estrangeiras, o luto nacional e o inquérito às causas do desastre. Apesar de ser uma capa inteira, esta primeira página inclui ainda uma chamada acerca das eleições presidenciais que ocorreriam no dia seguinte. Após o funeral, o Diário de Notícias volta a dedicar uma manchete às exéquias de Sá Carneiro, com o título “Durou cinco horas o adeus da cidade”, um texto introdutório, uma fotografia do cortejo fúnebre e uma imagem do funeral de Amaro da Costa. Dois dias depois há uma referência a Sá Carneiro, inserida na chamada de capa respeitante ao funeral de Snu Abecassis. Uma homenagem motiva a chamada de capa do dia 11, com o título “Sá Carneiro e Amaro da Costa homenageados na Assembleia” e, no dia seguinte, o político é referenciado no âmbito da chamada que destaca os primeiros esforços para nomear novo primeiro-ministro. A 13 de dezembro, as investigações sobre o acidente que vitimou Sá Carneiro motivam nova chamada de primeira página, com o título “Paragem do motor esquerdo provocou queda do Cessna”. Nos dias 14, 15 e 16 de dezembro, o nome de Sá Carneiro é referenciado na capa do Diário de Notícias a propósito das movimentações em torno da escolha do novo governo. Assim, figura nas duas primeiras edições em manchetes que destacam a escolha do novo primeiro-ministro e o desenvolvimento da estratégia do novo governo. É ainda referenciado em duas chamadas da primeira página do dia 16, uma das quais em relação à escolha dos novos membros do governo e outra que concerne à atribuição de nome de Sá Carneiro ao Instituto Progresso Social e Democrata. Ao todo temos uma capa inteira, uma manchete, duas chamadas e cinco referências.

No Jornal de Notícias existem cinco capas que integram a morte de Sá Carneiro, nos dez dias após ter sido noticiado o caso. No dia após o velório o periódico faz capa inteira e

antecipa o funeral do governante, aborda o acidente que o vitimou e fala sobre o velório. A manchete escolhida foi “Funerais de Sá Carneiro e Amaro da Costa saem dos Jerónimos ao princípio da tarde”, juntamente com um texto introdutório sobre as exéquias e uma imagem do velório. A fotografia de capa mostra o avião acidentado, com o título “Conjugação de falhas técnicas e humanas”. Apesar de ser uma capa inteira, esta primeira página publica ainda quatro chamadas sobre outros temas: tomada de posse do novo comandante da PSP, greve nos CTT, abertura da Portex e abertura das fronteiras durante a época natalícia. No dia 7 de dezembro, dia de eleições, a manchete foi o ato eleitoral e a foto de capa foi o funeral de Sá Carneiro, com o título “Incontável multidão no último adeus a Sá Carneiro e Amaro da Costa”. No dia após as eleições encontramos uma referência: o primeiro-ministro é mencionado no texto acerca do ato eleitoral, onde se refere que o dia foi de luto. No dia seguinte nova referência no pós-título de primeira página, desta vez a propósito da manchete que destaca a indicação de um novo primeiro-ministro. O funeral de Snu Abecassis motivou a foto de capa do dia 10, que refere o facto de a companheira de Sá Carneiro repousar agora a seu lado. A última referência a Sá Carneiro nas capas do Jornal de Notícias é feita no dia 13 de dezembro, a propósito da escolha, que ocorreria nesse dia, do novo primeiro-ministro. Nesse mesmo dia a investigação em torno da paragem do motor do Cessna é foto de capa. Ao todo temos uma capa inteira, duas fotos de capa e cinco referências.

No dia seguinte, a morte de Sá Carneiro está presente em 17 páginas dos três jornais analisados no dia seguinte à sua morte. Estas reúnem 48 artigos sobre a morte do primeiro-ministro, acompanhadas por 31 imagens.

O Correio da Manhã referencia Sá Carneiro em cinco páginas, uma das quais é a capa, e publica 10 imagens e 19 artigos. Falamos de 12,5% da sua edição. O conteúdo em termos de géneros jornalísticos é composto por sete breves, sete notícias, três biografias, uma reportagem e vozes. No que diz respeito aos conteúdos informativos, o jornal centra-se no acidente, explicando quem eram os outros ocupantes da avioneta, avançando possíveis explicações para o acontecimento e traduzindo as manifestações de pesar em vários pontos do país. O conteúdo contempla ainda três biografias, que procuram desenhar de forma muito breve o percurso de Francisco Sá Carneiro, Adelino Amaro da Costa e António Patrício Gouveia. Nas vozes, o Correio da Manhã ouve personalidades de vários quadrantes políticos sobre a morte de Sá Carneiro. Além disso, reproduz dois

comunicados, um de Freitas do Amaral e outro do então Presidente da República, Ramalho Eanes, e publica alguns fait-divers, como o futurólogo que teria previsto o assassinato de uma figura política. Os conteúdos noticiosos falam ainda dos pormenores dos funerais e das homenagens que tiveram lugar, como a multidão que se juntou e rezou o Pai Nosso em frente à sede de candidatura de Soares Carneiro, candidato presidencial.

O Diário de Notícias referencia Sá Carneiro em apenas duas páginas, uma das quais é a capa, o que totaliza 6,6% do espaço da sua edição. O jornal escreve nove peças sobre o acidente, três das quais estão na primeira página do jornal. Falamos de três notícias, três biografias, uma breve, um editorial e um artigo de opinião. Na página que relata o falecimento do então primeiro-ministro, o Diário de Notícias coloca uma cabeça onde se lê “O brutal acidente que enluta o país”. O conteúdo noticioso versa sobre o acidente, cujos detalhes são relatadas na notícia de primeira página e cujo aprofundamento é feito já no interior do jornal, reconstituindo, aliás, os últimos passos de Sá Carneiro antes de entrar no avião. O Diário de Notícias escreve três biografias, a maior das quais fala sobre o percurso de Sá Carneiro na política. As restantes são as biografias de Adelino Amaro da Costa e Patrício Gouveia. As reações registadas face à morte do primeiro-ministro também têm algum destaque, nomeadamente numa notícia em que é ouvido o chefe do governo espanhol. No que toca à opinião, destaque para o editorial assinado pela direção do Diário de Notícias e para o comunicado de Freitas do Amaral, integralmente publicado pelo periódico.

O Jornal de Notícias dedica dez das suas páginas à morte de Sá Carneiro, o que se traduz em 31,25% da sua edição do dia após a morte do primeiro-ministro. O jornal publica 20 peças, entre as quais oito notícias, quatro biografias, três breves, duas vezes, dois artigos de opinião e um editorial. Os conteúdos informativos versam sobre os contornos do acidente, com a colocação de algumas hipóteses para tentar justificar o que aconteceu. As consequências face às eleições que se aproximavam também foram alvo de enfoque, quer através da colocação de possíveis cenários quanto à sua realização, quer através da notícia do impacto que a morte de Sá Carneiro teve na campanha dos candidatos presidenciais. O Jornal de Notícias destacou ainda as manifestações de pesar, nomeadamente as homenagens que começavam a ter lugar, entre as quais a que decorreu no comício do Porto para onde se dirigia Sá Carneiro. São ainda destacados alguns elogios fúnebres e a biografia dos acidentados, com clara primazia para Sá Carneiro e para a sua vida pública e

política, retratada numa página inteira. À semelhança do Correio da Manhã, o Jornal de Notícias também fez as biografias de outros três ocupantes do avião: o ministro da defesa Amaro da Costa, o chefe de gabinete do primeiro-ministro Patrício Gouveia e a companheira do líder do executivo, Snu Abecassis. O periódico ouviu dezenas de personalidades, de todos os quadrantes políticos, sobre a morte do então primeiro-ministro. De destacar que todos os intervenientes têm uma ligação à política. No que diz respeito à opinião, de realçar a publicação de um editorial denominado “Tempo de Reflexão” e assinado pela direção do jornal. Foram ainda publicados na íntegra dois comunicados da autoria de Ramalho Eanes e de Freitas do Amaral, que decidimos classificar dentro da categoria de artigos de opinião.

Nos 10 dias que se seguiram à notícia da morte de Francisco Sá Carneiro (5 a 15 de dezembro de 1980) os três jornais analisados redigiram 233 notícias, que figuraram em 104 páginas, onde o ex-primeiro-ministro foi referido. De realçar que foram considerados todos os conteúdos informativos e opinativos das publicações onde se pudesse ler o nome do falecido primeiro-ministro falecido, o que significa que há muitas peças noticiosas em que Sá Carneiro não é o foco, mas o seu nome continua a aparecer dadas as mudanças na cena política que a sua morte provocou.

O Correio da Manhã foi o jornal que deu menos atenção ao caso, com 28 páginas, 54 artigos e 34 imagens. Os dados traduzem-se numa percentagem de 7,7% das suas edições. Quanto aos géneros jornalísticos, registamos 34 notícias, 11 breves, quatro artigos de opinião, uma biografia, uma reportagem, uma cronologia e um editorial. O dia do velório foi relatado em oito páginas e 19 artigos. Falou-se sobre quem assumiria o governo, a consternação e pesar sentida em todo o país, as repercussões em outros países e até em outros continentes, bem como nas causas do acidente que, começava a especular-se, poderia vir a ser considerado um atentado. Também o facto de o velório acontecer em vésperas das eleições presidenciais motivou algumas peças noticiosas, desta vez com um maior pendor político do que o verificado no dia após a morte de Sá Carneiro. Uma vez que no dia do funeral o jornal não foi publicado, as referências às exéquias foram apenas estas, sendo que dois dias após o funeral o jornal menciona que se têm verificado várias romagens ao cemitério. O Correio da Manhã fez ainda a cobertura do funeral de Snu Abecassis. O conteúdo informativo das restantes edições ocupou-se do cenário político e do vazio criado com a morte de Sá Carneiro e das inúmeras mensagens de condolências e

reações de pesar dentro e fora do país, que continuavam a chegar. Também as missas e homenagens que se sucederam foram alvo de notícia, nomeadamente a missa de sufrágio por alma das vítimas na Basílica da Estrela. Entre os temas dominantes esteve ainda a questão do inquérito que investigava as possíveis causas da queda do Cessna. Quanto aos artigos de opinião, destaque para o editorial assinado por Vítor Direito, diretor do jornal, no dia após o velório. Os restantes quatro artigos de opinião são assinados por jornalistas do periódico (Vítor Fonseca e Cartaxo e Trindade).

O Diário de Notícias referencia Sá Carneiro em 40 das suas páginas nos dez dias após ter sido noticiada a sua morte, o que representa 12,7% das suas edições. Destas, oito são primeiras páginas. O periódico publica 81 imagens e 102 peças durante este período: 59 notícias, 16 breves, 12 artigos de opinião, cinco biografias, dois editoriais, três fotolegendas, duas entrevistas, duas crónicas e uma reportagem. De realçar que no dia após o velório e no dia após o funeral as páginas com as notícias acerca de morte de Sá Carneiro foram encimadas por uma cabeça onde se lia “O brutal acidente que enluta o país”. No que toca ao conteúdo informativo o jornal parece querer compensar o dia após a morte de Sá Carneiro, em que, além da capa, escreveu apenas uma página sobre o assunto. Assim, o grande enfoque vai para as exéquias, com uma ampla cobertura do velório e do funeral do primeiro-ministro e ainda com notícias sobre os funerais de António Patrício Gouveia, Adelino Amaro da Costa e da mulher, dos dois pilotos do avião e de Snu Abecassis. As causas do acidente e o apuramento de responsabilidades quanto à queda do avião também marcaram o noticiário do jornal, a par de várias homenagens que decorreram em Portugal e no estrangeiro. Uma vez que na véspera foi exígua a biografia publicada, o Diário de Notícias publica mais duas biografias no dia seguinte, de Sá Carneiro e de Adelino Amaro da Costa. As reações à morte de Sá Carneiro, em Portugal e no resto do mundo ocuparam grande parte das páginas do Diário de Notícias, assim como as homenagens e manifestações de pesar. O conteúdo dos dias que se seguiram ao funeral aborda, sobretudo, o cenário político que se vivia em Portugal, a reeleição de Ramalho Eanes, a nomeação de um novo governo, a par de algumas homenagens que tiveram lugar em todo o país e a investigação das causas do acidente. Quanto à presença da opinião, destaque para o editorial no dia após ter sido noticiada a morte de Sá Carneiro, o que acabou por colmatar a ausência na véspera. Segue-se novo editorial no dia 10, acerca dos resultados das eleições, e este assinado pelo diretor, Mário Martins, que evoca também Sá Carneiro. Quanto aos artigos de opinião que referem a personalidade, a maioria destes não estão assinados,

abordam a morte de Sá Carneiro e as consequências políticas do acontecimento. A falta de assinatura poderá ser sinal de que os artigos são da autoria do próprio jornal, uma vez que eles estão na página de Opinião, por baixo de uma coluna com o cabeçalho do jornal e os restantes artigos, sobre outras temáticas, têm assinatura.

O Jornal de Notícias foi aquele que ocupou mais páginas com o tema. O periódico mencionou a personalidade em 49 das suas páginas nos dez dias após ter dado notícia do seu falecimento, o que se traduz em 12,9% das suas edições. Destas páginas, seis foram capas. Ao todo, o jornal publicou 58 fotografias e 95 artigos, cujos géneros jornalísticos representam 64 notícias, 24 breves, quatro artigos de opinião, duas reportagens e vozes. Os dias após o velório e o funeral concentraram a maioria das peças, com destaque para a cobertura das exéquias e para as mensagens de condolências recebidas e das quais o jornal dá conta. As causas do acidente motivam também vários artigos, assim como as questões políticas inerentes ao vazio deixado com a morte do primeiro-ministro. À semelhança dos outros dois periódicos, o Jornal de Notícias faz eco das manifestações de pesar e das missas de sufrágio realizadas, a par de outras homenagens que tiveram lugar. Quanto às personalidades ouvidas, os comentários sobre a morte de Sá Carneiro vêm apenas da cena política, uma tendência também verificada nos restantes periódicos, e abrange todos os partidos, de juventudes partidárias e presidentes de vários municípios. Também o que os jornais estrangeiros escreveram sobre a morte do primeiro-ministro é alvo de um artigo. À semelhança dos outros jornais, nos dias a seguir ao funeral, os conteúdos estão mais focados no cenário político, quer face às eleições presidenciais entretanto ocorridas, quer no que toca ao futuro do governo que perdera o seu líder.

As efemérides congregam um total de 35 peças nos três jornais. Foram assinalados o primeiro mês, primeiro semestre, primeiro ano e primeira década sobre a morte de Sá Carneiro. No aniversário do primeiro mês, primeiro meio ano e primeiro ano as notícias que mencionam Sá Carneiro referem-se ainda ao rescaldo do acidente, à evocação da sua memória, à condecoração que ele viria a receber e aos eventos que assinalaram o primeiro aniversário da sua morte.

O Correio da Manhã assinala o primeiro mês da morte de Sá Carneiro com três notícias, onde refere as celebrações que teriam lugar nesse dia. O jornal recorda ainda o espaço que os jornais dedicaram à tragédia e escreve uma página inteira sobre a vida política do falecido primeiro-ministro e as consequências da sua morte. O jornal menciona também o

falecido primeiro-ministro no primeiro meio ano após o seu falecimento, com uma notícia em que refere que a família de Sá Carneiro não aceita a condecoração póstuma que haveria de receber. A informação não é necessariamente uma efeméride, uma vez que o seu espaço no jornal não deriva do aniversário da morte da personalidade, mas sim de um novo facto que, coincidentemente, foi noticiado naquele dia. A assinalar o primeiro ano da morte de Sá Carneiro, o Correio da Manhã publica um editorial sobre aquele aniversário e uma notícia que se refere à possibilidade de ser rodado um filme sobre a tragédia.

O Diário de Notícias é o jornal que dá mais espaço às efemérides. A assinalar o primeiro mês, publica uma notícia sobre a evocação da memória de Sá Carneiro pelo Governo e ainda um artigo de opinião sobre as dificuldades que Pinto Balsemão enfrentava como primeiro-ministro, nomeado após a morte de Sá Carneiro. No dia em que se completam seis meses da morte do líder social-democrata, o periódico também fala sobre a recusa da condecoração que lhe havia sido atribuída, o que, mais uma vez, não constitui uma efeméride. Aquando do primeiro aniversário da morte do político, o Diário de Notícias dedica-lhe quatro páginas e nove artigos, com direito a chamada na primeira página. No que toca ao conteúdo informativo (uma breve, uma notícia e vozes), o jornal relembra a tragédia, aborda o mistério que permanece por esclarecer e noticia algumas homenagens e evocações. Quanto aos cinco artigos de opinião publicados neste dia, um deles está assinado pelo colunista Norberto Lopes e os restantes quatro não têm qualquer assinatura, pelo que acreditamos serem da autoria do próprio Diário de Notícias. Destaque ainda para o editorial, assinado pela direção, que recorda aquele mesmo dia no ano anterior e faz a apologia das vítimas do acidente.

No dia em que se assinala um mês da morte de Sá Carneiro, o Jornal de Notícias lembra que a tragédia aconteceu há 30 dias e também dá importância à celebração da missa de 30.º dia. Nessa mesma notícia refere ainda uma romagem ao cemitério por parte de alguns membros do governo da altura. Na mesma página publica várias notícias sobre o cenário político que se vivia em Portugal, onde encontramos referenciado o nome de Sá Carneiro. À semelhança dos outros dois jornais, os seis meses após a morte de Sá Carneiro não são assinalados como efeméride, apesar de neste dia constar um artigo sobre a recusa das condecorações, que mereceu, aliás, chamada de primeira página. O facto de o filho e de o irmão de Sá Carneiro dizerem estar discordantes da condecoração a atribuir a Sá Carneiro no 10 de junho de 1981 deu origem a uma notícia no periódico. Quanto ao primeiro ano da

morte de Sá Carneiro, o Jornal de Notícias faz foto de capa da homenagem agendada para aquele dia. No interior do periódico encontramos mais três páginas, com cinco artigos – três notícias, uma entrevista e vozes – e seis imagens. O jornal recorda a ação política de Sá Carneiro, Amaro da Costa e Patrício Gouveia e dá conta da homenagem que teria lugar nesse dia no Porto e dos louvores que foram lidos na véspera no Conselho de Ministros. Outra das notícias centra-se nas implicações políticas da morte de Sá Carneiro.

Todas as edições do dia em que se completam 10 anos da morte de Francisco Sá Carneiro lembram o acontecimento, até porque na véspera havia sido inaugurado no Porto a nova aerogare do aeroporto, que foi batizada com o nome do falecido primeiro-ministro.

O Correio da Manhã faz chamada na primeira página com o assunto e dedica-lhe uma notícia, onde o foco é claramente a inauguração. Apenas é mencionado o nome de Sá Carneiro por ser o nome atribuído à nova aerogare e, também, nas palavras que Mário Soares profere para recordar o político falecido.

Pelo contrário, o Diário de Notícias dedica oito das suas páginas, não só à inauguração da aerogare do Porto, mas, sobretudo, à evocação da figura de Sá Carneiro, através de quatro notícias, dois artigos de opinião, vozes e uma biografia. O tema merece foto de capa da edição daquele jornal, com uma imagem de Sá Carneiro em vida e o título “Influência de Sá Carneiro ainda é superior à de Soares”. O Diário de Notícias escreve cinco páginas de evocação do ex-primeiro ministro, onde recorda o seu trajeto profissional, bem como o acidente que o vitimou e as dúvidas que, dez anos depois, subsistem quanto às circunstâncias em que ele ocorreu. O jornal dá voz ao então primeiro-ministro, Cavaco Silva, e ao Presidente da República Mário Soares e publica ainda os resultados de uma sondagem efetuada que visava aferir sobre a importância que Sá Carneiro ainda detinha e sobre as suspeitas de crime, no que toca à sua morte. A edição do Diário de Notícias tem ainda espaço para um artigo de opinião sobre o estadista, da autoria do próprio jornal, e dedica uma página à inauguração da nova aerogare em sua homenagem. O foco deste jornal é de tal forma colocado na figura de Sá Carneiro, que na notícia sobre a aerogare o título principal diz “Soares homenageia Sá Carneiro no Porto” e é essa homenagem que consubstancia não só o lead da notícia, mas também os seus primeiros quatro parágrafos seguintes.

O Jornal de Notícias também dedica uma parte importante da sua edição de 4 de Dezembro de 1990 a Sá Carneiro. A manchete do jornal faz-se com a homenagem patente na inauguração da nova aerogare e o jornal aproveita para colocar uma imagem de Sá Carneiro e uma cabeça de página onde se lê “Sá Carneiro: morte trágica foi há dez anos”. Ao longo de três páginas, o jornal publica cinco peças (dois artigos de opinião, duas notícias e uma breve), que mencionam o ex-primeiro ministro, recordando aquele que foi o seu trajeto na política e dando destaque à inauguração no aeroporto. Os artigos de opinião são da autoria dos colunistas José Augusto Seabra e José Saraiva e falam sobre o percurso e ação política do primeiro-ministro falecido.

Os 20 anos da morte de Sá Carneiro não tiveram espaço no Correio da Manhã, mas o Diário de Notícias faz uma chamada de capa com o tema, escolhendo o título “Ministério público já devia ter reaberto o caso Camarate”. No interior encontramos o editorial assinado por António Ribeiro Ferreira, diretor-adjunto, em torno da ausência de respostas e apelando à urgência da reabertura do caso. Segue-se uma notícia onde se lê que o ministério público pode reabrir o caso face à existência de novas provas. A mesma notícia fala ainda sobre as homenagens a ter lugar naquele dia.

O Jornal de Notícias fez chamada de capa com o tema, escolhendo o título “Camarate contínua envolto numa teia de dúvidas vinte anos depois”. No interior encontramos duas páginas dedicadas ao tema, com uma biografia, uma cronologia, vozes, uma notícia e uma breve. Para evocar o ex-líder social-democrata, o jornal ouve alguns históricos do partido, que ajudam a recordar o seu percurso. Esta biografia política é coadjuvada por uma cronologia. O jornal publica ainda uma notícia sobre o acidente de Camarate, o mistério que subsiste e o facto de ainda não terem sido encontradas as causas, seis comissões de inquérito parlamentar depois. Segue-se uma breve com as homenagens agendadas para aquele dia e vozes com trechos de discursos proferidos por Sá Carneiro.

Nos onze dias que se seguiram à morte de Francisco Sá Carneiro os três jornais analisados publicaram 204 fotografias.

O Correio da Manhã faz acompanhar os textos noticiosos de um total de 44 fotografias, cinco das quais representam Sá Carneiro em vida e seis que mostram as circunstâncias do acidente. É o jornal que publica menos imagens, sendo que 16 do total retratam as cerimónias fúnebres e homenagens que tiveram lugar. Não é publicada qualquer fotografia

do corpo, embora numa das imagens do acidente possamos visualizar os corpos cobertos por um lençol, no local onde se deu a tragédia.

O Diário de Notícias foi quem recorreu mais a fotos para ilustrar as notícias da morte e pós-morte de Sá Carneiro. Ao todo, o jornal utilizou 86 imagens, mas destas apenas sete são do líder social-democrata. Outras quatro retratam o local da tragédia e, à semelhança do Correio da Manhã, também aqui podemos visualizar o corpo coberto por um lençol. Foram publicadas 22 imagens das cerimónias fúnebres, homenagens e personalidades que marcaram presença nesses momentos.

O Jornal de Notícias escolheu 74 fotografias para acompanhar as peças noticiosas sobre a morte do primeiro-ministro. Apenas quatro destas retratam Sá Carneiro em vida e cinco mostram o local e os destroços do acidente. Quanto às exéquias e homenagens posteriores, estes acontecimentos motivam a publicação de 26 imagens, muitas das quais retratam as personalidades presentes nos acontecimentos.

1.3.3 Tabelas quantitativas

Correio da Manhã

Data	N. Páginas CM	N. peças CM	N. Imagens CM	Destaque Capa CM	Fotos Capa CM	Total pág. CM	Artigos CM	Biografia CM	Breve CM	Crónica CM	Cronologia CM	Editorial CM	Entrevista CM	Foto-legendas CM	Inquérito CM	Notícia CM	Reportagem CM	Vozes CM
05-12-1980	5	19	10	Inteira	3	40	0	3	7	0	0	0	0	0	0	7	1	1
06-12-1980	8	19	10	Inteira	2	40	0	0	1	0	0	1	0	0	0	16	1	0
07-12-1980	0	0	0	s/ref	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
08-12-1980	4	9	4	s/ref	0	32	1	0	4	0	0	0	0	0	0	4	0	0
09-12-1980	2	4	0	s/ref	0	32	0	0	1	0	0	0	0	0	0	3	0	0
10-12-1980	2	5	3	s/ref	0	36	0	0	3	0	0	0	0	0	0	2	0	0
11-12-1980	2	3	4	s/ref	0	32	0	0	1	0	0	0	0	0	0	2	0	0
12-12-1980	1	4	4	s/ref	0	36	1	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0
13-12-1980	3	4	2	s/ref	0	40	2	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0
14-12-1980	4	4	4	s/ref	0	44	0	1	0	0	1	0	0	0	0	2	0	0
15-12-1980	0	0	0	s/ref	0	32	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

16-12-1980	2	1	3	s/ref	0	36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
04-01-1981	3	3	6	s/ref	0	60	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
04-06-1981	1	1	0	s/ref	0	36	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
04-12-1981	2	2	0	s/ref	0	44	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
04-12-1990	2	1	3	Chamada	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
04-12-2000	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Diário de Notícias

Data	N. Páginas DN	N. peças DN	N. Imagens DN	Destaque Capa DN	Fotos Capa DN	Total pág. DN	Artigos DN	Biografia DN	Breve DN	Crónica DN	Cronologia DN	Editorial DN	Entrevista DN	Fotolegenda DN	Inquérito DN	Notícia DN	Reportagem DN	Vozes DN
05-12-1980	2	9	5	Inteira	2	30	1	3	1	0	0	1	0	0	0	3	0	0
06-12-1980	8	26	30	Inteira	2	36	2	3	6	1	0	1	1	1	0	11	0	0
07-12-1980	4	13	15	Manchete	2	34	0	0	2	1	0	0	0	1	0	8	1	0
08-12-1980	4	9	10	s/ref	0	30	0	0	0	0	0	0	0	0	0	9	0	0
09-12-1980	0	0	0	s/ref	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
10-12-1980	5	16	10	Referência	1	28	4	0	2	0	0	1	0	0	0	9	0	0
11-12-1980	4	8	2	Chamada	1	28	1	0	2	0	0	0	0	0	0	5	0	0
12-12-1980	4	10	6	Referência	0	28	1	0	1	0	0	0	0	0	0	8	0	0
13-12-1980	3	5	1	Chamada	0	42	1	1	0	0	0	0	0	1	0	2	0	0
14-12-1980	3	6	3	Referência	0	32	2	1	1	0	0	0	0	0	0	2	0	0
15-12-1980	2	5	2	Referência	0	32	0	0	1	0	0	0	1	0	0	3	0	0
16-12-1980	3	4	2	Referência	0	24	1	0	1	0	0	0	0	0	0	2	0	0
04-01-1981	2	2	0	Chamada	0	12	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
04-06-1981	1	1	0	s/ref	0	28	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
04-12-1981	4	9	3	Chamada	0	30	5	1	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0

04-12-1990	8	9	12	Foto capa	1	40	2	1	0	0	0	0	0	0	0	4	0	2
04-12-2000	3	2	1	Chamada	0	40	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0

Jornal de Notícias

Data	N. Páginas JN	N. peças JN	N. Imagens JN	Destaque Capa JN	Fotos capa JN	Total pág. JN	Artigos JN	Biografia JN	Breve JN	Crónica JN	Cronologia JN	Editorial JN	Entrevista JN	Fotolegenda JN	Inquérito JN	Notícia JN	Reportagem JN	Vozes JN
05-12-1980	10	20	16	Inteira	2	32	2	4	3	0	0	1	0	0	0	8	0	2
06-12-1980	13	33	23	Inteira	2	48	2	0	12	0	0	0	0	0	0	18	0	1
07-12-1980	7	15	13	Foto capa	2	42	0	0	2	0	0	0	0	0	0	11	2	0
08-12-1980	11	17	12	Referência	0	32	0	0	2	0	0	0	0	0	0	15	0	0
09-12-1980	5	9	2	Referência	0	32	0	0	2	0	0	0	0	0	0	7	0	0
10-12-1980	6	8	5	Referência	1	32	0	0	3	0	0	0	0	0	0	5	0	0
11-12-1980	2	5	2	Referência	1	32	0	0	1	0	0	0	0	0	0	4	0	0
12-12-1980	3	4	1	Referência	0	30	1	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0
13-12-1980	1	3	0	Foto capa	0	44	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0
14-12-1980	1	1	0	s/ref	0	54	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15-12-1980	0	0	0	s/ref	0	32	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
16-12-1980	0	0	0	s/ref	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
04-01-1981	1	1	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
04-06-1981	1	1	0	Chamada	0	32	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
04-12-1981	4	5	6	Foto capa	1	40	0	1	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0
04-12-1990	3	5	8	Manchete	2	44	2	0	1	0	0	0	0	0	0	2	0	0
04-12-2000	3	5	2	Chamada	0	80	0	1	1	0	1	0	0	0	0	1	0	1

1.3.4 Marcas de subjetividade

Correio da Manhã	Diário de Notícias	Jornal de Notícias
<p>“uma das figuras mais carismáticas do actual panorama político”, “revelou-se sempre um político na verdadeira acepção da palavra, brilhante, combativo, emprestando às suas intervenções um cunho particular de prestígio” (“Um Grande Estadista”, 1980, 5 de dezembro, p. 3).</p>	<p>“Não cabe aqui, num necessariamente apressado bosquejo, anotar os passos da fulgurante carreira política de Sá Carneiro. Ocioso, também, apontar as suas qualidades ou os seus defeitos. Regista-se, apenas, que o falecido primeiro-ministro, no decorrer destes 10 anos de intensa actividade, jamais deixou de se bater, com a coragem e a determinação que todos lhe reconhecem, pelos princípios que enformavam o seu pensamento político” (“Sá Carneiro: a coragem e a determinação”, 1980, 6 de dezembro, p.5).</p>	<p>“a carreira política do carismático fundador do PSD”, “ao contrário da maioria dos políticos portugueses, Sá carneiro não era um homem solene. Possuía sentido de humor e dava respostas contundentes, duas virtudes que, em conjunto com a sua preparação cultural e clareza de ideias, o tinham conduzido ao topo da política portuguesa” (“De ministro sem pasta a primeiro-ministro”, 1980, 5 de dezembro, p. 4)</p>
<p>“Entretanto soube-se que grupos de energúmenos festejaram ontem”. (“Minutos de silêncio no comício de Eanes”, 1980, 5 de dezembro, p. 4).</p>		<p>“Aos heróis fazem-se homenagens, porque a morte os colocou acima das debilidades humanas. Francisco Sá Carneiro é um desses mitos que a morte prematura ajudou a construir (...) ex-líder carismático” (“Sá Carneiro visto para além do mito”, 2000, 4 de dezembro, p. 8).</p>
<p>“não deixaram de acontecer atitudes menos dignas por parte de alguns grupos” (“Também houve foguetes”, 1980, 5 de dezembro, p. 4).</p>		
<p>“Duas importantes figuras nacionais” (“Dois ilustres portugueses”, 1980, 6 de dezembro, p. 1).</p>		
<p>“Sá carneiro não era um homem solene. Possuía sentido de humor e dava respostas contundentes, duas virtudes que, em conjunto com a sua preparação cultural e clareza de ideias, o tinham conduzido ao topo da política portuguesa” (“Sá Carneiro acreditava na vitória”, 1980, 6 de dezembro, p. 17).</p>		
<p>“quando todo um projecto perdeu o seu praticamente único líder carismático” (“Sá Carneiro Morreu”, 1981, 4 de janeiro, p.III).</p>		

1.4 Joaquim Agostinho

1.4.1 Biografia

Natural de Torres Vedras, Joaquim Agostinho nasceu a 7 de abril de 1943 na aldeia de Brejenjas e começou a sua carreira desportiva aos 25 anos, em 1968, no Sporting Club de Portugal, numa idade tardia, uma vez que a maioria dos ciclistas iniciava a carreira cerca dos 20 anos. O ciclista era originário de uma família humilde e muito pobre. Filho de António Adriano e Carmelinda de Jesus, Joaquim tinha mais cinco irmãos e aos 8 anos de idade já trabalhava com os pais nas terras. Aos domingos fazia corridas de bicicletas e

dado tratar-se de uma região com fortes tradições no ciclismo, cedo as suas capacidades começaram a chamar a atenção (Júnior, 2004: p.23).

Em 1964, com 18 anos, Joaquim Agostinho foi para o Ultramar (Moçambique) onde esteve três anos a cumprir o serviço militar obrigatório. Quando regressou, e com o dinheiro amealhado, comprou uma bicicleta e regressou às corridas na sua terra, bem como à vida de trabalhador rural. Uma das corridas de domingo, no dia de Natal, em Baro, Torres Vedras, contou com a presença de João Roque, na época ciclista profissional do Sporting e recém-vencedor da Volta a Portugal, que, espantado com o desempenho de Joaquim Agostinho, levou-o para o seu clube, onde viria a ser treinado por Manuel Graça (Júnior, 2004: pp.25-27).

Joaquim Agostinho casou em 1970 com Ana Maria Maçarico Costa Agostinho, filha do capataz da herdade onde trabalhava antes de se dedicar ao ciclismo. Nesse mesmo ano Agostinho conquista a sua primeira vitória na Volta a Portugal. Da ligação com Ana Maria nasceram dois filhos: Joaquim Miguel e Ana Sofia (Júnior, 2004: pp.29-31).

Joaquim Agostinho participou na Volta a Portugal pela primeira vez no ano de 1968, na altura quase desconhecido do público, tendo alcançado o segundo lugar. Nesse mesmo ano venceu a Volta ao Estado de São Paulo, no Brasil e, em setembro, participou no Campeonato Mundial de Ciclismo em Imola. A sua consagração acontece em 1969, tendo sido campeão nacional, de fundo e de contrarrelógio individual e por equipas. Venceu o GP Riopelle, o GO Robbialac e a Volta a Portugal, sendo que perdeu este último posto na sequência do controlo anti-dopping. Neste mesmo ano Joaquim Agostinho ganhou duas etapas do Tour, em França, tendo ficado em 8.º lugar, venceu uma etapa da Volta ao Luxemburgo e ganhou o Trophée Barachi, com Van Springel. Foi ainda 5.º no GP das Nações e 15.º no Mundial de Estrada (Júnior, 2004: p.35).

Entre 1968 e 1984 o ciclista fez centenas de corridas e entre as vitórias mais aplaudidas está a da etapa de Alpe-D'Huez no Tour de France de 1978. A 17.ª curva daquela etapa tem hoje o nome de Joaquim Agostinho. Nesse ano o ciclista conquistou um lugar no pódio (3.º), ao lado de Hinault (1.º) e Zoetemelk (2.º). No ano seguinte repetiu o 3.º lugar. O atleta correu 13 vezes na Volta a França, entre 1969 e 1983 e além dos dois anos em que ficou no terceiro posto, destacam-se ainda dois quintos lugares (1971 e 1980) e cinco

vitórias em etapas daquela prova (duas em 1969, 1973, 1977 e 1979) (Júnior, 2004: pp.39-50).

Ainda em matéria de provas internacionais, o ciclista participou cinco vezes na Vuelta, em Espanha. Estreou-se nesta prova em 1972 e, apesar do 3.º lugar que alcançou no prólogo, viria a sofrer uma queda na 8.ª etapa, entre Vinaroz e Tarragona, que o deixou inconsciente. Foi levado para uma clínica de Barcelona, onde lhe foi diagnosticada uma fratura no crânio. Acabou por recuperar e um mês e meio depois seguia para a Vola, na Suíça, onde ganhou duas etapas. Participou ainda mais quatro vezes na Vuelta, sendo que a melhor classificação obtida foi um 2.º lugar no ano de 1974 (Júnior, 2004: pp.51-54).

Joaquim Agostinho venceu cinco vezes a Volta a Portugal, mas duas delas foi desclassificado por *doping* (1969 e 1973). Ao todo o ciclista participou seis vezes na prova, sendo que apenas não venceu a primeira, em 1968. No ano seguinte acabou relegado para a 7.ª posição, apesar de ter vencido a prova, face ao controlo anti-dopping que resultou positivo. Em 1970 voltou a vencer a prova, tendo mantida a liderança durante 19 dias consecutivos, desde a 6.ª à 24.ª etapa. Agostinho alcança nova vitória no ano seguinte, tendo dominado a prova na qual envergou a camisola amarela durante 24 dias consecutivos, da 1.ª à última etapa. Em 1972 o triunfo em cinco etapas granjeou-lhe a sua terceira vitória. A sua última participação na Volta a Portugal acontece em 1973, quando o controlo anti-dopping dá novamente positivo e o primeiro posto lhe é outra vez retirado (Júnior, 2004: p.57).

O ciclista ainda viria a correr mais algumas provas do Tour de France, mas no início dos anos 80 falava-se do final da sua carreira. Em 1984 o atleta regressa ao ciclismo português para comandar uma equipa. Agostinho manteve o elo com o clube durante os primeiros cinco anos de carreira, tendo depois corrido por outras equipas. O regresso dá-se no seio de um grupo integrado por alguns dos melhores ciclistas portugueses da época (Júnior, 2004: p.59).

Morreu na manhã de 10 de maio de 1984, dez dias depois de uma queda na 5.ª etapa da Volta ao Algarve em bicicleta. Um pelotão de 51 corredores disputava a etapa entre Faro e Quarteira, com passagem pelo alto do Caldeirão, e nos 200 metros que faltavam para completar os 77 quilómetros da prova, dois cães meteram-se no meio dos atletas, fazendo com que alguns deles caíssem. Joaquim Agostinho caiu ao desviar-se de um dos cães e

fraturou o crânio. Ainda subiu para a bicicleta e cortou a meta, mas acabaria por ser levado para o hospital de Faro, onde lhe foi diagnosticada uma fratura craniana no parietal direito. Foi então transferido para o Hospital da CUF, em Lisboa, onde viria a falecer dez dias depois (Júnior, 2004: pp.17-19). A missa de corpo presente decorreu a 11 de maio na Basílica da Estrela e foi presidida pelo padre Octávio Gouveia e contou com a presença do Presidente da República, Ramalho Eanes, do primeiro-ministro, Mário Soares, do secretário de estado dos Desportos, Miranda Calha, de dirigentes do Sporting, nomeadamente o seu presidente, João Rocha, do presidente da Federação de Ciclismo, Francisco Nunes e de antigos ciclistas e representantes de clubes. O percurso até ao cemitério da Silveira, em Torres Vedras, passou pelo centro da cidade de Lisboa e incluiu uma paragem no Estádio José Alvalade, onde foi prestada uma última homenagem (Júnior, 2004: pp.11-13).

Em 1984, a título póstumo, Joaquim Agostinho foi agraciado com a Medalha de Honra ao Mérito Desportivo, o maior galardão que o Governo pode conceder a um atleta.

1.4.2 Análise

A morte de Joaquim Agostinho figura na primeira página de cada um dos três jornais analisados, no dia seguinte ao anúncio oficial do seu falecimento, 11 de maio de 1984.

Um quarto da primeira página do Correio da Manhã, com o destaque de foto de capa, é ocupado com a morte de Joaquim Agostinho no dia após ter sido anunciado o seu falecimento. A foto do corpo do atleta no caixão aberto, rodeado de pessoas, é encimada por uma pequena chamada onde se lê “Joaquim Agostinho atinge hoje a última meta”.

O Diário de Notícias ocupa cinco das oito colunas, na parte superior da primeira página, com a notícia da morte de Agostinho. A manchete diz “Volta a França vai parar em honra de Agostinho”, seguindo-se uma notícia onde ficamos a saber mais sobre as circunstâncias da morte do atleta e as cerimónias fúnebres que se seguirão. Este jornal não colocou qualquer imagem do ciclista na sua primeira página.

O Jornal de Notícias escolheu para manchete, “Corpo de Agostinho na Basílica da Estrela”, título acompanhado de uma imagem do ciclista morto no caixão, em cima da qual foi colocada uma pequena caixa negra onde se lê “O fim trágico do campeão”.

Além da capa do dia após a morte de Joaquim Agostinho, o Correio da Manhã faz foto de capa com o funeral do ciclista, no dia 12 de maio. A imagem do cortejo fúnebre é acompanhada do título “Milhares de pessoas no adeus a Agostinho”.

O Diário de Notícias também dedica outra primeira página a Joaquim Agostinho, no âmbito do seu funeral. O acontecimento é manchete, com o título “Uma estrada de lágrimas para Agostinho passar” e duas imagens das cerimónias fúnebres em Torres Vedras, junto de um pequeno texto introdutório.

No Jornal de Notícias encontrámos mais uma capa, além daquela onde se noticia a morte de Joaquim Agostinho. O funeral do atleta é manchete, com o título “A longa etapa do adeus” e uma imagem de milhares de pessoas no exterior da Basílica da Estrela.

No dia que se seguiu à morte de Joaquim Agostinho, 11 de maio de 1984, 10 das 128 páginas dos três periódicos contêm referências ao ciclista. Ao todo, falamos de 19 artigos e 26 fotografias publicadas, nos jornais daquele dia.

No Correio da Manhã encontramos duas notícias e uma biografia em três páginas, uma das quais é a capa, contextualizadas por seis imagens. As peças falam sobre os dias que antecederam a confirmação oficial da morte de Joaquim Agostinho, uma vez que o atleta passou dez dias no hospital, desde o acidente que sofreu e até ser anunciada a sua morte. O jornal foca, por isso, as questões médicas associadas ao traumatismo que sofreu, enumerando os exames que foram feitos e antecipando que os médicos não dispensaram a realização de uma autópsia. O conteúdo informativo aborda ainda as cerimónias fúnebres que começaram na véspera com o velório e que continuariam no dia seguinte, bem como uma homenagem póstuma anunciada pelo secretário de Estado dos Desportos. Na biografia publicada o jornal recordar a carreira de Joaquim Agostinho.

Nas quatro páginas que dedica do tema, o Diário de Notícias divide as suas nove peças jornalísticas em notícias (6), artigo de opinião (1), reportagem (1) e biografia (1). Os principais conteúdos versam sobre a história da vida profissional e desportiva do atleta, dados relatados numa biografia e na recuperação de uma notícia em que Joaquim Agostinho, numa entrevista ao Diário de Notícias, falava sobre as suas ambições profissionais. O Diário de Notícias faz ainda uma notícia que aborda as cerimónias fúnebres e uma reportagem, à porta do hospital onde Joaquim Agostinho estava internado, que visa dar conta das manifestações de comoção por parte da população, ao mesmo tempo

que são relatadas as circunstâncias da sua morte. Nas notícias publicadas pelo jornal, destaque ainda para os comentários de figuras ligadas ao mundo de desporto. O Diário de Notícias veicula também informações sobre a medalha de mérito que seria concedida a título póstumo a Joaquim Agostinho e sobre a Volta a França que anunciou que iria parar em homenagem ao ciclista. Quanto à presença da opinião, encontramos um artigo, não assinado, debaixo do cabeçalho onde se lê Diário de Notícias. Não havendo nada que indique tratar-se de um editorial, pois o artigo não está assinado, estamos perante um texto da responsabilidade do próprio jornal, focado no apuramento de responsabilidades face à morte de Joaquim Agostinho.

O Jornal de Notícias publica sete imagens e escreve sete artigos: três notícias, uma reportagem, uma breve, um artigo de opinião e uma biografia, num total de três páginas, uma das quais é a primeira. O conteúdo informativo recorda a corrida durante a qual se deu a queda que viria a ser fatal para o ciclista, bem como os dez dias que se seguiram no Hospital de Santa Maria em Lisboa, abordando também a questão da autópsia que foi pedida. A reportagem versa sobre o velório, enumerando e ouvindo as personalidades que marcaram presença na Basílica da Estrela, bem como alguns anónimos. O Jornal de Notícias aborda também a carreira de Joaquim Agostinho, numa biografia, e ouve não só personalidades que conviveram de perto com o atleta, como também figuras dos quadrantes do desporto, política e associativismo, nomeadamente Ramalho Eanes e Mário Soares, Presidente da República e primeiro-ministro, e a Federação Portuguesa de Ciclismo. Quanto à opinião, o artigo identificado está assinado por Serafim Ferreira, jornalista do periódico que conviveu de perto com o ciclista e que escreve um testemunho pessoal sobre quem era Joaquim Agostinho e sobre alguns episódios que testemunhou da sua carreira.

Olhando para o período de 10 dias que sucedeu à notícia da sua morte, entre 12 e 21 de maio de 1984, temos 36 peças e 32 fotografias sobre Joaquim Agostinho, em 20 páginas dos três jornais.

O Correio da Manhã escreve um total de sete notícias, juntamente com oito imagens, sobre a morte de Joaquim Agostinho, referenciadas em seis páginas, ou seja, 1% do total de páginas das dez edições. Quanto aos géneros jornalísticos falamos de breves (4), notícias (2) e reportagem (1), sendo esta última respeitante ao funeral do atleta. Além do conteúdo do dia a seguir ao falecimento do atleta, o jornal faz ainda a cobertura do funeral do atleta,

edição onde volta a dedicar-lhe parte da sua primeira página, como já foi referido. Além das notícias sobre as cerimónias fúnebres, são publicadas mais três peças noticiosas, em edições posteriores, sobre duas homenagens – o nome de uma rua em Lisboa e um monumento em Torres Vedras – e uma prova de ciclismo onde participa a equipa de Joaquim Agostinho.

O Diário de Notícias publicou com um total de dez artigos (sete das quais no dia em que se noticia o funeral) e 16 imagens, distribuídas por sete páginas, as quais representam 1,5% das páginas destas dez edições. Encontramos breves (3), notícias (3), reportagens (2), artigo de opinião (1) e foto-legenda (1). Como já foi dito, o jornal faz manchete com o funeral do atleta e dedica várias notícias àquele acontecimento, não só no que toca às cerimónias em Lisboa, mas também face às manifestações de pesar em Torres Vedras, de onde o ciclista era natural. Evoca ainda os jornais internacionais que fizeram notícia com a morte de Agostinho. Nos dias seguintes o ciclista volta a figurar nas páginas do jornal, também a pretexto das homenagens que entretanto decorrem ou são anunciadas: o nome de uma rua em Lisboa e o monumento em Torres Vedras. O artigo de opinião publicado é da autoria de um leitor e admirador de Joaquim Agostinho.

O Jornal de Notícias também dedica sete páginas à morte do atleta, uma das quais é capa, o que se traduz em 1,9% de espaço no total dos dez dias. Estas páginas foram preenchidas com 14 artigos e oito fotografias. Maioritariamente o jornal publicou breves (7) e notícias (6), mas registamos ainda a existência de uma reportagem. O funeral de Agostinho é o acontecimento que motiva maior número de peças noticiosas, nos dez dias que se seguiram à notícia da sua morte. Condolências, comoção e algumas homenagens preenchem as páginas desse dia, com um total de nove artigos, bem mais de metade do total. Na reportagem do funeral, o Jornal de Notícias descreve o ambiente, enumera as personalidades presentes e ouve a população presente. Nas breves são destacados factos paralelos às exéquias, como as condolências recebidas ou o envio de uma coroa de flores por parte do ciclista Bernard Hinault. Há ainda referências em outras quatro edições, que versam sobre homenagens ao ciclista – um minuto de silêncio num jogo de futebol, a decisão de dar o seu nome a uma rua, a homenagem de uma equipa espanhola e de um prémio de ciclismo.

As efemérides relativas a Joaquim Agostinho representam dez artigos: três no Jornal de Notícias, no aniversário do primeiro mês e na primeira década, seis no Diário de Notícias,

também no primeiro mês e dez anos depois, e uma no Correio da Manhã no primeiro mês. A 10 de junho de 1984, em cada um dos jornais, noticiava-se uma prova de ciclismo em homenagem ao atleta. Nenhum dos jornais refere que naquele dia se completa um mês desde a morte de Joaquim Agostinho e apenas o Diário de Notícias menciona uma condecoração póstuma que será atribuída pelo Governo. Nem o primeiro semestre, nem o primeiro ano foram assinalados em nenhum dos jornais.

Dez anos após a morte de Joaquim Agostinho, apenas o Diário de Notícias e o Jornal de Notícias assinalam a efeméride. O Correio da Manhã e o Diário de Notícias evocam os 20 anos.

O Correio da Manhã assinala os 20 anos da morte de Joaquim Agostinho com uma entrevista a Manuel Graça, antigo técnico do Sporting que recorda o antigo ciclista respondendo a cinco questões sobre a sua carreira e o seu modo de ser.

No seu caderno de desporto, o Diário de Notícias lembra que o ciclista morreu há 10 anos e recorda não só o seu percurso profissional, mas também as circunstâncias da sua morte, num total de cinco notícias e seis imagens, todas do atleta, que ocupam uma página inteira. Para assinalar os 20 anos da morte de Joaquim Agostinho, o Diário de Notícias dedica-lhe quatro páginas. Na capa coloca uma chamada (“Joaquim Agostinho era mais do que o país”) e nas três páginas seguintes recorda o atleta e a sua morte, pela voz dos médicos que o assistiram na época e que descrevem os dias após o acidente que acabaria por vitimar o ciclista. Numa notícia o Diário de Notícias recorda ainda um pouco do trajeto de Joaquim Agostinho, complementando essa informação com uma cronologia. O jornal publica ainda um artigo de opinião assinado por José Henriques Soares, comissário de ciclismo, e uma entrevista com Eduardo Marçal Grilo, que o periódico descreve como administrador da Fundação Gulbenkian e adepto de desporto. O entrevistado evoca as memórias que guarda de Joaquim Agostinho e analisa a sua carreira e as circunstâncias da sua morte.

Já o Jornal de Notícias, escreve apenas uma peça sobre o ciclista, a sua carreira e a sua morte, na primeira década após o seu falecimento, ocupando bastante menos espaço e não colocando nenhuma fotografia.

Os três jornais analisados publicam 58 fotografias para ilustrar as notícias sobre a morte de Joaquim Agostinho.

No Correio da Manhã, das 14 fotografias publicadas, quatro são de Joaquim Agostinho, duas em vida e duas depois de morto, dentro do caixão aberto. Uma das fotos que o jornal publica do atleta dentro do caixão, mostra um homem anónimo a beijar a testa do ciclista já sem vida. Ainda a registar a existência de dez imagens que mostram as cerimónias fúnebres, a multidão que ocorreu ao funeral e as lágrimas e pesar de familiares e amigos do ciclista.

Das 29 imagens publicadas pelo Diário de Notícias, 11 são de Joaquim Agostinho e as restantes 18 dizem respeito às cerimónias fúnebres do atleta, com a multidão de pessoas que assistiu à missa e ao funeral, que se estendeu entre Lisboa e Torres Vedras. Algumas destas imagens retratam ainda familiares e responsáveis políticos, no âmbito destas mesmas cerimónias.

O Jornal de Notícias publicou 15 imagens, oito das quais são retratos de Joaquim Agostinho em vida. O periódico também publica três fotografias de Joaquim Agostinho morto, dentro do caixão. Uma dessas imagens aparece na primeira página do dia 11 de Maio de 1984 e a outras duas no interior do jornal de 12 de Maio de 1984. As restantes quatro fotografias dizem respeito ao funeral, personalidades presentes na cerimónia e manifestações de pesar, quer do público em geral, quer dos familiares de Joaquim Agostinho.

1.4.3 Tabelas quantitativas

Correio da Manhã

Data	N. Páginas CM	N. peças CM	N. Imagens CM	Destaque Capa CM	Fotos Capa CM	Total pág. CM	Artigos CM	Biografias CM	Breve CM	Crónica CM	Cronologia CM	Editorial CM	Entre vista CM	Foto-legendas CM	Inquérito CM	Notícia CM	Reportagem CM	Vozes CM
11-05-1984	3	3	6	Foto capa	1	60	0	1	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0
12-05-1984	3	4	7	Foto capa	1	56	0	0	2	0	0	0	0	0	0	1	1	0
13-05-1984	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
14-05-1984	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15-05-1984	1	1	0	s/ref	0	56	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
16-05-1984	1	1	1	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
17-05-1984	1	1	0	s/ref	0	60	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0

18-05-1984	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
19-05-1984	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
20-05-1984	0	0	0	s/ref	0	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
21-05-1984	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
10-06-1984	1	1	1	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
10-11-1984	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
10-05-1985	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
10-05-1994	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
10-05-2004	1	1	1	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0

Diário de Notícias

Data	N. Páginas DN	N. peças DN	N. Imagens DN	Destaque Capa DN	Fotos Capa DN	Total pág. DN	Artigos DN	Biografia DN	Breve DN	Crónica DN	Cronologia DN	Editorial DN	Entrevista DN	Fotolegenda DN	Inquérito DN	Notícia DN	Reportagem DN	Vozes DN
11-05-1984	4	9	13	Manchete	0	38	1	1	0	0	0	0	0	0	0	6	1	0
12-05-1984	4	7	15	Manchete	2	40	1	0	3	0	0	0	0	0	0	1	2	0
13-05-1984	1	1	1	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
14-05-1984	0	0	0	s/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15-05-1984	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
16-05-1984	1	1	0	s/ref	0	36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
17-05-1984	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
18-05-1984	0	0	0	s/ref	0	38	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
19-05-1984	1	1	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
20-05-1984	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
21-05-1984	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
10-06-1984	1	1	0	s/ref	0	32	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0

10-11-1984	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
10-05-1985	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
10-05-1994	2	5	6	s/ref	0	60	0	1	1	0	0	0	0	3	0	0	0	0
10-05-2004	4	4	7	Chamada	0	56	1	0	0	0	1	0	1	0	0	1	0	0

Jornal de Notícias

Data	N. Páginas JN	N. peças JN	N. Imagens JN	Destaque Capa JN	Fotos capa JN	Total pág. JN	Artigos JN	Biografia JN	Breve JN	Crónica JN	Cronologia JN	Editorial JN	Entrevista JN	Fotolegenda JN	Inquérito JN	Notícia JN	Reportagem JN	Vozes JN
11-05-1984	3	7	7	Manchete	1	30	1	1	1	0	0	0	0	0	0	3	1	0
12-05-1984	3	9	8	Manchete	1	36	0	0	3	0	0	0	0	0	0	5	1	0
13-05-1984	1	1	0	s/ref	0	48	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
14-05-1984	0	0	0	s/ref	0	36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15-05-1984	1	1	0	s/ref	0	26	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
16-05-1984	1	1	0	s/ref	0	28	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
17-05-1984	0	0	0	s/ref	0	32	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
18-05-1984	0	0	0	s/ref	0	32	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
19-05-1984	0	0	0	s/ref	0	36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
20-05-1984	1	2	0	s/ref	0	52	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0
21-05-1984	0	0	0	s/ref	0	32	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
10-06-1984	1	2	1	s/ref	0	52	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0
10-11-1984	0	0	0	s/ref	0	36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
10-05-1985	0	0	0	s/ref	0	32	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
10-05-1994	1	1	0	s/ref	0	50	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
10-05-2004	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

1.4.4 Marcas de subjetividade

Correio da Manhã	Diário de Notícias	Jornal de Notícias
<p>“Joaquim Agostinho morreu – esta a notícia por que todos receávamos e que assim, sintética e brutal, chegou, por telex, à nossa Redacção (...) o maior ciclista português de todos os tempos” (“Joaquim Agostinho perdeu a “corrida” da sua vida”, 1984, 11 de maio, p. 36-37).</p>	<p>“Parou o coração do maior campeão de sempre do ciclismo português (...) grande campeão (...) grande campeão (...) um ciclista para a história” (“Volta a França vai parara em honra de Agostinho”, 1984, 11 de maio, p.1).</p>	<p>“O fim trágico do campeão” (“Corpo de Agostinho na Basílica da Estrela”, 1984, 11 de maio, p.1)</p>
<p>“o maior ciclista português de todos os tempos (...) palmarês invejável (...) robusto (...) no seu heroísmo típico dos homens do campo (...) humilde como nasceu (...) dotado de uma força da natureza (...) cheio de coragem e determinação (...)Apagado no princípio, o técnico Manuel Graça cedo descobriu que tinha ao seu alcance um «diamante» por trabalhar, que não tardaria a evidenciar todo o seu brilho e força nas corridas que se anteviam (...) um duro capaz de suportar as maiores adversidades (...) humildade que sempre o caracterizou (...) confirmou a sua classe como ciclista” (“Final trágico e inglório para uma carreira brilhante”, 1984, 11 de maio, pp. 36-37).</p>	<p>“Morreu um campeão” (...) restos mortais do campeão (...) memória do campeão (“Um mar de gente na Estrela chorou morte de Agostinho”, 1984, 11 de maio, p.13).</p>	<p>“O maior ciclista português de todos os tempos” (...) “curiosos a tentarem aproximar-se da urna do grande campeão” (“Corrida contra a morte terminou às 9,37 horas”, 1984, 11 de maio, pp.11-12)</p>
<p>“Portugal está de luto. Um dos seus mais brilhantes servidores no capítulo desportivo foi ontem a sepultar, com as honras e homenagens que a sua brilhante carreira justificaram plenamente. O desporto português está agora mais pobre, já não temos Agostinho (...) possuidor de um palmarês digno de um atleta de grande envergadura (...) sua inegável classe, grande humanidade e enorme simpatia (...) uma legenda do desporto português (...) morreu o campeão (...) infortunado ciclista (...) despedir-se do campeão (...) a tristeza era visível em todos os rostos, as lágrimas a bailarem nos olhos (...) Homem (...) Joaquim Agostinho foi grande não só no desporto mas também nas suas qualidades humanas, afirmou o padre Octávio Gouveia (...) Ramalho Eanes, bastante emocionado, não evitou também uma lágrima rebelde (...) considerado o máximo expoente da modalidade (...) era o fim de um grande atleta, cuja memória vai perdurar por muitos anos como exemplo de um grande campeão. Já não há camisola amarela no ciclismo português...” (“Milhares de pessoas despediram-se de Agostinho”, 1984, 12 de maio, p. 36-37).</p>	<p>“Sincera homenagem ao ciclista que nos habituámos a admirar) (“Quero acabar com triunfo na Volta”, 1984, 11 de maio, p.13).</p>	<p>“O maior ciclista português de todos os tempos” (...) fulgurante carreira desportiva (...) heroísmo típico dos homens do campo (...) “humilde como nasceu” (...) “filho vigoroso de Brejenjas” (...) um dos desportistas mais populares em Portugal (...)“Apagado no princípio, o técnico Manuel Graça cedo descobriu que tinha ao seu alcance um «diamante» por trabalhar, que não tardaria a evidenciar todo o seu brilho e força nas corridas que se anteviam (...) capaz de suportar as maiores adversidades (...) dando mostras de grande pujança física (...) confirmou toda a sua classe de ciclista” (“Duas vezes no pódio dos Campos Elísios”, 1984, 11 de maio, pp. 11-12).</p>
<p>“morte do campeão (...) grande desportista” (“Soares e Eanes foram à estrela”, 1984, 12 de maio, p. 37).</p>	<p>“proezas de Joaquim Agostinho (...) carreira a todos os títulos brilhante (...) as suas qualidades de ciclista poderoso (...) aplaudir o campeão (...) essa era a linguagem da sua simplicidade, de uma honestidade que nem todos os homens falam (...) grande campeão (...) ele era um homem de palavra (...) o inconformismo era igualmente uma das características de Joaquim Agostinho (...) raramente abdicava dos seus pontos de vista (...) campeão de Portugal (...)</p>	<p>“Mais que um atleta perco um amigo” – “Corajoso e resistindo bem às contrariedades (...)” (“Duas vezes no pódio dos Campos Elísios”, 1984, 11 de maio, p. 12).</p>

	<p>apelo ao seu campeão (...) campeão lutara bravamente contra a morte (...) Portugal perde assim um desportista de eleição e um dos seus melhores embaixadores...” (“Uma grande estrela de vocação tardia”, 1984, 11 de maio, p.13).</p>	
<p>“o grande ciclista morreu há cinco dias” (...) nada mais natural, portanto, que esta decisão da câmara de atribuir o nome de Joaquim Agostinho a uma rua da capital” (“Agostinho vai ter rua em Lisboa”, 1984, 15 de maio, p. 56).</p>	<p>“campeoníssimo Joaquim Agostinho (...) magnífico ciclista (...) ridículo e estúpido acidente (...) a tristeza e a comoção são iguais em todos e em cada um, jornalistas incluídos (...) no fundo todos esperávamos um qualquer milagre e não o desenlace fatal (...) malgrado campeão (...) com a morte, e sobretudo de um ente querido, irrompem, em nós, temores e mistérios que dificilmente disfarçamos e que mais dificilmente ainda compreendemos nos semblantes de quem a sofre e encara de frente (...) falecimento do seu campeão” (“A corrida da vida acabou para Agostinho”, 1984, 11 de maio, p.12).</p>	<p>“A morte de Joaquim Agostinho, como é natural, entristeceu tudo e todos, desportistas ou não. Um grande campeão, expoente máximo do ciclismo português, desapareceu, deixando uma enorme saudade” (...) inditoso corredor (...) soube honrar, de forma notável, o desporto lusitano” (“Mérito desportivo” da Associação do Porto”, 1984, 11 de maio, p. 12).</p>
	<p>“falecimento do grande corredor (...)” (“Medalha de honra ao mérito concedido a título póstumo”, 1984, 11 de maio, p.12).</p>	<p>“Não imaginará, por certo, o leitor a verdadeira maratona que constituiu o funeral do maior ciclista português de todos os tempos (...) grande campeão (...) grande campeão (...) maior embaixador desportivo do concelho (...) malgrado campeão (...) grande ciclista (...) sendo de realçar, porém, a frieza revelada por Joaquim Miguel, o órfão mais velho, que confortava sua mãe, lavada em lágrimas, que não conseguia conter o seu desespero (...) foi o nosso grande campeão (...) grande às do pedal (...) grande ciclista (...) grande campeão (...) malgrado campeão (...)” (“Agostinho: um imenso pelotão de dor”, 1984, 12 de maio, p. 15-16).</p>
	<p>“Era a última prova do campeão” (...) consagrado o campeão (...) respeito pela memória do campeão (...) adeus ao campeão” (“Uma estrada de lágrimas para Agostinho passar”, 1984, 12 de maio, p.1).</p>	<p>“chegando nalguns casos a ser derrotado pelo nosso campeão” (“Hinault enviou coroa de flores”, 1984, 12 de maio, p. 16).</p>
	<p>“desportista que acabámos de perder (...) rendida à simplicidade do homem, à capacidade do campeão (...)” (“Morreu um campeão: Lisboa consagrou Agostinho na hora da eternidade”, 1984, 12 de maio, p.5).</p>	<p>“A certeza de que o grande ciclista jamais será esquecido ficou bem provada” (“Um minuto de silêncio por Agostinho”, 1984, 13 de maio, p. 16).</p>
	<p>“marcha do grande campeão (...) desaparecimento do desportista, do homem, do português que sempre soube erguer bem alto o facho com as chamas do País que era o seu (...) Brejenjas perdeu um filho ilustre e Portugal um cidadão de raça (...) última passagem do campeão (...) elogio do campeão (...)” (“Sete horas de tristeza para despedida do ídolo”, 1984, 12 de maio, p.5).</p>	<p>“o melhor ciclista português de todos os tempos (...) um dos maiores desportistas portugueses de sempre (...) era uma força da natureza (...) melhor corredor nacional (...) impressionante palmarés (...) estranhamente o 10.º aniversário da sua morte parece estar a passar ao lado dos agentes do ciclismo e do desporto. Não temos notícia de nenhuma actividade relacionada com a efeméride, sobretudo no seu clube português de sempre, o Sporting, que parece querer fazer passar a data debaixo de um inquietante silêncio” (“Joaquim Agostinho: a saudade tem 10 anos”, 1994, 10 de maio, p. 21).</p>

	<p>“Morreu o «emigrante número um, o homem que só tinha amigos e admiradores. É difícil chegar-se, como Joaquim Agostinho, a uma tal posição de notoriedade e conseguir não contar com uma só pessoa que lhe tenha encontrado uma nódoa no seu comportamento ou carácter (...) gigante de força que só não a teve para lutar contra as nossas carências estruturais atávicas” (“A foto da semana”, 1984, 13 de maio, p.2).</p>	
	<p>“malgrado e popular campeão” (“Nome de Joaquim Agostinho para uma rua de Lisboa”, 1984, 26 de maio, p.7).</p>	
	<p>“saudoso campeão” (“Fignon arrebatada camisola rosa”, 1984, 19 de maio, p.1).</p>	
	<p>“grande campeão” (“Sete dezenas de ciclistas na homenagem a Agostinho”, 1984, 10 de junho, p. 30).</p>	
	<p>“trágica morte de um campeão (...) qualidades e craveira profissional e moral (...) carreira brilhante (...) Agostinho era grande entre os maiores (...) um símbolo, um herói simples do povo (...) nunca mais outro grande campeão voltou a impor o seu valor e talento (...) o talento e a força (...) o melhor ciclista português de todos os tempos (...)” (“O lugar vazio de um campeão”, 1994, 10 de maio, p. 22).</p>	
	<p>“Portugal sofreu um choque com a perda de um dos grandes símbolos do desporto nacional (...) o maior ciclista português de todos os tempos (...) façanhas do atleta de excepção que era Agostinho” (“Uma dolorosa recordação”, 2004, 10 de maio, p. 2).</p>	

1.5 *António Variações*

1.5.1 **Biografia**

Irreverente e reconhecido músico português, António Variações, nome artístico de António Joaquim Rodrigues Ribeiro, nasceu a 3 de dezembro de 1944, no lugar do Pilar, freguesia de Fiscal, concelho de Amares, distrito de Braga. Filho de camponeses, Deolinda de Jesus e Jaime Ribeiro, tinha nove irmãos e foi do pai, tocador de cavaquinho e harmónica, que herdou o gosto pela música (Gonzaga, 2006: p.20). Feita a instrução primária em Amares, António Variações parte para Lisboa aos 12 anos de idade, contra a vontade dos pais que queriam que fosse marceneiro em Caldelas, perto do local onde moravam (Gonzaga, 2006: p.55). Mudou-se para a capital em janeiro de 1957, onde começa a trabalhar como marçano (entregador de encomendas) numa mercearia, enquanto continua a estudar à noite (Gonzaga, 2006: p.61).

Sete anos depois veio a trabalhar no escritório de uma cooperativa de distribuição alimentar e em 1965 entrou para a tropa em Braga e um ano depois vai cumprir o serviço militar em Angola. Regressou a Portugal em 1969 e acabou a tropa no ano seguinte. Em Janeiro de 1970 regressa a Lisboa, onde vai trabalhar num escritório até partir para Londres (Gonzaga, 2006: pp.110-111).

No início dos anos 70 António Variações viaja para Londres, onde permanece até 1972. De regresso a Portugal vai viver com Fernando Ataíde e chega a trabalhar num cabeleireiro na Parede e num salão no Algarve. Em 1974 parte para Amesterdão, para aperfeiçoar a sua arte como cabeleireiro e tirar um curso. As vivências nas duas capitais foram decisivas “na sua ampliação de consciência e na adopção de um look pessoal ousado, que será daí em diante a sua imagem de marca” (Marques, 2008: p.20).

De regresso a Portugal, em 1976, ano em que morre o seu pai, Variações vai trabalhar para o Ayer, o primeiro cabeleireiro unissexo em Lisboa, propriedade de Isabel Queiroz do Vale, por intermédio de Fernando Ataíde. Ataíde era cabeleireiro naquele salão e tinha sido companheiro de Variações, mas nesta altura já estava casado com Rosa Maria, outra das funcionárias do Ayer. Já na altura o seu estilo de vestir excêntrico chama a atenção, formando filas de pessoas à porta do salão, apenas para ver António Variações: “em Portugal, em 1976, não havia mais ninguém que ousasse vestir assim. Era um espectáculo público, gratuito e fascinante” (Gonzaga, 2006: p.137). Paralelamente ao trabalho como cabeleireiro, em 1977 António Variações estreia-se como cantor no bar *gay* Scarllaty.

Em 1978 António Variações vai trabalhar para o salão “O Baeta”, no Centro Comercial Alvalade, e um ano mais tarde sai para abrir a sua própria barbearia, na Rua de São José, na baixa de Lisboa, chamada “Pró Menino e Prá Menina” (Gonzaga, 2006: p.161). Mantendo o trabalho na barbearia durante o dia, António Variações começa a dar espetáculos à noite com o grupo Variações. “A sua voz peculiar, a paixão e entrega que transmite pela música que o acompanha desde criança e a sua imagem extravagante, embora genuína, causam sensação” (Marques, 2008: p.26). Começa então a cantar e a compor, numa mescla de rock, pop e blues, passando pelo fado.

Em 1978 o cantor grava uma maqueta com alguns temas e apresenta-a na Valentim de Carvalho, editora com a qual acaba por assinar contrato, apesar de só ter gravado o primeiro álbum quatro anos depois. Também em 1978 fez um pequeno papel no filme “O

Bobo”, de José Álvaro de Moraes, que demorou dez anos a concluir (Gonzaga, 2006: p.198). Entretanto, em 1980, o programa da rádio Renascença Meia de Rock foi a casa de Variações gravar três temas, um dos quais foi “Toma o Comprimido”, por indicação do jornalista António Duarte (Gonzaga, 2006: p.188). A passagem destes temas na rádio ajudou a tornar o cantor conhecido. Por esta altura Variações deu os seus primeiros concertos, na discoteca Trumps e no Rock Rendez-Vous, em Lisboa, sendo que em meados dos anos 70 já havia atuado no Festival da Canção da Paróquia da Igreja Nossa Senhora de Fátima. A sua excentricidade contribuiu para a fama que alcançou: na sua primeira atuação pública, em 1981, no Passeio dos Alegres, de Júlio Isidro, apresentou-se com uma aspirina de esferovite colocada à volta da cabeça, lançando smarties para o público e para as câmaras. O cantor estreava-se assim em televisão com o nome António & Variações (foi a editora que propôs o corte do & ficando somente António Variações) (Gonzaga, 2006: p.194). Fez depois algumas emissões da Febre de Sábado de Manhã na Rádio Comercial, também com Júlio Isidro, que era cliente da barbearia de António Variações.

Em 1982 António Variações grava o primeiro disco, um maxi-single, com apenas dois temas, onde se incluía um dos seus êxitos, “Estou Além”, e uma versão do fado de Amália Rodrigues, “Povo que Lavas no Rio”, a quem dedicou o disco. Em junho desse ano faz a primeira parte de um concerto dos UHF na Feira Popular, onde foi vaiado e insultado, tendo conseguido depois controlar a multidão. Um ano depois lança o primeiro álbum de longa duração, Anjo da Guarda, também dedicado a Amália, que integra alguns dos temas que contribuíram para o êxito do cantor, como “É p’ra Amanhã” e “O Corpo é que Paga” (Gonzaga, 2006: p.215). É nesta altura que Teresa Couto Pinto se torna a sua *manager*. Paulo Marques (2008: p.32) afirma que a popularidade do cantor era muita e Teresa Couto Pinto recorda uma ida a Peniche em que não conseguiram passear dada a afluência de pessoas que vinham ter com António Variações.

No ano de 1983 António Variações foi contratado para “largas dezenas de espectáculos” (Gonzaga, 2006: p.233). É, aliás, nesse ano, que atua com Amália Rodrigues, num espetáculo para o qual ambos haviam sido convidados, que decorreu na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa. “O concerto na Aula Magna marca, também, um momento apoteótico na carreira do cantor que se vê reconhecido ao mais alto nível”, afirma Manuela Gonzaga (2006: p.261).

Em Fevereiro de 1984 o cantor grava o seu segundo LP, “Dar e Receber”, na capa do qual surge Variações com um maillot masculino e de cabelo roxo olhando um espelho no meio das árvores. Em Abril desse ano fez a sua última aparição pública no programa de televisão “A Festa Continua”, de Júlio Isidro, para interpretar os temas “Dar & Receber” e “Canção do Engate”. Vestiu um pijama de flanela estampado com ursos e coelhos (Gonzaga, 2006: p.249). O seu segundo longa duração foi um êxito, que fez calar as vozes mais detratoras e fez com que os meios de comunicação social que o ignoraram no lançamento de “Estou Além”, passassem a divulgá-lo “com grande entusiasmo” (Gonzaga, 2006: p.253).

António Variações assumiu a sua orientação sexual nos anos 70, apesar de nunca ter falado da sua vida amorosa em público. Em 1972 foi viver com o companheiro Fernando Ataíde, de quem se separou entretanto e com quem retomou a relação na segunda metade da década de 70, e que também morreu de Sida. Teve ainda outro relacionamento amoroso conhecido, com o ator holandês Jelle Balder.

Em maio de 1984 António variações dá entrada no Hospital Pulido Valente com um problema brônquio-asmático, sendo depois transferido para o Hospital da Cruz Vermelha (Gonzaga, 2006: p.270). Emagrece 40 quilos e em Junho é anunciado o grave estado de saúde do cantor, levantando-se as primeiras especulações de que teria sido diagnosticado com Sida, à época uma doença desconhecida. António Variações viria a falecer naquela unidade hospitalar a 13 de junho de 1984, com 39 anos. “Sem exagero, pode afirmar-se que, de Norte a Sul, Portugal o chorou sentidamente”, afirma Manuela Gonzaga, para quem as notícias que na altura associaram a sua morte à sida ainda acentuaram mais “o desgosto da sua partida” (2006: p.273). O corpo foi velado na Basílica da Estrela e foi sepultado no cemitério de Amares, dois dias depois.

Já depois da sua morte António Variações foi homenageado por músicos que recuperaram algum do seu espólio inédito e outros que reinterpretaram as suas canções. Foi o caso de Lena D’Água, que reeditou em 1989 o disco Tu Aqui, com cinco temas inéditos de Variações, ou do disco da EMI – Valentim de Carvalho”, de 1994, “Variações: As Canções de António”, com a participação de vários grupos portugueses. Vinte anos após a sua morte os músicos Camané, David Fonseca e Manuela Azevedo formaram o grupo Humanos e editaram um cd com doze temas originais de António Variações.

1.5.2 Análise

No dia a seguir à sua morte, 14 de junho de 1984, em todas as primeiras páginas das publicações analisadas havia uma chamada a fazer referência ao desaparecimento de António Variações.

O Correio da Manhã publica uma chamada no topo da página, junto ao cabeçalho do jornal, com uma foto do rosto de António Variações e o título “Variações surpreendeu-nos: morreu!”.

A capa do Diário de Notícias dedica uma pequena coluna, no fundo da página, à chamada da notícia da morte do cantor. Sem qualquer foto, encontramos o título “Morreu António Variações”, seguido de um pequeno texto introdutório.

No Jornal de Notícias a primeira página tem uma chamada onde se lê “António Variações morreu”, título precedido do antetítulo “Doença galopante não identificada”.

No dia que se seguiu à morte de António Variações, 14 de junho de 1984, o Correio da Manhã e o Diário de Notícias escrevem duas notícias cada um e o Jornal de Notícias publica apenas um artigo. Neste dia, os periódicos publicaram um total de cinco fotografias.

Além da capa, o Correio da Manhã dedica quase uma página inteira à morte de Variações, publicando uma crónica e uma notícia, acompanhadas por duas imagens. A notícia principal aborda as circunstâncias em torno da morte de António Variações, sobretudo porque falávamos da evolução de uma doença quase desconhecida ou, como refere o jornal, “uma doença tão estranha como era a sua música de vanguarda”⁵. A evolução da doença de Variações é o foco da notícia do Correio da Manhã sobre a sua morte, constatação que assoma mal lemos o título da notícia: “António Variações é autopsiado hoje”⁶. A crónica publicada está assinada com as iniciais M.C. e é uma carta dirigida a António Variações.

O Diário de Notícias publica duas notícias (uma breve e uma biografia) e uma imagem. Além da capa, ocupa ainda um quarto de uma página no interior do jornal. Num pequeno texto introdutório na capa do jornal, uma breve, o jornal explica que o cantor sucumbiu a uma doença desconhecida e faz uma súmula, num parágrafo, da biografia do cantor. No

⁵ “António Variações é autopsiado hoje” (1984), *Correio da Manhã*, 14 de Junho, p. 12.

⁶ *idem*

interior da publicação, encontramos menção em mais uma página, onde consta uma biografia sobre o percurso de Variações, que menciona novamente o facto de os médicos não saberem identificar a doença de que o cantor padeceu.

No Jornal de Notícias, onde é publicada uma biografia e uma imagem, encontramos uma peça que ocupa três colunas, no centro de uma página com outras notícias da Grande Lisboa. A biografia, acompanhada por uma imagem de António Variações fala sobre a morte do cantor e as cerimónias fúnebres, mas o foco é o percurso de vida do músico e o caminho que o barbeiro trilhou em Portugal, rumo à carreira artística. Também aqui o espaço ocupado não vai além de um quarto de página e a fotografia escolhida é mais pequena do que aquela que foi utilizada pelo Diário de Notícias.

No período de dez dias após a notícia da sua morte – de 15 a 24 de junho de 1984, analisámos um total de cinco páginas com menção a António Variações, o que se traduz em quatro notícias e duas fotografias.

O Correio da Manhã é o responsável pelo maior grau de atenção a este acontecimento, com duas páginas, dois artigos (uma notícia e uma reportagem) e duas imagens, o que se traduz em 0,33% do total de páginas do jornal nestas dez edições. O periódico regressa à notícia da sua morte no dia seguinte a esta ter sido noticiada, para dar novos desenvolvimentos sobre a doença que teria vitimado António Variações, mostrando-se assim coerente com a sua linha de cobertura noticiosa deste acontecimento. O Correio da Manhã continua a sublinhar o facto de a verdadeira doença ser ainda desconhecida, mas refere que a autópsia revelou tratar-se de uma pneumonia. O funeral do cantor motiva uma página inteira no jornal, a 16 de junho de 1984, onde encontramos duas imagens e uma reportagem, que descreve o ambiente do funeral e dá voz a alguns artistas conhecidos presentes nas cerimónias. Nada mais se publicou sobre António Variações durante o período analisado.

O Diário de Notícias referencia o cantor em apenas duas das suas páginas nos dez dias após dar a notícia da sua morte, ou seja, um total de 0,39% de espaço. Encontramos apenas dois artigos, sem qualquer imagem, que se traduzem em duas breves. Assim, em termos de conteúdo, o jornal escreve uma pequena breve sobre os resultados da autópsia de António Variações no dia 15 de junho, destacando, também, a conclusão que apontava para uma pneumonia bilateral. O periódico não menciona as cerimónias fúnebres do cantor e volta ao tema com mais uma breve, três dias depois de ter noticiado a morte de Variações, no

âmbito da resenha da semana que o jornal publica todos os domingos. Também no caso deste periódico, não volta a haver qualquer menção a António Variações nas edições analisadas.

O Jornal de Notícias, que ao todo referencia a personalidade numa página e num artigo (uma notícia), o que representa 0,27% das páginas destas dez edições, também regressa ao tema para dar nota do facto de a autópsia ter revelado que António Variações morreu de pneumonia. O periódico aproveita a notícia para ouvir alguns músicos que prestaram declarações sobre o cantor, mas no dia seguinte não faz qualquer referência ao seu funeral, nem volta a publicar qualquer notícia sobre António Variações no período por nós analisado.

Quanto às efemérides, apenas os 20 anos foram assinalados. A efeméride figurou no Correio da Manhã que, a propósito da intenção da EMI-Valentim de Carvalho em lançar um álbum comemorativo com originais do cantor, escreveu uma biografia sobre a personalidade. Nesse texto encontramos a resenha do percurso do intérprete, bem como uma referência mais clara à doença que o vitimou. A notícia sobre o álbum antecipa-o e recupera outros trabalhos discográficos que homenagearam Variações em anos anteriores.

O Diário de Notícias foi o único jornal que fez uma chamada de capa nos 20 anos após a morte de António Variações, escolhendo o título “António Variações: disco com inéditos 20 anos depois”. O jornal dedica quase uma página inteira ao tema, com uma biografia e uma cronologia e aborda essencialmente o percurso do cantor. Na verdade, a intenção da editora lançar um novo álbum de originais é mencionada numa frase apenas, seguindo-se uma descrição mais extensiva da carreira do cantor, complementada por uma cronologia da sua discografia, incluindo as edições póstumas. O periódico não menciona as circunstâncias da morte de Variações, dizendo apenas que estava doente e nunca mencionando a doença.

Também o Jornal de Notícias assinala os 20 anos após a morte de António Variações, com uma notícia onde aborda o novo álbum de originais que havia sido anunciado, aproveitando para recordar brevemente a carreira do cantor. Ao contrário do Correio da Manhã, este jornal não usa a palavra sida para se referir à doença que matou António Variações, mencionando apenas que o cantor faleceu de pneumonia bilateral extensa.

No que diz respeito às imagens, foram publicadas sete fotografias nos onze dias após a morte de António Variações.

O Correio da Manhã foi aquele que publicou o maior número de fotografias de António Variações (cinco). Três delas são imagens do músico em vida e as restantes duas retratam o funeral: uma das fotografias mostra o caixão a ser carregado e a outra retrata as lágrimas de alguns anónimos presentes.

Tanto o Diário de Notícias, como o Jornal de Notícias, publicam, cada um deles, apenas uma fotografia de António Variações, no dia em que noticiam a sua morte.

1.5.3 Tabelas quantitativas

Correio de Manhã

Data	N. Páginas CM	N. peças CM	N. Imagens CM	Destaque Capa CM	Fotos Capa CM	Total pág. CM	Artigos CM	Biografia CM	Breve CM	Crónica CM	Cronologia CM	Editória CM	Entrevista CM	Foto-legendas CM	Inquérito CM	Notícia CM	Reportagem CM	Vozes CM
14-06-1984	2	2	3	Chamada	1	60	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0
15-06-1984	1	1	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
16-06-1984	1	1	2	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
17-06-1984	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
18-06-1984	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
19-06-1984	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
20-06-1984	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
21-06-1984	0	0	0	s/ref	0	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
22-06-1984	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23-06-1984	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
24-06-1984	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-07-1984	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-12-1984	0	0	0	s/ref	0	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-06-1985	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-06-199	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

4																		
13-06-2004	2	1	1	s/ref	0	80	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0

Diário de Notícias

Data	N. Páginas DN	N. peças DN	N. Imagens DN	Destaque Capa DN	Fotos Capa DN	Total pág. DN	Artigos DN	Biografia DN	Breve DN	Crónica DN	Cronologia DN	Editória DN	Entrevista DN	Fotolegenda DN	Inquérito DN	Notícia DN	Reportagem DN	Vozes DN
14-06-1984	2	2	1	Chamada	0	56	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15-06-1984	1	1	0	s/ref	0	60	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
16-06-1984	0	0	0	s/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
17-06-1984	1	1	0	s/ref	0	48	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
18-06-1984	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
19-06-1984	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
20-06-1984	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
21-06-1984	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
22-06-1984	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23-06-1984	0	0	0	s/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
24-06-1984	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-07-1984	0	0	0	s/ref	0	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-12-1984	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-06-1985	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-06-1994	0	0	0	s/ref	0	40	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
13-06-2004	2	2	1	Chamada	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Jornal de Notícias

Data	N. Páginas JN	N. peças JN	N. Imagens JN	Destaque Capa JN	Fotos capa JN	Total pág. JN	Artigos JN	Biografia JN	Breve JN	Crónica JN	Cronologia JN	Editória JN	Entrevista JN	Fotolegenda JN	Inquérito JN	Notícia JN	Reportagem JN	Vozes JN
14-06-	2	1	1	Chamada	0	32	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

198-06-1984				s/ref	0	32	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
16-06-1984	1	1	0	s/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
17-06-1984	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
18-06-1984	0	0	0	s/ref	0	32	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
19-06-1984	0	0	0	s/ref	0	28	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
20-06-1984	0	0	0	s/ref	0	30	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
21-06-1984	0	0	0	s/ref	0	36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
22-06-1984	0	0	0	s/ref	0	28	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23-06-1984	0	0	0	s/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
24-06-1984	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-07-1984	0	0	0	s/ref	0	32	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-12-1984	0	0	0	s/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-06-1985	0	0	0	s/ref	0	32	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-06-1994	0	0	0	s/ref	0	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-06-2004	1	1	1	s/ref	0	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0

1.5.4 Marcas de subjetividade

Correio da Manhã	Diário de Notícias	Jornal de Notícias
<p>“António Variações repousa agora numa cave sombria do Instituto de Medicina Legal. Ai, onde a temperatura ambiente é de 4 graus negativos, está o corpo nu do cantor sem vida, de etiqueta nos pés, esperando a vez para autópsia, a realizar hoje. O frio. O ambiente tétrico, o fim, porque afinal, é verdade. Morreu o cantor que foi vítima de uma doença tão estranha como era a sua música de vanguarda (...) foi-se impondo na cena musical como um dos seus mais importantes valores originais (...) muito bem humorado (...) hoje a viagem repete-se... só que infelizmente será a última” (“António Variações é autopsiado hoje”, 1984, 14 de junho, p. 12).</p>	<p>“considerado um pouco como a «ave rara» da música popular portuguesa (...) permanente bom humor (...) indumentária um pouco extravagante” (“Morreu António Variações”, 1984, 14 de junho, p. 15).</p>	<p>“era considerado como um dos mais importantes valores da música contemporânea (...) sempre extravagante (...) muito bem humorado (...)” (“António Variações – a morte aos 39 anos”, 1984, 14 de junho, p. 8)</p>
<p>“um dos maiores e mais excêntricos</p>	<p>“voz diferente e bem sucedida da canção</p>	<p>“era, indiscutivelmente, um artista de</p>

renovadores da canção portuguesa (...) visual excêntrico que causava estranheza aos 'comuns mortais'" ("Variações partiu há 20 anos", 2004, 13 de junho, p. 69).	nacional" ("Variações", 1984, 17 de junho, p. 2).	primeira linha que os críticos definiram como "animal de palco" (...) ("António Variações reinterpretado 20 anos depois", 2004, 13 de junho, p. 39).
	"De sede cosmopolita, curioso (...) um dos mais inspirados e característicos autores e intérpretes do pop/rock nacional" ("Uma alma pop encontrada entre Braga e Nova Iorque", 2004, 13 de junho, p. 48)	

1.6 José Afonso

1.6.1 Biografia

José Manuel Cerqueira Afonso dos Santos nasceu a 2 de Agosto de 1929, em Aveiro. Filho do juiz José Nepomuceno Afonso e da professora primária Maria das Dores Dantas Cerqueira, José viu os pais partirem para Angola em 1930, devido ao facto de o pai ter sido colocado como delegado do Procurador da República em Silva Porto e ficou com os tios por motivos de saúde (Salvador, 1999: p.25). A criança mudou-se para Angola em 1933, quando tinha três anos e meio, e fica naquele país até 1936, tendo iniciado lá a instrução primária (Salvador, 1999: p.26).

De regresso a Aveiro fica um ano em casa de duas tias e em 1937 parte para Moçambique, onde foi ao encontro dos pais e dos irmãos, João e Mariazinha. Viveu naquele país durante um ano e regressa novamente a Portugal, ficando desta vez em casa de um tio, Filomeno, presidente da Câmara Municipal de Belmonte e salazarista convicto, que o faz envergar a farda da Mocidade Portuguesa (Salvador, 1999: p.27). Terminada a instrução primária em 1939 muda-se para Coimbra no ano seguinte e prossegue os estudos no Liceu D. João III, onde conhece António Portugal e Luiz Goes (Salvador, 1999: p.27).

Em 1945 José Afonso canta as primeiras serenatas e fica conhecido como "bicho-cantor", designação que deriva do facto de os estudantes liceais, aos olhos da praxe, serem apelidados de "bicho" (Salvador, 1999: p.143). Completou o liceu em 1948, após chumar duas vezes, e conhece a namorada, Maria Amália de Oliveira, uma costureira de origem humilde com quem viria a casar. Durante estes anos José Afonso integra o Orfeão e a Tuna Académica e joga futebol na Associação Académica de Coimbra. Em 1949 ingressa no curso de Ciências Histórico-Filosóficas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e quatro anos depois nasce o seu primeiro filho, José Manuel (Salvador, 1999: p.144).

No início dos anos 50 José Afonso dava explicações e trabalhava como revisor no jornal Diário de Coimbra. No início da década grava dois discos de 78 rotações com fados de Coimbra, editados pela Alvorada. Entre 1953 e 1955 cumpre serviço militar em Mafra, tendo depois sido colocado num quartel em Coimbra (Salvador, 1999: p.29). Entretanto havia nascido a sua segunda filha, Maria Helena, em 1954, e em 1956 grava o primeiro single, “Fados de Coimbra”.

José Afonso conclui a licenciatura em 1956 e vai dar aulas num colégio privado em Mangualde, onde se mantém até 1957 (Salvador, 1999: p.30). Nesta altura já havia iniciado processo de separação da mulher, Amélia. Segue-se um emprego como professor na Escola Industrial e Comercial de Lagos, até julho de 1958, ano em que envia os filhos para junto dos avós, em Moçambique, por dificuldades económicas (Salvador, 1999: p.145). Em 1958 Zeca Afonso era vocalista do Conjunto Ligeiro e no ano anterior tinha atuado no Teatro “Champs Elysées, em Paris, juntamente com Fernando Rolim, António Portugal, David Leandro, Sousa Rafael e Levy Baptista. Em 1959 vai dar aulas na Escola Industrial e Comercial de Faro e no ano letivo seguinte passa por Aljustrel e Alcobaça, também como professor provisório. Em 1960 edita o seu quarto álbum, “Balada do Outono” e nesse ano atua em Angola com o Orfeão Académico de Coimbra e grava em Paris e Genebra uma serenata para a Eurovisão, com os companheiros que haviam atuado com ele nos Champs Elysées (Salvador, 1999: p.146).

Em 1961 conhece Zélia, no Algarve, e divorcia-se da mulher em 1963 (Salvador, 1999: p.32). Em 1962 edita o disco “Coimbra Orfeon of Portugal”, com uma editora norte-americana, álbum que integra duas baladas, “Minha Mãe” e “Balada Aleixo”, onde é acompanhado exclusivamente à viola, rompendo assim com a guitarra. Faz digressões no estrangeiro, algumas delas integrado em grupos de fados onde estão também Adriano Correia de Oliveira, José Niza, Jorge Godinho ou Durval Moreirinhas. Em 1962 volta a ser professor provisório em Faro e no ano seguinte, numa atuação na Sociedade Musical Fraternidade Operária Grandolense, inspira-se para compor o tema “Grândola, Vila Morena” (Salvador, 1999: p.148). Em 1963 sai o single “Cantares de José Afonso” e no ano seguinte é editado o disco “Baladas e Canções”.

Entre 1964 e 1967 José Afonso viveu em Lourenço Marques com Zélia, com quem casou segunda vez. Em 1966 e 1967 deu aulas na Beira e musicou Brecht na peça “A Exceção e a Regra”. A sua terceira filha, Joana, nasceu em Moçambique em 1965. De regresso a

Portugal José Afonso é colocado como professor em Setúbal, mas uma crise de saúde que resultou num internamento de 20 dias resulta na sua expulsão do ensino oficial em 1968 (Salvador, 1999: p.149). Dedicar-se então a dar explicações e continua a sua atividade como cantor. Ainda em 1968 edita o álbum “Cantares do Andarilho”, com Rui Pato e entretanto assina contrato com a editora discográfica Orfeu. Entretanto é convidado para aderir ao Partido Comunista, mas recusa.

Em 1969 José Afonso envolve-se no movimento sindical espoletado com a Primavera Marcelista e participa nas ações dos estudantes em Coimbra (Salvador, 1999: p.149). Edita o disco “Contos Velhos Rumos Novos” e recebe o prémio da Casa da Imprensa para o melhor disco, distinção que repete em 1970 e 1971.

Em 1970 nasce o seu quarto e último filho, Pedro, e neste ano é editado o disco “Traz Outro Amigo Também”, gravado em Londres. No Natal do ano seguinte lança “Cantigas do Maio”, gravado em França, e um ano depois saiu o álbum “Eu Vou Ser Como a Toupeira”, gravado em Madrid.

Em abril de 1973 Zeca Afonso é preso em Caxias, onde fica até finais de Maio, fruto do seu envolvimento com os movimentos que contestam o regime (Salvador, 1999: p.151). É na prisão que escreve o poema “Era Um Redondo Vocábulo”. Em dezembro desse ano edita o álbum “Venham Mais Cinco”, gravado em Paris, e a 29 de Março de 1974 enche o Coliseu de Lisboa, num espetáculo onde participaram também Adriano Correia de Oliveira, José Jorge Letria, Manuel Freire, José Barata Moura, Fernando Tordo e outros. O concerto termina com a música “Grândola, Vila Morena” e os militares do Movimento das Forças Armadas que assistiam, e que na época preparavam a Revolução do 25 de Abril, escolhem aquela música para ser a senha (Salvador, 1999: p.152).

Após o 25 de Abril Zeca Afonso edita o álbum “Coro dos Tribunais”, gravado em Londres, e nos dois anos após a revolução envolve-se diretamente nos movimentos populares, estabelecendo uma relação direta com o governo do comunista Vasco Gonçalves, que liderou o PREC. Em 1976 José Afonso apoia a candidatura presidencial de Otelo Saraiva de Carvalho (Salvador, 1999: p.154).

Em 1976 sai o disco “Com as Minhas Tamanquinhas”, ao qual se seguiu “Enquanto Há Força”, editado em 1978. Um ano depois sai o álbum “Fura Fura”. Já em 1981 José Afonso regressa a Coimbra e lança o disco “Fados de Coimbra e Outras Canções” e no ano

seguinte aparecem os primeiros sintomas da doença do cantor: esclerose lateral amiotrófica (Salvador, 1999: pp.156-157). Ainda atua em Brouges e num espetáculo no Coliseu de Lisboa, em janeiro de 1983, de onde resulta o disco “Ao Vivo no Coliseu”.

Em 1983 a cidade de Coimbra atribui a José Afonso a Medalha de Ouro da cidade e o então Presidente da República, Ramalho Eanes, atribui-lhe a Ordem da Liberdade, mas o cantor recusa-se a preencher o formulário. “Em 1994, o Presidente da República Mário Soares tentou de novo condecorar, postumamente, José Afonso com a Ordem da Liberdade, mas a mulher, Zélia, recusou, alegando que se José Afonso não desejou a distinção em vida, também não seria após a sua morte que seria condecorado”, lê-se na sua biografia.

Ainda em 1983 José Afonso é reintegrado no ensino oficial e ainda chega a dar aulas na Escola Preparatória de Azeitão, mas a doença começa a incapacitá-lo. Na noite de 29 de janeiro de 1983 deu o seu último espetáculo, no Coliseu dos Recreios, em Lisboa, perante cinco mil pessoas (Salvador, 1999: p.23). Dois anos depois é lançado o seu último disco, “Galinhas do Mato”, mas o cantor já não consegue dar voz a todos os temas, sendo substituído por outros músicos.

A 23 de fevereiro de 1987 José Afonso morre no Hospital de Setúbal, vítima da doença que lhe havia sido diagnosticada anos antes. O cortejo fúnebre demorou duas horas, num percurso de 1300 metros, e reuniu mais de 30 mil pessoas.

1.6.2 Análise

No dia a seguir à sua morte, 24 de Fevereiro de 1987, o tratamento dado pelos jornais não foi o mesmo.

O falecimento de Zeca Afonso não mereceu nenhuma referência na primeira página do Correio da Manhã.

O Diário de Notícias faz uma chamada com foto, ocupando um quarto da primeira página, com a morte de José Afonso. Com uma imagem do cantor, acompanhada de um pequeno texto introdutório, o título escolhido foi: “A última homenagem a Zeca Afonso”, antecedido do antetítulo “Milhares de pessoas em Setúbal”.

O Jornal de Notícias tem a primeira página com mais espaço dedicado à morte do cantor. A manchete ocupa a primeira metade da capa do jornal, que usa uma imagem da

personalidade acompanhada do título “Zeca Afonso: murchos os cravos de Abril era tempo de morrer”. No antetítulo lê-se: “Uma voz que continuará cantando no coração do povo (e na nossa consciência)”.

O Diário de Notícias dedica mais uma chamada de capa à personalidade, justificada com as exéquias. Assim, no dia após o funeral, o periódico coloca uma pequena notícia na sua primeira página, com o título “Milhares de pessoas estiveram no funeral de José Afonso”.

No dia a seguir ao funeral de José Afonso também o Jornal de Notícias faz uma chamada com o acontecimento. O jornal utiliza o título “Lágrimas anónimas e cravos no último adeus a Zeca Afonso”, junto de uma imagem do funeral.

No dia que se seguiu ao anúncio da morte de José Afonso, ao todo, nos três periódicos, foram publicadas 15 artigos e 14 imagens.

O Correio da Manhã foi o jornal que prestou menos atenção ao acontecimento. O jornal dedica uma página à morte de José Afonso, onde publica duas imagens do cantor. Os géneros encontrados são uma biografia, uma notícia e uma breve. O conteúdo informativo centra-se, essencialmente, na carreira de José Afonso, através de uma extensa biografia. O jornal aborda ainda alguns pormenores que dizem respeito às cerimónias fúnebres, numa notícia, e menciona uma homenagem a ter lugar em Espanha, numa breve.

No Diário de Notícias são dedicadas três páginas à morte de Zeca Afonso – uma das quais é a capa –, com uma notícia, uma breve, uma biografia, vozes e um artigo de opinião. Na capa faz-se uma pequena introdução, onde se podem ler detalhes sobre o velório do cantor e onde se antecipam os conteúdos a desenvolver no interior do periódico. Segue-se uma biografia que retrata a carreira de Zeca Afonso, do ponto de vista artístico e político. A reconstrução do seu percurso é coadjuvada pelo artigo de opinião assinado por Vale Moutinho, jornalista do Diário de Notícias, que recorda o cantor. No entanto, o principal destaque do Diário de Notícias é a peça que relata o ambiente no velório do cantor, ainda que isto não seja feito em formato reportagem. Concomitantemente com esta peça, o jornal dá ainda espaço a várias figuras do panorama nacional para recordarem o músico, num conjunto de dez personalidades relevantes e próximas do cantor, maioritariamente da área musical. Entre elas está também a então primeira-ministra Maria de Lurdes Pintassilgo e o representante da CGTP, José Luís Judas

Além da capa, o Jornal de Notícias ocupa duas páginas com a morte de Zeca Afonso e escreve sete peças sobre o tema: seis notícias e uma biografia. Os conteúdos informativos versam sobre a doença que acometeu o cantor e o foi debilitando nos últimos cinco anos antes da sua morte, culminando este texto no velório do cantor. A biografia publicada recorda a sua carreira de mais de 40 anos, sendo que os restantes textos abordam a atribuição do seu nome a duas ruas, as homenagens em Espanha e a festa de despedida em Setúbal. O periódico publica ainda duas notícias distintas, que não se incluindo na categoria de análise “vozes”, procuram dar expressão a diversas personalidades⁷. Na primeira dessas notícias são ouvidas quatro personalidades do mundo da política: o Presidente da República, o primeiro-ministro, a secretária de Estado da Cultura e um representante do Partido Renovador Democrático. Na outra notícia são publicadas as declarações do guitarrista Rui Pato e Vasco Lourenço, seus companheiros dos tempos de Coimbra.

Olhando agora para os dez dias após a notícia da morte de José Afonso – 25 de fevereiro a 6 de março de 1987 – encontramos 16 páginas com referências ao cantor, 19 artigos e 11 fotografias.

Durante os dez dias que se seguiram à notícia da sua morte, o Correio da Manhã referencia o cantor em apenas uma página, ou seja, 0,16% do total de páginas que publicou. Esta referência consubstancia-se numa notícia e numa fotografia. Após noticiar a morte de José Afonso, o Correio da Manhã dá notícia do seu funeral, descrevendo o desenrolar dos acontecimentos e mencionando as homenagens em várias zonas do país, num formato de notícia e não de reportagem. Durante os dias que se seguiram e que foram incluídos nesta análise, o jornal não voltou a mencionar a figura do cantor.

O Diário de Notícias é o jornal que dedica mais espaço à morte desta personalidade, referenciando-o em 2,41% das páginas destas dez edições. Ao longo dos dez dias estudados encontrámos 11 páginas, nas quais figuram 16 peças e seis imagens. Em termos de géneros jornalísticos elencamos cinco artigos de opinião, cinco crónicas, quatro notícias, uma reportagem e uma breve. O funeral de José Afonso conta com uma chamada

⁷ Nestas notícias são ouvidos representantes de Estado, bem como os companheiros dos tempos de Coimbra de José Afonso, mas não se tratando de um discurso direto, e sim de uma notícia com citações, decidimos não as considerar como vozes. De resto, as vozes são uma opção estilística dos jornais mais recentes.

na primeira página do jornal, onde se escreve já sobre as cerimónias do dia anterior. No interior do periódico, encontramos a reportagem do funeral. Nesse mesmo dia o jornal publica ainda uma notícia sobre a atribuição do nome do cantor a uma rua em Coimbra e um historial da doença que viria a matar José Afonso. Nos dias que se seguiram o Diário de Notícias volta a mencionar o nome do músico a propósito de uma homenagem que decorreu em Moçambique, da atribuição do seu nome a uma rua e da evocação do seu nome durante o julgamento das FP-25. Quanto aos artigos de opinião, os cinco textos encontrados são da autoria do colunista Joaquim Santos, do padre António Rego, do jornalista Óscar Mascarenhas (no âmbito da síntese da semana) e do próprio jornal, que critica a falta de material de qualidade no programa de homenagem a José Afonso, emitido pela RTP. Há ainda a registar cinco crónicas da autoria de leitores do jornal, que consistem sobretudo em poemas dedicados ao cantor, numa expressão do apreço do público.

No Jornal de Notícias, o nome da personalidade foi mencionado em três páginas, ou seja, 0,72% do total de páginas publicadas nestes dez dias. Contabilizamos sete artigos (quatro notícias, uma reportagem, uma breve e uma foto-legenda) e quatro imagens, quase todas concentradas no dia após as cerimónias fúnebres. O funeral de José Afonso teve direito a uma chamada com fotografia e com destaque na primeira página do periódico. No interior do jornal, ao longo de uma página inteira, encontramos quatro notícias, uma breve e uma foto-legenda. A descrição do funeral de José Afonso e as cerimónias em outros pontos do país e em Espanha ocupam a maioria dos conteúdos, mas o Jornal de Notícias relembra ainda uma entrevista que havia publicado com o cantor, dois anos antes. Otelo Saraiva de Carvalho, que na época se encontrava preso, prestou declarações sobre o desaparecimento do cantor ao periódico. Quatro dias depois, o Jornal de Notícias faz nova menção a José Afonso, para dar conta da atribuição do seu nome a uma rua de Setúbal.

No que toca às efemérides, apenas o Diário de Notícias e o Jornal de Notícias as assinalaram, com uma peça cada um, no primeiro aniversário da sua morte. Registámos a existência de uma crónica de uma leitora no Diário de Notícias e uma notícia evocativa do seu falecimento no Jornal de Notícias, acompanhada de uma imagem, que recupera o trajeto profissional do cantor e as circunstâncias da sua morte, a par das homenagens que estavam previstas para aquele dia.

Na primeira década, o Correio da Manhã publica uma notícia onde destaca as comemorações que estão agendadas para aquele dia e recupera também um pouco da vida

e obra de José Afonso. Elenca, ainda, a sua discografia, com uma cronologia. Na data dos 20 anos após a morte do cantor, o Correio da Manhã coloca uma chamada com foto na sua primeira página, com o título “Zeca Afonso. Intervenção entregue a hip-hop”. Nas duas páginas interiores que dedica ao tema, o jornal fala sobre a nova geração de músicos e sobre como essa nova geração assume o papel interventivo na música que José Afonso teve nas décadas de 70 e 80. Uma das breves destaca ainda que o cantor morreu vítima de esclerose e o restante conteúdo é dedicado aos músicos de hip-hop da nova geração e ao paralelismo entre estes e a canção de intervenção de Zeca Afonso.

O Diário de Notícias faz na sua capa uma pequena chamada com foto, para as duas páginas que dedica a José Afonso, no dia em que se completam 10 anos da sua morte. O título escolhido foi “José Afonso: uma alma viva, dez anos depois da morte”. No interior encontramos cinco peças: duas notícias, uma biografia, uma cronologia e uma breve. O jornal aproveita, assim, para recordar a carreira do cantor, os marcos históricos do seu percurso na música e as homenagens em forma de álbum que lhe foram sendo feitas nos últimos anos. O conteúdo das notícias evoca ainda José Afonso pela voz de José Niza. Na segunda década após a morte de José Afonso, a efeméride é a foto de capa do Diário de Notícias, com o título “José Afonso 20 anos depois”. No interior encontramos duas páginas inteiras, compostas por três breves, uma notícia, uma cronologia e um artigo de opinião. O artigo é assinado pelo jornalista João Fonseca e recorda Zeca Afonso e o seu contributo para a música, sendo que esta reconstituição de quem ele foi é complementada pela sua cronologia. A notícia principal recolhe vozes de músicos contemporâneos para falar do legado de José Afonso e as breves abordam as alterações efetuadas ao Prémio José Afonso e os protestos que essas alterações geraram, a reedição da antologia do cantautor e as iniciativas de homenagem agendadas para aquele dia.

No Jornal de Notícias encontramos uma notícia, a uma coluna, sem qualquer imagem, sobre as comemorações dos 10 anos passados após a morte de Zeca Afonso que iriam decorrer na cidade de Setúbal. Passados os 20 anos passados da morte do cantor, o Jornal de Notícias é o único que não faz capa do acontecimento. No interior do jornal publica uma notícia sobre o legado de José Afonso, ouvindo alguns músicos que reiteram a importância do cantautor e antecipando o programa de homenagens que iria decorrer nesse dia. O diário publica ainda vozes de Carlos Tê, Janita Salomé e Mário Barreiros, que

recordam José Afonso, uma breve sobre as iniciativas de homenagem que estavam agendadas e uma cronologia da discografia do músico.

Os três jornais publicaram 25 fotografias para ilustrar as notícias publicadas sobre a morte de José Afonso.

O Correio da Manhã foi o que publicou menos imagens: encontrámos apenas duas imagens do cantor e uma imagem do seu caixão fechado, a ser transportado pelo público, no dia do funeral. Estes dados estão em linha com aquilo que foi o tratamento informativo do acontecimento por este jornal.

No Diário de Notícias foram publicadas 12 imagens, seis das quais são retratos. Entre as fotografias publicadas, uma mostra o corpo do cantor, dentro do caixão, no dia do velório. A fotografia foi tirada de um ângulo que não permite distinguir nitidamente a figura de José Afonso, mas é notório que se trata de um corpo morto dentro de um caixão. As restantes seis imagens dizem respeito às cerimónias fúnebres e mostram os anónimos e as figuras públicas que marcaram presença.

No Jornal de Notícias contabilizam-se dez fotografias a acompanhar as notícias sobre o falecimento de José Afonso. Destas, oito são imagens do artista em vida e duas retratam o seu funeral. De realçar que, à semelhança do Diário de Notícias, o Jornal de Notícias publica uma imagem de Zeca Afonso morto, dentro do caixão. Apesar de estar rodeado de pessoas, o rosto e perfil do corpo deitado são bem visíveis, ao contrário do que acontece no jornal concorrente.

1.6.3 Tabelas quantitativas

Correio da Manhã

Data	N. Páginas CM	N. peças CM	N. Imagens CM	Destaque Capa CM	Fotos Capa CM	Total pág. CM	Artigos CM	Biografia CM	Breve CM	Crónica CM	Cronologia CM	Editória CM	Entre vista CM	Foto- legenda CM	Inquérito CM	Notícia CM	Reportagem CM	Vozes CM
24-02-1987	1	3	2	s/ref	0	64	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0
25-02-1987	1	1	1	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
26-02-1987	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
27-02-1987	0	0	0	s/ref	0	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
28-02-1987	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

01-03-1987	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
02-03-1987	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
03-03-1987	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
04-03-1987	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
05-03-1987	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
06-03-1987	0	0	0	s/ref	0	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23-03-1987	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23-08-1987	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23-02-1988	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23-02-1997	1	2	1	s/ref	0	36	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0
23-02-2007	3	12	8	Chamada	1	52	0	0	6	0	0	0	0	0	0	1	0	5

Diário de Notícias

Data	N. Páginas DN	N. peças DN	N. Imagens DN	Destaque Capa DN	Fotos Capa DN	Total pág. DN	Artigos DN	Biografia DN	Breve DN	Crónica DN	Cronologia DN	Editória DN	Entrevista DN	Fotolegenda DN	Inquérito DN	Notícia DN	Reportagem DN	Vozes DN
24-02-1987	3	5	6	Chamada	1	52	1	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1
25-02-1987	4	4	4	Chamada	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	1	0
26-02-1987	0	0	0	s/ref	0	24	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
27-02-1987	0	0	0	s/ref	0	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
28-02-1987	1	1	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
01-03-1987	3	3	1	s/ref	0	36	3	0	0	5	0	0	0	0	0	0	0	0
02-03-1987	0	0	0	s/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
03-03-1987	3	3	1	s/ref	0	44	2	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
04-03-1987	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
05-03-1987	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

06-03-1987	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23-03-1987	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23-08-1987	0	0	0	s/ref	0	32	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23-02-1988	1	1	0	s/ref	0	56	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
23-02-1997	3	5	11	Chamada	1	56	0	1	1	0	1	0	0	0	0	2	0	0
23-02-2007	1	6	5	Fotocapa	1	48	1	0	3	0	1	0	0	0	0	1	0	0

Jornal de Notícias

Data	N. Páginas JN	N. peças JN	N. Imagens JN	Destaque Capa JN	Fotos capa JN	Total pág. JN	Artigos JN	Biografia JN	Breve JN	Crónica JN	Cronologia JN	Editória JN	Entrevista JN	Fotolegenda JN	Inquérito JN	Notícia JN	Reportagem JN	Vozes JN
24-02-1987	3	7	6	Manchete	1	36	0	1	2	0	0	0	0	0	0	4	0	0
25-02-1987	2	6	4	Chamada	1	36	0	0	1	0	0	0	0	1	0	3	1	0
26-02-1987	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
27-02-1987	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
28-02-1987	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
01-03-1987	1	1	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
02-03-1987	0	0	0	s/ref	0	36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
03-03-1987	0	0	0	s/ref	0	28	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
04-03-1987	0	0	0	s/ref	0	32	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
05-03-1987	0	0	0	s/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
06-03-1987	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23-03-1987	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23-08-1987	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23-02-1988	1	1	1	s/ref	0	36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
23-02-1997	1	1	0	s/ref	0	84	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0

23-02-2007	2	4	2	s/ref	0	64	0	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	1
------------	---	---	---	-------	---	----	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

1.6.4 Marcas de subjetividade

Correio da Manhã	Diário de Notícias	Jornal de Notícias
<p>“Ninguém deve pôr luto por ele. O próprio cantor o pediu. E não custará respeitar esse pedido, porque de facto a morte de Zeca Afonso não «mata» a magnífica obra do artista e do homem que, através da música, sempre teve coragem de lutar por aquilo que achava justo (...) uma voz portentosa e ímpar (...) importante figura da música mais próxima do coração do povo” (“Morte para Zeca Afonso mas fica a sua voz”, 1987, 24 de fevereiro, p.57).</p>	<p>“figura de lutador por ideais de justiça social” (“A última homenagem a Zeca Afonso”, 1987, 24 de fevereiro, p. 1).</p>	<p>“referência da música popular portuguesa (...) reconhecimento generalizado da sua importância como compositor e intérprete” (“Uma obra de mais de 40 anos”, 1987, 24 de fevereiro, p. 6-7).</p>
<p>“homem que, independentemente da sua coloração política, muito ofereceu à música popular portuguesa” (“Milhares de portugueses despedem-se de Zeca Afonso”, 1987, 25 de fevereiro, p. 14).</p>	<p>“grande cantor e compositor que foi José Afonso (...) a sua obra não foi em vão (...) viveu com a dignidade dos que lutam pela sua verdade (...) excelente voz (...) aquele que com tanta força e coragem viveu a vida (...) se outra [vida] há (houver), Zeca Afonso, nesta, cumpriu a sua missão” (“Zeca Afonso vai hoje a enterrar”, 1987, 24 de fevereiro, p. 20-21).</p>	<p>“Voz (e memória) de Zeca é mais livre no país vizinho”. (“Espanha não esperou que o poeta morresse para o coroar”, 1987, 25 de fevereiro, p. 8).</p>
	<p>“a Academia de Coimbra tentou assim redimir o esquecimento em que, sem quaisquer escrúpulos, o manteve, enquanto viveu (...) a câmara esperou pela sua morte para pregar o seu nome numa rua da cidade (...) o jornal da terra nem uma foto do José Afonso publicou . Não fora a decisão camarária e não teria título para a notícia – assim arranjou duas colunas na primeira página” (“Nome do cantor numa rua de Coimbra”, 1987, 25 de fevereiro, p. 12-13).</p>	<p>“um nome que não mais se esquecerá depois de morto, mas que, infelizmente, muito maltratado foi em vida (...) vontade e resistência de Zeca Afonso (...) homem que marcou, quer queiramos quer não, este país que é Portugal” (“Foi-se o ser e ficou a memória”, 1988, 23 de fevereiro, p. 34).</p>
	<p>“obra de José Afonso como uma das mais importantes da nossa história (...) uma das mais vivas forças da música popular portuguesa (...) voz canta tão lúcida e actual (...) importante legado (...)discos inesquecíveis (...) postura moderna (...) uma alma activa e estimulante que continua a influenciar novos criadores” (“O inventor de uma música «moderna””, 1997, 23 de fevereiro, pp. 38-39).</p>	<p>“referência de liberdade e de inspiração” (“Dez anos de liberdade em silêncio”, 1997, 23 de fevereiro, p. 11).</p>

	<p>“Os consensos nunca foram o ponto forte de Zeca Afonso, mas, 20 anos cumpridos sobre a sua morte, o reconhecimento sobre a importância da obra que legou aproxima-se precisamente daquele grau pleno de aceitação que o autor de “Filhos da Madrugada” sempre considerou pernicioso, devido ao risco de inebriar os autores e afastá-los do que realmente importa (...) o quase unanimismo que rodeia a obra do cantor e compositor nascido em Aveiro – cidade que praticamente ignora a efeméride hoje assinalada – encontra um indicador exemplar no número de localidades que aderiram à data” (“Zeca disperso pelo país”, 2007, 23 de fevereiro, p. 34).</p>	
	<p>“A sua vasta obra é um dos mais fundamentais tesouros da história da música popular portuguesa” (“Discografia seleccionada”, 2007, 23 de fevereiro, p. 35).</p>	

1.7 Carlos Paião

1.7.1 Biografia

Intérprete, instrumentista, produtor e compositor, Carlos Manuel Marques Paião nasceu em Coimbra a 1 de novembro de 1957, filho de Carlos Manuel Teles Paião, oficial náutico, e Ofélia Maria Machado Marques, professora primária, e viveu a sua infância em Ílhavo. Fez os dois primeiros anos da instrução primária na Escola Primária Masculina de Ílhavo e em 1964 a família mudou-se para Lisboa, onde frequentou a Escola Primária dos Salesianos, no Estoril, tendo ali terminado a instrução primária. Além da formação básica, Carlos Paião teve aulas de acordeão, mas a professora desistiu porque o aluno tocava as músicas de ouvido e não olhava para as pautas (Paula, 2011: p.21).

Em 1966, com 8 anos de idade, escreveu a sua primeira quadra, “Aveiro” e, um ano depois, a sua primeira composição musical, “Ainda sou um Rapaz”. Fez o 1.º e o 2.º anos no Liceu Nacional de Oeiras e do 3.º ao 7.º ano frequentou o Liceu de São João do Estoril, altura em que aprendeu a tocar guitarra clássica com um amigo (Paula, 2011: p.22).

Em 1974 cumpriu um ano de serviço cívico no Hospital de Cascais e um ano depois ingressou no curso de Medicina, na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa. Quatro anos mais tarde apresentou-se na RDP Centro a cantar e a tocar piano e enviou algumas das suas composições para a Valentim de Carvalho, mas quem os recebeu não gostou (Paula, 2011: p.28). Entretanto, o primo de Carlos Paião, o letrista Manuel Paião, pediu a Mário Martins, editor da Valentim de Carvalho, que ouvisse os temas do cantor. O responsável contactou Carlos Paião, que acabou por assinar contrato com a EMI-Valentim de Carvalho em 1978. Nesse mesmo ano, a 15 de dezembro, venceu o VI Festival da Canção de Ílhavo com o tema “Canto de Guerra”, melhor letra, música e interpretação (Paula, 2011: p.33).

No natal do ano seguinte António Mourão grava dois dos seus temas, “Fado Reguila” e “É Natal (tem de haver tempo para amar)”. Em 1980 a cantora Ana interpreta outro dos seus temas, “Férias no Tahiti”, no programa de televisão “Eu Show Nico”. Nesse mesmo ano Carlos Paião participa na segunda eliminatória do XVI Festival RTP da Canção com o tema “Amigos, eu Voltei” e compôs os temas “Eu Já Namoro” e “O Meu Avozinho”, que Pedro Couceiro interpretou na III Gala dos Pequenos Cantores da Figueira da Foz. O primeiro tema venceu o prémio de melhor letra (Paula, 2011: pp.41-42).

Em 1981 Carlos Paião edita o seu primeiro disco, um single com dois temas: “Souvenir de Portugal” e “Eu Não Sou Poeta”. Nesse mesmo ano venceu o XVII Festival RTP da Canção com o tema “Play-Back” e representou Portugal na Eurovisão, em Dublin, tendo alcançado o 18.º lugar. 1981 foi também o ano em que casou com a sua namorada de infância, Zaida Cardoso, a 28 de março na Igreja de São Domingos de Rana, com quem namorava desde os 14 anos. A lua-de-mel do casal foi passada em Dublin, inserida na viagem de Paião à Eurovisão.

No ano seguinte Carlos Paião voltou à competição nacional do festival da canção como letrista. Cândida Branca Flor interpretou o tema “Trocas e Baldrocas”, mas terminou em segundo lugar. Também em 1982 Amália Rodrigues gravou um maxi-single da autoria de Carlos Paião, com os temas “O Senhor Extraterrestre” e “O Amigo Brasileiro” (Paula, 2011: p.73). O primeiro álbum de longa duração de Carlos Paião é editado em 1982, composto por dez temas originais, e chamou-se “Algarismos” (Paula, 2011: p.81).

Carlos Paião voltou a concorrer ao Festival RTP da Canção em 1983, em dueto com Cândida Branca Flor, com o tema “Vinho do Porto”, que alcançou o 4.º lugar. No ano seguinte o tema da sua autoria “Trocas e Baldrocas”, gravado pelos Harmony Cats, fez parte da banda sonora da telenovela brasileira “Transas e Caretas”. Licenciou-se pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa em 1984, mas nunca chegou a exercer a profissão, apesar de ter realizado, no âmbito do curso, trabalhos na Maternidade Alfredo da Costa e nos hospitais de São José, Egas Moniz e Pulido Valente (Paula, 2011: pp.94-95).

Em 1984, enquanto autor, o seu tema “Marcha do Castelo” ficou em 3.º lugar no concurso das Marchas Populares de Lisboa e a música “Namorada”, interpretada por Herman José, alcançou o segundo posto no Festival da Canção Slanchev Briag, na Bulgária. No mesmo ano venceu o Festival da Canção Portuguesa de Temática Histórica, na Figueira da Foz, com “Pro fides, pro pátria, pro regis” (Paula, 2011: p.116).

Em 1985 é editado o primeiro disco da coleção “O Melhor de...”, da Valentim de Carvalho, com 14 temas de Carlos Paião. O cantor participou ainda no Festival da Canção de Lisboa com o tema “Pecado Capital”, depois gravado por António Sala, e na VII Gala dos Pequenos Cantores da Figueira da Foz, com a canção “Dias de Festa”, interpretada por Nuno Miguel.

No ano seguinte participa no XV Festival da Canção Popular de Tóquio com a música “Lá Longe Senhora” e integra o júri do concurso da RTP “Com Pés e Cabeça” (Paula, 2011: pp.121; 129).

Entre 1981 e 1988, Carlos Paião editou dois álbuns de originais e treze singles, entre os quais “Cinderela”, “Vinho do Porto (vinho de Portugal)”, “Arco-Íris”, “Versos de Amor”, “Cegonha”, “Play-Back”, “Marcha do Pião das Nicas” e “Pó de Arroz”. O segundo disco de longa duração, “Intervalo”, foi editado em 1988 e era composto por dez músicas originais (Paula, 2011: p.105).

Além da atividade como intérprete, Carlos Paião foi também um reconhecido letrista. Cândida Branca Flor foi a cantora que mais canções suas interpretou, mas o compositor escreveu também para Alexandra, Amália Rodrigues, Ana, António Sala, Cândida Branca Flor, Herman José, Joel Branco, Lenita Gentil, Mísia, Nuno da Câmara Pereira e Pedro Couceiro, entre outros.

Para televisão Carlos Paião escreveu as canções interpretadas por Serafim Saudade, personagem de Herman José no programa Hermanias de 1984 e para a personagem de José Estebes, também interpretada por Herman José, no programa de 1988 Humor de Perdição. Juntamente com António Sala e Luís Arriaga assinou a autoria do programa “O Foguete”, em 1983, que teve treze emissões semanais (Paula, 2011: p.88). As suas últimas participações em televisão aconteceram em 1988 no programa infantil Roque & Role e no Piano Bar, apresentado por Simone de Oliveira.

Carlos Paião morreu no dia 26 de Agosto de 1988, a caminho de um espetáculo em Penalva do Castelo. O carro onde seguia embateu num camião que seguia em sentido contrário, causando a morte de mais um ocupante da viatura. O cantor morreu no dia em que se deu o grande incêndio do Chiado, que consumiu os armazéns situados naquela zona da baixa lisboeta.

Em 1992 o programa Sons do Sol, de Júlio Isidro, prestou uma homenagem a Carlos Paião reunindo vários músicos que com ele trabalharam (Paula, 2011: p.146). Em 2010 o Teatro Experimental de Cascais organizou uma exposição com peças do espólio do cantor (*idem*). Depois da sua morte foram editados os discos “Carlos Paião” (1993), “Os Singles”, “Carlos Paião: grandes êxitos”, “Carlos Paião – letra e música – 15 anos depois” (2003), “As Canções de Carlos Paião” e “Perfil” (2007). Saíram ainda álbuns com versões dos seus temas, entre os quais constam “Casa Branca”, de Dulce Guimarães, e “Tributo a Carlos Paião”, com a participação de Rui Veloso, Tiago Bettencourt e Pólo Norte, entre vários outros artistas (Paula, 2011: pp.183-192).

1.7.2 Análise

A morte de Carlos Paião mereceu uma chamada em cada uma das capas dos jornais, no dia seguinte à sua morte, a 27 de agosto de 1988.

O Correio da Manhã faz uma chamada com foto, no fundo da página, com o título: “Carlos Paião morreu num choque de carros perto de Rio Maior”.

No Diário de Notícias encontramos uma chamada a uma coluna, também com uma imagem do cantor, e com o título: “Carlos Paião morre aos 31 anos”.

Também o Jornal de Notícias publica uma chamada a uma coluna, acompanhada por uma imagem. O título diz: “Carlos Paião – o fim triste de um cantor alegre”.

No dia a seguir ao falecimento de Carlos Paião, 27 de agosto de 1988, o Correio da Manhã, Diário de Notícias e Jornal de Notícias mencionaram o acontecimento, num total de seis páginas: duas em cada um dos jornais. Ao todo foram quatro peças e seis fotografias.

Além da capa, o Correio da Manhã dedica pouco mais de meia página ao falecimento de Carlos Paião. O texto noticioso, uma biografia, relata alguns dados sobre o acidente que vitimou o cantor, fruto de declarações prestadas pela GNR, mas o enfoque está na evocação da sua trajetória profissional enquanto cantor. O artigo vem acompanhado por uma imagem de Carlos Paião. Na mesma página encontramos outras notícias sobre acidentes, incêndios e furtos.

Apesar do equilíbrio entre todos, o Diário de Notícias é o jornal que dedica menos espaço à notícia da morte de Carlos Paião. Em cerca de um quarto de página relata o acidente, menciona a carreira do cantor e dá voz a alguns testemunhos que elogiaram a figura recentemente desaparecida. O texto é uma notícia e foi ilustrado com uma imagem. À semelhança do Correio da Manhã, o Diário de Notícias também dá conta das circunstâncias do acidente, recorrendo à versão da GNR, seguindo com o resumo dos momentos mais relevantes da carreira de Carlos Paião. No final da notícia foram ouvidos o Sindicato das Artes e Espectáculos, a artista Magda Cardoso e a fadista Amália Rodrigues.

No Jornal de Notícias são publicadas duas notícias sobre a morte de Carlos Paião: uma biografia e uma breve. O conteúdo da biografia versa, igualmente, sobre as circunstâncias da morte, com base nas declarações da GNR, mas o destaque principal é a carreira do músico. No final da biografia o Jornal de Notícias acrescenta as declarações das mesmas personalidades que o Diário de Notícias publicou: o Sindicato das Artes e Espectáculos, a artista Magda Cardoso e a fadista Amália Rodrigues. O facto de esta parte do texto ser exatamente igual leva-nos a concluir que se trata de uma informação veiculada através da Agência Lusa. O jornal realça, ainda, numa breve, as condolências enviadas pelo governo e pelo Presidente da República, Mário Soares. Os textos são acompanhados por uma imagem de Carlos Paião no Festival da Canção.

Nos dias que se seguiram à notícia do seu falecimento – 28 de agosto a 6 de setembro de 1988 – o cantor figurou em duas páginas dos jornais analisados, num total de dois textos e duas imagens.

O Correio da Manhã faz a cobertura do funeral de Carlos Paião, descrevendo o ambiente e as personalidades presentes, num tom afastado da reportagem e mais próximo da notícia. São destacados alguns detalhes, como o facto de o funeral ter lugar na mesma igreja onde Carlos Paião casou ou ainda o contributo que o cantor deu para as obras de restauração do templo. No mesmo texto o Correio da Manhã relembra novamente a carreira do cantor e as circunstâncias da sua morte. O artigo é acompanhado por duas imagens.

Também no Jornal de Notícias o artigo publicado diz respeito ao funeral de Carlos Paião. No entanto, face à peça diminuta (uma breve de dois parágrafos) e ausência de imagem, parece-nos que o jornal não esteve no local e limitou-se a constatar que as cerimónias fúnebres aconteceram e que foram muitas as personalidades presentes. O texto é bastante genérico e refere a igreja onde decorreu a cerimónia e a lista de personalidades presentes.

Quanto às efemérides, apenas o Correio da Manhã assinalou a data do primeiro aniversário da morte de Carlos Paião. O periódico aproveita o dia que assinala um ano desde a morte do cantor, para fazer uma biografia e recordar a carreira de Paião, num texto acompanhado por uma imagem da personalidade.

Após a morte de Carlos Paião, os três jornais analisados publicaram um total de oito fotografias a acompanhar as peças noticiosas sobre o acontecimento.

O Correio da Manhã optou por utilizar duas imagens de Carlos Paião em vida e publicou ainda duas fotografias do funeral do cantor, nas quais vemos o caixão a sair da igreja e a consternação das personalidades presentes.

Os retratos publicados pelo Diário de Notícias e pelo Jornal de Notícias são todos de Carlos Paião em vida.

1.7.3 Tabelas quantitativas

Correio da Manhã

Data	N. Páginas CM	N. peças CM	N. Imagens CM	Destaque Capa CM	Fotos Capa CM	Total pág. CM	Artigos CM	Biografia CM	Breve CM	Crónica CM	Cronologia CM	Editorial CM	Entrevista CM	Foto-legendas CM	Inquérito CM	Notícia CM	Reportagem CM	Vozes CM
27-08-1988	2	1	2	Chamada	1	56	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
28-08-1988	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
29-08-1988	1	1	2	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0

30-08-1988	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
31-08-1988	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
01-09-1988	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
02-09-1988	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
03-09-1988	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
04-09-1988	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
05-09-1988	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
06-09-1988	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26-09-1988	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26-02-1989	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26-08-1989	1	1	1	s/ref	0	56	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26-08-1998	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26-08-2008	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Diário de Notícias

Data	N. Páginas DN	N. peças DN	N. Imagens DN	Destaque Capa DN	Fotos Capa DN	Total pág. DN	Artigos DN	Biografia DN	Breve DN	Crónica DN	Cronologia DN	Editorial DN	Entrevista DN	Fotolegenda DN	Inquérito DN	Notícia DN	Reportagem DN	Vozes DN
27-08-1988	2	1	2	Chamada	1	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
28-08-1988	0	0	0	S/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
29-08-1988	0	0	0	S/ref	0	84	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
30-08-1988	0	0	0	S/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
31-08-1988	0	0	0	S/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
01-09-1988	0	0	0	S/ref	0	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
02-09-1988	0	0	0	S/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
03-09-1988	0	0	0	S/ref	0	92	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

04-09-1988	0	0	0	S/ref	0	152	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
05-09-1988	0	0	0	S/ref	0	80	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
06-09-1988	0	0	0	S/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26-09-1988	0	0	0	S/ref	0	104	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26-02-1989	0	0	0	S/ref	0	140	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26-08-1989	0	0	0	S/ref	0	100	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26-08-1998	0	0	0	S/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26-08-2008	0	0	0	S/ref	0	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Jornal de Notícias

Data	N. Páginas JN	N. peças JN	N. Imagens JN	Destaque Capa JN	Fotos capa JN	Total pág. JN	Artigos JN	Biografia JN	Breve JN	Crónica JN	Cronologia JN	Editorial JN	Entrevista JN	Fotolegenda JN	Inquérito JN	Notícia JN	Reportagem JN	Vozes JN
27-08-1988	2	2	2	Chamada	1	48	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
28-08-1988	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
29-08-1988	1	1	0	s/ref	0	40	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
30-08-1988	0	0	0	s/ref	0	28	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
31-08-1988	0	0	0	s/ref	0	30	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
01-09-1988	0	0	0	s/ref	0	36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
02-09-1988	0	0	0	s/ref	0	36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
03-09-1988	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
04-09-1988	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
05-09-1988	0	0	0	s/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
06-09-1988	0	0	0	s/ref	0	36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26-09-1988	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26-02-1989	0	0	0	s/ref	0	76	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

26-08-1989	0	0	0	s/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26-08-1998	0	0	0	s/ref	0	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26-08-2008	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

1.7.4 Marcas de subjetividade

Correio da Manhã	Diário de Notícias	Jornal de Notícias
“era, sem dúvida, um dos compositores com mais jeito para criar a ligação entre a música e a letra (...) era um letrista notável” (“Carlos Paião morre em acidente de viação”, 1988, 27 de agosto, p. 18).	“popular artista” (“Morreu o cantor Carlos Paião”, 1988, 27 de agosto, p. 21).	“grande êxito (...) sobressaía sempre o seu bom humor (...) a sorte foi madrasta” (“Carlos Paião: fim triste de um cançonetista bem-disposto”, 1988, 27 de agosto, p. 47).
“presença descontraída (...) um dos nomes mais queridos do panorama artístico nacional” (“Muitos populares no adeus a Carlos Paião”, 1988, 28 de agosto, p. 14).		
“Magro, tímido, nervoso, optimista” (“Carlos Paião deixou-nos há um ano”, 1988, 26 de agosto, p. 50).		

1.8 Miguel Torga

1.8.1 Biografia

Adolfo Correia da Rocha nasceu a 12 de agosto de 1907 em São Martinho da Anta, uma aldeia de Sabrosa, no distrito de Vila Real, Trás-os-Montes, no seio de uma família rural. Em 1913 começou a frequentar a escola primária em São Martinho da Anta, concluindo este grau de ensino em 1917 e tendo sido enviado para o Porto, onde serviu de criado em casa da família Correia de Barros, mas conseguiu forçar o seu despedimento e voltou à terra natal (Moreiro, 2001: p.42).

Adolfo Rocha estudou também no Seminário de Lamego, onde ingressou em 1918, por decisão do pai, mas abandonou-o um ano depois (Moreiro, 2001: p.45). Em 1920 emigra para o Brasil e vai viver para a fazenda de Santa Cruz, em Minas Gerais, aos cuidados de um tio. Naquele país foi capinador, apanhador de café, vaqueiro e caçador de cobras. Foi lá também que escreveu os seus primeiros versos (Moreiro, 2001: p.52). Regressa a Portugal em 1925 e ingressa no liceu em Coimbra, tendo completado sete anos de ensino em três anos letivos. Em 1928 Adolfo Rocha inicia os seus estudos na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

É durante os seus anos de estudante que começa a escrever poesia e em 1928 publica o seu primeiro livro, “Ansiedade”, uma colectânea de sonetos e canções. Ao mesmo tempo colaborava já com a revista “Presença”, mas em 1930 termina esta colaboração e funda, juntamente com Branquinho da Fonseca, a revista “Sinal”, que teve apenas um número publicado. É nesse mesmo ano que publica o livro “Rampa” (Moreiro, 2001: p.85). Durante os tempos de estudante Adolfo Rocha combatia a praxe e vivia na república Estrela do Norte. As suas publicações denunciavam o anarquismo e dedica-se às publicações panfletárias para denunciar um sistema que considera injusto (*idem*).

Em 1933 Adolfo Rocha termina a licenciatura em Medicina e vai exercer a profissão em São Martinho da Anta e Vila Nova (Moreiro, 2001: p.293). Por esta altura já tinha lançado os livros “Tributo” (1931) e “Pão Ázimo” (1932). Um ano depois publica o livro de prosa “A Terceira Voz”, em cuja capa figura já o nome Miguel Torga, que decidira adotar como pseudónimo para a sua atividade literária (*idem*). O nome Miguel é uma homenagem aos escritores Miguel de Molinos, Miguel de Cervantes e Miguel Unamuno. Já o apelido Torga remonta às suas raízes transmontanas, pois é o nome de uma planta que povoa as encostas de Trás-os-Montes (Moreiro, 2001: p.106). Em 1936, juntamente com Albano Nogueira, Torga funda a revista “Manifesto”, que teve cinco edições publicadas. É também em 1936 que é editado “O Outro Livro de Job”, considerado “um dos mais significativos livros de poemas que se publicaram na Europa no século XX” (Gonçalves, 1998: p.89). Um ano mais tarde o médico especializa-se em otorrinolaringologia e abre um consultório em Leiria.

Na revista Manifesto publicam-se textos contestatários da ação de Franco, em Espanha, e críticos do fuzilamento de Frederico García Lorca (Moreiro, 2001: p.294). Miguel Torga publica então, em 1937, o primeiro volume de “A Criação do Mundo” e, no ano seguinte, “O Terceiro Dia”, que continha “constantes e violentas alusões ao carácter fascista da Frente Nacionalista e do seu já incontestado líder, Francisco Franco” (Gonçalves, 1998: p.91). O livro foi apreendido e a 30 de Novembro Miguel Torga é preso em Leiria, tendo sido transferido para a prisão política do Aljube a 6 de Dezembro. Sai da cadeia em Fevereiro de 1940, abre um consultório na cidade de Coimbra e casa com a professora e lusófila belga Andrée Crabbé (Moreiro, 2001: p.296). Em 1940 e 1941 publica dois dos seus livros mais emblemáticos, respetivamente “Bichos” e “Contos da Montanha”, este último apreendido pela Censura e que se editou apenas no Brasil até 1969 (Moreiro, 2001:

p.297). São entretanto editadas as obras “Um Reino Maravilhoso” (1941) e o primeiro volume de “Diário” (1941). Também em 1941 sai o seu primeiro volume de teatro, “Terra Firme”, e um ano mais tarde o seu segundo livro de contos, “Rua”. Em 1943 são lançados os livros “Lamentação”, “O Senhor Ventura” e “Diário II”, seguidos, um ano depois, por “Libertação” e “Novos Contos da Montanha”. Em 1945 Miguel Torga publica o seu único romance, “Vindima”, e um ano mais tarde o livro de poema “Odes” e o terceiro volume de “Diário”.

As publicações de Torga sucedem-se, com destaque para o “Diário IV” em 1949, “Portugal” em 1950, “Diário V” em 1951, “Alguns Poemas Ibéricos”, em 1952, “Diário VI”, em 1953, “Penas do Purgatório”, em 1954, “Traços de União”, em 1955, “Diário VII”, em 1956, “Orfeu Rebelde”, em 1958, “Diário VIII”, em 1959, este último apreendido pela censura.

Em 1955 nasce a sua única filha, Clara Crabbé Rocha e, em 1960, Miguel Torga é proposto, pela primeira vez, ao Prémio Nobel da Literatura, por indicação de Jean-Baptiste Aquarone, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Montpellier e antigo docente da Universidade de Coimbra. Os intelectuais portugueses da época apoiavam Aquilino Ribeiro, mas o prémio acaba por não ser entregue a nenhum dos dois (Moreiro, 2001: pp.300-301). Nos anos que se seguiram Miguel Torga continua a publicar, com destaque para as obras “Câmara Ardente” (1962), “Diário IX” (1964), “Poemas Ibéricos” (1965) e “Diário X” (1968).

Em 1969 recebe o Prémio Literário do Diário de Notícias e, em 1973, sai o 11.º volume de “Diário”. Em Junho de 1976 recebeu em Bruxelas o Grande Prémio Internacional de Poesia da XII Bienal de Knokke-Heist e no ano seguinte Miguel Torga publica “Diário XII”. Dois anos mais tarde é novamente proposto ao Prémio Nobel, que voltou a não receber, e no final desse ano comemora os seus 50 anos de carreira com uma homenagem nacional na Fundação Calouste Gulbenkian, a cargo da Secretaria de Estado da Cultura (Moreiro, 2001: p.304). Em 1980 Torga recebe o Prémio Morgado de Mateus, ex-áqueo com Carlos Drummond de Andrade, e o livro “Sexto Dia da Criação do Mundo” é editado em 1981, ano da distinção com o Prémio Montaigne. Dois anos mais tarde é editado o 13.º volume do seu “Diário”, seguindo-se o 14.º volume em 1987. Miguel Torga recebeu, em 1989, o Prémio Camões, e um ano depois publica o 15.º volume do “Diário”. Em 1991 é proposto pela terceira e última vez para Prémio Nobel da Literatura, desta vez pela

Associação Portuguesa de Escritores, mas voltou a não ser laureado com a distinção (Moreiro, 2001: p.306).

Em 1992 o escritor recebe o Prémio Vida Literária da Associação Portuguesa de Escritores e um ano mais tarde lança o 16.º e último volume do seu “Diário”, a sua 55.ª publicação. Miguel Torga morreu a 17 de janeiro de 1995, no Hospital Oncológico de Coimbra, onde permanecia há cinco meses (Moreiro, 2001: p.280). Tinha 87 anos de idade e faleceu vítima de cancro. Foi sepultado sem qualquer cerimónia religiosa na campa da sua família, no cemitério de São Martinho da Anta, junto à qual foi plantada uma torga.

1.8.2 Análise

No dia seguinte à morte de Miguel Torga, 18 de janeiro de 1995, o acontecimento mereceu espaço na primeira página do Correio da Manhã, Diário de Notícias e Jornal de Notícias.

O Correio da Manhã coloca uma pequena chamada com foto na sua capa, onde se pode ler o título “Torga entrou na eternidade”.

Na primeira página do Diário de Notícias encontramos uma chamada lateral a duas colunas, com uma foto do escritor e o título “Miguel Torga: calou-se a palavra insubmissa”, acompanhado por um pequeno texto introdutório onde se lê o local do funeral.

Por sua vez, o Jornal de Notícias faz manchete com a morte do escritor. Abaixo do título “Miguel Torga – a última página de um longo diário”, o jornal coloca uma imagem de Torga.

Só o Jornal de Notícias voltou a referenciar Miguel Torga na sua primeira página, no período de dez dias após ter sido noticiado o seu falecimento. A foto de capa consagrada à personalidade é publicada no dia após o funeral, com o título “S. Martinho de Anta fez as exéquias nacionais a Miguel Torga” e uma imagem das cerimónias fúnebres.

Das 45 edições analisadas, aquela que se publicou no dia seguinte à morte de Miguel Torga, 18 de janeiro de 1985, deu origem a 12 artigos, que figuraram em oito páginas dos periódicos. Foram publicadas 17 imagens alusivas ao acontecimento.

Além da capa, o Correio da Manhã dedicou uma página inteira à notícia da morte de Miguel Torga. O conteúdo noticioso destaca a biografia do escritor, um texto extenso que

começa por falar sobre as circunstâncias da morte e o local do funeral e dedica-se depois à reconstrução do trajeto literário de Miguel Torga. Ao lado encontramos uma notícia com testemunhos sobre o desaparecimento do escritor, de personalidades do mundo da política (António Arnauth e Mário Soares) e do mundo da cultura (Sophia de Mello Breyner, António Gedeão e Manuel Alegre). A acompanhar os textos o jornal publica duas imagens, uma das quais é um desenho de Torga entre Cervantes e Unamuno, duas das suas referências literárias.

O Diário de Notícias é o jornal que faz a cobertura mais ampla da morte de Miguel Torga, com três páginas inteiras de texto a abrir o jornal, além da primeira página, onde figuram 10 fotografias. Ao longo de sete artigos (três biografias, uma breve, uma cronologia e vozes) o periódico recorda a vida e a obra de Miguel Torga. As três biografias publicadas descrevem o homem Miguel Torga, enumerando algumas das suas características, e abordam a questão do Nobel, prémio para o qual foi indicado três vezes e que nunca recebeu. A carreira do escritor também é recordada através da cronologia onde se enumeram todas as suas obras, tendo ainda sido publicado o excerto de um dos seus poemas, “Requiem por Mim”. De destacar a extensão das biografias do escritor, que ocupam duas páginas inteiras, denotando a vontade do jornal em dar conta do preenchido percurso profissional da personalidade, bem como o facto de ser uma morte esperada. Foram ainda publicadas as vozes de 18 personalidades, cujas reações de pesar se fizeram ouvir de vários quadrantes da sociedade. Assim, encontramos figuras da política, entre as quais o Presidente da República e o primeiro-ministro, do mundo das artes e das relações pessoais de Miguel Torga.

O Jornal de Notícias ocupa uma página inteira com Miguel Torga, além da capa do jornal, num total de quatro imagens e três artigos. Apesar de o espaço ser o mesmo, o destaque é maior do que no Correio da Manhã, na medida em que as páginas daquele jornal têm um formato mais reduzido (cerca de metade do tamanho das páginas do Jornal de Notícias). Encontramos uma biografia, uma cronologia e uma notícia, onde o principal destaque é a vida e obra de Miguel Torga. O Jornal de Notícias preocupa-se ainda em relatar alguns episódios relacionados com a saúde do escritor, no âmbito da biografia publicada. A cronologia, que elenca as obras do autor, ajuda a reconstruir o seu trajeto profissional. Na notícia publicada pelo periódico são ouvidas onze personalidades do setor da literatura, portuguesas e estrangeiras, quatro responsáveis por instituições ligadas à vida literária, o

Presidente da República, o presidente da Assembleia da República e o primeiro-ministro. Esta notícia fornece ainda os detalhes das cerimónias fúnebres do dia seguinte.

Olhando agora para os 10 dias que sucederam à notícia do falecimento do escritor, 19 a 28 de janeiro de 1995, encontramos 20 páginas com referências a Torga. Ao todo, são 22 peças e 11 imagens.

Nos dez dias após a notícia da morte de Miguel Torga, o Correio da Manhã publica referências a Miguel Torga em quatro páginas de quatro das suas edições, o que representa uma percentagem de 1% do total das páginas das dez edições analisadas. Este espaço traduz-se num total de seis peças: três notícias e três breves, acompanhadas por apenas uma imagem. O dia a seguir ao funeral é aquele que congrega metade destas peças noticiosas, com a cobertura das cerimónias fúnebres, as reações de consternação e ainda a subida de preços da sua obra literária após a morte. Neste dia o Correio da Manhã dá conta do funeral da véspera, com pouca descrição do ambiente vivido e uma peça essencialmente assente no que disseram algumas das personalidades presentes. De facto, o texto publicado não é uma reportagem, estando mais próximo da categoria de notícia, pelo que após dar voz às personalidades presentes no funeral, esse mesmo texto refere a homenagem que na véspera havia decorrido no Parlamento Europeu e dá conta também das mensagens de condolências do Presidente da República, do primeiro-ministro, do procurador-geral da república, do presidente da Assembleia da República, do presidente da comissão política distrital de Coimbra do PSD e de entidades ligadas ao sector literário. Finaliza com as reações internacionais, citando as agências de notícias EFE e AP, sendo que abaixo encontra-se outra notícia composta apenas pelas mensagens de condolências de escritores estrangeiros. A imagem que acompanha o texto do funeral (Miguel Torga em vida) reforça a ideia de que o jornal poderá não ter estado no funeral e o texto poderá ser de uma agência noticiosa, misturado com alguns testemunhos que o jornal teria recolhido ainda em Coimbra. Fica, pois, a dúvida sobre se o Correio da Manhã acompanhou o cortejo fúnebre até São Martinho da Anta. Nos dias que se seguem, o periódico faz menção a Miguel Torga a propósito da repercussão do seu desaparecimento em jornais estrangeiros e do luto nacional decretado pelo governo. Refere ainda a atribuição do nome do escritor a uma rua em Beja.

O Diário de Notícias continua a falar sobre a morte de Torga em quatro edições, além daquela em que se noticiou a sua morte. O jornal menciona o escritor em oito páginas, ou

seja, 1,19% do espaço total destas dez edições, e publica dez artigos (duas crónicas, duas notícias, duas breves, uma reportagem, um artigo de opinião, uma entrevista e uma foto-legenda), acompanhados por quatro fotografias. O funeral de Miguel Torga dá direito a duas páginas inteiras ocupadas com a reportagem das cerimónias de despedida, uma notícia sobre as repercussões da morte de Miguel Torga em Coimbra, focando o aumento da procura dos seus livros, e uma entrevista a Mário Soares, enquanto Presidente da República e amigo de Miguel Torga. Nos dias que se seguem, os conteúdos informativos versam sobre o destaque que o acontecimento teve nos jornais estrangeiros e no dia de luto nacional. Quanto à presença da opinião, a duas crónicas publicadas no Diário de Notícias são da autoria do jornalista Victor Cunha Rego e do economista Paulo Jorge Reis Mourão. Foi ainda publicado um artigo de opinião assinado pelo poeta e crítico literário Pedro Mexia.

O Jornal de Notícias menciona Miguel Torga em mais cinco edições, além daquela em que noticiou a sua morte, escrevendo um total de dez peças, acompanhadas por seis retratos e distribuídas por oito páginas, que representam 1,3% do total de páginas das dez edições. Quanto aos géneros jornalísticos, de notar a presença de cinco artigos de opinião, três notícias, uma reportagem e uma foto-legenda. O dia após o funeral é aquele que oferece mais destaque à cobertura do acontecimento, fazendo, aliás, foto de capa com as cerimónias fúnebres, como já referimos. No interior do jornal encontramos duas páginas inteiras ocupadas por uma reportagem sobre o funeral e uma notícia com as mensagens de condolências de políticos e intelectuais presentes na cerimónia. De realçar que todas as opiniões foram recolhidas no local do funeral pelo jornalista do Jornal de Notícias, algo que fica bem patente no texto. Neste mesmo dia o periódico também foca as reações à morte de Miguel Torga na cidade de Coimbra, onde residia. Nas edições que se seguem, os conteúdos informativos abordam o destaque que a morte do escritor mereceu nos jornais estrangeiros e uma exposição documental da sua obra. Quanto à presença da opinião, destaque para cinco artigos repartidos por quatro edições e assinados pelo escritor António Cabral, pelo embaixador e professor catedrático José Augusto Seabra, do deputado socialista Raul Rego e do eclesiástico Rui Osório. É ainda publicado o texto de um leitor que faz a sua homenagem a Miguel Torga.

Quanto às efemérides, estas foram assinaladas com um total de sete peças. O Jornal de Notícias assinalou o primeiro mês e o primeiro ano da morte de Miguel Torga, enquanto o

Diário de Notícias apenas assinalou o primeiro aniversário e o Correio da Manhã referiu-se ao escritor no dia em que se completava um mês após a sua morte.

Esta é, aliás, a única efeméride assinalada pelo Correio da Manhã. O jornal evoca o escritor a propósito de uma homenagem que lhe seria prestada na Feira do Livro de Braga, e que fora anunciada na véspera, mas em nenhum momento se refere ao facto de Miguel Torga ter falecido exatamente há um mês. De resto, a imagem escolhida para ilustrar a peça é de Vergílio Ferreira, outro dos homenageados.

O Diário de Notícias assinala o primeiro ano da morte de Miguel Torga com duas peças: uma breve e uma notícia. É lembrado o percurso do escritor, com referência a alguns dos marcos mais importantes da sua vida, e são ainda elencadas as homenagens a realizar.

Por sua vez, o Jornal de Notícias publica duas notícias e uma breve aquando do primeiro aniversário da morte de Miguel Torga. Os textos versam sobre uma peça de teatro, de uma companhia de Coimbra, que evoca o escritor e sobre as homenagens em Coimbra, São Martinho da Anta e Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, algumas das quais teriam lugar nesse dia e outras decorridas na véspera.

A primeira década após a morte de Miguel Torga é assinalada pelo Diário de Notícias com uma notícia e duas breves, acompanhadas de uma imagem do escritor. O conteúdo assente nas homenagens que estavam prestes a arrancar em Coimbra e São Martinho da Anta, num programa evocativo que se estenderia por três anos.

No Jornal de Notícias, os 10 anos após a morte de Miguel Torga dão direito a uma chamada com foto na primeira página. No interior são publicadas uma notícia, sobre as homenagens programadas em Coimbra, e uma biografia.

Durante os 10 dias que se seguiram à morte de Miguel Torga foram utilizadas 28 imagens para acompanhar as peças noticiosas sobre o acontecimento.

O Correio da Manhã utilizou um total de quatro fotografias, todas de Miguel Torga em vida, sendo de realçar que uma delas se trata de uma ilustração de Abel Manta, que retrata o escritor ladeado por Miguel Cervantes e Miguel Unamuno.

O Diário de Notícias escolheu 14 imagens para acompanhar as peças jornalísticas onde menciona Miguel Torga. Destas, 12 retratam a personalidade em vida, incluindo duas

ilustrações do escritor. As restantes duas fotografias mostram as cerimónias fúnebres e as personalidades presentes. De destacar que na cobertura do funeral, uma das imagens é do caixão de Miguel Torga carregado no meio do cortejo fúnebre.

Quanto ao Jornal de Notícias, das dez imagens utilizadas, seis são de Miguel Torga em vida, e uma delas é também uma ilustração. As restantes quatro mostram as cerimónias fúnebres e os seus participantes, como por exemplo a mulher do escritor e o Presidente da República, Mário Soares. No âmbito das imagens do funeral, o Jornal de Notícias optou por uma fotografia do caixão a ser colocado dentro da cova.

1.8.3 Tabelas quantitativas

Correio da Manhã

Data	N. Páginas CM	N. peças CM	N. Imagens CM	Destaque Capa CM	Fotos Capa CM	Total pág. CM	Artigos CM	Biografia CM	Breve CM	Crónica CM	Cronologia CM	Editorial CM	Entrevista CM	Fotolegenda CM	Inquérito CM	Notícia CM	Reportagem CM	Vozes CM
18-01-1995	2	2	3	Chamada	1	36	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
19-01-1995	1	3	1	s/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0
20-01-1995	1	1	0	s/ref	0	48	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
21-01-1995	1	1	0	s/ref	0	36	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
22-01-1995	1	1	0	s/ref	0	40	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23-01-1995	0	0	0	s/ref	0	36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
24-01-1995	0	0	0	s/ref	0	36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
25-01-1995	0	0	0	s/ref	0	36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26-01-1995	0	0	0	s/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
27-01-1995	0	0	0	s/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
28-01-1995	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
17-02-1995	1	1	1	s/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
17-07-1995	0	0	0	s/ref	0	36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
17-01-1996	0	0	0	s/ref	0	36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
17-01-2005	1	1	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

17-01-2015	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
------------	---	---	---	-------	---	----	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

Diário de Notícias

Data	N. Páginas DN	N. peças DN	N. Imagens DN	Destaque Capa DN	Fotos Capa DN	Total pág. DN	Artigos DN	Biografia DN	Breve DN	Crónica DN	Cronologia DN	Editorial DN	Entrevista DN	Fotolegenda DN	Inquérito DN	Notícia DN	Reportagem DN	Vozes DN
18-01-1995	4	7	10	Chamada	1	56	0	3	1	0	1	0	0	0	0	0	0	2
19-01-1995	3	4	3	s/ref	0	60	0	0	0	1	0	0	1	0	0	1	1	0
20-01-1995	2	2	0	s/ref	0	64	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0
21-01-1995	2	2	1	s/ref	0	60	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0
22-01-1995	0	0	0	s/ref	0	68	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23-01-1995	0	0	0	s/ref	0	100	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
24-01-1995	1	2	0	s/ref	0	60	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
25-01-1995	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26-01-1995	0	0	0	s/ref	0	68	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
27-01-1995	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
28-01-1995	0	0	0	s/ref	0	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
17-02-1995	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
17-07-1995	0	0	0	s/ref	0	68	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
17-01-1996	1	2	1	s/ref	0	64	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0
17-01-2005	1	3	1	s/ref	0	48	0	0	2	0	0	0	0	0	0	1	0	0
17-01-2015	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Jornal de Notícias

Data	N. Páginas JN	N. peças JN	N. Imagens JN	Destaque Capa JN	Fotos capa JN	Total pág. JN	Artigos JN	Biografia JN	Breve JN	Crónica JN	Cronologia JN	Editorial JN	Entrevista JN	Fotolegenda JN	Inquérito JN	Notícia JN	Reportagem JN	Vozes JN
18-01-1995	2	3	4	Manchete	1	54	0	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0

19-01-1995	3	1	3	Foto capa	1	60	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1	0
20-01-1995	0	0	0	s/ref	0	62	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
21-01-1995	2	2	0	s/ref	0	72	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
22-01-1995	1	1	1	s/ref	0	80	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
23-01-1995	1	1	1	s/ref	0	64	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
24-01-1995	1	1	1	s/ref	0	54	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
25-01-1995	0	0	0	s/ref	0	54	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26-01-1995	0	0	0	s/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
27-01-1995	0	0	0	s/ref	0	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
28-01-1995	0	0	0	s/ref	0	68	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
17-02-1995	1	1	0	s/ref	0	62	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
17-07-1995	0	0	0	s/ref	0	54	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
17-01-1996	2	3	3	s/ref	0	52	0	0	1	0	0	0	0	0	0	2	0	0
17-01-2005	2	2	2	Chamada	1	52	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
17-01-2015	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

1.8.4 Marcas de subjetividade

Diário de Notícias	Jornal de Notícias
“uma das suas maiores figuras (...) duro golpe para a literatura portuguesa e a cultura universal (...) homem da terra, de rios, oceanos e povos (...) escritor da palavra sem fronteiras (...) rude, enquanto firme (...) solidário (...) poeta fiel às suas humildes raízes transmontanas” (“Fogueira contra os «abutres»”, 1995, 18 de janeiro, p.2).	“simples na morte como na vida” (“Cantor da liberdade e da rebeldia”, 1995, 18 de janeiro, p. 5).
“simples e terno, humorado, fraterno e solidário, mas sempre insubmisso, frontal, corajoso e frágil (...) homem grande e bom” (“87 anos de insubmissão”, 1995, 18 de janeiro, p.3).	“grande obra do poeta” (“Torga morreu há um ano”, 1996, 17 de janeiro, p. 32).
“figura mais ilustre (...) referência incontornável da literatura portuguesa deste século” (“O regresso às origens”, 1995, 19 de janeiro, p.27).	“um dos maiores vultos literários portugueses” (“Miguel Torga: literatura perdeu o génio há 10 anos”, 2005, 17 de janeiro, p. 33).
“O humanismo, nos gestos, nos feitos e nas palavras. A tradição, a terra, o regaço da aldeia que existe, por certo, em cada um de nós (...) Quereis boas razões para manter Torga vivo? Tendes aqui um punhado! Cultivem-no e a semente fará o resto. (...) Lembrar Torga não é, por isso, carrega-lo aos ombros neste dia e velá-lo durante o resto do ano” (“Manifesto ao poeta vivo”, 1996, 17 de janeiro, p.27).	“estilo acutilante (...) acto de coragem (...) nome fundamental da literatura” (“Feiticeiro da palavra escrita”, 2005, 17 de janeiro, p. 33).

<p>“incontornável na literatura portuguesa” (“Torga recordado”, 2005, 17 de janeiro, p.38).</p>	
---	--

1.9 Beatriz Costa

1.9.1 Biografia

Maria Beatriz da Conceição nasceu a 14 de dezembro de 1907 na Charneca do Milharado, Malveira, filha de António da Mata e Claudina da Conceição, que se separaram quando Beatriz tinha 4 anos de idade. Nessa altura Beatriz mudou-se com a mãe para Lisboa e os seus dois irmãos ficaram a viver com o pai. A sua infância foi pobre e a primeira noite na capital foi passada num banco na Avenida da Liberdade (Reis, 2008: p.11).

Claudina da Conceição viria a casar segunda vez, com um militar e os três mudaram-se para tomar, onde Beatriz viveu até aos 12 anos de idade. Durante estes anos trabalhou como modista, numa fábrica de calçado e num bar. Enquanto estava Tomar foi escolhida para intérprete da opereta “Intrigas no Bairro”, uma produção da Sociedade Gualdim Pais, que nunca chegou a estrear pois o seu padraço foi colocado em Lisboa e a família muda-se para lá (Reis, 2008: p.18). Na capital começam a frequentar o teatro e Beatriz convence a mãe a deixá-la experimentar aquela arte.

A sua estreia aconteceu em 1923, no Éden-Teatro, como corista na peça “Chá e Torradas”, o primeiro de vários espetáculos teatrais em que participou. Na época tinha 15 anos e já havia adotado o nome artístico Beatriz Costa, em homenagem à atriz Laura Costa (Reis, 2008: pp.18-19). No ano seguinte integra o elenco da revista Resvés, ainda como corista, mas, juntamente com os responsáveis do teatro, encenam em segredo um número intitulado Mademoiselle Garoto, que foi a sua estreia como atriz, primeiro no Teatro Maria Vitória e depois no Rio de Janeiro, onde permaneceu 11 meses (Reis, 2008: p.20). Aquele número integrou outras revistas, como “Fado Corrido”, que também estreou no Brasil em 1924. Durante a tournée, Beatriz Costa teve ainda oportunidade de protagonizar cinco papéis da revista “Tiro ao Alvo”. Até junho de 1925, época durante a qual atuou no Brasil, integrou outras revistas e operetas em São Paulo, Rio de Janeiro e Santos (Reis, 2008: p.25).

Quando regressou do Brasil a sua primeira produção foi no Teatro da Trindade, com a revista “Ditosa Pátria”. No ano seguinte destacou-se na peça “Fox-Trot” e no final de Outubro de 1926 integra a companhia portuguesa de operetas e zarzuelas, sediada no

Teatro de São Luís (Reis, 2008: p.29). Um dos seus maiores êxitos acontece em 1927 no Teatro Apolo, com a revista “Sete e Meio”, onde, pela primeira vez, apareceu em público com a franja que viria a ser a sua imagem de marca, inspirada pela atriz norte-americana Louise Brooks (Reis, 2008: p.27). Seguiram-se as revistas “Água Fresca” (1928), “Coração Português” (1928), “A Mãe Eva” (1928), “Pó de Maio” (1929) e “Manda Quem Pode” (1929).

Em 1926 Beatriz Costa já se tinha estreado no cinema, com o filme “O Diabo em Lisboa”, mas foi em 1928, com “Fátima Milagrosa”, que o seu nome surgiu pela primeira vez num genérico, lado a lado com Manoel de Oliveira (Reis, 2008: p.75).

Em 1929 Beatriz Costa faz a sua segunda digressão ao Brasil, onde colheu calorosas críticas (Reis, 2008: p.41). Durante este período o ator brasileiro Procópio Ferreira tentou aliciar Beatriz Costa a fixar-se definitivamente no Brasil, mas a atriz acabaria por regressar a Portugal em 1930 (Reis, 2008: p.43) e estreou, logo nesse ano, “A Bola”. Entretanto é convidada pelo empresário Artur Emaús a encabeçar a companhia do Teatro Variedades, onde interpretou “O Cavaquinho”, “Pato Marreco”, “Verde Gaio”, “O Canto da Cigarra” e “O Mexilhão”. Enquanto participava na revista “Pato Marreco”, em 1931, foi escolhida para integrar a versão do filme “Her Wedding Night”, que em Portugal se chamou “A Minha Noite de Núpcias” e foi rodado em Paris.

De volta ao teatro, em 1932 interpreta o tema “O Cochico”, na revista “Pim! Pam! Pum!” e o tema foi um êxito. Entre 1932 e 1936 participou em revistas como “Pirilau”, “Chá de Parreira”, “Feira da Alegria”, “Fogo de Vistas”, “Santo António”, “Bola de Neve”, “O Rapa”, “Anima-te Zé”, “Café com Leite” e “Arre, Burro”, esta última onde o elenco era encabeçado por Beatriz Costa, Vasco Santana e António Silva e cujo sucesso foi estrondoso (Reis, 2008: p.59).

“A década de 30, que foi gloriosa para Beatriz Costa, tanto na revista, como no cinema”, levou a atriz a integrar os elencos dos filmes “A Canção de Lisboa” (1933), “O Trevo de Quatro Folhas” (1936), “Aldeia da Roupa Branca” (1939) (Reis, 2008: p.77).

Em 1939 Beatriz Costa decide partir para mais uma tournée no Brasil, onde ficou até 1949 e onde organizou a sua própria companhia de teatro, em sociedade com Celestino Moreira. Em 1947 casou-se com o arménio Edmundo Gregorian, que conheceu no Brasil, com quem esteve casada dois anos (Reis, 2008: p.65). Dez anos depois da ida para o Brasil, e já

definitivamente de regresso a Portugal, integra a revista “Ela Aí Está!”, criada para assinalar a sua reaparição. A sua chegada a Lisboa contou com a presença de milhares de pessoas, “o maior aparato da recepção de uma vedeta em Portugal” (Reis, 2008: p.69).

Durante os anos 50 Beatriz Costa manteve-se entre Portugal e Brasil e chegou a fazer uma digressão em África que durou dez meses. Decidiu abandonar os palcos em 1960, após a produção “Está Bonita a Brincadeira”. Após esta data viajou por todo o mundo e acabou a viver no Hotel Tivoli, em Lisboa, onde permaneceu até à sua morte (Reis, 2008: p.85).

Em 1975 publicou a obra “Sem Papas na Língua”, o seu primeiro livro de memórias, com prefácio de Jorge Amado. Seguiram-se “Quando os Vascos eram Santanas... e não só” (1977), “Mulher sem Fronteiras” (1981), “Nos Cornos da Vida” (1984) e “Eles e Eu” (1990).

Beatriz Costa viveu os últimos 40 anos da sua vida no quarto 600 do Hotel Tivoli. Beatriz Costa morreu no dia 15 de Abril de 1996, aos 88 anos. A Assembleia da República subscreveu, por unanimidade um voto de pesar (Reis, 2008: p.132).

1.9.2 Análise

A morte de Beatriz Costa mereceu destaque nas primeiras páginas de cada um dos jornais analisados, no dia após o seu falecimento, 16 de abril de 1996.

O Correio da Manhã publica uma chamada com fotografia de Beatriz Costa na primeira página da sua edição de 16 de abril de 1996. Utiliza o título “Adeus menina da franja” para anunciar a morte da atriz e coloca ainda um subtítulo: “Beatriz Costa morre serenamente”.

O Diário de Notícias é o jornal que dá mais destaque à morte de Beatriz Costa, com uma foto de capa. Metade da sua primeira página é ocupada com uma fotografia da atriz, acompanhada do título “Adeus, Beatriz”. De realçar a utilização apenas do primeiro nome, marca clara de proximidade, bem como o facto de ter sido escolhida uma fotografia da juventude de Beatriz Costa, época em que se tornou conhecida.

O Jornal de Notícias utiliza a mesma imagem publicada pelo Correio da Manhã. Na sua chamada na primeira página do dia após a morte de Beatriz Costa, o jornal usa o título “Beatriz Costa - Morreu a ‘menina de Lisboa’”.

No dia seguinte à morte de Beatriz Costa, os três títulos dedicaram um total de oito notícias à estrela de cinema, destacando-se os conteúdos publicados no Diário de Notícias. As peças figuraram em sete páginas dos jornais e foram acompanhadas por 11 fotografias.

Além da referência na primeira página, o Correio da Manhã dedicou apenas uma página à notícia da morte de Beatriz Costa. O jornal escreve dois artigos sobre o acontecimento: uma biografia e uma notícia. A biografia começa na atualidade, recordando que Beatriz Costa já não se encontrava no ativo e dando conta das circunstâncias da sua morte, e culmina com a abordagem ao seu trajeto profissional nas artes performativas. O jornal publica ainda uma notícia onde congrega as reações de algumas figuras da política e das artes, entre os quais está o então primeiro-ministro, António Guterres. De realçar que esta notícia não é da autoria do Correio da Manhã, mas sim da Agência Lusa, uma vez que a fonte é referida no corpo do texto.

O Diário de Notícias é o jornal que dá mais destaque à morte de Beatriz Costa. Além do espaço ocupado na primeira página, dedica-lhe duas páginas no interior e publica cinco peças: um artigo de opinião, uma notícia, duas vezes e uma biografia. Os conteúdos informativos centram-se na vida da personalidade e o Diário de Notícias aborda a sua carreira, numa biografia que menciona ainda os detalhes das exéquias. Segue-se uma notícia que relata as circunstâncias da sua morte da atriz, fazendo uma reconstituição das horas antes e dos momentos que se seguiram ao falecimento. Dentro da nossa categoria de análise, vezes, o jornal publica ainda as reações de oito personalidades, entre as quais estão o Presidente da República e o primeiro-ministro, bem como outros atores políticos, a par de figuras de referência das artes. Além disso, dentro da mesma categoria, são publicados excertos de um dos livros escritos por Beatriz Costa. Quanto à opinião, destaque para um artigo da autoria do jornalista António Valdemar. Este artigo não está referenciado como opinião, no entanto, está escrito na primeira pessoa e o seu autor privou com Beatriz Costa, trazendo essa experiência pessoal para o texto. Como tal, decidimos enquadrá-lo no género de opinião.

No Jornal de Notícias, além da primeira página, encontramos apenas uma página sobre a morte da atriz, com uma notícia que ocupa cinco das seis colunas existentes. A notícia mistura vários aspetos e, apesar de iniciar falando do percurso da atriz, não se trata de uma biografia. Naquele mesmo texto, além de conhecermos um pouco mais da experiência profissional de Beatriz Costa, o jornal publica as reações do encenador Filipe La Féria e do

ator Carlos Avillez à morte da atriz e, na parte final, informa sobre alguns detalhes das cerimónias fúnebres.

Quanto aos 10 dias que se seguiram à notícia do desaparecimento da atriz – 17 de abril a 26 de abril de 1996 –, encontrámos 11 páginas no Correio da Manhã, Diário de Notícias e Jornal de Notícias com referências a Beatriz Costa. Estes dados concretizam-se em 14 peças e 17 fotografias.

Nos dez dias após ser noticiada a sua morte, encontrámos referência a Beatriz Costa em quatro páginas do Correio da Manhã, ou seja, 0,96% do seu espaço noticioso durante este período, correspondentes a um total de cinco artigos e quatro fotografias. Os géneros presentes são duas breves, uma reportagem, um artigo de opinião e uma crónica. O maior destaque foi dado no dia após o funeral, com a reportagem da cerimónia e as reações dos presentes. Neste mesmo dia o Correio da Manhã publica uma breve com a reação de Manuel Maria Carrilho, na época ministro da Cultura em visita ao Brasil. Nos dias seguintes regista-se a publicação de uma breve sobre a atribuição do nome da atriz a um prémio e a uma rua de Lisboa. Quanto ao conteúdo de opinião, destaque para um artigo e uma crónica, o primeiro, da autoria de uma leitora residente no Canadá e, a segunda, assinada pelo cronista do Correio da Manhã, José Maria Hurtado. Ambos dão sinal do apreço do público pela personalidade.

O Diário de Notícias mencionou Beatriz Costa em seis páginas, das dez edições seguintes à notícia da morte da atriz, ou seja, 0,67% do total do seu espaço noticioso. O jornal publicou 12 fotografias e seis peças – das quais três da categoria vozes –, duas biografias, uma reportagem, um artigo de opinião e uma crónica. O funeral foi coberto em formato de reportagem e ocupou meia página do dia 17 de abril de 1996. Três dias depois o jornal escreve quatro páginas inteiras sobre a atriz na secção Caras e Vidas. Ao longo de um artigo de opinião, uma crónica, duas biografias e três vozes, acompanhadas por 11 fotografias, o periódico evoca a personalidade, a sua história de vida, a carreira no cinema, as relações com a política e retira algumas citações do seu livro.

O Jornal de Notícias foi o único que não fez a cobertura do funeral de Beatriz Costa. Além da notícia da sua morte, o jornal volta apenas a mencionar a atriz cinco dias depois, num pequeno quadrado presente numa página (0,15% do total das páginas publicadas nestes dez dias), no âmbito da síntese noticiosa da semana que terminava naquele dia.

Quanto às efemérides, nenhuma das publicações analisadas lembrou a morte da atriz.

Ao todo, foram publicadas 29 imagens a acompanhar os textos que fazem referência a Beatriz Costa nas edições dos três jornais analisados.

O Correio da Manhã publicou dez fotografias de Beatriz Costa, sete das quais são imagens da atriz: três retratam-na com a idade com que morreu e quatro mostram uma Beatriz Costa mais jovem, época em que se tornou conhecida e em que esteve no ativo enquanto artista. As restantes três imagens dizem respeito ao funeral da personalidade.

No Diário de Notícias encontramos 15 fotografias, 14 das quais são de Beatriz Costa e uma retrata o funeral da atriz. Destas 14 fotografias, 11 são imagens da personalidade nos seus tempos de juventude, que correspondem ao período em que exerceu a profissão e em que se tornou conhecida.

O Jornal de Notícias escolheu apenas quatro fotografias: uma da atriz mais jovem e três com a idade com que morreu. Não foi publicada qualquer imagem das cerimónias fúnebres de Beatriz Costa.

1.9.3 Tabelas quantitativas

Correio da Manhã

Data	N. Páginas CM	N. peças CM	N. Imagens CM	Destaque Capa CM	Fotos Capa CM	Total pág. CM	Artigos CM	Biografia CM	Breve CM	Crónica CM	Cronologia CM	Editorial CM	Entrevista CM	Foto-legendas CM	Inquérito CM	Notícia CM	Reportagem CM	Vozes CM
16-04-1996	2	2	6	Chamada	1	40	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
17-04-1996	1	2	3	s/ref	0	40	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0
18-04-1996	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
19-04-1996	1	2	1	s/ref	0	40	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
20-04-1996	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
21-04-1996	0	0	0	s/ref	0	36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
22-04-1996	0	0	0	s/ref	0	36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23-04-1996	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
24-04-	2	1	0	s/ref	0	44	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

1996																		
25-04-1996	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26-04-1996	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15-05-1996	0	0	0	s/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15-10-1996	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15-04-1997	0	0	0	s/ref	0	36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15-04-2006	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15-04-2016	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Diário de Notícias

Data	N. Páginas DN	N. peças DN	N. Imagens DN	Destaque Capa DN	Fotos Capa DN	Total pág. DN	Artigos DN	Biografia DN	Breve DN	Crónica DN	Cronologia DN	Editória DN	Entrevista DN	Foto-legenda DN	Inquérito DN	Notícia DN	Reportagem DN	Vozes DN
16-04-1996	3	5	3	Foto capa	1	68	1	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	2
17-04-1996	1	1	1	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
18-04-1996	0	0	0	s/ref	0	68	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
19-04-1996	0	0	0	s/ref	0	80	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
20-04-1996	5	7	11	s/ref	0	74	1	2	0	1	0	0	0	0	0	0	0	3
21-04-1996	0	0	0	s/ref	0	80	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
22-04-1996	0	0	0	s/ref	0	92	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23-04-1996	0	0	0	s/ref	0	152	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
24-04-1996	0	0	0	s/ref	0	124	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
25-04-1996	0	0	0	s/ref	0	80	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26-04-1996	0	0	0	s/ref	0	76	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15-05-1996	0	0	0	s/ref	0	84	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15-10-1996	0	0	0	s/ref	0	80	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15-04-1999	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

7																		
15-04-2006	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15-04-2016	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Jornal de Notícias

Data	N. Páginas JN	N. peças JN	N. Imagens JN	Destaque Capa JN	Fotos capa JN	Total pág. JN	Artigos JN	Biografia JN	Breve JN	Crónica JN	Cronologia JN	Editorial JN	Entrevista JN	Fotolegenda JN	Inquérito JN	Notícia JN	Reportagem JN	Vozes JN
16-04-1996	2	1	3	Chamada	1	54	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
17-04-1996	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
18-04-1996	0	0	0	s/ref	0	58	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
19-04-1996	0	0	0	s/ref	0	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
20-04-1996	0	0	0	s/ref	0	80	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
21-04-1996	1	1	1	s/ref	0	76	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
22-04-1996	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23-04-1996	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
24-04-1996	0	0	0	s/ref	0	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
25-04-1996	0	0	0	s/ref	0	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26-04-1996	0	0	0	s/ref	0	62	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15-05-1996	0	0	0	s/ref	0	58	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15-10-1996	0	0	0	s/ref	0	58	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15-04-1997	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15-04-2006	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15-04-2016	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

1.9.4 Marcas de subjetividade

Correio da Manhã	Diário de Notícias	Jornal de Notícias
“Adeus menina da franja” (“Adeus	“Adeus Beatriz” (“Adeus Beatriz”, 1996,	“figura marcante da comédia portuguesa

menina da franja”, 1996, 16 de abril, p. 1).	16 de abril, p. 1).	(...) pequenina, sorridente, com um rosto e uma franja inesquecíveis (...) jovialidade e boa disposição (...) frescura extraordinária (...) como só os grandes artistas conseguem” (“Morreu Beatriz Costa”, 1996, 16 de abril, p. 37)
“pequenina, gaiteira, rosto redondo emoldurado por franja menineira, que lhe deu um ar travesso até aos 88 anos (...) morreu ontem de manhã (...) e custou a acreditar. Porque Beatriz era daquelas pessoas que fazem de tal forma parte da nossa vida, da nossa memória cultural, que nos convencemos que ao ficar sempre connosco. (...) nome de referência (...) estilo de vida excêntrico da actriz (...) espontânea e genuína (...) garridice espontânea (...) ar gaiato e um tanto atrevido, brejeiro até, à sua beleza fresca (...) nunca perdendo a jovialidade e a boa disposição” (“Adeus, meus meninos”, 1996, 16 de abril, p. 34).	“a mais conhecida saloia portuguesa (...)era uma saloia em Lisboa (...) grande vedeta (...) truculência (...) inocente” (“Franja à portuguesa”, 1996, 16 de abril, p. 2).	
“uma despedida quase feliz, para uma mulher que detestava tristeza (...) pelos muitos momentos de puro divertimento que proporcionou a várias gerações de portugueses (...) lavadeira saloia, como também ela era” (“Palmas para Beatriz”, 1996, 17 de abril, p. 32).	“estilo cândido e corrosivo, cultivado e muito malandro (...) um dos mais celebrados sucessos de livraria (...) mulher do povo, refinada como poucas, mas feliz da sua condição de saloia (...) talento de artista” (“Mulher de corpo inteiro”, 1996, 20 de abril, pp. 4-6).	

1.10 António de Spínola

1.10.1 Biografia

António Sebastião Ribeiro de Spínola nasceu a 5 de abril de 1910, em Estremoz, no seio de uma família abastada, cujas raízes remontavam à Madeira. O pai, António Sebastião de Spínola, era inspetor-geral das Finanças e foi chefe de gabinete de Oliveira Salazar quando este era ministro das Finanças. A sua mãe era Maria Gabriela Alves Ribeiro de Spínola e o casal tinha outro filho, Francisco, dois anos mais novo do que António. A matriarca faleceu quando António de Spínola tinha seis anos de idade e no ano seguinte o jovem inicia os estudos primários em Porto Cruz, na Madeira, onde viviam os avós paternos, com que foi viver juntamente com o seu irmão, por razões de segurança face ao eclodir da Primeira Guerra Mundial.

Os dois irmãos voltaram ao Continente quando a guerra acabou e foram estudar para o Colégio Militar em 1920, onde António de Spínola permaneceu durante oito anos. Decidido a seguir a carreira militar, foi promovido a 1.º sargente cadete do Regimento de Infantaria 4 e ingressou na Escola Politécnica de Lisboa, para terminar os estudos preparatórios militares, e mais tarde na Escola do Exército, onde escolheu o curso de Cavalaria. Dois anos depois de ingressar neste escola, em 1932, casou com Maria Helena

Monteiro de Barros e um ano mais tarde termina o curso de Cavalaria. Em 1933 António de Spínola era já conotado com a ideologia do Estado Novo, até porque “foi voluntário, a favor da ditadura, na tentativa reviralista de Agosto de 1931 e aceitou escoltar colunas militares portuguesas de abastecimento às tropas franquistas” (QuidNovi, 2009: p.11).

António de Spínola foi colocado como instrutor no Regimento de Cavalaria 7 e foi então promovido a alferes, tendo mais tarde subido a tenente e recebido o primeiro de vários louvores oficiais por parte do Governo. Em 1939 foi nomeado como ajudante-de-campo do comandante-geral da Guarda Nacional Republicana, que era também seu sogro. Frequentou o curso de Comandos do Esquadrão e pediu dispensa da GNR para assumir o cargo de adjunto do comando no Regimento de Lanceiros, onde foi promovido a capitão. Em 1944 regressou à GNR, onde se manteve durante 14 anos, tendo recebido várias condecorações e louvores. Foi-lhe entretanto atribuído o grau de major.

Nos anos 50 António de Spínola iniciou-se no mundo empresarial, a par com a carreira militar. Integrou o conselho de administração da Siderurgia Nacional a convite de António Champalimaud por recomendação de Oliveira Salazar.

Aos 51 anos Spínola estava já comprometido com a Ditadura Militar e ofereceu-se como voluntário para combater em Angola no Ultramar. O então tenente-coronel desembarcou em Luanda em dezembro de 1961 e ficou aos comandos do Batalhão 345. Terminou a sua comissão em 1964 como coronel e, regressado a Lisboa, a GNR atribuiu-lhe a direção da arma de Cavalaria, o que lhe permitiu frequentar o Curso de Altos Comandos. Atinge então o estatuto de brigadeiro e foi nomeado para o comando da Guarda Nacional Republicana.

Em 1968 António de Spínola foi nomeado governador e comandante-chefe das Forças Armadas da Guiné. A sua missão era impedir o avanço do Partido Africano para a Independência da Guiné e de Cabo Verde. Naquele posto Spínola reestruturou os comandos, empreendeu esforços para melhorar as condições de vida dos guineenses e começou uma estratégia de aproximação aos nativos. Começava assim a sua carreira na política. “Se, por um lado, pressionava militarmente a guerrilha, por outro, tranquilizava o bom povo da Guiné com os seus discursos e muita propaganda”, lê-se na sua biografia (QuidNovi, 2009: p.17).

Começa aqui o afastamento ideológico entre António de Spínola e o Estado Novo, agora presidido por Marcello Caetano. O Presidente do Conselho recusava negociar com o

movimento de libertação da Guiné e Spínola defendia o entendimento político com a metrópole por considera “que se tinham esgotado as possibilidades de uma vitória das tropas portuguesas na Guiné” (QuidNovi, 2009: p.19). Aquando da escolha dos candidatos para as eleições presidenciais de 1972 Marcello Caetano recusou o nome de António de Spínola como representante da Acção Nacional Popular, o partido oficial, e o distanciamento do general ao regime aumentou.

Spínola abandona a Guiné em agosto de 1973 e nesse Verão dá uma entrevista ao Diário de Lisboa afirmando-se um democrata que defende a soberania da nação e do povo. Marcello Caetano ainda tenta trazê-lo para o lado do Governo, oferecendo-lhe uma nova comissão na Guiné e um lugar no Ministério do Ultramar, mas o general recusou. A 17 de janeiro de 1974 toma posse como vice-chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas e já havia tomado contato com o movimento de capitães que viriam a levar a cabo a Revolução de Abril. A 22 de fevereiro publica o livro “Portugal e o Futuro”, uma dura crítica à política ultramarina do Estado Novo, intensificando a sua ligação ao movimento de capitães. A 14 de março foi afastado do seu posto nas Forças Armadas, por não ter comparecido à cerimónia de solidariedade dos oficiais-generais para com o Governo e a forma como este estava a conduzir a Guerra Colonial. Dois dias depois é acusado de estar na génese do “golpe das Caldas”, uma tentativa falhada de derrubar a ditadura, e cinco semanas depois dá-se o 25 de Abril. Spínola não fez parte do movimento, mas foi informado de todos os passos dos capitães. Recebe então um telefonema de Marcello Caetano, pedindo que se deslocasse ao Quartel do Carmo para a transmissão de poderes, autorizada pelos capitães de Abril, na pessoa de Otelo Saraiva de Carvalho.

António de Spínola é então nomeado Presidente do Conselho às 19h30 do dia 25 de Abril de 1974 e assume-se como o líder do movimento de transição. A 15 de maio toma posse como Presidente da República, mas cedo se incompatibilizou com o Movimento das Forças Armadas (MFA). Spínola escolheu como primeiro-ministro Adelino da Palma Carlos, nome com que a comissão coordenadora do MFA não estava de acordo. A 8 de Julho o primeiro-ministro exige o reforço dos poderes presidenciais e do executivo, mas os esforços saem gorados e é obrigado a demitir-se. Spínola vê-se então forçado a convidar Vasco Gonçalves, homem de confiança do MFA, para formar Governo, ao mesmo tempo que Otelo Saraiva de Carvalho é nomeado para o Comando Operacional do Continente (COPCON). Em Setembro de 1974 Spínola ainda tentou pedir a dissolução da Comissão

Coordenadora do MFA e a demissão de Vasco Gonçalves, mas acabou por se ver perante a única alternativa possível: a resignação. Anunciou a renúncia a 28 de Setembro por considerar “ser inviável a construção da democracia sobre este assalto sistemático aos alicerces das estruturas e instituições por grupos políticos cuja essência ideológica ofende o mais elementar conceito de liberdade” (QuidNovi, 2009: p.29).

Em março de 1975 António de Spínola foi informado das intenções do COPCON em aprisionar ou liquidar todos os oficiais e civis que lhe era afetos. O general instala-se na Base Aérea de Tancos na noite de 10 de março e na manhã seguinte tenta ocupar o Regimento de Artilharia Ligeira, tentativa frustrada que o levaria a fugir para Espanha e depois para o Brasil, onde o informam da sua expulsão das Forças Armadas. Apesar de se encontrar no exílio continua a manter contatos políticos e ajuda, inclusivamente, a fundar o Movimento Democrático de Libertação de Portugal. Regressou a Portugal após o fim do Período Revolucionário em Curso e depois da tomada de posse de Ramalho Eanes como Presidente da República democraticamente eleito. Spínola tinha então 66 anos e passa a dedicar-se aos cavalos, à família e à escrita. Publicou as obras “Ao Serviço de Portugal” e “País sem Rumor” e em 1978 acaba por ser reintegrado nas Forças Armadas. Três anos depois é promovido a marechal. Em 1987 recebe a Grã-Cruz da Ordem Militar da Torre e Espada e o cargo de chanceler das Ordens Honoríficas Militares.

Símbolo do regime de transição, António de Spínola viria a falecer a 13 de agosto de 1996, com 86 anos, vítima de uma embolia pulmonar, após um longo período de internamento.

1.10.2 Análise

A morte do marechal Spínola mereceu uma presença na capa em cada uma das publicações, no dia a seguir à sua morte, 14 de agosto de 1996.

O Correio da Manhã faz uma chamada no topo da primeira página, com o título “Morreu o marechal António de Spínola” e uma fotografia da personalidade. Em cima podemos ler o antetítulo “Militar ilustre e primeiro Chefe de Estado pós-25 de Abril”.

No Diário de Notícias, a morte do político ocupa metade da primeira página. Na primeira página, com o título “Morreu o símbolo da transição”, encontramos uma imagem de Spínola, encabeçada pelo seu nome, a data do seu nascimento e da sua morte. Ao fundo da página o jornal escreve três linhas introdutórias sobre as causas da morte de Spínola e sobre quem foi ele.

Também no Jornal de Notícias é significativo o destaque dado na primeira página, ocupado fundamentalmente com uma fotografia de António de Spínola. Na sua capa, o jornal dedica também à morte do marechal duas colunas de cima abaixo, com o título “Morreu um homem que mudou o futuro de Portugal”, acompanhado por uma imagem do político e um pequeno texto introdutório que resume alguns dados biográficos do político. De referir que a imagem utilizada é igual à escolhida para figurar na capa do Diário de Notícias.

O Jornal de Notícias dedica novamente espaço da sua primeira página à morte de Spínola, no dia a seguir ao funeral. A manchete, com o título “Um Sentido adeus ao Marechal Spínola”, é acompanhada por uma imagem do caixão coberto com a bandeira de Portugal e ladeado de centenas de pessoas.

No dia seguinte ao seu falecimento – 14 de agosto de 1996 –, foram 12 as páginas dos jornais que mencionaram a morte de António de Spínola. Ao todo, foram publicadas 15 peças e utilizadas 20 fotografias para as ilustrar.

O Correio da Manhã ocupou as duas páginas centrais com a morte de António de Spínola e publica ainda uma notícia na última página do jornal, além da capa. São publicadas quatro peças: uma biografia, uma breve, uma notícia e vozes. O conteúdo informativo centra-se na doença que vitimou Spínola, fazendo um historial clínico dos seus problemas de saúde e termina lembrando que no que toca ao grupo inicial da Junta de Salvação Nacional, que liderou o processo de transição da ditadura para a democracia, só restam quatro dos sete elementos que a constituíam. O conteúdo noticioso inclui ainda uma biografia sobre a ação política de António de Spínola, bem como as vozes de nove personalidades, todos políticos, entre os quais dois antigos Presidentes da República e o Presidente da República então em funções, o primeiro-ministro, líderes partidários e representantes outros cargos políticos. Na última página o jornal publica ainda uma notícia sobre o velório do marechal.

O Diário de Notícias veiculou a morte de António de Spínola através de seis peças: dois artigos de opinião, um editorial, uma biografia, uma cronologia e um artigo na categoria de análise vozes. Ao longo de quatro páginas inteiras (às quais acresce a capa), o jornal aprofunda o percurso político de Spínola, dedicando duas páginas a uma extensa biografia, centrada na sua ação política e na relevância que teve no regime de transição. A reconstrução do seu percurso político é coadjuvada pela presença de uma cronologia. O Diário de Notícias também dá voz a oito personalidades que quiseram deixar o seu

testemunho, todas ligadas à política, entre as quais estão o Presidente da República, o primeiro-ministro e o presidente da Assembleia da República. No que toca à presença da opinião, de destacar que o editorial deste dia, assinado pelo diretor, Bettencourt Resendes, foi dedicado ao marechal e destaca a sua ação durante o 25 de Abril, referindo a sua inabilidade em lidar com a esquerda radical durante aquele período. São ainda publicados dois artigos, um da autoria do ex-Presidente da República Mário Soares e outro assinado por Nunes Barata, embaixador em Roma e antigo chefe de gabinete de António de Spínola.

Além da capa, o Jornal de Notícias relata o falecimento do marechal em duas páginas inteiras, cuja dimensão (broadsheet) é maior do que as páginas do Correio da Manhã e do Diário de Notícias (tablóide). Os géneros utilizados são a biografia (2), a notícia (1) e as vozes (1), num total de quatro peças. O conteúdo noticioso centra-se nos dois textos principais, uma biografia que retrata a ação política de Spínola, e uma notícia que relata as horas que antecederam a sua morte e as exéquias que se seguiram ao anúncio do falecimento, dando nota das personalidades que compareceram na Basílica da Estrela, onde decorreu o velório. É ainda publicada uma segunda biografia, centrada no livro de Spínola, “Portugal e o Futuro”, e as vozes de 16 personalidades, 15 do panorama político nacional e uma do estrangeiro, o ex-Presidente da República guineense Nino Vieira.

Quanto aos 10 dias que se seguiram à notícia da morte de António de Spínola, entre 15 e 24 de agosto de 1996, encontrámos menção do seu falecimento em 11 páginas, que se consubstanciam num total de 21 artigos e 17 fotografias.

O Correio da Manhã escreveu mais três notícias sobre Spínola, dois dias depois da morte do ex-líder político, e ainda no dia 21 de agosto de 1996. O acontecimento figurou, assim, em duas páginas, o que representa 0,53% do total de páginas destas dez edições. O funeral foi relatado através de uma reportagem e, nesse mesmo dia, o jornal deu a conhecer os ecos do falecimento da personalidade na imprensa estrangeira através de uma notícia. Voltamos a encontrar menção a Spínola seis dias depois, num artigo de opinião sobre as figuras que haviam falecido naquele mês de agosto (Spínola e Vera Lagoa), da autoria do jornalista Andrade Guerra.

No Diário de Notícias foram publicadas nove peças durante os dias que se seguiram à notícia da morte do militar, num total de cinco páginas, ou seja, 1,13% do total de páginas das dez edições. O jornal fez a cobertura do seu funeral, com uma reportagem, ao lado da

qual foram publicadas as vozes dos jornais estrangeiros que noticiaram o acontecimento. Nesse mesmo dia é publicada mais uma biografia de Spínola, desta vez centrada na questão da guerra colonial. Quanto à presença da opinião, no dia do funeral é publicado um artigo com o testemunho pessoal do jornalista José Manuel Barroso, que tinha sido assessor de imprensa do general na Guiné. Nos dias seguintes encontramos mais quatro artigos de opinião, dois deles da autoria de Mário Mesquita, ex-diretor do Diário de Notícias, outro de Eurico de Barros, crítico de televisão do jornal, e o quarto assinado pelo político Mota Amaral. A presença destes artigos de opinião, todos assinados pelos cronistas e jornalistas do Diário de Notícias, ajuda a sublinhar a importância da figura, conclusão já retirada da presença de um editorial no dia após a sua morte.

O Jornal de Notícias é o único que dá espaço ao funeral de Spínola na primeira página da sua edição, com uma manchete, tal como já referimos. Nas dez edições que se seguiram à morte do marechal, encontramos referências à figura em quatro das suas páginas, o que representa 0,73% do total de páginas. O periódico publica nove peças: duas cronologias, duas notícias, dois artigos de opinião, uma reportagem, uma foto-legenda, uma crónica e uma breve. A reportagem relata o funeral de António de Spínola e, nesse mesmo dia, são publicadas duas cronologias em que relembram alguns aspetos da vida da personalidade, uma breve que dá conta das reações que a morte de Spínola provocou no estrangeiro e uma notícia sobre o facto de Francisco Costa Gomes ser então o único marechal que sobrevive após o desaparecimento do ex-Presidente da República. Nos dias que se seguem é publicada uma foto-legenda sobre o funeral de Spínola, no âmbito da síntese da semana. No que toca à opinião, há a destacar a publicação de dois artigos e uma crónica, da autoria do médico José Manuel Pavão, do jornalista e professor universitário Nuno Rogeiro e do eclesiástico Rui Osório, todos articulistas do jornal.

Apenas uma efeméride foi assinalada por um jornal: o Correio da Manhã colocou uma menção à morte de António de Spínola no dia em que se completavam 20 anos da sua morte. O periódico incluiu a menção numa coluna intitulada “Curiosidades do Dia”, onde consta a morte de outras personalidades, bem como a obtenção de prémios, nascimentos e outros acontecimentos.

Durante o período analisado (os onze dias após a morte) foram publicadas 37 fotografias a acompanhar os artigos sobre a morte de António de Spínola.

O Correio da Manhã escolheu sete imagens para acompanhar os artigos escritos. Destas, quatro são imagens de António de Spínola, uma das quais mostra o caixão aberto do marechal. Apesar de, na prática, ser uma fotografia da personalidade morta, o Correio da Manhã escolheu fotografar a partir do fundo do caixão, pelo que não conseguimos visualizar o rosto do falecido. As restantes três imagens referem-se ao ambiente e às personalidades presentes no funeral de Spínola.

O Diário de Notícias publicou 12 fotografias ao longo do período analisado, sete das quais são retratos de António de Spínola em vida. As restantes três são imagens do funeral, que retratam as personalidades presentes e o ambiente, e duas mostram as figuras que recordaram o político numa das biografias publicadas pelo jornal.

Das 18 fotografias publicadas pelo Jornal de Notícias, 11 são de António de Spínola e, destas, duas são imagens do caixão aberto. À semelhança do que aconteceu com o Correio da Manhã, também o Jornal de Notícias escolheu fotografar a partir de ângulos que não deixam ver o rosto do morto dentro do caixão. As restantes sete imagens publicadas são do funeral de Spínola e das personalidades que marcaram presença na cerimónia.

1.10.3 Tabelas quantitativas

Correio da Manhã

Data	N. Páginas CM	N. peças CM	N. Imagens CM	Destaque Capa CM	Fotos Capa CM	Total pág. CM	Artigos CM	Biografia CM	Breve CM	Crónica CM	Cronologia CM	Editorial CM	Entrevista CM	Foto-legendas CM	Inquérito CM	Notícia CM	Reportagem CM	Vozes CM
14-08-1996	4	4	4	Chamada	1	36	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1
15-08-1996	1	2	3	s/ ref	0	36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0
16-08-1996	0	0	0	s/ ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
17-08-1996	0	0	0	s/ ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
18-08-1996	0	0	0	s/ ref	0	36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
19-08-1996	0	0	0	s/ ref	0	36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
20-08-1996	0	0	0	s/ ref	0	36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
21-08-1996	1	1	0	s/ ref	0	36	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
22-08-1996	0	0	0	s/ ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23-08-	0	0	0	s/ ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

1996																		
24-08-1996	0	0	0	s/ref	0	36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-09-1996	0	0	0	s/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-02-1997	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-08-1997	0	0	0	s/ref	0	36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-08-2006	0	0	0	s/ref	0	68	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-08-2016	1	1	1	s/ref	0	52	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Diário de Notícias

Data	N. Páginas DN	N. peças DN	N. Imagens DN	Destaque Capa DN	Fotos Capa DN	Total pág. DN	Artigos DN	Biografia DN	Breve DN	Crónica DN	Cronologia DN	Editória DN	Entrevista DN	Fotolegenda DN	Inquérito DN	Notícia DN	Reportagem DN	Vozes DN
14-08-1996	5	6	5	Chamada	1	48	2	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	1
15-08-1996	2	4	5	s/ref	0	48	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
16-08-1996	1	3	1	s/ref	0	40	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
17-08-1996	2	2	1	s/ref	0	48	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
18-08-1996	0	0	0	s/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
19-08-1996	0	0	0	s/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
20-08-1996	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
21-08-1996	0	0	0	s/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
22-08-1996	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23-08-1996	0	0	0	s/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
24-08-1996	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-09-1996	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-02-1997	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-08-1997	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-08-2006	0	0	0	s/ref	0	36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

6																		
13-08-2016	0	0	0	s/ref	0	36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Jornal de Notícias

Data	N. Páginas JN	N. peças JN	N. Imagens JN	Destaque Capa JN	Fotos capa JN	Total pág. JN	Artigos JN	Biografia JN	Breve JN	Crónica JN	Cronologia JN	Editória JN	Entrevista JN	Fotolegenda JN	Inquérito JN	Notícia JN	Reportagem JN	Vozes JN
14-08-1996	3	4	11	Chamada	1	56	0	2	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
15-08-1996	1	5	5	Manchete	1	54	0	0	1	0	2	0	0	0	0	1	1	0
16-08-1996	0	0	0	s/ref	0	50	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
17-08-1996	0	0	0	s/ref	0	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
18-08-1996	1	1	1	s/ref	0	60	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
19-08-1996	0	0	0	s/ref	0	54	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
20-08-1996	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
21-08-1996	0	0	0	s/ref	0	50	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
22-08-1996	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23-08-1996	1	2	1	s/ref	0	52	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
24-08-1996	1	1	0	s/ref	0	64	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
13-09-1996	0	0	0	s/ref	0	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-02-1997	0	0	0	s/ref	0	58	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-08-1997	0	0	0	s/ref	0	58	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-08-2006	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-08-2016	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

1.10.4 Marcas de subjetividade

Correio da Manhã	Diário de Notícias	Jornal de Notícias
“militar ilustre” (“Morreu o marechal António de Spínola”, 1996, 14 de agosto, p. 1)	“militar de honra, coerente com o seu pensamento (...) um combatente de honra e sem medo” (“O que eu sou é um capitão de cavalaria”, 1996, 14 de agosto, pp. 4-5).	“um dos mais destacados militares portugueses deste século” (“Morreu um homem que mudou o futuro de Portugal”, 1996, 14 de agosto, p. 1)

	“vida controversa, mas frontal (...) passaram-se mesmo cenas deprimentes de espepinhamento de campas” (“Respeito no adeus a Spínola”, 1996, 15 de agosto, p. 4).	“um dos mais prestigiados militares portugueses” (“Spínola”, 1996, 18 de agosto, p. 60).
--	--	--

1.11 Vítor Baptista

1.11.1 Biografia

Vítor Baptista foi um futebolista português, conhecido pela irreverência e genialidade em campo. Nascido a 18 de Outubro de 1948 na cidade de Setúbal, o seu pai era transportador de peixe da lota para a praça de Setúbal e morreu cedo. A mãe empregou-se numa das fábricas de peixe do Sado. Era o mais novo de três filhos e um dos seus irmãos também foi jogador de futebol no Vitória de Setúbal.

Terminada a quarta classe Vítor Baptista foi trabalhar, tendo passado por vários empregos, como electricista, canalizador, empregado de mercearia e carpinteiro. Iniciou-se no futebol aos 15 anos, mais concretamente no Vitória de Setúbal, que o descobriu a jogar futebol de salão em torneios populares. Aos 16 anos ganhava 500 escudos mensais e uma pensão e um ano depois o clube passou a pagar-lhe um ordenado de três contos.

Em 1971 Vítor Baptista protagonizou “a mais cara transferência do futebol nacional até então” (“Vítor Baptista - 100 figuras do futebol português”), sendo comprado pelo Benfica ao Vitória de Setúbal por 3 mil contos, que ainda recebeu a título definitivo os jogadores José Torres, Praia e Matine. Vítor Baptista assinou por três anos com o Sport Lisboa e Benfica e começou por ganhar 40 contos. Terminado o prazo renovou o contrato por mais três anos. Ao todo esteve seis anos no clube e foi lá que se notabilizou e que venceu vários troféus.

Conhecido pela sua rebeldia, no final de 1976 Vítor Baptista pressionou a direção do Sport Lisboa e Benfica: queria mais dinheiro ou não jogaria mais. O clube acedeu e nesse mesmo ano José Maria Pedroto convocou-o para a Seleção Nacional. No Campeonato da Europa de 1976, a equipa que representava Portugal estava em Limassol, na véspera de um jogo com o Chipre, e Vítor Baptista “recusou-se a fazer um treino ligeiro na relva do hotel, dizendo que não era jogador de... jardim” (“Vítor Baptista - 100 figuras do futebol português”). Acabou por regressar a Lisboa e voltou a protagonizar alguns casos polémicos com o Benfica, nomeadamente em 1977, quando o clube se deslocou a Moscovo para jogar

e os dirigentes mandaram Vítor Baptista trocar de roupa (vestia calças de ganga enquanto os colegas levavam calças de fazenda e fatos), o que ele recusou. Acabou por embarcar e já na capital russa sentiu dores e disse que só jogaria se o Benfica aceitasse pagar-lhe o ordenado por completo no caso de sofrer alguma lesão que levasse à sua inatividade. O clube recusou e o atleta acabou por não jogar.

Vítor Baptista também se tornou conhecido por ter protagonizado um caso insólito no futebol português. O jogador usava um brinco na orelha esquerda, bem como alguns amuletos ao pescoço, e em 1978, na luta pelo título nacional, o Sporting foi jogar ao Estádio da Luz e perdeu. Vítor Baptista marcou um golo e, durante o lance, o brinco caiu e perdeu-se no relvado. O jogo esteve cinco minutos parado em busca do brinco que, segundo o jogador, tinha custado mais de 10 contos e não voltaria a aparecer.

Dois dias depois do episódio do brinco o jogador anunciou que tinha acabado de assinar pelo Vitória de Setúbal, graças ao contributo de três anónimos que contribuíram com 400 contos para o clube contratar Vítor Baptista. Segundo o jogador, para renovar contrato tinha pedido ao Benfica um aumento de 10 contos e, face à demora da resposta, regressou ao seu primeiro clube. Na época o dirigente do Benfica, Romão Martins, disse que o contrato não chegou a ser assinado porque o jogador exigira 100 contos de ordenado, livres de impostos, e 700 contos de luvas (“Vítor Baptista - 100 figuras do futebol português”).

O jogador regressou assim ao Vitória de Setúbal em 1978 e manteve-se naquele clube durante dois anos. Passou para o Boavista em meados de 1979, mas esteve poucos meses naquele clube. Em abril de 1980 mudou-se para a Califórnia, a convite de António Simões, treinador do Earth Quakes de San José. Duas semanas depois Vítor Baptista regressou a Portugal e foi jogar para o Amora, clube a que se seguiram o Montijo, União de Tomar e Estrelas do Faralhão.

Vítor Baptista era conhecido pela indisciplina e quando saiu do Benfica iniciou um percurso descendente que viria a culminar numa vida de álcool e drogas. Segundo o jornal A Bola, o vício da droga data de 1972, durante uma digressão do Benfica a África, e manteve-se quase até ao final da vida.

Retirou-se do futebol aos 37 anos e acabou a exercer a profissão de coveiro, em Setúbal, na miséria. Morre com 50 anos, na sequência de um acidente vascular cerebral.

1.11.2 Análise

No dia que se seguiu à morte de Vítor Baptista, 2 de janeiro de 1999, nenhum dos jornais analisados mencionou o acontecimento nas respetivas primeiras páginas. Ainda assim, é de realçar que o acontecimento foi capa do suplemento desportivo que se encontra no interior do Correio da Manhã, com a notícia sobre o acontecimento e duas imagens do antigo futebolista.

O dia seguinte à morte de Vítor Baptista motivou, em cada um dos periódicos, uma notícia sobre o acontecimento.

O Correio da Manhã ocupou uma página inteira com a notícia da morte de Vítor Baptista. O conteúdo pode ser encontrado na primeira página do seu suplemento desportivo e é acompanhado por duas imagens. O texto noticioso, uma biografia, refere alguns dados da sua carreira, fala sobre as circunstâncias da morte e dá voz a algumas personalidades do mundo do futebol que privaram com o ex-jogador. No texto é feita uma referência breve à adição às drogas e à vida de marginalidade dos últimos dias de Vítor Baptista.

O Diário de Notícias publica apenas uma biografia composta por três parágrafos sobre a morte de Vítor Baptista, acompanhada por uma fotografia a uma coluna. O texto refere as circunstâncias da morte e sintetiza alguns dos pontos altos da sua carreira como atleta. Também neste caso é mencionada a adição às drogas, ainda que de forma breve.

Por sua vez, o Jornal de Notícias ocupa meia página com a notícia da morte do antigo futebolista. O periódico também aborda a carreira de Vítor Baptista, contextualiza o leitor acerca da morte do atleta e ouve algumas personalidades desportivas sobre o desaparecimento da personalidade. A biografia é acompanhada por uma fotografia e o Jornal de Notícias é o único que não menciona as drogas nem a criminalidade na parte final da vida do ex-jogador.

Os dias que se seguiram à notícia do desaparecimento de Vítor Baptista, 3 a 12 de janeiro de 1999, foram quase vazios em termos de conteúdo nos jornais analisados.

O Correio da Manhã publicou uma notícia que versa sobre as cerimónias fúnebres de Vítor Baptista. Além de descrever o conjunto de pessoas presentes no funeral, o texto refere ainda as opiniões de algumas dessas mesmas figuras. Pelo facto de não haver uma descrição do ambiente do funeral (apenas uma referência ao engarrafamento na cidade de

Setúbal e à salva de palmas dos presentes), não consideramos que se trate de uma reportagem. Na verdade, ficamos até com algumas dúvidas se o jornal teria ido ao local ou se o texto não teria sido feito a partir de um despacho da Agência Lusa, uma vez que a biografia publicada no dia após a sua morte, sendo muito similar à publicada pelo Diário de Notícias, já mostrava que o jornal havia recorrido à agência de notícias como fonte de informação. O facto de não haver nenhuma imagem a acompanhar a peça pode ser outro sinal de que o Correio da Manhã não fez a cobertura do funeral, no entanto, a ter estado presente, a ausência de repórter fotográfico indicia a menor importância atribuída ao ex-atleta.

O Jornal de Notícias também fez a cobertura do funeral de Vítor Baptista, utilizando uma imagem do futebolista em vida para ilustrar a reportagem, em vez de uma imagem do funeral, pelo que também aqui concluímos que não foi enviado nenhum repórter fotográfico ao local. O conteúdo descreve o ambiente vivido no local e dá voz aos participantes mais conhecidos. Neste caso não há dúvida de que o jornal se deslocou até Setúbal para cobrir o acontecimento, uma vez que o texto está assinado pelo seu correspondente naquela cidade.

Nenhum dos jornais analisados recordou a morte de Vítor Baptista.

Ao todo foram publicadas cinco fotografias a acompanhar as notícias sobre a morte do atleta.

O Correio da Manhã ilustra a notícia da morte de Vítor Baptista com duas imagens: uma das fotografias mostra o atleta envergando o equipamento de um dos clubes que integrou e a outra retrata-o enquanto jogador do Benfica, num lance de jogo.

O Diário de Notícias utiliza apenas uma imagem, que mostra o futebolista em vida, mas não enquanto foi jogador de futebol. A fotografia de Vítor Baptista mais velho e com a barba por fazer retrata o ex-jogador. Além disso, a legenda é coincidente com a imagem escolhida: “Triste mas previsível, o desfecho do drama de Vítor Baptista”⁸.

O Jornal de Notícias escolheu uma imagem de Vítor Baptista em campo, enquanto jogador do Boavista, para complementar a notícia da morte do atleta. Quanto à notícia do seu

⁸ “O «adeus» de Vítor Baptista” (1999), *Diário de Notícias*, 2 de Janeiro, p. 36.

funeral, foi utilizada uma imagem do atleta em vida, o que denota a ausência de repórter fotográfico no evento, tal como já mencionamos.

1.11.3 Tabelas quantitativas

Correio da Manhã

Data	N. Páginas CM	N. peças CM	N. Imagens CM	Destaque Capa CM	Fotos Capa CM	Total pág. CM	Artigos CM	Biografia CM	Breve CM	Crônica CM	Cronologia CM	Editorial CM	Entrevista CM	Foto-legendas CM	Inquérito CM	Notícia CM	Reportagem CM	Vozes CM
02-01-1999	1	1	2	s/ref	0	44	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
03-01-1999	1	1	0	s/ref	0	36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
04-01-1999	0	0	0	s/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
05-01-1999	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
06-01-1999	0	0	0	s/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
07-01-1999	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
08-01-1999	0	0	0	s/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
09-01-1999	0	0	0	s/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
10-01-1999	0	0	0	s/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
11-01-1999	0	0	0	s/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
12-01-1999	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
01-02-1999	0	0	0	s/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
01-07-1999	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
01-01-2000	0	0	0	s/ref	0	36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
01-01-2009	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Diário de Notícias

Data	N. Páginas DN	N. peças DN	N. Imagens DN	Destaque Capa DN	Fotos Capa DN	Total pág. DN	Artigos DN	Biografia DN	Breve DN	Crônica DN	Cronologia DN	Editorial DN	Entrevista DN	Foto-legendas DN	Inquérito DN	Notícia DN	Reportagem DN	Vozes DN
02-01-	1	1	1	s/ref	0	36	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

1999																		
03-01-1999	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
04-01-1999	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
05-01-1999	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
06-01-1999	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
07-01-1999	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
08-01-1999	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
09-01-1999	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
10-01-1999	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
11-01-1999	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
12-01-1999	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
01-02-1999	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
01-07-1999	0	0	0	s/ref	0	50	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
01-01-2000	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
01-01-2009	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Jornal de Notícias

Data	N. Páginas JN	N. peças JN	N. Imagens JN	Destaque Capa JN	Fotos capa JN	Total pág. JN	Artigos JN	Biografia JN	Breve JN	Crónica JN	Cronologia JN	Editorial JN	Entrevista JN	Fotolegenda JN	Inquérito JN	Notícia JN	Reportagem JN	Vozes JN
02-01-1999	1	1	1	s/ref	0	64	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
03-01-1999	1	1	1	s/ref	0	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
04-01-1999	0	0	0	s/ref	0	80	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
05-01-1999	0	0	0	s/ref	0	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
06-01-1999	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
07-01-1999	0	0	0	s/ref	0	72	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
08-01-1999	0	0	0	s/ref	0	72	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

9																		
09-01-1999	0	0	0	s/ref	0	72	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
10-01-1999	0	0	0	s/ref	0	72	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
11-01-1999	0	0	0	s/ref	0	80	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
12-01-1999	0	0	0	s/ref	0	58	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
01-02-1999	0	0	0	s/ref	0	88	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
01-07-1999	0	0	0	s/ref	0	88	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
01-01-2000	0	0	0	s/ref	0	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
01-01-2009	0	0	1	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

1.11.4 Marcas de subjetividade

Correio da Manhã	Diário de Notícias	Jornal de Notícias
<p>“um dos jogadores mais polémicos de sempre (...) herói em outros tempos (...) peitudo e corajoso (...) decadência futebolística e humana (...) carácter indisciplinado (...) um triste acontecimento no primeiro dia do ano” (“Morreu o herói infeliz”, 1999, 2 de janeiro, p.. 46).</p>	<p>“peitudo e corajoso” (“O «adeus» de Vítor Baptista”, 1999, 2 de janeiro, p. 36).</p>	<p>“foi um ídolo dos estádios (...) deixou pelos estádios o perfume do seu futebol e da sua forma única de marcar golos (...) muito impreparado para lidar com o muito dinheiro recebido (...) na decadência (...) nós, que acompanhámos o ex-futebolista a quem nos ligava uma grande amizade e a quem sempre ajudámos nos momentos difíceis, consideramos que Vítor Baptista era, em Setúbal, amado e odiado. Invejado por uns e desprezado por outros, o “maior” sempre nos disse que não se arrependia da forma como viveu e se pudesse voltaria a proceder no mesmo sentido (...) orgulhoso (...) só sabia fazer bem uma coisa na vida: jogar futebol” (“Morreu Vítor Baptista aquele que foi o «maior»”, 1999, 2 de janeiro, p. 46).</p>
		<p>“pela sua compleição física e talento, seria hoje, se jogasse, disputado pelos maiores clubes do mundo” (“O último adeus a Vítor Baptista”, 1999, 3 de janeiro, p. 44).</p>

1.12 Amália Rodrigues

1.12.1 Biografia

Amália da Piedade Rodrigues, conhecida apenas pelo primeiro nome, Amália, foi uma fadista e atriz portuguesa, considerada como a voz de Portugal. Nascida a 23 de julho de 1920, a sua naturalidade está em Lisboa por mero acaso, uma vez que a família era natural

da Beira Baixa, mas tinha ido passar uma temporada à capital na expectativa de encontrar emprego para o seu pai (Santos, 2005: p.31). Regressaram depois ao Fundão e Amália ficou em Lisboa com a avó, tendo na altura 14 meses. O pai, Albertino de Jesus Rodrigues, tocava cornetim e era músico no Fundão. A mãe, Lucinda da Piedade Rebordão, cantava nas festas em família. Os pais regressaram a Lisboa quando Amália tinha 9 anos, mas ela só voltou a viver com eles a partir dos seus 14 anos. Amália teve 11 irmãos, três que morreram ainda pequenos e uma que morreu de tuberculose com 16 anos.

A infância passada em Lisboa, sempre a mudar de casa com os avós, foi difícil em termos monetários e as pessoas na rua pediam a Amália, com três ou quatro anos de idade, que cantasse e depois davam-lhe moedas (Santos, 2005: pp.34-35). Foi para a escola apenas com 9 anos e passou diretamente para a segunda classe. Esteve três anos e três meses na escola e foi lá que cantou a primeira vez em público, na festa da Escola da Tapada (Santos, 2005: p.37). Fez o exame de instrução primária, mas a avó não permitiu que continuasse os estudos e saiu da escola com 12 anos e foi para uma bordadora, onde durante um ano teve o ofício de passar a ferro. Trabalhou depois numa fábrica de bolos e rebuçados. Continuou sempre a cantar na rua, o que lhe valeu algumas bofetadas dos irmãos, já depois dos 14 anos, época em que foi morar com os pais e deixou os avós (Santos, 2005: pp.38-40).

Aos 15 anos, Amália e a irmã Celeste, dois anos mais nova, foram trabalhar para um *stand* no Cais da Rocha onde vendiam vinhos do Porto, bordados da Madeira e pequenas recordações aos turistas que vinham nos barcos (Santos, 2005: p.44). Foi nessa altura que aprendeu algumas palavras em inglês. Como a ouviam cantar na rua, em 1935 foi convidada para a Marcha de Alcântara, ensaiada por Joaquim José de Lima, que haveria de escrever os primeiros poemas que Amália cantou no Retiro da Severa (Santos, 2005: p.46).

Em 1938 participou no Concurso da Primavera, mas acabou por desistir. Aqui conheceu Francisco da Cruz, torneiro mecânico e guitarrista amador, que era o guitarrista oficial do concurso, com quem começou a namorar, com 17 anos. Por ter perdido a virgindade com o namorado, os pais de Amália obrigaram-nos a casar, o que aconteceu em junho de 1940 (Santos, 2005: pp.48-49). Amália tinha então 20 anos e o casamento durou três anos, mas o divórcio só aconteceu em 1949, à revelia do marido, que estava em África (Santos, 2005: p.50).

A partir de 1939 Amália assume Rebordão como segundo nome e atua em várias casas de fado, entre as quais se destaca o Retiro da Severa, na qual atuou pela primeira vez em julho de 1939 e onde esteve seis meses com um contrato de exclusividade (Santos, 2005: p.58). Passa então a utilizar o sobrenome Rodrigues e, até 1950, passou por diversas casas de espetáculos, entre as quais o Solar da Alegria, Café Luso, Retiro dos Marialvas, Casino do Estoril, entre outros.

A primeira vez que saiu de Portugal foi em fevereiro de 1943 para cantar em Madrid e no ano seguinte estreia-se no Brasil, país onde haveria de voltar inúmeras vezes e onde inclusivamente estreou o fado “Ai, Mouraria”. Cantou pela primeira vez no Casino de Copacabana no Rio de Janeiro entre os meses de setembro e dezembro e em 1945 também em São Paulo (Santos, 2005: p.79). Quatro anos mais tarde atua pela primeira vez em Paris e Londres e em 1950 sobe a diversos palcos em Berlim, Roma, Trieste, Dublin, Berna e Paris.

O nome de Amália ia crescendo no fado e a cantora dá corpo a novos desafios. Em junho de 1940 estreia-se no teatro, na revista “Ora Vai Tu!”, no Teatro Maria Vitória. Até 1947 fez algumas revistas e operetas, como “Espera de Toiros”, “Essa é que é Essa”, “Boa Nova”, “Alerta Está!”, “A Rosa Cantadeira”, “A Senhora da Atalaia”, “Ó Viva da Costa”, “Estás na Lua!”, “Mouraria” e “Se Aquilo que a Gente Sente”. Foi durante esta época que conheceu Frederico Valério, um dos autores que escreveu fados para Amália, como “Rosa Cantadeira” ou “Fado do Ciúme”, “Ai Mouraria” e “Fado Amália”. Em 1947 iniciou-se no cinema com o filme “Capas Negras” e no mesmo ano estreou “Fado – história de uma cantadeira”, que lhe rendeu o prémio de melhor atriz de cinema em 1948. Entrou ainda em Vendaval Maravilhoso (1949), Os Amantes do Tejo (1954), Sangue Toureiro (1958), Fado Corrido (1964) e As Ilhas Encantadas (1965), entre outros.

Foi nos anos 50 que o nome de Amália Rodrigues começa a ganhar maturidade internacional no panorama musical. Em 1952 estreou-se em Nova Iorque e em 1953 ficou em primeiro lugar num concurso de uma rádio mexicana que elegeu o Óscar da Canção Internacional. Três anos depois subiu pela primeira vez ao palco do Olympia, em Paris. Em 1958 Amália estreou-se na televisão.

Foi no Brasil que Amália gravou o seu primeiro álbum, “As Penas”, editado em 1945, e só cinco anos mais tarde editou um disco em Portugal, sob a chancela da Discos Melodia, “Ai

Mouraria”. Em 1952 Amália começa a gravar para a Valentim de Carvalho e a partir daqui editou vários discos, o primeiro dos quais foi “Abbey Road”, gravado nos estúdios com o mesmo nome, e que integra o êxito “Foi Deus”. Seguiram-se dezenas de álbuns, entre os quais “Busto” (1962), “Fado Português (1965), “Vou Dar de Beber à Dor (1968), “Com que Voz” (1970), “Folclore à guitarra e à viola” (1972), “Cantigas numa língua antiga” (1977), “Lágrima” (1983), “Estranha Forma de Vida” (1985), “Segredo” (1997).

A 26 de abril de 1961 Amália casou com César, com que esteve casada 25 anos, após um namoro que durou mais de seis anos, e foi morar para o Rio de Janeiro onde permaneceu durante dez meses (Santos, 2005: pp.133-134). Durante essa altura retirou-se da música, decisão que durou pouco tempo. Em 1959 Amália tinha conhecido o francês Alain Oulman, o homem que assinou alguns dos temas mais emblemáticos da fadista, como “Povo que Lavas no Rio”. O primeiro disco com músicas de Oulman cantadas por Amália foi editado em 1962. No ano seguinte Amália regressa definitivamente a Lisboa na companhia do marido.

O nome da Amália foi durante alguns anos conotado com o Estado Novo, mas a fadista diz que só esteve com Salazar duas vezes e revela que sempre foi contra o regime (Santos, 2005: p.163). Com o 25 de Abril de 1974 correu o boato de que a cantora pertencia à PIDE e durante algum tempo os jornais não falaram dela e a rádio não emitia as suas músicas. “Só o público é que não conseguiram pôr contra mim. Logo em Junho [1974] fui cantar ao Coliseu e, quando apareci, o público pôs-se todo de pé, a aplaudir-me” (*idem*).

Entre os prémios que conquistou ao longo da sua carreira, destaque para o diapasão de ouro para Melhor Cantora Ligeira da Europa (1973), Grande Prémio da Cidade de Paris (1975), Medalha de Ouro da Cidade de Lisboa (1980), Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique (1980), Grã-Cruz da Ordem Militar de Santiago de Espada (1990),

Amália vendeu mais de 30 milhões de cópias dos 170 discos editados em seu nome em todo o mundo. Cantou temas da autoria de Frederico Valério (“Amália” “Fado do Ciúme”), Pedro Homem de Mello (“Povo que Lavas no Rio”, “Cuidei que Tinha Morrído”, David Mourão-Ferreira (“Barco Negro”, “Maria Lisboa”), Alexandre O’Neill (“Gaivota”), Alain Oulman (“Meu Amor é Marinheiro”) e Alberto Janes (“Foi Deus” e “Vou Dar de Beber à Dor”). Cantava toda vestida de preto e usava sempre um xaile, sua imagem de marca. O seu último espetáculo foi a 11 de dezembro de 1994 no Coliseu dos Recreios, em Lisboa.

Amália Rodrigues morreu a 6 de Outubro de 1999, quando ninguém esperava, com 79 anos de idade. O governo decretou três dias de luto nacional e o funeral reuniu milhares de pessoas. Símbolo da cultura portuguesa, Amália está sepultada no Panteão Nacional.

1.12.2 Análise

A morte de Amália Rodrigues ocupou a totalidade de cada uma das primeiras páginas dos jornais analisados, no dia a seguir ao seu falecimento, 7 de outubro de 1999.

O Correio da Manhã escolheu duas imagens para a sua primeira página: uma de Amália Rodrigues e outra das manifestações de pesar junto da casa da fadista. A capa inteira (assim considerada apesar da pequena chamada já referida) é encimada pelo antetítulo “Morreu Amália” e logo abaixo a manchete “Lágrimas no fado”. Apesar de ser uma capa inteira, de realçar uma pequena chamada no fundo da página a propósito do encerramento do Campo Pequeno durante duas temporadas.

O Diário de Notícias preencheu a primeira página com uma fotografia de Amália Rodrigues. Em baixo, uma espécie de legenda da imagem funciona como título: “Amália, quis Deus que fosse o meu nome”. Parece-nos que foi intenção do jornal deixar a imagem falar por si. A capa é apenas cortada pelo rodapé de publicidade e por uma barra abaixo do cabeçalho com três chamadas: edição especial sobre Timor, poster grátis de Amália e morte de dois milícias em Timor Leste.

No Jornal de Notícias, o título escolhido da capa inteira foi “Chorem guitarras que a Amália morreu”. No espaço abaixo, quatro das cinco colunas são ocupadas por uma fotografia de Amália Rodrigues e a coluna da direita dá algumas informações sobre as cerimónias fúnebres e ocupa ainda aquele espaço com duas publicidades. O Jornal de Notícias foi o único periódico que não colocou mais nenhum assunto na sua capa.

O Correio da Manhã fez mais duas manchetes com a morte de Amália Rodrigues: o velório e o funeral da fadista. No dia após noticiar a sua morte, o jornal utiliza uma imagem do caixão aberto onde se encontra Amália, ladeado de flores e com uma fila de pessoas em volta. O título escolhido foi “Saudade” e o destaque de primeira página é manchete. No dia a seguir ao funeral o acontecimento foi capa inteira, com o título “O Último Adeus”. Nesta primeira página encontramos uma imagem de duas cidadãs anónimas com um retrato de Amália na mão e uma imagem do funeral. No lado direito da página, a uma coluna, o

jornal optou por colocar três chamadas: a questão do monopólio da imprensa, o decreto-lei que acabaria com as passagens de nível e o apuramento dos sub-21 para o Euro.

No Diário de Notícias Amália Rodrigues foi assunto de mais três capas. No dia a seguir ao velório o jornal fez foto de capa, com o título “Façam o favor de chorar por mim”, e uma imagem de Amália, em primeiro plano, sobreposta na fotografia das exéquias, na Basílica da Estrela. No dia seguinte, o mesmo destaque, uma foto de capa, mas desta vez sem qualquer título. O jornal utilizou apenas uma imagem da massa humana que acompanhou o funeral e colocou um pequeno texto introdutório por baixo que começava com a palavra Amália, em letras maiúsculas e a negrito. Três dias depois, um espetáculo de homenagem à fadista motivou uma chamada na barra superior da primeira página, com a sua fotografia e o título: “A memória de Amália no Olympia de Paris”.

Nos dias que se sucederam à morte de Amália, o Jornal de Notícias dedicou mais duas manchetes à personalidade, preenchidas com o velório e o funeral. A primeira dessas manchetes teve como título “Povo chora Amália”, encimando uma imagem do velório da fadista, onde se vê, ao longe, o caixão aberto, rodeado de flores, na Basílica da Estrela, onde foram também retratadas algumas das pessoas presentes. No dia seguinte o título escolhido para a manchete foi “Saudade” e a fotografia mostra o caixão da fadista, embrulhado pela bandeira de Portugal e rodeado por centenas de pessoas.

No dia seguinte à morte de Amália Rodrigues, 7 de outubro de 1999, a fadista foi mencionada em 34 das 204 páginas dos três jornais analisados. Nos periódicos foram publicadas 57 artigos sobre a morte da fadista, juntamente com 90 imagens.

Além da capa, o Correio da Manhã dedicou mais sete páginas inteiras a Amália, no dia que se seguiu à sua morte, ou seja, mais de 18% da sua edição. Encontramos 17 peças: cinco vezes, quatro notícias, duas breves, duas biografias, um artigo de opinião, um editorial, uma reportagem, e uma cronologia. O jornal faz uma reportagem de página inteira na rua onde Amália Rodrigues vivia, ouvindo os vizinhos que recordam histórias com a fadista. O conteúdo informativo dá ainda conta das cerimónias fúnebres, abordando a emoção sentida no cortejo, e lembra alguns momentos simbólicos da vida da fadista, nas duas biografias, sobre a sua carreira na música e no cinema. Além disso, encontramos ainda peças sobre o projeto de um museu dedicado à personalidade, a possível estreia de um musical de Filipe LaFeria sobre Amália. O Correio da Manhã traz algumas recordações sobre momentos

particulares da sua vida, como a relação com o Brasil, e um espetáculo que deu em Dili, no ano de 1972. O periódico dá voz a 41 personalidades divididas em cinco temáticas: amigos e colegas, desporto, música, política e fado. No que toca à opinião, destaque para um artigo assinado pela jornalista de cultura, Manuela Silva Reis, e para o editorial de Vítor Direito, o diretor do Correio da Manhã, que naquele dia dedicou o seu “Bilhete Postal” a Amália Rodrigues.

O Diário de Notícias estende as notícias em torno da morte de Amália Rodrigues por 14 das suas páginas, 13 das quais são inteiramente preenchidas com o acontecimento. Falamos, pois, de 21,8% do total de páginas do periódico daquele dia. Contabilizamos 26 peças: oito biografias, quatro breves, quatro vozes, três notícias, duas cronologias, um inquérito, uma reportagem, um editorial, uma crónica e um artigo de opinião. O conteúdo informativo centra-se essencialmente na carreira e vida pessoal de Amália Rodrigues, procurando abranger todas as vertentes do seu trajeto, em oito biografias divididas por temas, desde a música ao cinema, passando pelos autores que a fadista cantou, a sua breve incursão no teatro, os hábitos pessoais, entre outras particularidades da sua vida. O jornal publica ainda a discografia completa da fadista, colocando a imagem do álbum e uma breve descrição do mesmo, bem como outra cronologia, mas esta sobre os pontos mais importantes da sua vida. Também são objeto de notícia as cerimónias fúnebres, com uma reportagem do cortejo que foi de São Bento até à Basílica da Estrela, e as circunstâncias da sua morte, dado que Amália morreu repentinamente depois de uma má-disposição sentida na véspera. É dado espaço às reações de quase duas dezenas de personalidades dos vários quadrantes da sociedade: sete políticos, entre os quais o Presidente da República e o primeiro-ministro, quatro músicos, dois atores, dois poetas e um futebolista. Na categoria vozes inclui-se ainda a voz da própria Amália, uma vez que uma das peças destaca extratos de entrevistas da fadista ao Diário de Notícias. De realçar que na cabeça de cada página foi colocada a imagem de uma guitarra acompanhada de um verso, diferente em cada página, retirado das canções da fadista. Há ainda duas páginas inteiramente preenchidas com imagens e a notícia de uma homenagem da Rádio Renascença. Quanto aos géneros de opinião, encontramos um artigo assinado por David Ferreira, administrador da EMI-Valentim de Carvalho, uma crónica da jornalista Maria Augusta Silva. O editorial, da autoria de Francisco Azevedo e Silva, chefe de redação, faz um rasgado elogio à fadista. Ainda a destacar um género pouco comum, o inquérito, que o jornal realizou com a nova geração de fadistas e a pergunta “O que herdou de Amália?”. Responderam os músicos

Maria Ana Bobone, Mafalda Arnauth, Camané, José da Câmara e Nuno da Câmara Pereira.

O Jornal de Notícias ocupa nove das suas páginas com a morte da fadista, ou seja, 9,37% da sua edição, neste dia composta por 96 páginas. Destas, oito são integralmente preenchidas com artigos e imagens sobre o acontecimento. Ao todo falamos de 14 peças: quatro notícias, três vozes, duas biografias, dois artigos de opinião, uma crónica, uma reportagem e uma breve. À semelhança dos restantes jornais, os conteúdos abordam as circunstâncias da sua morte e as cerimónias fúnebres, com uma reportagem sobre o cortejo desde São Bento e até à Basílica da Estrela e uma notícia sobre a surpresa da sua morte, na qual se incluem as reações do Presidente da República e do primeiro-ministro, bem como alguns traços da personalidade de Amália. A carreira da fadista é recordada através de duas biografias, uma sobre o seu percurso na música e outra sobre a sua carreira internacional. Numa das suas notícias o jornal procurou ouvir pessoas anónimas na rua, ao mesmo tempo que reuniu reações dos mais diversos quadrantes da sociedade portuguesa, através da voz de personalidades que relembram a vida e a carreira de Amália e a repercussão que a cantora teve internacionalmente. Aqui se enquadram dez políticos, seis fadistas, um poeta, dois atores, um empresário, um futebolista, quatro músicos e a diretora da Casa do Fado e da Guitarra Portuguesa. Amália também tem voz no Jornal de Notícias, que publica excertos das suas entrevistas. O projeto de um museu é outra das notícias no periódico. De realçar que, à semelhança do Diário de Notícias, também o Jornal de Notícias usou cabeças diferenciadas nas páginas que noticiam a morte de Amália, colocando o título “Morreu a voz da nossa alma”. Quanto à presença da opinião, um dos artigos é assinado pelo embaixador de Portugal em Bucareste, José Augusto Seabra, e há ainda uma crónica da autoria do deputado do Partido Socialista, José Saraiva, que também foi jornalista.

Após ter sido noticiada a morte de Amália, o nome da fadista continuou a figurar nas páginas dos três jornais analisados. Encontrámos menção à personalidade em 74 páginas dos dez dias decorridos após conhecida a notícia da morte de Amália (8 a 17 de outubro de 1999), num total de 110 peças e 84 fotografias.

Ao todo o Correio da Manhã referenciou a personalidade em 20 das suas páginas, ou seja, 4,46% do total de páginas destas dez edições. Entre estas estão duas capas. No decurso dos 10 dias seguintes à notícia da morte de Amália Rodrigues, o jornal dá à estampa 30 peças e 28 fotografias. Em termos de géneros jornalísticos encontramos 13 breves, sete notícias,

cinco artigos de opinião, quatro reportagens e quatro vozes. Além da reportagem do velório e do funeral de Amália Rodrigues, o Correio da Manhã ouviu ainda as personalidades presentes, falou sobre o policiamento reforçado e destacou as flores enviadas pelo ator norte-americano Anthony Quinn. Durante estes dois dias, além das cerimónias fúnebres, o jornal menciona alguns detalhes pouco importantes, como o facto do então primeiro-ministro António Guterres ter permanecido no velório 45 minutos ou a editora Valentim de Carvalho ter cancelado a sua festa de aniversário. No período analisado são ainda relatadas as reações no estrangeiro à morte da fadista, bem como as sucessivas homenagens que lhe foram prestadas e onde se incluem a atribuição do seu nome à toponímia da cidade de Lisboa, um minuto de silêncio antes do jogo de futebol Portugal-Hungria, uma homenagem durante o concerto de Dulce Pontes e um concerto no Coliseu dos Recreios dedicado à fadista, que foi anunciado e do qual foi feita a reportagem. Outro dos temas que mereceu a atenção informativa do Correio da Manhã foi a questão da criação de uma fundação com o seu nome. O jornal abordou também o aumento de venda dos seus discos e a suspensão da campanha eleitoral, que decorria na altura, para as eleições legislativas. Outro aspeto importante prende-se com a reportagem da missa de sétimo dia, numa peça de página inteira com duas imagens. De destacar a presença de cinco artigos de opinião durante estes 10 dias após a morte de Amália. Os textos são maioritariamente da autoria de leitores, e a sua proveniência é de Toronto, Ontário, São Paulo e Rio de Janeiro, algo que denota a relevância da fadista fora de portas e que reflete o pesar dos emigrantes portugueses. Existe ainda um texto assinado pelo sociólogo Alberto Gonçalves.

O Diário de Notícias referenciou Amália Rodrigues em 33 páginas nos 10 dias após ter sido noticiada a sua morte, ou seja, 5,5% do total das edições. Tal como já referimos, três destas páginas foram capa. Quanto ao número de peças, foram 53 os artigos publicados neste período, acompanhados por 28 imagens. Registamos a presença de 14 breves, 13 notícias, 10 artigos de opinião, seis crónicas, seis reportagens, duas cronologias e duas biografias. O conteúdo informativo assenta, sobretudo, na cobertura das cerimónias fúnebres. O velório e o funeral de Amália Rodrigues são veiculados através de cinco reportagens, sendo que os textos informativos destes dois dias vão centrar-se também na possível transladação para o Panteão Nacional. Uma das reportagens é feita no velório da fadista e as restantes quatro dizem respeito ao seu funeral. Neste dia o discurso do padre na missa foi alvo de uma notícia independente. Outro dos enfoques do Diário de Notícias

foram as várias homenagens e personalidades que quiserem prestar o seu tributo a Amália Rodrigues, nomeadamente Dulce Pontes, durante um concerto em Barcelona, ou a homenagem da Rádio Renascença.

O conteúdo noticioso do jornal dá ainda conta das reações no estrangeiro à morte da fadista, quer por parte da imprensa, quer de outras personalidades, como a fadista japonesa ou o ator Anthony Quinn que enviou flores para o funeral. Além disso, o diário faz notícias com Paquete de Oliveira, um sociólogo que comenta o fenómeno sociocultural de Amália, e o pianista Nuno Vieira de Almeida, que comenta a sua genialidade musical. Encontramos ainda breves sobre o reforço dos stocks de discos nas lojas e sobre o dinheiro que Amália doou ao Partido Comunista em vida. Foram ainda escritas notícias sobre a fundação e museu que seriam criados. Através de duas biografias o Diário de Notícias volta a recordar a vida e trajeto profissional de Amália, dando destaque a uma peça de 1994 para o Ballet Gulbenkian, em homenagem à fadista e aos letristas que escreveram temas para Amália Rodrigues interpretar. Também os géneros de opinião têm alguma expressão nos dez dias após notícia da morte de Amália, com a publicação de 10 artigos e seis crónicas. Os seus autores são as jornalistas Leonor Xavier, Miguel Gaspar, Maria Elisa, Carlos Magno (este subdiretor do Diário de Notícias), Vale Moutinho e Manuela Alves, o fadista João Braga e o deputado comunista Ruben de Carvalho. Há ainda a registar seis textos da autoria de leitores do jornal. De realçar que no dia após o velório e no dia após o funeral o Diário de Notícias continuou a colocar o cabeçalho com a guitarra e os versos de temas interpretados por Amália nas páginas que falavam sobre a fadista.

O Jornal de Notícias desenvolveu a notícia da morte de Amália Rodrigues ao longo de 21 páginas, duas das quais capas, publicadas nos dez dias após ter sido noticiado o acontecimento. Falamos de 11,79% das edições deste diário. Ao todo foram publicadas 26 peças e 28 imagens respeitantes ao desaparecimento da fadista. Em termos de géneros jornalísticos registamos oito breves, cinco notícias, cinco artigos de opinião, três crónicas, três reportagens, uma foto-legenda e uma biografia. As cerimónias fúnebres ocupam grande parte dos textos noticiosos, com detalhes sobre o ambiente vivido no velório e no funeral e a descrição das personalidades presentes. O jornal recorreu a três reportagens, duas após o velório e uma no dia seguinte ao funeral, para dar conta dos sentimentos e emoções dominantes. Nestes dois dias, através da publicação de breves de um parágrafo, o periódico destacou acontecimentos paralelos e detalhes de menor importância, como o

cancelamento da festa de aniversário da Valentim de Carvalho, os desmaios de cidadãos anónimos ou a emoção sentida por Eusébio, que levou dois bombeiros a perguntarem-lhe se se sentia bem. No dia após o funeral foi ainda publicada uma página inteira só com imagens da cerimónia. Nos dias seguintes, o percurso profissional e a vida de Amália Rodrigues também motivaram a redação de uma biografia. À semelhança dos outros periódicos, o Jornal de Notícias também destacou as diversas homenagens que tiveram lugar e que foram anunciadas em Portugal e no estrangeiro, nomeadamente o concerto no Coliseu dos Recreios e uma missa no Fundão. O conteúdo noticioso abordou ainda o museu, projeto da Fundação Amália Rodrigues. Quanto aos textos de opinião, estes encontram-se patentes em cinco artigos e três crónicas, textos assinados pelos jornalistas Luís Alberto Ferreira, Fernando Antunes e João Ogando, o advogado Manuel Coelho dos Santos, o ator Raul Solnado e o jurista Hugo de Azevedo. Ainda de registar a existência de dois textos enviados pelos leitores do jornal.

As efemérides da morte de Amália Rodrigues foram assinaladas em todos os jornais: um mês, um ano e dez anos no Correio da Manhã; um mês, seis meses, um ano e dez anos no Jornal de Notícias; e um ano e dez anos no Diário de Notícias.

O Correio da Manhã não assinala um mês sobre a morte de Amália Rodrigues com qualquer conteúdo editorial, mas sim com o lançamento de uma medalha de homenagem à fadista. Apesar de não se tratar de um conteúdo noticioso, e de ser apenas publicidade, decidimos mencioná-lo no estudo, uma vez que é publicitado na primeira página do jornal como se de uma chamada se tratasse. No primeiro aniversário da morte da fadista o periódico publica nove artigos: seis notícias, duas breves e um artigo de opinião. A evocação da personalidade é feita em duas páginas, sem qualquer referência na capa do jornal. As notícias falam sobre o impacto da sua morte no estrangeiro, as iniciativas de homenagem à fadista, a questão da criação de uma fundação, um musical inspirado em Amália e algumas declarações da sua irmã. São publicadas quatro imagens, todas evocativas da memória de Amália: a fadista em concerto, uma fotografia sua erguida por uma fã e um traje que usou. O artigo de opinião é da autoria da jornalista Manuela Silva Reis.

No Diário de Notícias o primeiro aniversário da morte de Amália Rodrigues é assinalado com uma página inteira, preenchida com três peças – uma breve e duas notícias – e duas imagens. Os artigos abordam a constituição de uma associação internacional dedicada à

fadista, o testamento deixado por Amália e os trabalhos discográficos de homenagem que estão a ser preparados.

O Jornal de Notícias é o único jornal que assinala todas as efemérides da morte de Amália Rodrigues. Um mês depois do seu falecimento, o jornal publica um artigo de opinião de um leitor e após o primeiro meio ano é publicada uma notícia acerca de um espetáculo de bailado baseado em músicas da cantora. Nestes dois casos não se trata de uma verdadeira efeméride, pois a referência ao nome da personalidade não deriva do tempo que passou desde a sua morte, mas sim de uma carta de um leitor e do facto de um espetáculo estar prestes a estrear. Em nenhum dos casos é mencionado que naquele dia se assinala um mês ou seis meses da morte de Amália. No primeiro ano após a morte, o periódico publica uma notícia e uma fotografia e fala sobre a questão da transladação do corpo para o Panteão Nacional, abordando ainda a casa-museu que estaria prestes a abrir.

Passados 10 anos sobre a morte de Amália Rodrigues, a efeméride nos três títulos mostra que a sua memória continua viva. Apesar de em todas as edições haver notícias sobre a fadista, o destaque dos conteúdos é diferente.

O Correio da Manhã não faz referência na primeira página, mas dedica uma página inteira à fadista no interior do jornal. São três peças – um artigo de opinião, uma notícia e uma breve – que falam sobre a exposição que nesse dia será inaugurada como forma de homenagear a fadista e sobre o novo cd que está prestes a ser editado. O artigo de opinião é da autoria do escritor Francisco José Viegas.

No Diário de Notícias encontramos uma chamada de primeira página para a exposição evocativa de Amália Rodrigues. No interior do jornal o tema é desenvolvido em duas páginas e ilustrado com 17 imagens da exposição. Os quatro artigos publicados – três breves e uma notícia – falam sobre o certame que se inaugura nesse dia e também acerca das evocações que estão a ser levadas a cabo em outros países. Na cabeça da página, o título “Especial Amália: 10 anos depois” não deixa dúvidas sobre a intenção de assinalar da efeméride.

O Jornal de Notícias é aquele que dá mais destaque à primeira década após a morte de Amália Rodrigues. O jornal coloca a imagem da fadista como foto de capa acompanhada do título “Amália hoje, Amália Sempre”. No interior dedica duas páginas inteiras da secção de cultura à efeméride. São oito artigos – cinco breves, duas notícias desenvolvidas

e uma biografia - e quatro fotografias – duas de Amália e duas dos artistas que a homenagearam. O conteúdo informativo dos artigos aborda o percurso profissional da fadista, dá nota da exposição que será inaugurada nesse dia e dos discos que serão editados. Fala também das homenagens à personalidade no estrangeiro e dá voz a vários artistas sobre os novos valores do fado e de que modo cada um desses jovens pode ou não suceder a Amália.

O Correio da Manhã, Diário de Notícias e Jornal de Notícias publicaram um total de 174 fotografias a acompanhar as notícias sobre a morte de Amália.

O Correio da Manhã escolheu 49 fotografias para acompanhar os textos que abordam a morte de Amália Rodrigues. Destas imagens, a grande maioria (42) foram publicadas nos primeiros três dias após o seu falecimento. Olhando para a totalidade de imagens veiculadas pelo periódico, apenas dez retratam Amália Rodrigues e duas fazem-no mostrando o corpo da fadista dentro do caixão, apesar de o ângulo não deixar ver demasiados pormenores do féretro. Registámos a utilização de 22 imagens respeitantes à massa humana que participou nas cerimónias fúnebres, os rostos de pesar de anónimos e as figuras públicas que marcaram presença no funeral. As restantes figuras mostram os locais relevantes para a vida da fadista e as personalidades que quiseram dar o seu testemunho ao jornal sobre o desaparecimento da artista.

No Diário de Notícias foram publicadas 79 fotografias durante os onze dias que se seguiram à morte de Amália Rodrigues, a grande maioria das quais (69) nos três dias após o seu falecimento. O periódico retratou a fadista em 29 imagens (entre estas, duas ilustrações da cantora), uma das quais mostra uma panorâmica do velório, com o corpo visível, ainda que afastado, num caixão aberto e rodeado de flores. Há ainda a registar dez fotografias que mostram a quantidade de pessoas que marcou presença nas cerimónias fúnebres, os rostos anónimos de pesar e as figuras públicas que marcaram presença. As restantes imagens são, sobretudo, das capas dos discos lançados por Amália.

O Jornal de Notícias escolheu 46 imagens para acompanhar os artigos que abordam a morte de Amália Rodrigues. À semelhança dos restantes periódicos, a maioria das imagens (37) foram utilizadas nas três edições após o falecimento da personalidade. Do total de imagens utilizadas, 23 são de Amália Rodrigues e três destas mostram o corpo da fadista dentro da urna. Apesar de ter publicado, inclusivamente na sua capa, três imagens do

caixão aberto, o Jornal de Notícias optou por escolher ângulos que não aproximam demasiado a imagem do leitor. O periódico utilizou 20 fotografias para retratar as cerimónias fúnebres, as pessoas presentes, anónimos e figuras públicas, bem como algumas homenagens que foram realizadas, nomeadamente a missa de sétimo dia.

1.12.3 Tabelas quantitativas

Correio da Manhã

Data	N. Páginas CM	N. peças CM	N. Imagens CM	Destaque Capa CM	Fotos Capa CM	Total pág. CM	Artigos CM	Biografia CM	Breve CM	Crónica CM	Cronologia CM	Edit. orial CM	Entrevista CM	Foto-legend a CM	Inquérito CM	Notícia CM	Reportagem CM	Vo zes CM
07-10-1999	8	17	21	Inteira	2	44	1	2	2	0	1	1	0	0	0	4	1	5
08-10-1999	5	11	7	Manchete	1	44	1	0	7	0	0	0	0	0	0	2	1	0
09-10-1999	6	8	14	Inteira	2	48	0	0	3	0	0	0	0	0	0	2	2	1
10-10-1999	2	3	1	s/ref	0	44	2	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
11-10-1999	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
12-10-1999	1	1	0	s/ref	0	44	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-10-1999	2	2	2	s/ref	0	44	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
14-10-1999	2	2	3	s/ref	0	44	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
15-10-1999	2	3	1	s/ref	0	44	0	0	2	0	0	0	0	0	0	1	0	0
16-10-1999	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
17-10-1999	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
06-11-1999	1	0	1	Chamada	1	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
06-04-2000	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
06-10-2000	2	9	4	s/ref	0	48	1	0	2	0	0	0	0	0	0	6	0	0
06-10-2009	1	3	2	s/ref	0	52	0	0	1	0	0	0	0	0	0	2	0	0

Diário de Notícias

Data	N. Páginas DN	N. peças DN	N. Imagens DN	Destaque Capa DN	Fotos Capa DN	Total pág. DN	Artigos DN	Biografia DN	Breve DN	Crónica DN	Cronologia DN	Edit. orial DN	Entrevista DN	Foto-legend a DN	Inquérito DN	Notícia DN	Reportagem DN	Vo zes DN
07-10-1999	14	26	51	Inteira	1	64	1	8	4	1	2	1	0	0	1	3	1	4

08-10-1999	12	22	6	Foto capa	2	64	2	2	10	3	0	0	0	0	0	4	1	0
09-10-1999	9	13	12	Foto capa	1	56	2	0	0	2	0	0	0	0	0	5	4	0
10-10-1999	3	6	0	s/ref	0	64	2	0	1	0	1	0	0	0	0	2	0	0
11-10-1999	5	8	7	chamada	1	64	1	0	3	1	1	0	0	0	0	1	1	0
12-10-1999	1	1	1	s/ref	0	56	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-10-1999	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
14-10-1999	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15-10-1999	1	1	1	s/ref	0	56	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
16-10-1999	1	1	1	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
17-10-1999	1	1	0	s/ref	0	64	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
06-11-1999	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
06-04-2000	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
06-10-2000	1	3	2	s/ref	0	64	0	0	1	0	0	0	0	0	0	2	0	0
06-10-2009	3	4	17	Chamada	0	52	0	0	3	0	0	0	0	0	0	1	0	0

Jornal de Notícias

Data	N. Páginas JN	N. peças JN	N. Imagens JN	Destaque Capa JN	Fotos capa JN	Total pág. JN	Artigos JN	Biografia JN	Breve JN	Crónica JN	Cronologia JN	Editória JN	Entrevista JN	Foto-legendas JN	Inquérito JN	Notícia JN	Reportagem JN	Vozes JN
07-10-1999	9	14	18	Inteira	1	96	2	2	1	1	0	0	0	0	0	4	1	3
08-10-1999	7	13	7	Manchete	1	96	0	0	7	3	0	0	0	0	0	1	2	0
09-10-1999	4	2	12	Manchete	1	88	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0
10-10-1999	3	3	2	s/ref	0	168	1	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
11-10-1999	0	0	0	s/ref	0	96	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
12-10-1999	1	1	0	s/ref	0	88	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-10-1999	0	0	0	s/ref	0	88	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

14-10-1999	1	2	4	s/ref	0	88	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0
15-10-1999	2	2	2	s/ref	0	88	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
16-10-1999	2	2	1	s/ref	0	88	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
17-10-1999	1	1	0	s/ref	0	178	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
06-11-1999	1	1	0	s/ref	0	96	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
06-04-2000	1	1	0	s/ref	0	72	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
06-10-2000	1	1	1	s/ref	0	72	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
06-10-2009	3	8	5	Foto capa	1	56	0	1	5	0	0	0	0	0	0	2	0	0

1.12.4 Marcas de subjetividade

Correio da Manhã “figura ímpar da cultura portuguesa” (“Figura do cinema”, 1999, 7 de outubro, p. 34).	Diário de Notícias “sabia ser alegre e atrevida” (“Fado perde rainha”, 1999, 7 de outubro, p. 4).	Jornal de Notícias “carreira fulgurante (...) dimensão de Amália (...) um dos seus valores maiores (...) era senhora de um sentido de humor por vezes desconcertante (...) qualidade superior da sua voz” (“Portugal perdeu um símbolo nacional”, 1999, 7 de outubro, p. 34).
“grande diva do fado” (“A sua vida em palco”, 1999, 7 de outubro, p. 35).	“voz maior da canção lisboeta (...) maior intérprete de fado de todos os tempos (...) diva portuguesa” (“Discografia”, 1999, 7 de outubro, p. 5-11).	“diva do fado” (“Milhares de pessoas no adeus à diva do fado”, 1999, 7 de outubro, p. 35).
“maior fadista de sempre (...) modéstia que a caracterizava” (“Algo de mim sobrevive”, 1999, 7 de outubro, p. 35).	“figura emblemática da música portuguesa e referência de Portugal no mundo (...) dentro do fado e de tudo o que somos” (“Raiz de um sentimento profundo”, 1999, 7 de outubro, p. 6).	“mulher portuguesa mais célebre deste século (...) embaixatriz do fado” (“Voz conhecida em todo o mundo”, 1999, 7 de outubro, p. 37).
“a diva partira” (“Morte acelera museu e livro sobre a fadista”, 1999, 7 de outubro, p. 36).	“uma das vozes absolutas do século (...) pertencia a uma classe à parte” (“E todo o mundo era fado”, 1999, 7 de outubro, p. 7).	“o canto de Amália é também um canto de cidade... Essa voz que nos toca a todos” (“Dia 6 de Outubro é Dia de Amália”, 1999, 7 de outubro, p. 40).
“guitarras trinam na Basílica da Estrela pela Voz de todos nós” (“O último adeus”, 1999, 9 de outubro, p. 1).	“voz trágica e doce” (“Cante Camões Amália... e ela cantou”, 1999, 7 de outubro, p. 8).	“morreu um símbolo de Portugal” (“Lisboa em peso no adeus a Amália”, 1999, 8 de outubro, p. 34).
“um dos maiores símbolos nacionais (...) apesar de, fisicamente, já não estar entre nós, Amália nunca morrerá. Os seus fados continuarão na voz do povo que ela sempre cantou. Até à eternidade!” (“Até à eternidade”, 1999, 9 de outubro, p. 26).	“rosto espantoso” (“O cinema não lhe fez justiça”, 1999, 7 de outubro, p. 9).	“deusa (...) rainha do fado (...) Amália teria gostado de se sentir uma deusa por entre as flores (...) diva” (“Uma deusa coroada num manto de flores”, 1999, 8 de outubro, p. 35).
“a imortalidade é apenas digna dos verdadeiros deuses (...) uma Amália mais brejeira e popular (...) símbolo da sua cidade” (“Recordar Amália Sempre!”, 1999, 14 de outubro, p. 37).	“mulher descontraída, brincalhona e até mesmo atrevida (...) princesinha do fado” (“EU não vivi. A vida viveu-me”, 1999, 7 de outubro, p. 11).	“a voz universal que simboliza o fado (...) diva do fado (...) voz do fado por excelência (...) intérprete mais carismática de sempre” (“Uma voz imortal”, 2009, 6 de outubro, p. 42).

“grande voz do Fado (...) diva” (“O mundo não esquece”, 2000, 6 de outubro, p. 36).	“diva do fado” (“O adeus sereno de um povo”, 1999, 8 de outubro, p. 44).	
“símbolo nacional (...) grande fadista (...) esplendorosa presença (...) diva (...) o nosso grande símbolo” (“Televisões assinalam o dia “grande fadista”, 2000, 6 de outubro, p. 37).	“rainha do fado” (“Cantem, cantem Amália”, 1999, 9 de outubro, p. 36).	
“fãs da diva (...) deixa um vazio impossível de preencher (...) musa” (“A exposição que vai correr o mundo”, 2009, 6 de outubro, p. 41).	“Amália, onde quer que esteja, escute. Está a ouvir? Palmas. Palmas para si. Lágrimas por si. Portugal chorou-a. Portugal cantou-a” (“Muitas vozes e palmas para uma voz insuperável”, 1999, 9 de outubro, p. 36).	
	“A alma portuguesa está ferida e dói. Sangra, magoa e chora (...) grande Senhora” (“(Esplen)dor de Portugal”, 1999, 9 de outubro, p. 38).	
	“se a perfeição já está encontrada é sempre difícil arrancar novas versões” (“Querida viajante magnífica, única, ímpar”, 1999, 9 de outubro, p. 40).	
	“rainha do fado (...) grande diva do fado” (“Homenagem a Amália no Canal Muzzik”, 1999, 9 de outubro, p. 53).	
	“diva do fado (...) genial nesse canto único. Perene. (...) património cultural inalienável (...) símbolo vivo do património cultural de uma nação (...) não merecerá Amália que os seus restos mortais e a sua memória sejam distinguidos num Panteão ou num mausoléu? (...) nome indissociável da cultura portuguesa” (“Amália: um património cultural”, 2000, 6 de outubro, p. 44).	
	“glamour da diva” (“Museu da Electricidade”, 2009, 6 de outubro, p. 26).	
	“glamour da diva do fado” (“Revisitar a diva de coração independente”, 2009, 6 de outubro, pp. 26-27).	

1.13 Sophia de Mello Breyner

1.13.1 Biografia

Sophia de Mello Breyner Andresen foi uma escritora e poetisa portuguesa, autora de 17 livros de poesia, nove antologias e 13 livros de prosa, seis ensaios e uma peça de teatro. Nasceu no Porto a 6 de novembro de 1919, filha de João Henrique Andresen, comerciante de vinho do Porto, e de Maria de Mello Breyner. Teve três irmãos, Tomás, Gustavo e João Henrique. Viveu na rua António Cardoso e na Quinta do Campo Alegre (hoje Jardim Botânico), no Porto, e herdou da mãe e do avô os hábitos de leitura e antes de saber ler já ouvia versos. A família tem origem dinamarquesa pelo lado paterno.

Foi uma criada de sua casa chamada Laura que lhe ensinou a “Nau Catrineta”, quando Sophia tinha apenas três anos de idade, com o intuito de que recitasse o poema na noite de Natal (Tavares, 2011). Entre os três e sete anos o seu avô ensinou-a a recitar versos de Camões e Antero. Recorda que na infância gostava de ler histórias diferentes, como “A Nau Catrineta”, “O Gato das Botas”, os contos das “Mil e Uma Noites” e até contos japoneses (Marques, 2008: pp.23-24).

Começou a escrever poesia com doze anos, mas o seu primeiro poema, que haveria de ser publicado mais tarde, foi escrito aos 14. “Entre os 16 e os 23 escrevi mais do que em todo o resto da minha vida. Tenho imensa coisa por publicar dessa época”, dizia a poetisa em entrevista (Tavares, 2011).

Estudou no Colégio do Sagrado Coração de Maria no Porto e em 1934 ingressou no curso de Filologia Clássica, na Faculdade de Letras de Lisboa, que nunca terminou. Os seus primeiros escritos foram colaborações, a partir de 1940, nos “Cadernos de Poesia” de Ruy Cinatti, Tomaz Kim e José Blanc e mais tarde, em agosto de 1944, reuniu as suas primeiras composições no livro intitulado “Poesia”. Tinha então 25 anos e a obra continha muitos dos poemas que escreveu ainda na adolescência. O livro teve uma edição de 300 exemplares, foi pago pelo pai de Sophia de Mello Breyner e lançado em Coimbra, com o apoio de Fernando Valle Teixeira, médico e combatente republicano (Tavares, 2011).

A 27 de novembro de 1946 Sophia de Mello Breyner casou com o advogado e jornalista Francisco Sousa Tavares na Igreja de Lordelo do Ouro, no Porto. O casal foi viver para Lisboa e teve cinco filhos, Maria, Isabel, Miguel, Sofia e Xavier.

O segundo livro de Sophia, “Dia do Mar”, foi editado em Lisboa em 1947 e também reunia poemas que ela havia escrito na adolescência e juventude. Em 1950, ano da morte do seu pai, publica “Coral”, um livro mais noturno, como a própria definiu, e quatro anos mais tarde é editada a obra “No Tempo Divido”, à qual se seguiu Mar Novo (1958). Em 1961 publica “O Cristo Cigano” e um ano depois o “Livro Sexto”, bem como o seu primeiro livro de contos, “Contos Exemplares”. No ano de 1963 Sophia recebeu o Grande Prémio de Poesia da Sociedade Portuguesa de Escritores, atribuído a Livro Sexto e um ano depois publica as antologias “Poesia Sempre” I e II. Nos anos seguintes foram editadas as obras “Geografia” (1967), “Antologia” (1968), “Grades [Antologia de Poemas de Resistência]” (1970), “11 Poemas” (1971) e “Dual” (1972).

Durante esta época foi uma ativista contra o regime de Salazar e na década de 60 enveredou pela poesia política e social, chegando a assinar a carta dos 101 católicos, denunciando a guerra de África, em 1966. Três anos mais tarde, juntamente com o marido, participa na oposição ao regime integrando as listas da CEUD (Comissão Eleitoral Unidade Democrática) para a eleição de deputados à Assembleia Nacional (Tavares, 2011).

Foi sócia fundadora da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos e apoiou a campanha de Humberto Delgado. Após o 25 de Abril de 1974 chegou a ser eleita deputada à Assembleia Constituinte pelo Partido Socialista.

Em 1977 a autora publica “O Nome das Coisas” e seis anos depois edita “Navegações”, com um disco gravado pela autora. A 5 de Fevereiro de 1987 Sophia de Mello Breyner é nomeada Chanceler das Ordens Nacionais pelo então Presidente da República, Mário Soares. Segue-se a publicação de “Ilhas” (1989), “Singraduras” (1991), “Musa” (1994), o conto “Era Uma Vez uma Praia Atlântica” (1997), “O Búzio de Cós” (1997), “Antologia Mar” (2001) e “O Anjo de Timor” (2003).

A obra poética de Sophia foge ao registo pessoal e a própria dizia ser “um poeta muito anticonfessional” (*cit. in* Marques, 2008: p.31). A natureza era uma presença constante nos seus poemas, sendo o mar outro dos elementos importantes na obra da poeta. Sophia de Mello Breyner viria aliás a contar que ia para o jardim da avó colher rosas, que colocava numa jarra em frente à janela do seu quarto e que depois desfolhava e comia. “No fundo era a tentativa de captar qualquer coisa a que só posso chamar a alegria do universo, qualquer coisa que floresce” (Tavares, 2011).

Sophia de Mello Breyner também se dedicou à literatura infantil, através de obras que escreveu para os seus cinco filhos. As crianças tiveram sarampo e a mãe, para os distrair, lia-lhes histórias. Começou assim a perceber que a linguagem era muito sentimental e decidiu contar histórias a partir de factos e lugares da sua infância. Assim surgiu “A Menina do Mar”, história que a mãe lhe tinha contado em criança, mas que estava incompleta e à qual os filhos iram acrescentando pormenores (Tavares, 2011). Assim, nasceu este conto infantil, publicado em 1958, que foi seguido por “A Fada Oriana” (1958), “A Noite de Natal” (1959), “O Cavaleiro da Dinamarca” (1964), “Os Três Reis do

Oriente” (1965), “O Rapaz de Bronze” (1966), “A Floresta” (1968), “Histórias da Terra e do Mar” (1984”,

A poetisa desenvolveu ainda trabalhos de tradução, nomeadamente de “A Divina Comédia” e “O Purgatório”, de Dante Alighier, em 1962. Em 1970 traduz “Quatre Poètes Portugais”, de Camões, Cesário Verde, Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa, a pedido da Fundação Gulbenkian. Em 1987 traduziu a obra “Hamlet”, de William Shakespeare.

Entre as influências literárias de Sophia de Mello Breyner contam-se Miguel Torga, Fernando Pessoa, Rui Cinatti e Jorge de Sena.

Sophia foi a primeira mulher portuguesa a receber o Prémio Camões, no ano de 1999, e apesar de ter sido candidata a ele, nunca lhe chegou a ser atribuído o Prémio Nobel.

A poetisa morreu aos 84 anos, no dia 2 de julho de 2004, após 15 dias de internamento no Hospital Pulido Valente, em Lisboa. Dois anos depois da sua morte é publicada a sua tradução de “Medeia”, de Eurípides e em 2008 sai a edição de “Quatro Contos Dispersos”. A sua “Obra Poética” saiu em 2010, uma edição de Carlos Mendes de Sousa.

1.13.2 Análise

A morte de Sophia de Mello Breyner foi referenciada nas primeiras páginas dos três jornais analisados, no dia após o seu falecimento, 3 de julho de 2004.

O Correio da Manhã dá conta da morte de Sophia com uma pequena chamada a uma coluna, no fundo da página, acompanhada por uma fotografia, onde se lê “Faleceu Sophia de Mello Breyner Andresen”.

O Diário de Notícias optou por dedicar a sua foto de capa à morte da poetisa. Em cima da imagem escolhida está apenas escrito “Sophia 1919-2004” e a legenda do jornal está redigida em jeito de uma pequena introdução à notícia do falecimento de Sophia de Mello Breyner.

O Jornal de Notícias também coloca uma foto de capa no dia que se seguiu à morte da personalidade. A imagem de Sophia de Mello Breyner tem dentro um poema da sua autoria, bem como a data em que nasceu e morreu.

No dia após o seu funeral, 5 de julho de 2004, o Diário de Notícias colocou uma pequena chamada a três linhas na primeira página. O título escolhido foi “O último adeus a Sophia

de Mello Breyner”. Nenhum dos outros jornais voltou a mencionar a poetisa nas suas capas nos dez dias após ter sido noticiada a sua morte.

No dia que se seguiu ao falecimento de Sophia de Mello Breyner, o acontecimento foi mencionado em nove das 200 páginas dos três jornais analisados.

Além da capa, o jornal dedica uma página ao falecimento de Sophia de Mello Breyner, ocupada por quatro peças: uma biografia, uma breve e duas vozes. O percurso literário de Sophia de Mello Breyner motiva a maior parte do conteúdo da biografia, que fala ainda das circunstâncias da sua morte e da sua intervenção do ponto de vista político. O jornal dá voz a quatro personalidades que a recordam e que são representativas do setor da política (o Presidente da República e o ministro da Cultura), da música (a fadista Mafalda Arnauth) e da literatura (o ensaísta Eduardo Lourenço). Além disso, encontramos ainda destacado um dos seus poemas, “Pátria”, e uma breve sobre os prémios que Sophia de Mello Breyner recebeu.

No Diário de Notícias publicam-se duas páginas inteiras dedicadas à poetisa, além da primeira página do jornal. Num total de cinco peças – uma biografia, uma cronologia, duas vozes e uma breve – o periódico recorda o trajeto de Sophia de Mello Breyner na literatura, numa abordagem mais profunda dos temas da sua obra, que denotam que o texto jornalístico foi escrito por alguém com conhecimento do legado poético da autora. O jornal ouve seis personalidades de vários quadrantes da sociedade portuguesa e dedica um texto de vozes a excertos de frases, ideias e pensamentos da própria Sophia de Mello Breyner. Como forma de destacar ainda mais o percurso da personalidade, encontramos também uma cronologia dos principais momentos da sua vida. À semelhança do Correio da Manhã, publica ainda uma breve sobre as distinções que a poetisa recebeu.

O Jornal de Notícias é aquele que dedica mais atenção à morte de Sophia de Mello Breyner. Além da capa, o periódico ocupa as suas três primeiras páginas com as sete peças que têm o seu foco no desaparecimento da poetisa. Encontramos três biografias, três vozes e uma cronologia. O principal destaque em termos de conteúdo é o percurso da poetisa no mundo da literatura, mas as três biografias que o jornal publica destacam ainda momentos particulares da sua vida, que são trazidos pela voz de personalidades que privaram com ela, como Lídia Jorge, Mário Cláudio, Alice Vieira, Manuel António Pina. O jornal quis contar a história de vida de Sophia, mas acrescentou-lhe elementos que não cabem nas

cronologias, com testemunhos na primeira pessoa de acontecimentos vividos, por exemplo, à volta do facto de a poetisa nunca ter recebido o Prémio Nobel da Literatura, apesar de o seu nome ter sido dado como certo. Nas peças publicadas pelo Jornal de Notícias constam ainda excertos de entrevistas da poetisa ao jornal, a sua bibliografia e os depoimentos de cinco personalidades. Ainda de realçar a publicação de um depoimento a uma coluna do então Presidente da República, Jorge Sampaio, que se destaca dos demais pela sua extensão.

Os três periódicos analisados fizeram referência a Sophia de Mello Breyner em 14 das suas páginas nos dez dias após a morte da poetisa ter sido noticiada, entre 4 e 13 de julho de 2004 (Diário de Notícias e Correio da Manhã) e entre 4 e 14 de julho de 2004 (Jornal de Notícias). Ao todo, neste período, foram escritas 17 notícias e utilizadas 13 imagens.

O Correio da Manhã fez referência ao desaparecimento da personalidade em três páginas e três peças (duas notícias e uma breve), nos dez dias após ter sido noticiada a sua morte. Falamos, pois, de 0,46% do total das suas páginas. O velório de Sophia de Mello Breyner foi alvo de cobertura com uma notícia com dados sobre as cerimónias daquele dia, recordando as circunstâncias da sua morte e dando voz a algumas personalidades que recordara a poetisa. O texto vem assinado por um jornalista em parceria com a Agência Lusa e a fotografia utilizada é uma imagem genérica da Igreja da Graça, onde decorreria o velório de Sophia, o que nos leva a concluir que o jornal não se deslocou até ao local do acontecimento. No dia seguinte, o funeral da escritora dá origem a uma notícia, que elenca as personalidades presentes e relata o comportamento de pessoas como o filho de Sophia de Mello Breyner, Miguel Sousa Tavares. Além da cobertura do velório e do funeral, o jornal menciona ainda a poetisa, numa notícia breve, a propósito de uma homenagem a decorrer no Cine Clube de Faro, no dia 9 de julho.

O Diário de Notícias publicou sete peças sobre Sophia de Mello Breyner, em seis das suas páginas, nos dez dias após ter noticiado a sua morte, ou seja, 1% das suas páginas. Falamos de duas crónicas, uma notícia, uma reportagem, um artigo de opinião, uma breve, uma biografia e vozes. No dia do funeral da poetisa, o jornal menciona o velório da véspera, antecipa as cerimónias fúnebres do dia, recorda novamente as circunstâncias da sua morte e colocando em página mais quatro reações de personalidades políticas e culturais ao desaparecimento da escritora. Neste mesmo dia, e na página inteira que lhe dedica, o Diário de Notícias publica ainda uma crónica da autoria de Pedro Mexia. Tal como já

referimos, o funeral da poetisa merece uma chamada na primeira página do dia seguinte e é relatado com uma reportagem que, à semelhança do que fez o Correio da Manhã, também enumera as personalidades presentes. No entanto, o jornalista do Diário de Notícias dá mais atenção à descrição do ambiente de emoção e ao que foi dito durante a missa de corpo presente, nomeadamente por Miguel Sousa Tavares, que leu um poema da mãe. Nos dias 8 e 11 de julho são publicados no jornal dois artigos de opinião, ambos da autoria do jornalista do Diário de Notícias António Valdemar. Encontramos ainda uma referência a Sophia de Mello Breyner numa breve sobre o voto de pesar de Manuel Alegre, destinado à poetisa e apresentado em São Bento.

No Jornal de Notícias as menções à personalidade figuraram em cinco páginas, ou seja, 0,85% das dez edições analisadas, e materializam-se em sete peças: dois artigos de opinião, duas reportagens, uma biografia, uma breve e uma foto-legenda. No dia do funeral referem-se as cerimónias fúnebres, recorda-se um pouco mais do trajeto da poetisa e ouvem-se figuras do mundo literário, que lamentam a perda de Sophia de Mello Breyner. O jornal, que dedicou uma página ao tema, fez uma reportagem no Jardim Botânico do Porto, sítio onde estava localizada a casa do avô de Sophia de Mello Breyner quando esta era criança. No dia após o funeral da poetisa, o Jornal de Notícias fez a reportagem do evento, destacando as palavras ditas e o ambiente vivido e, ao contrário dos seus concorrentes, relega para segundo plano a listagem das personalidades presentes. As referências encontradas nos dias seguintes são dois artigos de opinião, um da autoria de Paulo Pedroso, articulista do jornal, e outro assinado por um leitor. No dia 14 de julho, edição que incluímos na nossa análise para colmatar a falta da edição do dia 10 de julho, encontramos uma foto-legenda, que referencia Sophia de Mello Breyner, pelo facto de esta ter sido destacada por Mário Soares numa entrevista que o jornal lhe fez.

Apenas os dez anos sobre a morte de Sophia de Mello Breyner foram assinalados pelos jornais em análise. Todas as outras efemérides que fazem parte deste estudo foram deixadas em branco.

O Correio da Manhã assinala a primeira década da morte da poetisa com uma breve, que aborda a transladação do corpo de Sophia de Mello Breyner para o Panteão Nacional, naquele mesmo dia. Em dois parágrafos é descrita a cerimónia e as horas a que acontecerá. Apenas na legenda da imagem utilizada (uma fotografia de Sophia) é mencionado o facto de se tratar do 10.º aniversário da sua morte, algo que nos leva a crer que a evocação dos

dez anos do seu falecimento foi motivada pelo facto de a trasladação ter lugar nesta mesma data.

A cerimónia de trasladação é também a temática que motiva a publicação de duas breves, no *Diário de Notícias* e no *Jornal de Notícias*. O primeiro não se limita a descrever a cerimónia a ter lugar naquele dia, mas foi também entrevistar uma das filhas de Sophia, que manifesta reservas relativamente à trasladação. No início do texto é mencionado que a cerimónia acontece no dia em que se assinalam dez anos da morte de Sophia, algo que também acontece na breve publicada pelo *Jornal de Notícias*. No entanto, este jornal, à semelhança do *Correio da Manhã*, limita-se a descrever em que consistirá o programa do dia.

Ao todo, os três jornais publicaram 20 imagens, juntamente com as peças que relataram o desaparecimento de Sophia de Mello Breyner.

No *Correio da Manhã* foram publicadas seis imagens, juntamente com os artigos referentes à morte da poetisa. Destas, apenas duas retratam Sophia de Mello Breyner e trata-se da mesma imagem utilizada na capa e no interior do jornal no dia após a sua morte. As restantes quatro mostram a igreja onde decorre o velório, as cerimónias fúnebres e as personalidades que marcaram presença no funeral.

O *Diário de Notícias* também utilizou seis imagens para ilustrar peças publicadas. Destas, quatro são retratos de Sophia de Mello Breyner, uma fotografia da poetisa jovem e três mais recentes. Outra das imagens utilizadas mostra um quadro de Vieira da Silva, opção não justificada, porque o texto que a imagem ilustra não menciona a pintora e a legenda diz apenas “Abril. À poesia de Sophia somam-se artes como a de Vieira da Silva nesta tela que integra o álbum editado pelo DN”⁹. Sabemos que Maria Helena Vieira da Silva está ligada a Sophia de Mello Breyner e aos valores do 25 de Abril, que ambas refletiram na sua arte. No entanto, em nenhum momento esta ligação, ou sequer o nome da pintora portuguesa, são referidos na notícia publicada. Encontramos ainda uma imagem do seu funeral, em que vemos o caixão a ser transportado. Apesar de não ter sido utilizada nenhuma imagem do caixão aberto, nem da personalidade morta, o retrato do caixão a ser transportado para dentro do carro funerário, não deixa de ser uma opção editorial que visa mostrar a morte.

⁹ Silva, M. A. (2004) “Sophia: a estética e a ética”, *Diário de Notícias*, 4 de julho, p. 49.

O Jornal de Notícias publicou dez imagens, junto dos artigos sobre a morte de Sophia de Mello Breyner. Sete destas fotografias são da personalidade falecida e retratam-na em vida e a meia-idade (seis) e enquanto jovem (um desenho da poetisa). As restantes duas ilustram o funeral e mostram a igreja onde se realiza o velório. Nas edições do Jornal de Notícias foi ainda utilizado um retrato do Jardim Botânico do Porto, espaço que acolheu parte da infância da poetisa.

1.13.3 Tabelas quantitativas

Correio da Manhã

Data	N. Páginas CM	N. peças CM	N. Imagens CM	Destaque Capa CM	Fotos Capa CM	Total pág. CM	Artigos CM	Biografia CM	Breve CM	Crónica CM	Cronologia CM	Editorial CM	Entrevista CM	Fotolegenda CM	Inquérito CM	Notícia CM	Reportagem CM	Vozes CM
03-07-2004	2	4	2	Chamada	1	72	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2
04-07-2004	1	1	1	s/ref	0	72	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
05-07-2004	1	1	3	s/ref	0	72	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
06-07-2004	0	0	0	s/ref	0	72	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
07-07-2004	0	0	0	s/ref	0	72	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
08-07-2004	0	0	0	s/ref	0	72	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
09-07-2004	1	1	0	s/ref	0	52	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
10-07-2004	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
11-07-2004	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
12-07-2004	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-07-2004	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
14-07-2004	0	0	0	s/ref	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
02-08-2004	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
02-01-2005	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
02-07-2005	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
02-07-2014	1	1	1	s/ref	0	48	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Diário de Notícias

Data	N. Páginas DN	N. peças DN	N. Imagens DN	Destaque Capa DN	Fotos Capa DN	Total pág. DN	Artigos DN	Biografia DN	Breve DN	Crónica DN	Cronologia DN	Editorial DN	Entrevista DN	Foto-legendas DN	Inquérito DN	Notícia DN	Reportagem DN	Vozes DN	
03-07-2004	3	5	3	Foto capa	1	64	0	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	2
04-07-2004	1	3	1	s/ref	0	64	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1
05-07-2004	2	1	1	Chamada	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
06-07-2004	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
07-07-2004	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
08-07-2004	1	1	0	s/ref	0	56	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
09-07-2004	1	1	1	s/ref	0	56	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
10-07-2004	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
11-07-2004	1	1	0	s/ref	0	56	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
12-07-2004	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-07-2004	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
14-07-2004	0	0	0	S/ref	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
02-08-2004	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
02-01-2005	0	0	0	s/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
02-07-2005	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
02-07-2014	1	1	1	s/ref	0	48	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Jornal de Notícias

Data	N. Páginas JN	N. peças JN	N. Imagens JN	Destaque Capa JN	Fotos capa JN	Total pág. JN	Artigos JN	Biografia JN	Breve JN	Crónica JN	Cronologia JN	Editorial JN	Entrevista JN	Foto-legendas JN	Inquérito JN	Notícia JN	Reportagem JN	Vozes JN	
03-07-2004	4	6	4	Foto capa	1	64	0	3	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	3
04-07-2004	1	3	2	Chamada	1	68	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
05-07-2004	1	1	1	s/ref	0	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0

06-07-2004	1	1	1	s/ref	0	52	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
07-07-2004	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
08-07-2004	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
09-07-2004	1	1	1	s/ref	0	64	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
10-07-2004	0	0	0	s/ref	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
11-07-2004	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
12-07-2004	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-07-2004	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
14-07-2004	1	1	1	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
02-08-2004	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
02-01-2005	0	0	0	s/ref	0	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
02-07-2005	0	0	0	s/ref	0	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
02-07-2014	1	1	1	s/ref	0	48	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0

1.13.4 Marcas de subjetividade

Correio da Manhã	Diário de Notícias	Jornal de Notícias
“um dos maiores vultos da literatura portuguesa (...) grandeza e singularidade do percurso literário (...) era também uma mulher de fê” (“Poesia perde Sophia de Mello Breyner”, 2004, 3 de julho, p. 60).	“das maiores que viveram em terras lusitanas (“Sophia”, 2004, 3 de julho, p.1).	“Ela salvou a alma (...) se outra coisa não a pudesse libertar do purgatório, 17 livros de poesia ter-lhe-ão bastado (...) era uma vez uma poetisa a quem a morte impediu de continuar a escrever” (“Fim de um poema”, 2004, 3 de julho, p. 2).
“um dos maiores vultos da literatura portuguesa (...) obra singular” (“Sophia de Mello Breyner vai hoje a sepultar”, 2004, 4 de julho, p. 61).	“qualidade ética e estética (...) cidadã de corpo inteiro e de palavra justa (...) conquistou o direito ao nome único (...) vida longa e plena – de amor e inteligência” (“Adeus Sophia”, 2004, 3 de julho, p.48).	“voz imortal (...) o semblante mantinha-se distante nas ocasiões formais. Sophia soube gerir essa independência perante as coisas que lhe desagradavam” (“A distância humana de uma mulher que cultivava o afecto”, 2004, 3 de julho, p. 3).
“grande senhora das Letras (...) mais do que um vulto da cultura portuguesa (...) vida cheia de palavras com sentido” (“O adeus sentido a Sophia”, 2004, 5 de julho, p. 61).	“fulgurante percurso poético (...) lutadora empenhada pelas causas da liberdade” (“Cronologia”, 2004, 3 de julho, p.49).	“referência poética na literatura do nosso tempo (...) na poesia, Sophia é uma palavra necessária. Rima com ela” (“Milagre da simplicidade”, 2004, 3 de julho, p. 4).
	“cidadã empenhada nas causas da justiça e da liberdade” (“Sophia: a estética e a ética”, 2004, 4 de julho, p.49).	
	“vulto da cultura portuguesa” (“Sophia, um grande exemplo da dignidade e da liberdade”, 2004, 5 de julho, p.51).	

1.14 Álvaro Cunhal

1.14.1 Biografia

Álvaro Barreirinhas Cunhal nasceu a 10 de Novembro de 1913, na freguesia da Sé Nova em Coimbra, sendo o terceiro filho de quatro filhos, cujo pai, Avelino Cunhal era advogado e a mãe, Mercedes Barreirinhas Cunhal, doméstica. Em 1916 a família muda-se para Seia, onde Avelino, em 1918, ocupa o lugar de administrador do concelho e mais tarde, em 1923, o lugar de Governador Civil da Guarda. É também em Seia que, em 1921, morre Maria Mansueta, irmã de Álvaro, vítima de tuberculose (Pereira, 1999: p.26).

Em 1924 família muda-se para Lisboa, onde Avelino abre um escritório de advogados. Álvaro Cunhal frequentou o Liceu Pedro Nunes e mais tarde o Liceu Camões, mas em nenhum momento se destacou como aluno de exceção, sendo notória na altura, a sua predileção pela política (Pereira, 1999: p.32). É neste momento que começa a sua aproximação aos ideais comunistas e é em 1931, ao entrar na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, que se iniciam os primeiros contactos com a Liga dos Amigos da URSS, organização intimamente ligada ao PCP, assim como com o Socorro Vermelho Internacional, a Liga Contra a Guerra e Contra o Fascismo e os Grupos de Defesa Académica (Pereira, 1999: pp.39-40).

Álvaro Cunhal reprova no primeiro ano da faculdade, tendo ficado mal visto pelos seus amigos e simpatizantes dos ideais comunistas, tendo mesmo sido repreendido pelo seu amigo Manuel João Palma, que se iria tornar o mais importante advogado dos presos políticos do Estado Novo, assumindo que deveriam ser um exemplo e por isso não poderiam tolerar reprovações (Pereira, 1990: p.50). Desde então tornou-se um aluno aplicado, conhecido por não apreciar a vida boémia, cultivava já um perfil de secretismo, considerado na altura pelos amigos, como excessivo (Pereira, 1999: p.61).

É durante o seu percurso académico que se envolve numas das maiores manifestações antirregime em 1934, que culminou nem confrontos físicos violentos entre os grupos antifascistas e a primeira organização de juventude fascista portuguesa - a Acção Escolar Vanguarda. Na primeira linha dos confrontos, encontrava-se Cunhal, juntamente com Costa e Melo, Manuel João da Palma Carlos, Hugo Batista Ribeiro, Serrão Moura e Ramos da Costa (Pereira, 1999: p.59).

É também em 1934 que é eleito representante dos estudantes de Lisboa no Senado Universitário, onde fica conhecido pelo ataque à Acção Escolar de Vanguarda (AEV), organização que no ano anterior teria tido o patrocínio direto do Presidente do Conselho. Na sua primeira intervenção propôs que se dissolvesse a AEV, tendo essa mesma proposta sido arquivada pelo Senado. É também no último trimestre deste ano que Cunhal é recrutado para a Federação das Juventudes Comunistas Portuguesas (FJCP), assumindo posteriormente o cargo de secretário político do Comité Regional de Lisboa. É nesta altura que surge o pseudónimo de Daniel (Pereira, 1999: p.80).

O assumir do cargo de secretário político, abriu portas ao contacto direto com a Internacional Comunista, num congresso em Moscovo, nesse mesmo ano que durou cerca de um mês. Quando regressa de Moscovo, em 1935, a FJCP estava praticamente desmantelada, fruto das prisões dos elementos do secretariado pela Polícia de Vigilância do Estado (PVDE) (Pereira, 1999: p.146), tendo Cunhal assumido o papel de incentivo aos seus membros e simpatizantes, de infiltração em organizações de massas, de forma a promover os ideais comunistas (Pereira, 1999: p.155). Começam então as negociações para formar a Frente Popular Portuguesa, definida como uma “coligação das forças Antifascistas que pretendem derrubar a ditadura Fascista impondo um regime de Democracia Popular” (Pereira, 1999: p.175).

Em 1936, Álvaro Cunhal viaja para Espanha, em representação do Partido Comunista Português, para dar conhecimento das mudanças no seu Comité Central e nesta mesma altura a PVDE identifica Cunhal e começa a procurá-lo (Pereira, 1999: p.190). A sua chegada à capital espanhola coincide com o início da Guerra Civil de Espanha. Cunhal permanecia em Espanha, de onde não consegue sair, tendo sido obrigado a seguir até França e chega a Paris em Outubro de 1936, onde se refugia e se encontra com o militante comunista Francisco Paula de Oliveira, conhecido como Pável, que tinha intenções de assumir o poder no PCP (Pereira, 1999: p.239). Ambos regressam a Portugal no início de 1937, ano em que vários partidos soviéticos são dissolvidos e as relações entre o PCP e a Internacional Comunista vão tornar-se mais difíceis, sendo que internamente os membros do partido ainda lidavam com a perseguição política que sofriam. Para a Internacional Comunista, o PCP tinha “graves problemas de direcção, quadros, métodos conspirativos, atitude face à provocação e ao comportamento na polícia e, por fim, a suspeita de

infiltração policial (Pereira, 1999: p.231). Pável assume a direção do partido em Portugal, recompõe o Secretariado e reorganiza o Comité Regional de Lisboa (Pereira, 1999: p.256).

Em 20 de Julho de 1937, Cunhal é preso a primeira vez, numa série de detenções após o atentado falhado contra Salazar. Foi brutalmente espancado e torturado pela PVDE (Pereira, 1999: p.327). Esteve detido no Aljube, Peniche e Caxias, tendo sido libertado em 21 de Junho de 1938, após a condenação pelo Tribunal a três meses de prisão correcional dada por expiação pelo tempo de prisão passado, assim como a perda dos direitos políticos durante cinco anos (Pereira, 1999: p.336).

Após estes onze meses de prisão, Álvaro Cunhal regressa à Faculdade de Direito e cumpre serviço militar em 1939, durante dois meses, em Penamacor, que termina após uma greve de fome de 18 dias que o fazem considerar inapto para o serviço militar. A sua atividade partidária tinha sofrido um afastamento, fruto da instabilidade que a direção de Pável causava no Partido Comunista Português, já praticamente reduzido à região de Lisboa, e da sua dificuldade em acompanhar tarefas clandestinas. Ainda assim, mantém uma intensa atividade antifascista junto dos núcleos académicos e colaborando em publicações como “O Diabo” e “Sol Nascente” (Pereira, 1999: p.343).

A fuga de Pável e o caos partidário dentro do PCP favoreceram a ascensão de Álvaro Cunhal ao Secretariado (Pereira, 1999: p.374). Cunhal tinha-se dedicado a uma tentativa de reorganizar a FJCP, que havia sido dissolvida em 1937, e à frente do partido vai retomar a publicação do jornal “Avante!” e vai assumir maior independência em relação à Internacional Comunista (Pereira, 1999: p.433).

A 30 de Maio de 1940, Álvaro Cunhal é novamente detido pela PVDE, acusado de ser publicista, propagandista e organizador ao serviço do PCP. Três meses mais tarde, ainda preso, presta as provas finais para o curso de Direito, tendo terminado com 16 valores (Pereira, 1999: p.445). A 16 de Novembro desse mesmo ano é julgado e libertado, após ter sido condenado a três meses de prisão correcional e à perda dos direitos políticos durante cinco anos.

Saído da prisão, durante o primeiro ano Álvaro Cunhal leva uma vida normal e vai trabalhar para o Colégio Moderno, em Lisboa, como regente de estudos, a convite de João Soares (Pereira, 1999: p.456). Regressa à clandestinidade em 1941, quando participa na reorganização do PCP, a partir do Norte do país. O partido estava fracionado entre a

direção e os reorganizadores e Cunhal aderiu a este segundo grupo (Pereira, 2001: p.85). Um ano depois apresenta o balanço final da reorganização como um movimento vitorioso (Pereira, 2001: p.91), cujo sucesso “está mais na construção de um novo partido do que na conquista do existente (Pereira, 2001: p.109). No Outono de 1942 Cunhal foi chamado para o Secretariado do PCP e assume o pseudónimo de Duarte (Pereira, 2001: p.213).

A partir desta data, o dirigente “vai construir um partido de «revolucionários profissionais» e vai ser o primeiro desses «revolucionários»”, apostando num sistema de práticas clandestinas com base na experiência cominterniana (Pereira, 2001: p.216). Viveu clandestino até 1949, ano em que foi preso, tendo permanecido em Portugal grande parte deste período.

Em 1947 viajou para Belgrado, Moscovo e Paris com o objectivo de reatar as relações com o movimento comunista internacional, quase dez anos depois de ter sido afastado. O reatamento acontece dentro do quadro da guerra fria e o processo estendeu-se até 1948 (Pereira, 2001: p.754). Álvaro Cunhal regressa a Portugal em meados de 1948 e estabeleceu-se no Luso, uma residência clandestina. Fruto de uma denúncia, a PVDE prende Álvaro Cunhal no dia 25 de Março de 1949, na casa do Luso (Pereira, 2001: p.872). Após 14 meses de tortura, aproveita o seu julgamento em Maio de 1950, para em tribunal atacar o fascismo e defender o PCP, assumindo-se como “funcionário do PCP e tendo como cadastro a honra” (Pereira, 2005: p.28). O seu advogado de defesa foi o próprio pai. Álvaro Cunhal tinha 35 anos quando foi preso, tendo ficado detido durante 11 anos, muito para além da pena a que foi condenado (quatro anos e seis meses) (Pereira, 2005: p.41). Ficou 14 meses incomunicável e oito numa situação de quase isolamento (Pereira, 2005: p.151), sendo que entre 1949 e 1952 só contactou com a família (Pereira, 2005: p.162).

Álvaro Cunhal foi condenado e preso na Penitenciária de Lisboa, mas a 29 de agosto de 1952 é transferido para a enfermaria da Penitenciária, onde permanece até ir para Peniche (Pereira, 2005: p.171). A transferência foi “uma medida deliberada para suavizar a pena de Cunhal” (*idem*). É durante este tempo de cárcere que se desenvolvem algumas das suas obras literárias e artísticas. Álvaro Cunhal pintou, traduziu algumas obras, escreveu sobre a atualidade do país e redigiu obras de ficção, a mais importante das quais veio a chamar-se “Até Amanhã, Camaradas”, e foi publicada em 1974, sob o pseudónimo de Manuel Tiago (Pereira, 2005: p.208).

“As campanhas pela libertação de Cunhal, repetindo-se ciclicamente desde 1953, foram elementos fundamentais para a criação da mitologia de Álvaro Cunhal no movimento comunista e nos meios do «contra» em geral. É o Cunhal «amigo do povo» que se forja nesta altura, vítima simbólica de todas as perseguições de Salazar, dedicado, honesto, sério, uma personificação, no «melhor português», do melhor de Portugal” (Pereira, 2005: p.287).

Em 1953 surge um movimento internacional de solidariedade pela libertação de Cunhal, integrado por inúmeros intelectuais e artistas estrangeiros, dos quais se destacariam Jorge Amado e Pablo Neruda, tendo este último dedicado o poema “Lâmpara Marina” (Pereira, 2005: p.300). Após a data em que terminava a sua pena, o tribunal aceita os argumentos da PIDE para manter Álvaro Cunhal preso (a polícia política argumentava que ele continuava a ser dirigente do PCP) e as medidas de segurança foram prorrogadas em janeiro de 1957 por mais seis meses, em julho do mesmo ano por mais três anos e em novembro de 1959 por outros três anos (Pereira, 2005: p.408). Assim, a 27 de julho de 1956 é transferido para a cadeia do Forte de Peniche, onde se mantém até à sua fuga, a 3 Janeiro de 1960.

Álvaro Cunhal, Jaime Serra e Joaquim Gomes desenharam o plano de fuga, em conjunto outros militantes comunistas que se encontravam no exterior (Pereira, 2005: p.709). Para escapar da prisão, Álvaro Cunhal contou com a colaboração de um guarda Jorge Alves, que os encaminhou para uma guarita de onde desceriam por lençóis até ao fosso exterior do Forte (Pereira, 2005: pp.718-719). Estávamos a 3 de janeiro de 1960 e, de Peniche, o fugitivo partiu novamente para a clandestinidade.

Um ano mais tarde Álvaro Cunhal assume o cargo de secretário-geral do PCP, 19 anos depois de Bento Gonçalves, o último ocupante do posto. Em 1962 parte para Moscovo onde vive quatro anos, até se mudar para Paris, cidade onde se mantém até 30 Abril de 1974. Regressa então a Lisboa, após o fim da ditadura, e a 15 de Maio assume funções governativas, como ministro sem pasta, do primeiro Governo Provisório, liderado por Palma Carlos, cargo que mantém durante mais três governos provisórios¹⁰.

Em 1975, nas primeiras eleições pós-25 de Abril, Álvaro Cunhal é eleito deputado à Assembleia Constituinte e Assembleia da República, tendo sido eleito como cabeça de lista do PCP por Lisboa, nas eleições de 1976, 1979, 1980, 1983, 1985 e 1989¹¹.

¹⁰ Correia, P. e Dores, R. (2005) “Conhecer-te mudou a minha vida, camarada”, *Diário de Notícias*, 14 de Junho, pp.4-5.

¹¹ *Idem*.

Foi também membro do Conselho de Estado em 1982, nomeado por Ramalho Eanes, posto onde se manteve até 7 de Dezembro de 1992, altura em que abandonou o cargo de secretário-geral do PCP, ocupado durante mais de 30 anos, tendo sido substituído por Carlos Carvalhas. É então eleito presidente do Conselho Nacional do Partido Comunista e, em 2000, integra novamente o Comité Central do PCP¹².

Cunhal foi escritor, tradutor e pintor, tendo assumido como pseudónimo literário o nome Manuel Tiago. Editou, entre outros, os livros “Até Amanhã, Camaradas” (1974), “Cinco Dias; Cinco Noites” (1975), “A Casa de Eulália” (1997), “Fronteiras” (1998), “Um Risco na Areia” (2000), “Os Corrécios” (2002), “Sala 3” (2001) e “Lutas e Vidas” (2003).

Em 16 de Dezembro de 1994, na apresentação do romance “A estrela de seis pontas”, Cunhal assume como sua a identidade do pseudónimo Manuel Tiago.

Álvaro Cunhal morreu aos 92 anos, no dia 13 de Junho de 2005, vítima de doença prolongada. O seu funeral reuniu 250 mil pessoas.

1.14.2 Análise

No dia seguinte à morte de Álvaro Cunhal, 14 de junho de 2005, todos os jornais destacaram o acontecimento.

A primeira página do Correio da Manhã dá conta da morte de Álvaro Cunhal com uma pequena chamada junto ao cabeçalho, a negro, com uma fotografia do político e o título “Álvaro Cunhal 1913-2005”. A chamada inclui ainda um antetítulo e um pós título. De realçar que em nenhum momento se diz que morreu Álvaro Cunhal, essa referência está implícita na data (1913-2005), enquanto, pelo contrário, na chamada dedicada a Eugénio de Andrade o título diz “Eugénio de Andrade morre aos 82 anos”.

O Diário de Notícias dedica toda a sua capa ao desaparecimento de Cunhal, fazendo o mesmo, na contracapa, com Eugénio de Andrade. Além do cabeçalho e de uma publicidade em rodapé, a primeira página do periódico é preenchida com a imagem de Álvaro Cunhal, sem qualquer título. Por baixo da fotografia podemos ler apenas “Reedição actualizada do especial DNa¹³ dedicado a Álvaro Cunhal”¹⁴.

¹² *Idem.*

¹³ O DNa foi um suplemento do Diário de Notícias criado em 1996, que se dedicava à vertente cultural e que terminou em janeiro de 2006.

¹⁴ “Diário de Notícias” (2005), *Diário de Notícias*, 14 de junho, p. 1.

Também o Jornal de Notícias ocupa toda a sua capa com uma imagem de Álvaro Cunhal. No entanto, o periódico coloca um título, “tudo o que faz o verão subir a prumo chegou ao fim”, citação de Eugénio de Andrade, numa alusão à morte de ambos. Dentro da fotografia do político encontramos uma pequena caixa com a imagem do poeta e os nomes das duas personalidades, juntamente com as respetivas datas de nascimento e de morte.

No dia após o velório o Correio da Manhã faz uma chamada com o acontecimento. Numa coluna, à direita e em baixo, é colocada uma imagem das cerimónias fúnebres, com o título “Últimas honras a Cunhal” e o antetítulo “Funeral hoje em Lisboa”. No dia seguinte nova menção na primeira página, desta vez com uma foto de capa e o título “Família de Cunhal aparece no adeus”, junto da imagem dos seus familiares a chorar olhando para o caixão. É preciso realçar que a foto de capa do funeral de Cunhal destaca o facto de a família do político ter comparecido no funeral, ou seja, o enfoque não é a morte da personalidade, mas sim um acontecimento paralelo.

O Diário de Notícias faz foto de capa com o velório de Álvaro Cunhal. A imagem de Jerónimo de Sousa, dirigente do Partido Comunista Português, junto do caixão, encima o título escolhido, “A última homenagem a Álvaro Cunhal”, seguida de um breve texto introdutório que fala sobre as cerimónias fúnebres agendadas para aquele dia e que não contemplará discursos nem homenagens. No dia seguinte, o tema volta a ter o mesmo destaque, foto de capa, com o título “Uma longa despedida a Cunhal” e uma fotografia de cima a baixo, em duas colunas, com uma imensidão de gente a envolver o caixão da personalidade empunhando bandeiras vermelhas.

No Jornal de Notícias o velório dá origem a uma chamada a uma coluna, com uma fotografia das cerimónias fúnebres e o título “Comunistas mobilizados para o funeral”, numa alusão aos colegas de partido de Cunhal que iriam levar a cabo o funeral que o ex-líder pediu. No dia seguinte o tema é manchete, com o título “Maré vermelha no adeus a Cunhal” e uma imagem do carro funerário rodeado de milhares de pessoas.

O dia que se seguiu à morte de Álvaro Cunhal foi preenchido, nos três periódicos analisados, por referências ao político num total de 101 páginas. Ao todo foram escritas 96 notícias e publicadas 156 fotografias.

O Correio da Manhã dedicou seis das suas páginas ao desaparecimento do líder comunista (11,5% do total da edição) e publicou 15 notícias e 24 imagens sobre o acontecimento.

Foram identificadas quatro biografias, três vozes, dois artigos de opinião, uma notícia, um editorial, uma entrevista, um inquérito, uma breve e uma cronologia. O conteúdo das peças fala sobre os últimos anos da personalidade, com um claro enfoque na deterioração do seu estado de saúde e recordando a última vez que saiu em público, destacando que Cunhal estava cego e já não andava sozinho. As quatro biografias publicadas relatam o seu trajeto na política, na literatura e nas artes plásticas, sendo que a cronologia publicada ajuda a completar a sua história de vida. De realçar que o editorial desse dia foi dedicado às mortes de Álvaro Cunhal e de Eugénio de Andrade e os outros dois artigos de opinião publicados são da autoria do cronista Alberto Gonçalves e do subdiretor do Correio da Manhã, Manuel Queiroz, este último na secção onde se destacam as notícias do dia, o “Dia a Dia”. O jornal dá ainda voz a 15 figuras da sociedade portuguesa, que manifestaram reações de pesar, abordando também os ecos na imprensa estrangeira. O Correio da Manhã publica uma entrevista de três perguntas ao historiador António Costa Pinto, cujo título, “Vão ligá-lo ao comunismo e aos seus malefícios”, nos faz acreditar que há uma opinião latente por parte do jornal em relação a Cunhal. A inserção daquela pequena entrevista parece estar um pouco deslocada do cômputo geral da abordagem jornalística mas, quando colocada lado a lado com o editorial do dia, pode fazer algum sentido. Na sua coluna de opinião, o diretor do jornal, João Marcelino, fala também da morte de Vasco Gonçalves, falecido dois dias antes, e considera que tanto Gonçalves como Cunhal, no rescaldo do 25 de Abril de 1974, “estiveram prestes a lançar Portugal numa guerra civil”, apresentando o PS e o PSD como verdadeiros partidos democratas. A dada altura o diretor do jornal pergunta: “Álvaro Cunhal morreu sem desfazer o mistério: percebeu, ou não, que devotou a sua vida a uma causa perdida e sem sentido, que se sacrificou por um sistema condenado pela própria natureza humana?”. Analisar esta citação no contexto das três perguntas da entrevista pode fazer algum sentido, uma vez que na entrevista o historiador é questionado sobre motivo de a sociedade portuguesa não dar maior expressão política ao PCP. António Costa Pinto responde que, após o 25 de Abril, “os partidos comunistas estavam em queda em termos de estratégia de tomada do poder” e o jornalista questiona se Cunhal teria consciência dessa realidade. O âmbito desta pequena entrevista é, pois, similar ao posicionamento do dirigente do jornal. João Marcelino, no mesmo editorial, refere ainda ser excessiva a atribuição pelo Estado de um dia de luto nacional e acrescenta, em nota de rodapé, que “no campo da cultura, aí sim. Portugal está de luto. Por Manuel Tiago, pseudónimo de Cunhal,

é claro que também, mas sobretudo por Eugénio de Andrade, um grande poeta da literatura portuguesa”.

Das 132 páginas da edição do Diário de Notícias, 66 foram preenchidas com a morte de Álvaro Cunhal, o que significa que metade do jornal foi dedicado a este tema. Este espaço traduz-se em 37 peças e 84 imagens. O periódico reedita, neste dia, um suplemento especial dedicado a Álvaro Cunhal com 48 páginas, que havia sido publicado no suplemento DNA e assinada por João Céu e Silva. As restantes 18 páginas estão no interior da edição do dia. Quanto ao suplemento, este inclui uma introdução e várias entrevistas com personalidades que conviveram com Álvaro Cunhal, que o acompanharam e que com ele partilharam momentos da vida e da história, incluindo a sua irmã, o seu editor e o escritor Urbano Tavares Rodrigues. Os textos têm também origem numa leitura feita por Céu e Silva da obra literária de Manuel Tiago. Identificámos um artigo de opinião e onze entrevistas.

Quanto à edição do dia, são publicados 25 artigos, na sua grande maioria biografias (15), mas também artigos de opinião (3), vozes (2), cronologias (2), um editorial, uma notícia e uma reportagem. As biografias retratam com amplitude o que foi a vida política de Cunhal, desde a sua entrada e trajeto no Partido Comunista Português, passando pelo seu papel à frente daquele partido, até às perseguições e prisões durante o Estado Novo. São ainda focadas as suas atividades no ramo das artes plásticas e da literatura, ainda que com menos destaque do que a sua vida política. A extensa cronologia, que ocupa o cabeçalho das 15 páginas, ajuda a escrever a história de Álvaro Cunhal, a par da cronologia das suas obras de ficção publicadas sob o pseudónimo de Manuel Tiago. Além disso, encontramos ainda menção às circunstâncias da sua morte e cerimónias fúnebres, bem como espaço para testemunhos de 13 personalidades e instituições políticas. De realçar a presença de um editorial, aqui assinado pelo diretor do Diário de Notícias, Miguel Coutinho, e três artigos de opinião: um assinado pelo então Presidente da República, Jorge Sampaio, outro da autoria do militante comunista Ruben de Carvalho, e o terceiro assinado por Carlos Brito, também membro do PCP.

O Jornal de Notícias referenciou a morte de Álvaro Cunhal em 29 das suas 88 páginas, ou seja, quase 33% da totalidade do jornal, sendo que neste dia o periódico publicou um especial de 20 páginas sobre o político denominado “A Morte de um Resistente”. Ao todo registámos a existência de 40 artigos e 48 fotografias. Os géneros predominantes são as

biografias (14), breves (7), notícias (6), vozes (4), artigos de opinião (4), cronologia (3), crónica (1) e editorial (1). O conteúdo dos textos informativos refere, maioritariamente, o percurso político e artístico de Álvaro Cunhal, sendo claro o enfoque na sua vida pública e, na vertente histórica, na sua ação política. O jornal faz também uma antevisão da lacuna deixada no Partido Comunista, com o desaparecimento da sua histórica figura, e dá voz a militantes daquele partido nesse sentido. Têm ainda voz várias personalidades, que assim manifestam o seu pesar pelo desaparecimento de Cunhal, nomeadamente os representantes de cada um dos partidos com assento parlamentar, para além de outros militantes de esquerda. Na cabeça de cada uma das 20 páginas do especial são publicados excertos de entrevistas, escritos e intervenções públicas de Álvaro Cunhal. As repercussões da sua morte também são notícia, até porque, na época, o governo decretou luto nacional. Quanto à opinião, além do editorial que adota um cariz claramente elogioso, encontramos uma crónica assinada por Catarina Pires, autora do livro “Cinco Conversas com Cunhal” e jornalista da Notícias Magazine, revista semanalmente publicada com o Diário de Notícias e o Jornal de Notícias. Os restantes quatro artigos de opinião são da autoria de Judite de Sousa, à época jornalista de RTP, que fala sobre a última entrevista que fez ao líder comunista, Francisco Martins Rodrigues, um dos fundadores do PCP, Eduardo Lourenço, filósofo e ensaísta, e Mário Soares, ex-Presidente da República e adversário histórico de Cunhal.

Nos dez dias que se seguem à notícia da morte de Álvaro Cunhal, de 15 a 26 de junho de 2005, foi feita referência ao seu falecimento em 64 páginas dos três jornais analisados. Estes publicaram um total de 93 artigos e 103 fotografias.

O Correio da Manhã mencionou Álvaro Cunhal em sete das suas páginas nos dez dias que se seguiram à notícia da morte do líder comunista, o que representa 1,28% do total de páginas. Os dois primeiros dias, que correspondem ao velório e ao funeral, foram os que concentraram a grande maioria do conteúdo e as cerimónias fúnebres mereceram uma chamada (no dia a seguir ao velório) e uma foto de capa (no dia a seguir ao funeral) nas respetivas primeiras páginas. Ao todo o Correio da Manhã escreveu 11 artigos durante estes dias e publicou 31 fotografias, dando uma clara predominância à ilustração. Em relação aos géneros jornalísticos, encontramos quatro breves, dois artigos de opinião, duas foto-legendas, uma entrevista, uma notícia e uma reportagem. Os dois artigos de opinião são assinados por José Luís Ramos Pinheiro, jornalista do Correio da Manhã, e João

Marques dos Santos, articulista daquele jornal. Quanto às notícias, estas abordam maioritariamente as homenagens, manifestações de pesar e cerimónias fúnebres. Destaque ainda para a entrevista ao socialista e poeta Manuel Alegre, com apenas três perguntas, sendo que apenas uma versa sobre a importância da figura histórica de Cunhal. Ainda assim é de relevar que a segunda pergunta refere-se à justificação, ou não, de um dia de luto nacional também por Eugénio de Andrade, que faleceu no mesmo dia de Álvaro Cunhal.

O Diário de Notícias, enquanto jornal que fez uma cobertura mais ampla da morte de Cunhal, fez referência ao líder político em 30 páginas, nos dez dias que se seguiram à notícia da sua morte, o que representa 6,4% do total de páginas daquelas edições. De realçar que entre estas 30 páginas encontramos duas primeiras páginas, cada uma com uma foto de capa, correspondentes ao velório e ao funeral. O periódico redigiu 39 artigos e publicou 28 fotografias. A opinião é o género em destaque, pois congrega 25 do total de artigos publicados. Encontramos ainda quatro breves, três notícias, três foto-legendas, duas reportagens, um editorial e uma cronologia. Em termos de conteúdo dos artigos informativos, o Diário de Notícias dá mais importância às homenagens, às cerimónias fúnebres e seus participantes, com a realização de duas reportagens e algumas foto-legendas. As notícias que versam sobre as exéquias centram-se em vários aspetos paralelos, como a presença massiva de alentejanos ou uma cronologia com horas e uma descrição sucinta de cada momento do funeral. Já nos últimos dias, o foco noticioso prende-se com a polémica no Parlamento acerca da aprovação de votos de pesar a Cunhal e Vasco Gonçalves, que passou apenas com a votação das bancadas à esquerda. Identificámos um editorial que, embora focando-se nas eleições legislativas, menciona a morte de Cunhal, pelo que consideramos esta peça para a nossa análise. A opinião é, de facto, o género dominante. Neste campo encontramos dois tipos de artigos: aqueles que são assinados por articulistas e figuras públicas e as cartas de leitores anónimos que tecem considerações sobre a relevância histórica de Cunhal. Assim, identificamos 17 artigos, assinados pelos cronistas do Diário de Notícias, Luís Delgado, Luciano Amaral, José Manuel Barroso, Pedro Lomba, Proença de Carvalho, João de Mendia e Manuel de Lucena, pelos jornalistas do periódico Miguel Gaspar, João Céu e Silva, João Miguel Tavares e Armando Rafael, o ex-diretor do periódico, Mário Bettencourt Resendes, o político e socialista, Jorge Coelho, o militante comunista, Ruben de Carvalho, e o fundador do Bloco de Esquerda, Miguel Portas. Encontramos ainda seis cartas de leitores, todas com um tom elogioso, sendo de realçar que três delas surgem em reação a um dos artigos

assinados por Luciano Amaral, em que o cronista se refere a Cunhal como um perdedor, algo que os dois leitores refutam, condenando a análise de Luciano Amaral. Por último, de realçar um texto de opinião da autoria do provedor do leitor do Diário de Notícias, José Carlos Abrantes, acerca das opções editoriais do jornal nos dias após a morte de Cunhal.

O Jornal de Notícias faz referência a Álvaro Cunhal em 27 páginas, durante o período em análise, que representam 4,24% do seu espaço. Também neste caso, a maioria das peças está concentrada nos dois dias após ter sido noticiada a morte do líder comunista e também as suas capas destacam o velório e o funeral da personalidade, com uma chamada e uma manchete, respetivamente. Ao todo foram publicadas 43 notícias e 44 fotografias. O género predominante são as breves (17), os artigos de opinião (10), as notícias (5), biografias (4), reportagens (3), vozes (3) e entrevista (1). Em termos de conteúdo informativo, a primazia vai para as cerimónias fúnebres, descritas, sobretudo, com recurso à reportagem, mas também as notícias e breves que visam dar conta das repercussões da morte do político em Portugal e no estrangeiro. O facto, aliás, de a Rússia não dar relevo ao falecimento do ex-líder comunista é destacado numa notícia a duas colunas. Merecem ainda destaque jornalístico as homenagens que foram dedicadas a Álvaro Cunhal. Nestes dez dias, o jornal continua a prestar atenção ao percurso do ex-líder comunista, recordando espaços por onde ele passou e momentos marcantes da sua vida, como a fuga de Peniche. Além disso, publica um artigo de duas páginas sobre a participação de Mário Soares no programa da SIC Notícias, Sociedade Aberta, onde o antigo Presidente da República abordou algumas das histórias que passou com Cunhal. São várias as personalidades a quem o Jornal de Notícias dá voz, no que diz respeito a manifestações de pesar, com destaque para líderes políticos e deputados de várias facções. Ainda de destacar a entrevista com Emídio Guerreiro, um dos mais ativos combatentes contra o Estado Novo, centrada no papel que Álvaro Cunhal desempenhou do ponto de vista histórico. Quanto à opinião, cuja presença também é significativa, os artigos são assinados pelos cronistas João Madeira, Nuno Rogeiro, Paquete de Oliveira, Nuno Grande, Denis Machado, a jornalista da RTP Judite de Sousa. Encontramos ainda três cartas enviadas por leitores. Ainda de realçar a já aqui referenciada coluna do Provedor do Leitor do Jornal de Notícias, Manuel Pinto, é dedicada ao tratamento jornalístico da morte de Cunhal por aquele periódico.

Todos os jornais assinalaram pelo menos uma efeméride da morte de Álvaro Cunhal.

Passados dez anos da morte de Álvaro Cunhal, o Correio da Manhã coloca uma pequena nota na coluna denominada “Curiosidades do dia”, onde refere que o antigo dirigente comunista faleceu há uma década.

O Diário de Notícias é o jornal onde as efemérides têm mais destaque, o que se coaduna com o também extenso tratamento que foi dado pelo periódico à morte de Álvaro Cunhal. Volvido um ano do seu falecimento, o jornal faz chamada na primeira página com o facto de o PCP se recusar a assinalar a data. No interior da edição contabilizámos quatro peças – duas breves e duas notícias – cujo conteúdo assenta na memória do que representou o funeral de Álvaro Cunhal, na recusa do partido em assinalar a efeméride, na carreira literária da personalidade e no lançamento de um DVD sobre a sua vida. As notícias são acompanhadas por 13 fotografias e ocupam duas páginas inteiras. Ao assinalar a primeira década da morte de Cunhal, o Diário de Notícias dedica uma foto de capa ao assunto. Os dez anos da morte da personalidade motivaram uma entrevista de quatro páginas a Pacheco Pereira, enquanto biógrafo oficial de Álvaro Cunhal. O dirigente comunista foi, aliás, o único tema da entrevista, acompanhada por uma imagem de Pacheco Pereira e cinco fotografias de Cunhal.

O Jornal de Notícias relembrou o primeiro ano após a morte de Álvaro Cunhal com uma notícia que também abordou o facto de o Partido Comunista Português não assinalar a efeméride. A notícia foca-se apenas nessa questão e não evoca a personalidade, o que nos levanta algumas dúvidas sobre se o primeiro ano da morte do político teria espaço no Jornal de Notícias se não fosse esta recusa do partido em celebrar a data. A nossa dúvida ganha sustentação quando percebemos que o periódico não assinalou nenhuma das outras efemérides.

O Correio da Manhã, Diário de Noticias e Jornal de Notícias são responsáveis pela publicação de 273 imagens no âmbito da cobertura da morte de Álvaro Cunhal.

Ao todo o Correio da Manhã publicou 35 fotografias nos 11 dias após Álvaro Cunhal ter falecido. Destas, apenas oito são retratos da personalidade. Foram utilizadas 12 imagens do ambiente vivido no velório e no funeral, bem como a massa humana que marcou presença e as personalidades que por lá passaram. As restantes fotografias ilustram a sede do partido, militantes e simpatizantes, bem como as suas obras literárias e artísticas.

O Diário de Notícias publicou 112 fotografias. De realçar, que não foram consideradas as pinturas de Álvaro Cunhal que ilustram o especial de 48 páginas publicado no dia seguinte à sua morte. Assim, entre mais de uma centena de imagens utilizadas, apenas 35 retratam Álvaro Cunhal. As cerimónias fúnebres (velório e funeral) foram ilustradas com 18 fotografias e as restantes imagens mostram circunstâncias do seu trajeto político e das obras da sua vida pessoal e artística, como os livros publicados e as pinturas criadas. Há ainda 16 fotografias, publicadas no suplemento especial, referentes às personalidades entrevistadas e a algumas particularidades referidas nessas entrevistas.

No Jornal de Notícias foram publicadas 92 imagens nas onze edições após a morte de Álvaro Cunhal, 32 das quais são retratos da personalidade em vida. Também nas edições deste periódico se verificou uma cobertura fotográfica massiva das cerimónias fúnebres. De facto, no âmbito do velório e do funeral do político foram publicadas 17 imagens, que mostram a massa humana que acompanhou o evento, as personalidades presentes e as manifestações de pesar por parte de quem passou por lá. O periódico selecionou ainda várias imagens de locais e pessoas que contextualizam e completam a informação sobre a vida e obra de Cunhal.

1.14.3 Tabelas quantitativas

Correio da Manhã

Data	N. Páginas CM	N. peças CM	N. Imagens CM	Destaque Capa CM	Fotos Capa CM	Total pág. CM	Artigos CM	Biografia CM	Breve CM	Crónica CM	Cronologia CM	Editorial CM	Entrevista CM	Foto-legendagem CM	Inquérito CM	Notícia CM	Reportagem CM	Vozes CM
14-06-2005	6	15	24	Chamada	1	52	3	2	4	0	1	1	1	0	0	1	0	2
15-06-2005	3	5	5	Chamada	1	52	1	0	3	0	0	0	0	0	0	1	0	0
16-06-2005	2	4	5	Fotocapa	1	52	0	0	1	0	0	0	0	2	0	0	1	0
17-06-2005	1	1	0	s/ref	0	52	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
18-06-2005	1	1	1	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
19-06-2005	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
20-06-2005	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
21-06-2005	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

22-06-2005	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23-06-2005	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
24-06-2005	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-07-2005	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-12-2005	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-06-2006	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-06-2015	1	1	1	s/ref	0	52	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Diário de Notícias

Data	N. Páginas DN	N. peças DN	N. Imagens DN	Destaque Capa DN	Fotos Capa DN	Total pág. DN	Artigos DN	Biografia DN	Breve DN	Crónica DN	Cronologia DN	Editorial DN	Entrevista DN	Fotolegenda DN	Inquérito DN	Notícia DN	Reportagem DN	Vozes DN
14-06-2005	66	37	84	Inteira	1	132	4	15	0	0	2	1	11	0	0	1	1	2
15-06-2005	5	9	7	Foto capa	1	52	1	0	4	0	0	0	0	2	0	1	1	0
16-06-2005	8	6	14	Foto capa	1	44	3	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	0
17-06-2005	6	10	4	s/ref	0	52	8	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0
18-06-2005	2	4	0	s/ref	0	44	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
19-06-2005	2	2		s/ref	0	52	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
20-06-2005	3	4	2	s/ref	0	44	3	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
21-06-2005	2	2	1	s/ref	0	44	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
22-06-2005	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23-06-2005	2	2	0	s/ref	0	44	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
24-06-2005	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-07-2005	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-12-2005	0	0	0	s/ref	0	72	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-06-2006	3	4	13	Chamada	1	36	0	0	2	0	0	0	0	0	0	2	0	0

13-06-2015	5	2	6	s/ref	1	64	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0
------------	---	---	---	-------	---	----	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

Jornal de Notícias

Data	N. Páginas JN	N. peças JN	N. Imagens JN	Destaque Capa JN	Fotos capa JN	Total pág. JN	Artigos JN	Biografia JN	Breve JN	Crónica JN	Cronologia JN	Editorial JN	Entrevista JN	Fotolegenda JN	Inquérito JN	Notícia JN	Reportagem JN	Vozes JN
14-06-2005	29	40	48	Inteira	1	88	4	14	7	1	3	1	0	0	0	6	0	4
15-06-2005	12	18	20	Chamada	1	68	1	4	6	0	0	0	1	0	0	3	1	2
16-06-2005	5	13	20	Manchete	1	64	0	0	9	0	0	0	0	0	0	1	2	1
17-06-2005	4	4	0	s/ref	0	64	2	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0
18-06-2005	2	3	1	s/ref	0	64	2	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
19-06-2005	3	4	3	s/ref	0	68	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
20-06-2005	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
21-06-2005	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
22-06-2005	1	1	0	s/ref	0	64	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23-06-2005	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
24-06-2005	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-07-2005	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-12-2005	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-06-2006	1	1	0	s/ref	0	72	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
13-06-2015	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

1.14.4 Marcas de Subjetividade

Diário de Notícias	Jornal de Notícias
“grande reorganizador do partido (...) vontade férrea (...) figura de referência (...) uma das personalidades dominantes no Portugal democrático” (“Conhecer-te mudou a minha vida, camarada”, 2005, 14 de junho, p. 4)	“mito que nasceu na clandestinidade (...) foi desde sempre um combatente” (“Mito mantém rumo do partido”, 2005, 14 de junho, p. 2).
“personagem ímpar (...) uma das personalidades mais fascinantes e complexas (...) activista político empenhado” (“A ascensão do filho adoptivo do proletariado a líder do PCP”, 2005, 14 de junho, p. 8)	“personalidade demasiado complexa para poder reduzir-se a fórmulas simplistas (...) figura ímpar (...) escritor de razoável qualidade (...) desenhador de traço característico (...) uma certa aura de mistério, como alguém já escreveu, ajuda a consolidar o

	«mito» (“Morreu um pedaço de história”, 2005, 14 de junho, p. II).
“discurso brilhante e fluido, mas rígido e imperturbável (...) um dos personagens mais marcantes da vida política” (“Da difícil arte de penetrar no muro”, 2005, 14 de junho, p. 19)	“agora que o homem morreu, o mito perdura” (“Uma vida que se confunde com a história do PCP”, 2005, 14 de junho, p. IV).
“herói do movimento comunista” (“Contra o culto da personalidade e o endeusamento dos mortos”, 2006, 13 de junho, p. 3)	“um exemplo de vida que os comunistas não esquecerão” (“O camarada Álvaro faz-nos muita falta”, 2005, 15 de junho, p.3).
	“símbolo da luta colectiva” (“Camaradas desfilarão até à noite”, 2005, 15 de junho, p.4).

1.15 José Megre

1.15.1 Biografia

José Megre nasceu a 26 de março de 1942 na cidade de Lisboa e até aos 10 anos estudou na escola Avé Maria. Com 13 anos começou a viajar de automóvel para o estrangeiro, na altura com os pais. A sua primeira viagem teve como destino a Galiza e decorreu entre os dias 28 de agosto e 13 de setembro de 1955, num Peugeot 203 (Megre, 1999: p.383).

Em 1961 venceu o primeiro Rali de Iniciados que se disputou em Portugal, e no qual participou juntamente com José Manuel Teixeira Dinis, ao volante de um MG Midget (Megre, 1999: p.18). Em 1963 ingressou no Curso de Engenharia Mecânica com especialização em Automóveis, em Londres, Inglaterra, que viria a terminar em 1966. Durante este período fez um curso de pilotagem na Motor Racing Stables. Regressou a Portugal em 1966 e ingressou como voluntário nos comandos, seguindo para Angola no ano seguinte para combater na Guerra Colonial. Permaneceu naquele país durante dois anos e meio, até 1970, e cumpriu o seu serviço militar como alferes miliciano da 12.^a companhia de Comandos. Durante aquele tempo começou a interessar-se pelo todo-o-terreno e descobriu o fascínio pelo deserto, tendo realizado a sua primeira expedição ao deserto em Angola, no ano de 1969. Além disso começou a praticar para-queda (Megre, 1999: p.18).

Em meados de 1970 José Megre regressou a Portugal e ingressou no Entrepósito Comercial – Distribuidor Nissan-Datsun, onde teve como responsabilidade a preparação e assistência dos carros de competição Datsun, que participavam nos campeonatos de ralis (*idem*). Em 1972 surge o Troféu Datsun e José Megre volta a correr, depois da breve experiência nas pistas inglesas aos fins de semana nos anos 60. No ano seguinte compra um Datsun 1200, com o qual disputou o campeonato de velocidade. A sua atividade como piloto sofre uma

interrupção em 1974, fruto da crise do petróleo que o obrigou a vender o carro. Volta às pistas um ano depois, com um Nissan 260 Z que lhe fora oferecido pela marca e nessa temporada decide fazer o Rali de Portugal, que terminou em 10.º lugar (*idem*). O seu primeiro rali-aventura acontece em maio de 1976 em Marrocos e no ano seguinte fez o Rali da Acrópole, na Grécia, mas não terminou nenhum dos dois (Megre, 1999: p.20). Decide então abandonar o desporto automóvel e dedica-se às motos todo-o-terreno, às viagens e ao windsurf, a par com a sua atividade principal no Grupo Entrepasto, onde foi diretor técnico, administrador e consultor. Começou por trabalhar com a Datsun Nissan, seguindo-se três anos com a Renault Camiões (a partir de 1979), e, por último, nove anos de trabalho com a Porsche. Entre os anos de 1976 e 1978 José Megre foi autor e apresentador do programa semanal de televisão sobre automóveis “Ida e Volta”, na RTP.

Na década de 70 José Megre tinha ganho credibilidade como técnico, preparando automóveis de competição, e como piloto, participando em algumas corridas e ralis. No início dos anos 80, quando trabalhava com a Renault-Camiões, reencontra dois velhos amigos, João e José Manuel Baptista da Silva, responsáveis pela UMM, uma marca de jipes de construção portuguesa, que o convidam para correr o Dakar. É assim que, em 1982 José Megre começa a dedicar-se ao todo-o-terreno, como piloto de fábrica da UMM (Megre, 1999: p.21). Nesse ano participou no Rali Paris-Dakar pela primeira vez, prova que viria a repetir nos dois anos seguintes, e fundou o Clube Todo o Terreno, do qual é também o sócio número um, juntamente com o seu navegador, Manuel Romão e com o amigo Pedro Salgado. Dois anos mais tarde, na sequência do Dakar 1984, ajudou a fundar o Clube Aventura, juntamente com Pedro Vilas Boas. Como presidente do clube, a ideia inicial de José Megre e de Pedro Vilas Boas era levar os entusiastas da modalidade até ao deserto que os responsáveis tinham conhecido no âmbito das provas do Dakar, mas o clube acabou por ser também a plataforma de lançamento de novas provas no mundo automóvel do todo-o-terreno. Pouco a pouco, ao longo da década de 80, José Megre começou a dedicar-se às organizações, embora continuasse a participar nas provas automobilísticas como piloto (Megre, 1999: p.4). Em 1985 deixou a direção do Clube Todo-o-Terreno e lança o livro “Paris-Dakar da Aventura à Competição”.

O Clube Aventura realizou quatro expedições entre 1984 e 1987 e neste ano Pedro Vilas Boas inicia a sua carreira profissional e deixa de ter disponibilidade para o projeto (Megre, 1999: p.129). Nos últimos anos da década de 80 José Megre assume sozinho a direção do

Clube Aventura e no Entrepasto Comercial, onde trabalhava, passa de administrador a consultor em *part-time*, para se poder dedicar ao Clube Aventura e aos entusiastas da nova disciplina de competição e lazer que tinha sido lançada. Entretanto viu-se obrigado a profissionalizar o clube e fundou a empresa Organizações Aventura. Em 1987 José Megre regressou ao Paris-Dakar como observador da FIA, juntamente com Carlos Barbosa, atividade que repetiu em 1988 e 1989.

Entusiasta dos automóveis, José Megre foi o grande responsável por fomentar o todo-o-terreno em Portugal. O técnico criou e organizou as maiores provas desportivas internacionais de todo-o-terreno, que ainda hoje se realizam em Portugal. Em 1986 lançou a 1.^a Transportugal, um misto de passeio e competição realizada por todo o país. No ano seguinte, em junho, José Megre levou a cabo o rali maratona de Portalegre, a primeira competição todo-o-terreno do tipo Baja realizada em Portugal e que hoje é conhecida como Baja Portalegre 500. Em 1988, e também com a chancela do Clube Aventura, o piloto foi o responsável pelo lançamento da Sagres 500-Guadiana, uma prova que em 1993 viria a ser incluída na Taça do Mundo FIA de Ralis Todo-o-Terreno e que mudou de nome, primeiro para Telecel 1000, depois para Baja de Portugal Vodafone 1000 e depois para Rally Transiberico. São ainda de sua iniciativa as 24 Horas de TT de Fronteira, cuja primeira edição aconteceu em 1998 e se chamou “24 Horas TT Telecel” (Megre, 1999: p.5).

Ao longo dos anos José Megre participou em várias provas como piloto. Além do Dakar, correu ainda em provas de competição de todo-o-terreno em Portugal e Espanha (Baja de Aragon) e também em África, sendo de destacar a sua participação no rali dos Faraós do Egito. Participou também no rali Paris Cidade do Cabo, em 1992, tendo conseguido chegar ao fim, e no Paris-Moscovo-Pequim, no mesmo ano (Megre, 1999: p.6).

Além das provas de competição, José Megre organizou várias expedições e grandes viagens pelos cinco continentes, algumas das quais sob a dinâmica do Clube Aventura e outras no âmbito do seu trabalho no Entrepasto Comercial. Foi a partir de 1987 que o piloto começou a levar a cabo várias expedições intercontinentais em África, Ásia e Américas, todas elas com um mínimo de 15 mil quilómetros. Em 1989 organizou sozinho a primeira grande expedição africana, a 1.^a Expedição Marconi Lisboa/Bissau, na qual participaram 25 viaturas e uma moto. Em 1991 organizou a Patrol-Ténéré, a pedido do Grupo Entrepasto, e três anos depois organizou várias expedições de iniciação ao deserto. No ano de 1996 ligou Lisboa a Katmandu e Goa em Nissan Terrano II, uma solicitação do

Entrepasto, e realizou uma expedição ao Quênia e à Tanzânia. Em 1997 e 1998 fez algumas das suas grandes viagens, como a travessia da América Central atravessando a Amazónia e o percurso entre a Cidade do Cabo e Nairobi. Em 1999 percorreu a Costa do Ouro, em África (Megre, 1999: pp.6-7).

José Megre conheceu quase todos os países do mundo, atravessou 15 vezes o deserto do Sahara, em seis itinerários diferentes, cruzou a Europa e Ásia três vezes, fazendo duas travessias entre o Atlântico e o Pacífico, uma no rally Paris- Pequim, outra no comboio Transiberiano e ainda outra que o levou de Lisboa à Índia, Nepal, Butão e Tibete de automóvel. José Megre liderou, aliás, a primeira caravana automóvel a entrar no Butão, em 2001, no âmbito desta expedição denominada Terrano II Tibete. Foi dos primeiros turistas a entrar em Timor-Leste, o que lhe valeu ter o passaporte validado não com o carimbo do país, mas sim das forças da ONU que zelavam pela segurança do território.

Em 1999 editou o livro “30 Anos de Aventura – Do Paris Dakar à Antárctida”.

José Megre era também conhecido por ser um colecionador e reuniu coleções tão diversas como um conjunto de modelos de automóveis feitos a partir de latas de refrigerantes e originários do Madagáscar, até banquinhos de madeira do povo Banna, passando por jogos de xadrez.

José Megre morreu a 21 de fevereiro de 2009, vítima de cancro do pulmão, com 66 anos. A missa de corpo presente realizou-se na Basílica da Estrela e o funeral seguiu em direção a Águas, Penamacor. No ano seguinte foi editado o livro “Como Eu Vi Todos os Países do Mundo (Menos Um)”, onde estão descritas, ao longo de mais de 500 páginas, as viagens do português mais viajado. José Megre escreveu o livro depois de lhe ter sido diagnosticada a doença de que viria a falecer e relata a sua visita a todos os países soberanos do planeta exceto um, o Iraque. O último estado soberano visitado pelo viajante foi o Haiti, em 2008.

Ao todo José Megre percorreu mais de 2,8 milhões de quilómetros no interior dos estados que visitou e onde passou 1759 dos seus dias, ou seja, esteve quase cinco anos fora de casa. “Esteve em mais de metade das divisões administrativas de todos os países do mundo (quase 1900 das cerca de 3800 existentes) e cumpriu todos os grandes trajetos de cada continente, excepto uma travessia integral do México, outro dos (poucos) objectivos que a doença deixou por cumprir” (Francisco, 2010).

1.15.2 Análise

No dia que se seguiu à morte de José Megre, 22 de fevereiro de 2009, nenhum dos jornais aqui analisados mencionou o acontecimento nas suas primeiras páginas.

Ainda assim, a morte de José Megre foi relatada pelos três jornais analisados.

O Correio da Manhã publica duas biografias, acompanhadas por uma fotografia, no dia seguinte à morte de José Megre. Os textos noticiosos falam sobre as circunstâncias da morte do engenheiro mecânico, que faleceu de cancro, bem como sobre a sua vida profissional e importância para o todo-o-terreno.

O Diário de Notícias dedica uma biografia e uma fotografia a José Megre no dia após a sua morte. O periódico aborda as circunstâncias da morte do ex-piloto e entrevista o presidente do Automóvel Clube de Portugal, Carlos Barbosa, tendo por foco do texto o trajeto profissional do ex-piloto.

O Jornal de Notícias ocupa apenas uma pequena coluna com a notícia da morte de José Megre. A peça enquadra-se no género biografia e estende-se por quatro parágrafos. Falamos, pois, de um texto diminuto, sobretudo se comparada com os textos dos outros dois jornais.

Nos dias que se seguiram à notícia da morte de José Megre, de 23 de fevereiro a 4 de março, apenas o Diário de Notícias e o Correio da Manhã voltaram a mencionar o ex-piloto. O Jornal de Notícias não fez mais nenhuma referência à sua morte.

O Correio da Manhã publicou uma foto-legenda do funeral de José Megre na edição que se seguiu à notícia da sua morte. Trata-se de uma imagem do caixão a ser carregado à saída da Basílica da Estrela, onde decorreu a missa de corpo presente. O texto, quatro linhas, dizem apenas que as cerimónias fúnebres do piloto decorreram naquela igreja e o funeral seguiu para Penamacor.

Por sua vez, o Diário de Notícias voltou a mencionar José Megre seis dias depois, dedicando-lhe quase duas páginas da secção “Pessoas”. O jornal escreve uma longa biografia sobre o preparador de automóveis, onde dá voz a alguns dos seus amigos e colegas. As seis fotografias publicadas contextualizam a biografia.

Nenhum dos jornais analisados assinalou qualquer efeméride da morte de José Megre.

Ao todo foram utilizadas 10 imagens junto das notícias que deram conta da morte de José Megre.

O Correio da Manhã escolheu uma imagem de José Megre em vida para juntar à notícia sobre a sua morte e, no dia seguinte, retrata o funeral do engenheiro mecânico.

O Diário de Notícias publica uma fotografia do preparador de automóveis juntamente com a notícia da sua morte e, seis dias depois, utiliza mais seis imagens a acompanhar a biografia de José Megre. Todas as imagens retratam a personalidade.

1.15.3 Tabelas quantitativas

Correio da Manhã

Data	N. Páginas CM	N. peças CM	N. Imagens CM	Destaque Capa CM	Fotos Capa CM	Total pág. CM	Artigos CM	Biografia CM	Breve CM	Crónica CM	Cronologia CM	Editorial CM	Entrevista CM	Foto-legendas CM	Inquérito CM	Notícia CM	Reportagem CM	Vozes CM
22-02-2009	1	2	1	s/ref	0	56	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23-02-2009	1	1	1	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
24-02-2009	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
25-02-2009	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26-02-2009	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
27-02-2009	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
28-02-2009	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
01-03-2009	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
02-03-2009	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
03-03-2009	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
04-03-2009	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
21-03-2009	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
21-08-2009	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
21-02-2010	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Diário de Notícias

Data	N. Páginas DN	N. peças DN	N. Imagens DN	Destaque Capa DN	Fotos Capa DN	Total pág. DN	Artigos DN	Biografia DN	Breve DN	Crónica DN	Cronologia DN	Editória DN	Entrevista DN	Fotolegenda DN	Inquérito DN	Notícia DN	Reportagem DN	Vozes DN
22-02-2009	1	1	1	s/ref	0	72	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23-02-2009	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
24-02-2009	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
25-02-2009	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26-02-2009	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
27-02-2009	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
28-02-2009	2	1	6	s/ref	0	60	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
01-03-2009	0	0	0	s/ref	0	72	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
02-03-2009	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
03-03-2009	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
04-03-2009	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
21-03-2009	0	0	0	s/ref	0	72	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
21-08-2009	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
21-02-2010	0	0	0	s/ref	0	72	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Jornal de Notícias

Data	N. Páginas JN	N. peças JN	N. Imagens JN	Destaque Capa JN	Fotos capa JN	Total pág. JN	Artigos JN	Biografia JN	Breve JN	Crónica JN	Cronologia JN	Editória JN	Entrevista JN	Fotolegenda JN	Inquérito JN	Notícia JN	Reportagem JN	Vozes JN
22-02-2009	1	1	1	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
23-02-2009	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
24-02-2009	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
25-02-2009	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26-02-2009	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

27-02-2009	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
28-02-2009	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
01-03-2009	0	0	0	s/ref	0	72	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
02-03-2009	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
03-03-2009	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
04-03-2009	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
21-03-2009	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
21-08-2009	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
21-02-2010	0	0	0	s/ref	0	72	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

1.15.4 Marcas de subjetividade

Correio da Manhã	Diário de Notícias
“seu carácter de pioneiro” (“Morreu José Megre pioneiro do Dakar”, 2009, 22 de fevereiro, p. 41).	“Aventureiro destemido deixa legado inigualável” (“Aventureiro destemido deixa legado inigualável”, 2009, 22 de fevereiro, p. 63).
	“manteve-se entusiasta, curioso e ávido por mais uma aventura (...) boémios e bem-dispostos, os portugueses eram meninos de boas famílias, mas não tinham dinheiro a saltar dos bolsos” (“O último aventureiro português”, 2009, 28 de fevereiro, pp. 56-57).

1.16 Raul Solnado

1.16.1 Biografia

Raul Augusto Almeida Solnado nasceu a 19 de outubro de 1929, em Lisboa, filho de Bernardino da Silva Solnado e Maria Virgínia Almeida Solnado, que morreu 22 dias depois do parto (Xavier, 1992: p.12). O pai entretanto casou com Maria Simões e foram viver para a Rua Vicente Borga, em Lisboa. Em criança era tímido e ia com o pai ver peças de teatro (Xavier, 1992: p.13). Estudou até à quarta classe na Escola n.º 2 da Rua das Gaivotas e depois foi trabalhar como aprendiz no negócio de família, a Vassouraria da Esperança, ao mesmo tempo que estudava à noite na Escola Comercial Rodrigues Sampaio. Foi naquela escola que se apresentou numa festa de alunos interpretando a peça de Gil Vicente, “Todo o Mundo e Ninguém” (Xavier, 1992: p.18).

Com 17 anos tornou-se sócio da Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul, um grupo de amadores onde começou a fazer teatro em 1947, um papel de cinco minutos na peça

“Maria Emília”, de Alves Redol (Xavier, 1992: p.21). Em 1951 inscreveu-se num curso noturno de arte de dizer e arte de representar no Conservatório Nacional, mas só foi à primeira aula. Foi no grupo de teatro amador que aprendeu o ofício, ao mesmo tempo que trabalhava no negócio do pai. A primeira crítica na imprensa ao seu trabalho foi na sequência da peça “O Fidalgo Aprendiz”, de D. Francisco Manuel de Melo (Xavier, 1992: p.23).

Em março de 1950 Raul Solnado foi colocado no Regimento de Infantaria 1, na Calçada da Ajuda, tendo depois sido destacado para a Casa de Reclusão do Governo Militar de Lisboa. Serviu treze meses no Forte da Trafaria como primeiro-cabo, a desempenhar funções de chaveiro (Xavier, 1992: p.24). No dia 10 de dezembro de 1952 Raul Solnado participou pela primeira vez num espetáculo como profissional, no Maxime, onde fazia a mímica da canção Vingança da brasileira Linda Baptista e dois *sketches* escritos por José Viana. Ganhava 50 escudos por noite (Xavier, 1992: p.25). Começava, assim, um percurso profissional marcado, sobretudo, pela comédia. Em 1953 Vasco Morgado, dono do Teatro Monumental, assistiu ao espetáculo no Maxime e convidou-o a integrar um teatro de revista e estreia-se a 14 de fevereiro daquele ano na revista carnavalesca “Canta, Lisboa!”, ao lado de Laura Alves, seguindo-se as peças “Viva o Luxo”, “Ela não Gostava do Patrão”, “Maria da Fonte”, “E o Fado caiu no Samba”, “O Pinto Calçado”, “Não vale a Pena ser Mau” e “A Grande Aventura de Robin dos Bosques” (Xavier, 1992: pp.29-36). Trabalhou com António Silva, Vasco Santana, Laura Alves, Hermínia Silva, Assis Pacheco entre outros.

Em 1953 assina contrato com o Teatro Monumental, que entretanto enfrenta dificuldades financeiras (Xavier, 1992: p.37). Raul Solnado recebe o convite do Teatro Apolo, onde se estreia ao lado de Milu e Curado Ribeiro, na opereta “A Rosinha dos Limões”. Em outubro de 1954 integra o elenco de “A Irmã São Sulpício”, seguindo-se “O Zé do Telhado” (Xavier, 1992: pp.38-39). A grande viragem na sua carreira acontece a 14 de abril de 1955, quando fazia a peça “De Bota Abaixo”, a sua consagração na imprensa pela mestria com que interpretava diferentes personagens, entre as quais a personagem de Cantinflas (Xavier, 1992: pp.39-40). Vasco Ribeiro convida então Raul Solnado a reintegrar-se no Teatro Monumental, onde vai estreiar a peça “O Tio Valente”, ao qual se seguiu “Melodias de Lisboa” e “Abril em Portugal”, este último no Teatro Variedades. Em 1956 estreia-se no cinema com “Ar, Água e Luz”, curta-metragem de Ricardo Malheiro para a Companhia

Nacional de Educação, ao qual se seguiu “O Noivo das Caldas”, de Arthur Duarte. Nesse mesmo ano, entre múltiplas participações em peças de teatro, interpreta na Emissora Nacional diálogos do programa “Ouvindo as Estrelas” (Xavier, 1992: p.41).

A 4 de dezembro de 1956 conhece a atriz brasileira Joselita Alvarenga, com que casou dezasseis meses depois no Hotel Tivoli. Tiveram dois filhos, José Renato e Alexandra. Separaram-se em 1970 (Xavier, 1992: p.56).

Em fevereiro de 1957 faz o seu terceiro papel em cinema, no filme “Perdeu-se um marido”, de Henrique Campos e em março foi convidado para o primeiro programa regular de produção própria da recém-criada RTP (Xavier, 1992: pp.56-67). Integra também, em 1958, a primeira longa-metragem portuguesa a cores, “Sangue Toureiro”. Nesta época estava já no Teatro Variedades onde continuava a fazer revista e a 15 de agosto de 1958 estreia-se no Rio de Janeiro com “Agora é que São Elas”, mas a experiência corre mal, devido às más críticas e atrasos de pagamento (Xavier, 1992: p.64). Seis meses depois regressou a Portugal e assina contrato com o teatro ABC, onde estreou “Vinho Novo”, em cena no Parque Mayer. É nesta companhia que se irá distinguir como primeira figura (Xavier, 1992: pp.67-70).

Em 1960 Raul Solnado é convidado a formar sociedade no Capitólio, juntamente com Carlos Coelho e Humberto Madeira. O primeiro espetáculo, “A Vida é Bela”, foi um êxito, mas o fracasso de “Campinos, Mulheres e Fado” leva-o a abandonar o projeto (Xavier, 1992: p.74). Continua a trabalhar em cinema, tendo ganho o Prémio SNI de Interpretação Masculina em 1961 com o filme “As Pupilas do Senhor Reitor” (Xavier, 1992: p.75), e regressa ao Teatro Monumental como protagonista de “A Madrinha de Charley”, que lhe granjeou grande êxito. A dissolução da companhia em julho de 1961 leva-o ao Teatro Maria Vitória e continua a dedicar-se ao cinema, nomeadamente com o filme “Dom Roberto”, de José Ernesto de Sousa, primeira produção nacional consagrada no Festival de Cannes pelo Prémio da Jovem Crítica. É no Teatro Maria Vitória, com a peça “Bate o Pé”, em 1962, que estreia a rábula “A História da Minha Ida à Guerra de 1908”, uma das mais conhecidas da sua carreira (Xavier, 1992: p.85). Começa então a gravar discos como cómico, o primeiro dos quais com trechos da revista “Não faças ondas”, mas é com a “A Guerra” que bate o record e vende 20 mil cópias (Xavier, 1992: p.88).

Em outubro de 1962 deixa o Maria Vitória e volta a trabalhar com Vasco Morgado, agora no Teatro Avenida. Tinha então 33 anos, preparava-se para estrear a revista “Lisboa à Noite”, e começa a conceber o projeto do que viria a ser o Teatro Villaret, que viria a nascer em 1965, fruto da sociedade composta por Raul Solnado e o cenógrafo Rui Martins e iniciada em 1963 (Xavier, 1992: pp.97-100). O Teatro João Villaret é inaugurado a 10 de janeiro de 1965, com a estreia da peça “O Impostor-Geral”. Nos cinco anos seguintes desempenha dez papéis diferentes como protagonista de comédias (Xavier, 1992: pp.117-120). Nos anos anteriores já havia feito temporadas no Brasil e em Angola e no final da década de 60 passa ainda pelos Estados Unidos da América e novamente pelo Rio de Janeiro e Moçambique. Em 1967 recebe o prémio Casa da Imprensa para melhor ator.

A 26 de maio de 1969 Raul Solnado estreia-se ao lado de Carlos Cruz e Fialho Gouveia no programa “Zip-Zip”, na RTP (Xavier, 1992: p.141), que foi emitido até dezembro e nesse mesmo mês estreia uma das suas peças que esteve mais tempo em cena, “O Vison Voador”. No início dos anos 70 conhece Hanne-Louise Schmidt, mãe do seu terceiro filho, Mikkel (Xavier, 1992: p.159). Ruma novamente ao Rio de Janeiro em janeiro de 1973, para uma estadia de oito meses, onde regressa em 1976. Volta a estrear-se no Teatro Variedades em setembro de 1976 com “Isto é que me Dói”, o seu segundo espetáculo de maior êxito depois de “O Vison Voador”. No ano seguinte estreia, com Fialho Gouveia e Carlos Cruz, “A Visita da Cornélia” estreia na RTP, gravada no Teatro Villaret todas as semanas (Xavier, 1992: pp.178-179).

Raul Solnado foi militante do Partido Socialista entre 1976 e 1979 e apoiou publicamente Ramalho Eanes em 1980, na eleição para Presidente da República (Xavier, 1992: p.187). Nos anos 80 continuou a fazer teatro e televisão, sendo de destacar o programa “E o Resto São Cantigas”. Em 1982 é condecorado com a Ordem do Infante D. Henrique e sofre um enfarte do miocárdio, quando se encontra na Venezuela, a 10 de junho, tendo sido operado ao coração em novembro desse ano (Xavier, 1992: p.191). Recupera e regressa à televisão, com o programa “Vamos Caçar Mentiras” e “Fim de Semana”, este último onde se torna célebre a sua frase, “Façam o favor de ser felizes!”, com que se despede do público (Xavier, 1992: p.193). Em novembro de 1983 estreia “SuperSilva”, o maior êxito dos últimos anos. Em 1984 cumpre o sonho de se estrear como palhaço num programa do concurso “Um, Dois, -Três”, dedicado ao circo e gravado no Coliseu de Lisboa (Xavier, 1992: pp.195-196). Gravou dois anos depois o filme “Balada da Praia dos Cães”, o seu

primeiro papel dramático, e nos últimos anos da década de 80 continua a ser figura assídua na televisão portuguesa com o concurso “Faz de Conta” e “Lá em Casa Tudo Bem”, uma pequena comédia em estilo telenovela.

Em 1990 Raul Solnado recebeu do Governo a medalha de mérito cultural pelos seus quase 40 anos de carreira e nesse mesmo ano foi distinguido pelo governo brasileiro com a Ordem do Rio Branco (Xavier, 1992: p.208). Dois anos depois atua na telenovela portuguesa “A Banqueira do Povo” e em 1999 funda a Casa do Artista, juntamente com Armando Cortez e Octávio Clérigo, que dirigiu até à sua morte. Raul Solnado voltou aos palcos em 2001 com aquela que foi a sua última peça, “O Magnífico Reitor”, de Freitas do Amaral. Nesse ano recebeu o Prémio Carreira Luís Vaz de Camões. Em 2004 recebeu a Medalha de Ouro da Cidade de Lisboa e a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique. O seu último trabalho para televisão foi gravado no ano da sua morte, lado a lado com Bruno Nogueira, e chamou-se “As Divinas Comédias”.

Raul Solnado morreu no dia 8 de Agosto de 2009, aos 79 anos, vítima de doença cardiovascular.

1.16.2 Análise

Os três jornais analisados colocaram a notícia da morte de Raul Solnado nas suas capas, no dia após o seu falecimento, 9 de agosto de 2009.

A morte de Raul Solnado é anunciada na primeira página do Correio da Manhã com uma chamada de duas colunas, num quadrado situado no canto superior esquerdo, junto ao cabeçalho. Junto de uma imagem do ator podemos ler o título “Morreu o mestre do humor popular”.

O Diário de Notícias coloca a imagem de Raul Solnado em manchete, a seis colunas e ocupando meia página. O título, inserido na fotografia, diz “Façam o favor de ser felizes!”, conhecida frase do ator, abaixo da qual se lê o nome de Solnado e as datas de nascimento e de morte.

No Jornal de Notícias, a morte de Raul Solnado é manchete a quatro colunas e a toda a altura da primeira página. A imagem do ator na sua juventude é acompanhada do título “Faz o favor de ser feliz” e de um pequeno texto introdutório.

O funeral de Raul Solnado mereceu referência na primeira página do Correio da Manhã de 10 de agosto de 2009. O periódico publicou uma foto de capa com uma fotografia do carro funerário rodeado de público a aplaudir. No canto da fotografia está uma imagem do humorista e no centro lemos a frase “Povo despede-se de Solnado”.

No Diário de Notícias, o destaque também foi uma foto de capa para retratar o funeral de Raul Solnado. A imagem do público a bater palmas junto do carro funerário que transporta o caixão de Raul Solnado é exatamente igual à publicada pelo Correio da Manhã e não tem qualquer título. Por baixo encontramos apenas uma entrada onde se lê “Despedida a Raul Solnado”, seguida de um texto introdutório, como se fosse uma foto-legenda.

Já o Jornal de Notícias colocou na sua capa uma chamada a seis colunas, no dia após o funeral de Raul Solnado. O destaque vem acima do cabeçalho do jornal, num rodapé a seis colunas, com a imagem do carro funerário a ser alcançado por duas pessoas que tocam no caixão. No título lê-se “Raul Solnado saiu de cena com enorme salva de palmas”.

No dia que se seguiu à morte de Raul Solnado, 9 de agosto de 2009, os três jornais analisados referenciaram o acontecimento em 15 das suas páginas e escreveram um total de 29 peças, acompanhadas por 49 imagens.

No dia que se seguiu à morte de Raul Solnado, o Correio da Manhã referenciou o acontecimento em quatro das suas 56 páginas, uma das quais é a capa. A cobertura do periódico incluiu a publicação de seis artigos – dois artigos de opinião, duas biografias, uma cronologia e um artigo da categoria vozes – e 12 imagens. O conteúdo principal figura em duas páginas, onde o jornal recorda a carreira de Raul Solnado, através de duas biografias e uma cronologia, que retratam, sobretudo, a sua participação no teatro e na televisão. O jornal dá voz a sete personalidades que quiseram homenagear Raul Solnado: um ator, dois apresentadores de televisão, a sua companheira, um cineasta, o Presidente da República e o primeiro-ministro. Quanto aos artigos de opinião publicados, eles são da autoria do cronista do Correio da Manhã, Francisco Moita Flores, cujo trabalho como guionista o liga a Raul Solnado, e de Leonardo Ralha, editor de cultura & multimédia do jornal.

A morte de Raul Solnado está presente em seis páginas da edição do Diário de Notícias. Se excluirmos a capa e a página de opinião, o periódico dedicou quatro páginas inteiras, que intitulou “Especial”, ao desaparecimento do humorista. Ao todo, falamos de 19 fotografias

e oito notícias: três foto-legendas, duas biografias, duas cronologias, um editorial, uma notícia e as vozes. Em termos de conteúdo, o principal destaque vai para a carreira de Raul Solnado, que é contada através de duas cronologias e de duas biografias onde se relatam pormenores da vida profissional do ator, recorrendo a entrevistas que este deu ao longo da vida. Ao contrário dos outros jornais, a única personalidade cuja reação é individualmente destacada é Herman José. Numa notícia, o jornal dá ainda voz a Nuno Artur Silva, das Produções Fictícias, colocando-o no papel de representante da nova geração de atores que se revê em Solnado. De destacar que o editorial do dia faz referência à morte do ator, ainda que a segunda parte do texto fale sobre a escolha das listas do PSD.

Além da capa, o Jornal de Notícias publica quatro páginas inteiramente dedicadas à morte de Raul Solnado. Registámos a existência de 18 imagens e 13 peças noticiosas: seis breves, duas notícias, duas biografias, duas vozes e uma entrevista. No que toca ao conteúdo, há a destacar a entrevista a Carlos Cruz, que juntamente com Raul Solnado apresentou o Zip Zip e a Visita da Cornélia, programas da RTP. O apresentador de televisão responde às perguntas que visam recordar o trajeto que fez juntamente com Solnado. O jornal publica ainda as reações de oito personalidades da política e da cultura, nomeadamente o Presidente da República e o primeiro-ministro, dois atores, dois encenadores, um humorista e um escritor. Também de realçar a publicação de excertos de entrevistas de Raul Solnado, dadas ao longo da sua vida. O enfoque está, sobretudo, no percurso profissional do ator, nos marcos da sua carreira no teatro e, sobretudo, na televisão. O último programa que havia feito para televisão, “As Divinas Comédias”, é destacado pelo Jornal de Notícias, que realça ainda a influência de Raul Solnado junto de humoristas mais novos. Também as circunstâncias da sua morte motivam a redação de uma notícia.

Nos dez dias que se seguiram à notícia da morte de Raul Solnado, 10 a 19 de agosto de 2009, os três periódicos referenciaram o humorista em 25 páginas e publicaram 48 notícias e 65 fotografias.

No Correio da Manhã encontramos 11 páginas com referências à morte de Raul Solnado, das quais uma é a primeira página do dia seguinte ao funeral, que já aqui referimos. Ao todo, falamos de 2% do total das suas dez edições após ter dado a notícia do falecimento do ator. O jornal do dia 10 de agosto de 2009, dia após o funeral, é aquele que concentra mais páginas (sete ao todo). No total dos dez dias foram veiculados 17 artigos e utilizadas 23 fotografias. O género predominante é a breve (6), seguido dos artigos de opinião (3),

vozes (3), crónica (1), entrevista (1), notícia (1), reportagem (1) e editorial (1). No dia após o funeral de Raul Solnado, o editorial do Correio da Manhã, assinado pelo seu diretor-adjunto, Eduardo Dâmaso, é dedicado ao ator. No género da opinião, destaque para um artigo assinado por Francisco José Viegas e para a coluna de Carlos Castro, comentador da vida social que comentou a indignação da população presente no velório por as portas do Palácio das Galveias só terem sido abertas antes do funeral. Curiosamente é precisamente Carlos Castro quem assina uma crónica sobre a vida de Raul Solnado, oito dias após a sua morte, nas páginas de social do Correio da Manhã. Não deixa de ser estranho que seja um especialista na vida social a falar sobre a carreira de um ator, cuja profissão se insere na categoria cultural. Tal facto pode encontrar explicação no próprio texto, que denota alguma proximidade entre o seu autor e Raul Solnado. Entre os textos de opinião identificados consta ainda o de um leitor, admirador de Solnado. Em termos de conteúdo informativo, destaque para o relato das cerimónias fúnebres através de uma reportagem, cujas fotos são da autoria do fotojornalista do Correio da Manhã, e para as reações das personalidades presentes no funeral, que mereceram destaque no jornal, juntamente com algumas das citações mais representativas da vida do ator. A presença de um fotojornalista do Correio da Manhã no funeral de Raul Solnado não nos deixa compreender a razão de o jornal ter optado por uma imagem de primeira página da autoria da Agência Lusa que, por coincidência, foi a mesma que o Diário de Notícias utilizou. Poder-se-ia dar o caso de o fotógrafo do Correio da Manhã não ter retratado a saída do carro funerário, mas verifica-se que a acompanhar a reportagem está uma imagem do carro a sair e das pessoas a acenarem. O Correio da Manhã menciona ainda o projeto de reedição da biografia do ator e dos seus discos. Além disso, é publicada uma entrevista com três perguntas a Ramalho Eanes, ex-Presidente da República, que fala sobre a importância de Raul Solnado para a sociedade e sobre as suas características e recorda ainda um episódio vivido com o ator.

Nos dez dias que se seguiram à notícia da morte de Raul Solnado, o Diário de Notícias referenciou o nome do ator em sete páginas (1,18% das suas edições), duas das quais no dia a seguir ao seu funeral, que contou com uma foto de capa na primeira página e uma página inteira no interior do jornal. Ao todo, o periódico escreveu 20 artigos e publicou 32 fotografias. O género predominante foi a foto-legenda (12), com destaque também para os artigos de opinião (5), crónica (1), notícia (1), reportagem (1). O conteúdo informativo versou, sobre as cerimónias fúnebres, cuja cobertura foi feita com recurso à reportagem e foto-legenda. As imagens que acompanham a reportagem não estão assinadas, pelo que

não nos foi possível confirmar se o Diário de Notícias enviou, ou não, um repórter fotográfico ao local. De realçar as duas páginas publicadas pelo Diário de Notícias, sete dias depois da morte de Raul Solnado, cujo enfoque é um desafio que o humorista havia lançado, em 1997, a várias figuras da sociedade. O artigo desenvolve-se em dez fotolegendas, que destacam a biografia das personalidades convidadas por Solnado a desenhar palhaços, naquele ano. O enfoque não está no relacionamento daquelas personalidades com o ator, mas estas duas páginas não deixam de ser uma forma de recordar Raul Solnado. Quando à opinião, o género de maior destaque no Diário de Notícias, foram publicados cinco textos assinados por leitores e admiradores de Raul Solnado. Além disso, figura nas páginas do jornal um artigo da autoria do escritor e jornalista Baptista Bastos.

O Jornal de Notícias referenciou Raul Solnado em sete páginas, nas 10 edições após ter dado a notícia da sua morte, ou seja, 1,25% das suas edições. Uma dessas páginas é, à semelhança dos outros periódicos, a capa do dia seguinte ao funeral do humorista. No Jornal de Notícias foram publicadas 11 artigos e sete fotografias, a maioria dos quais no dia em que o periódico relatou as cerimónias fúnebres. Os géneros predominantes são os artigos de opinião (4), breves (3), notícias (2), reportagem (1) e vozes (1). Em termos de conteúdo informativo, fala-se das cerimónias fúnebres, com uma reportagem e as reações de algumas das personalidades presentes no evento. Curiosamente, apesar de a fotografia da primeira página estar assinada por um fotojornalista do Jornal de Notícias, a imagem que acompanha a reportagem do funeral é da Agência Lusa. O periódico publica ainda duas notícias sobre a proposta para atribuir o nome de Raul Solnado a uma sala de espetáculos e uma homenagem da Sociedade Portuguesa de Autores. Quanto à opinião, foram publicadas quatro cartas de leitores, mas nenhum artigo da autoria dos cronistas do periódico.

No que toca às efemérides, apenas o Correio da Manhã referenciou o nome de Raul Solnado, no dia em que se assinalava o primeiro mês após a sua morte. Ainda assim, não podemos considerar que se trate de uma verdadeira efeméride, na medida em que o jornal publicou uma pequena breve, onde fala sobre a primeira década da Casa do Artista, referindo que o humorista foi um dos seus fundadores.

De referir que no decorrer da análise do período temporal referente a outra personalidade (António Feio), encontrámos uma página inteiramente dedicada a Raul Solnado no Jornal de Notícias, a propósito de um documentário de tributo ao humorista que seria exibido

nessa noite na RTP. Em nenhum momento o texto refere que no dia seguinte se assinala um ano sobre a morte de Solnado, mas parece-nos ser esse o motivo da exibição do filme.

Ao todo foram publicadas 121 fotografias junto das peças noticiosos motivadas pela morte de Raul Solnado.

O Correio da Manhã utilizou 35 fotografias junto das notícias que referenciam Raul Solnado. Destas, 18 retratam o humorista em vida e as restantes ilustram, maioritariamente as cerimónias fúnebres. O jornal optou por publicar 15 imagens do ambiente do funeral e velório de Raul Solnado, bem como das personalidades que marcaram presença.

No Diário de Notícias contabilizámos 51 imagens em artigos e peças que referenciam Raul Solnado, 21 das quais são retratos do humorista ao longo dos anos. Ainda de realçar a publicação de 9 imagens do funeral do ator. As restantes 21 imagens referem-se às duas páginas em que se recorda o desafio de Solnado feito a várias personalidades, para que desenhassem palhaços. As gravuras são, precisamente, os desenhos feitos pelas figuras públicas, bem como a fotografia de cada uma dessas personalidades.

O Jornal de Notícias publicou 25 fotografias no âmbito da cobertura da morte de Raul Solnado, 18 das quais figuram na edição onde se dá a notícia da sua morte. Do total de imagens utilizadas, 21 retratam o humorista em vida. As restantes ilustram as cerimónias fúnebres e as pessoas presentes. De realçar que na capa do dia que se seguiu à morte de Raul Solnado, a opção do periódico foi uma imagem de Solnado nos tempos de juventude.

1.16.3 Tabelas quantitativas

Correio da Manhã

Data	N. Páginas CM	N. peças CM	N. Imagens CM	Destaque Capa CM	Fotos Capa CM	Total pág. CM	Artigos CM	Biografia CM	Breve CM	Crónica CM	Cronologia CM	Edit. orial CM	Entrevista CM	Foto-legend a CM	Inquérito CM	Notícia CM	Reportagem CM	Vozes CM
09-08-2009	4	6	12	Chamada	1	56	2	2	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
10-08-2009	7	12	17	Foto capa	2	52	2	0	4	0	0	1	1	0	0	0	1	3
11-08-2009	2	2	1	s/ref	0	52	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
12-08-2009	1	1	1	s/ref	0	52	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13-08-2009	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
14-08-2009	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

9																		
15-08-2009	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
16-08-2009	1	2	4	s/ref	0	56	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
17-08-2009	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
18-08-2009	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
19-08-2009	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
08-09-2009	1	1	1	s/ref	0	52	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
08-02-2010	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
08-08-2010	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Diário de Notícias

Data	N. Páginas DN	N. peças DN	N. Imagens DN	Destaque Capa DN	Fotos Capa DN	Total pág. DN	Artigos DN	Biografia DN	Breve DN	Crónica DN	Cronologia DN	Editorial DN	Entrevista DN	Foto-legendas DN	Inquérito DN	Notícia DN	Reportagem DN	Vozes DN
09-08-2009	6	10	19	Manchete	1	72	0	2	0	0	2	1	0	3	0	1	0	1
10-08-2009	2	4	8	Fotocapa	1	52	1	0	0	0	0	0	0	2	0	0	1	0
11-08-2009	1	2	1	s/ref	0	52	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
12-08-2009	1	2	1	s/ref	0	52	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
13-08-2009	1	1	0	s/ref	0	56	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
14-08-2009	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15-08-2009	2	11	22	s/ref	0	84	0	0	0	0	0	0	0	10	0	1	0	0
16-08-2009	0	0	0	s/ref	0	72	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
17-08-2009	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
18-08-2009	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
19-08-2009	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
08-09-2009	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
08-02-2010	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

0																		
08-08-2010	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Jornal de Notícias

Data	N. Páginas JN	N. peças JN	N. Imagens JN	Destaque Capa JN	Fotos capa JN	Total pág. JN	Artigos JN	Biografia JN	Breve JN	Crónica JN	Cronologia JN	Editória JN	Entrevista JN	Fotolegenda JN	Inquérito JN	Notícia JN	Reportagem JN	Vozes JN
09-08-2009	5	13	18	Manchete	1	72	0	2	6	0	0	0	1	0	0	2	0	2
10-08-2009	3	7	4	Chamada	1	56	3	0	2	0	0	0	0	0	0	0	1	1
11-08-2009	2	2	2	s/ref	0	56	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
12-08-2009	1	1	1	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
13-08-2009	1	1	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
14-08-2009	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15-08-2009	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
16-08-2009	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
17-08-2009	0	0	0	s/ref	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
18-08-2009	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
19-08-2009	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
08-09-2009	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
08-02-2010	0	0	0	s/ref	0	44	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
08-08-2010	0	0	0	s/ref	0	72	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

1.16.4 Marcas de subjetividade

Correio da Manhã	Diário de Notícias	Jornal de Notícias
“Morreu o mestre do humor popular” (“Morreu o mestre do humor popular”, 2009, 9 de agosto, p. 1).	“ele era ‘o’ cómico português (...) teve coragem de se colocar sozinho à boca de cena (...) o sorriso maroto (...) depois, só a saudade do homem que fez o favor de nos tornar mais felizes, como dizia (...) não era um galã (...) boémio e mulherengo, da fama pelo menos nunca se livrou (...) a melhor homenagem que podemos fazer-lhe é tentar cumprir aquele seu pedido” (“Morreu Raul Solnado o actor que era «uma fábrica de	“Faz o favor de ser feliz” (“Faz o favor de ser feliz”, 2009, 9 de agosto, p. 1).

	rir»”, 2009, 9 de agosto, pp. 36-37).	
“Humor nacional perde o mestre (...) “grande senhor da comédia (...) ar traquina de miúdo” (“Humor nacional perde o mestre”, 2009, 9 de agosto, p. 28).	“antes dele o humor era brejeiro. Depois dele passou a ser inteligente (...) faceta camaleónica” (“O homem das várias caras”, 2009, 9 de agosto, p. 37).	“um dos actores mais versáteis (...) figura incontornável da televisão” (“Parou a fábrica de rir”, 2009, 9 de agosto, p. 3).
		“aquele homem que julgaríamos eterno, talvez por fazer parte de todos nós (...) aparições ao lado de Cruz eram exclusivamente hilariantes” (“Mil peças de puzzle indivisível”, 2009, 9 de agosto, p. 4).
		“Do berço à idade da sabedoria fez rir como quem quis fazer o bem (...) caminho fácil e brejeiro que nunca trilhou (...) notável habilidade para espalhar boa disposição (...) mérito de actor (...) protagonista de uma existência em nada superficial (...) dele exalava serena e terna simpatia” (“Do berço à idade da sabedoria fez rir como quem quis fazer o bem”, 2009, 9 de agosto, p. 5).
		“surgiu como uma lufada de ar fresco num país cinzento. O seu humor inteligente” (“Actor influenciou novos humoristas”, 2009, 9 de agosto, p. 6).
		“verdadeiro animal de palco” (“Teatro Villaret foi o consumir de um sonho que acabou por sair demasiado dispendioso”, 2009, 9 de agosto, p. 6).

1.17 José Saramago

1.17.1 Biografia

José de Sousa Saramago nasceu em Azinhaga do Ribatejo, na Golegã, a 16 de novembro de 1922, filho de José de Sousa, trabalhador do campo, e Maria da Piedade, doméstica, mas foi registado a 18 de novembro e o apelido familiar Saramago foi incluído na sua certidão de nascimento pelo funcionário do registo civil da Golegã. José Saramago teve um irmão, Francisco, que morreu de broncopneumonia no final de 1924, ano em que a família se havia mudado para Lisboa face ao ingresso do pai na Polícia de Segurança Pública. Estudou dois anos no Liceu Gil Vicente, que não terminou, e acabou por ingressar na Escola Industrial Afonso Domingos, onde esteve cinco anos (até 1940), para ter a especialização em serralheiro mecânico (Céu e Silva, 2008: pp.218-220).

O seu primeiro romance, “Terra de Pecado” (cujo nome original era “A Viúva”), foi publicado aos 25 anos de idade, no ano de 1947, fruto de um interesse constante pela literatura, que fomentou a par da primeira profissão que exerceu: serralheiro mecânico,

primeiro numa oficina de automóveis e depois nos Serviços Industriais do Hospital de São José. Dentro da unidade acabou por transitar para os serviços administrativos, com a categoria de praticante de escrita. Mais tarde trabalhou na Caixa de Previdência do Pessoal da Companhia Previdente, que abandonou por razões políticas (um dirigente queria impedi-lo de votar na sua assembleia de voto e Saramago não acatou a ordem), tendo acabado a trabalhar numa editora, a Editorial Estúdios Cor, onde se manteve até 1971 em tarefas de produção e, mais tarde, como editor literário. A meio dos anos 50 o seu nome começa a ser conhecido no campo da literatura e da cultura, ao mesmo tempo que inicia a sua atividade de tradutor de francês (Céu e Silva, 2008: pp.221-225).

Após ter editado o seu primeiro livro, Saramago escreveu poesia, alguns manuscritos não acabados e em 1953 entrega na Empresa Nacional de Publicidade (proprietária do Diário de Notícias) o original de Clarabóia, que ficou esquecido até à segunda metade dos anos 80. De destacar que existe um período de 19 anos sem qualquer publicação, e que mediou o lançamento do seu primeiro livro e a obra “Os Poemas Possíveis”, em 1966. A colaboração do escritor com a revista Seara Nova inicia-se em 1967 e quatro anos mais tarde é editado “Provavelmente Alegria”. Entretanto, o escritor já havia começado a colaborar em crónicas com jornais como A Capital, o Jornal do Fundão e o Diário de Lisboa, este último onde se manteve nos anos de 1972 e 1973 como editorialista e de onde acabou por sair devido a problemas com a censura (Céu e Silva, 2008: p.2225).

Era conhecida a ligação de José Saramago ao Partido Comunista Português, militância iniciada a 16 de janeiro de 1969, e no pós-25 de Abril de 1974, quando o governo do militar comunista Vasco Gonçalves assume funções, vários meios de comunicação social são nacionalizados. Foi assim que no mês de Março do ano de 1975 José Saramago chegou a desempenhar funções como diretor-adjunto do Diário de Notícias e durante os meses que ali se manteve aconteceu o caso que ficou conhecido como o saneamento de 24 jornalistas do periódico pelo então diretor. José Saramago explicou a Céu e Silva (2008: pp.54-55) que não teve responsabilidade nessa suspensão dos jornalistas e que na realidade esse grupo de trabalhadores manifestou ser contra a linha editorial do jornal e exigiu que essa discordância fosse publicada no Diário de Notícias. Com o direito de férias, José Saramago era o responsável máximo e chamou a Comissão Geral dos Trabalhadores para que reunissem e votassem o documento. De acordo com o escritor, o que aconteceu foi que essa comissão decidiu suspender os 24 jornalistas a quem instaurou um processo

disciplinar “que tinha a ver com a Administração, não com a Direção”, recorda Saramago (Céu e Silva, 2008: p.55). José Saramago perdeu o emprego a 25 de novembro desse ano, aquando do final do Período Revolucionário em Curso (PREC), uma vez que o jornal pertencia ao Estado e os novos responsáveis demitiram a direção e a administração. Entretanto veio a publicar mais duas obras, “O Ano de 1993”, em 1975, e o “Objecto Quase”, em 1978 e decidiu dedicar-se às traduções e assumiu a sua carreira como escritor. Zeferino Coelho foi o editor de José Saramago na editora Caminho, que em 1979 era apenas uma pequena empresa que aceitou publicar a peça de teatro “A Noite”, do então pouco conhecido escritor. A partir desta data a Caminho editou todas as obras de Saramago.

Em 1980 é publicada a obra “Levantado do Chão”, livro que “alterará por completo a vida de José Saramago e o fará seguir em definitivo a carreira literária (Céu e Silva, 2008: p.226). Um ano depois recebe o prémio Cidade de Lisboa e publica “Viagem a Portugal”. Segue-se, dois anos mais tarde o “Memorial do Convento”, altura em que Saramago já tinha 60 anos. A par das traduções, escrever tinha-se tornado a única saída (Céu e Silva, 2008: p.131) e em 1984, aquando do lançamento de “O Ano da Morte de Ricardo Reis”, Saramago é criticado pela imersão no universo de Fernando Pessoa, dando vida a um dos seus heterónimos enquanto entidade ficcional.

Em 1989 é editada a obra “História do Cerco de Lisboa” e, em 1991, Saramago publica “O Evangelho segundo Jesus Cristo”, cuja polémica por tratar de forma secular temas da história da vida de Jesus Cristo originou, em 1992, um veto do livro ao prémio da Comissão Europeia. A sociedade portuguesa, maioritariamente católica, criticou muito a obra e António Sousa Lara, subsecretário de estado de Estado da Cultura, vetou o livro de uma lista de romances candidatos ao prémio europeu, por considerar que a obra não representava Portugal. O político acabou por se demitir e a sucessão de atos acabou por levar José Saramago a deixar Portugal e viver em Espanha, na ilha de Lanzarote (Céu e Silva, 2008: p.229).

Em 1993 é publicado o livro “In Nomine Dei” e um ano depois o primeiro volume de “Os Cadernos de Lanzarote”. “Ensaio sobre a Cegueira” chega às bancas no ano de 1995, o mesmo ano em que José Saramago é laureado com o Prémio Camões, três anos antes de ser galardoado com o Prémio Nobel da Literatura, feito que conquistou a 8 de outubro de 1998 e distinção que recebeu em Estocolmo, no dia 7 de dezembro de 1998. Segue-se a

publicação de outros livros, como “A Caverna”, em 2000, “O Homem Duplicado”, em 2002, “Ensaio sobre a Lucidez”, em 2004, e “As Intermittências da Morte no ano seguinte. No ano de 2006 é-lhe outorgado o doutoramento Honoris Causa pela Universidade de Dublin, apenas um entre as mais de três dezenas que lhe foram concedidos e entre os quais se inclui o grau conferido pela Universidade de Coimbra dois anos antes (Céu e Silva, 2008: pp.231-233).

A Fundação José Saramago, em Lanzarote, entra em funcionamento em 2008, cuja sede foi construída na Azinhaga no ano anterior. Neste ano lança “A Viagem do Elefante” e em 2009 é publicado o romance “Caim”. Dois anos depois o livro “Clarabóia” vê finalmente a luz do dia.

Ainda de destacar a ligação de José Saramago ao teatro. Além de ter escrito a peça “A Noite”, em parceria com o compositor italiano Azio Corghi haveriam de entrar em cena, entre outras, as peças teatrais “Blimunda”, a partir de “Memorial do Convento”, “Divara”, com base na sua peça “In Nomine Dei”, bem como as cantatas “La Morte di Lazzaro” e “Cruci-Verba”, inspiradas no “Evangelho Segundo Jesus Cristo”. Já no campo do cinema, o romance “Ensaio sobre a Cegueira” foi adaptado pelo realizador brasileiro Fernando Meirelles e em 2002 já tinha sido realizado o filme de George Sluizer “A Jangada de Pedra”, baseada na obra homónima. Em 2010 estreia o filme Embargo, fruto da adaptação de António Ferreira de um conto do livro “Objecto Quase”.

Pilar del Rio foi a segunda mulher de José Saramago, que conheceu a meio da década de 80, por ser jornalista e uma apaixonada pela sua obra. Casaram em 1988 em Espanha, tendo oficializado a ligação em Portugal 20 anos mais tarde. O escritor tem uma filha, Violante, fruto de um primeiro casamento com Ilda Reis, que aconteceu em 1944 e que durou até 1970. Entre 1970 e 1986 José Saramago viveu com a escritora Isabel da Nóbrega.

Além da extensa atividade literária, José Saramago ficou ainda conhecido pelo seu ateísmo e por ter pertencido ao Partido Comunista Português, tendo chegado a exercer o cargo de presidente da Assembleia Municipal de Lisboa em 1989. Durante o período que morou em Espanha era conhecida a sua ligação de proximidade com os dirigentes do PSOE, patente no apoio a López Aguilar como candidato do partido nas Ilhas Canárias e no facto de fazer parte do círculo restrito do então primeiro-ministro Jose Luis Zapatero.

José Saramago morreu a 18 de Junho de 2010, com 87 anos, em Lanzarote, nas Ilhas Canárias, vítima de uma leucemia crónica. O seu funeral teve honras de estado e o corpo foi cremado no cemitério do Alto de São João, em Lisboa. Em 2012 a Fundação José Saramago abre na Casa dos Bicos, em Lisboa, presidida pela sua mulher, Pilar del Río.

1.17.2 Análise

No dia seguinte à morte de José Saramago, 19 de junho de 2010, os três jornais analisados destacaram o acontecimento nas suas primeiras páginas.

O Correio da Manhã colocou a notícia da morte de José Saramago num pequeno quadrado a uma coluna, do lado direito da sua capa, com uma imagem da personalidade. O título releva outra informação que não a sua morte: “Estado paga avião no funeral do escritor” é o título da chamada, que no seu pós-título explica que: “Nobel faleceu na sua casa nas Canárias, Espanha”.

O Diário de Notícias ocupou dois terços da sua capa com uma fotografia de José Saramago, acompanhada do título “A sua última vontade foi ficar em Portugal”. O periódico aproveita ainda a primeira página para destacar vários aspetos da vida do escritor, recorrendo a palavras-chave e frases curtas.

No Jornal de Notícias a manchete relativa à morte de José Saramago ocupa mais de meia página, com uma imagem da personalidade e, entre aspas, o título “A história acabou, não haverá mais nada que contar”, uma citação do livro Caim, da autoria do escritor. O pós-título faz uma pequena introdução aos conteúdos que serão desenvolvidos no interior.

Nos dias seguintes, no Correio da Manhã, o velório de Saramago deu origem a uma foto de capa, onde se destaca o título “Saramago cala Cavaco”, numa alusão ao facto de o Presidente da República não ter participado nas exéquias, por se encontrar nos Açores. Ao lado é colocada a imagem a uma coluna do velório. Quanto ao funeral, este mereceu uma chamada a duas linhas, abaixo do cabeçalho, com uma fotografia de José Saramago e o título “Milhares no adeus a Saramago”. O pós-título faz nova referência à ausência de Cavaco Silva.

No Diário de Notícias, o velório do Nobel da Literatura também foi o motivo de uma foto de capa, a duas colunas, de cima abaixo, com uma imagem da cerimónia e o título “O mundo em Lisboa para o último adeus”. O funeral foi veiculado na capa do dia seguinte

com a manchete, preenchida pela imagem de Pilar del Rio a velar o corpo do marido. No interior da fotografia lê-se o título: “Nobel não queria Panteão e ficará num jardim”. No dia seguinte o periódico faz uma chamada de capa com a publicação de algumas obras inéditas de Saramago.

Tal como os seus congéneres já aqui referidos, também no Jornal de Notícias, o velório dá origem a uma foto de capa, que, apesar do destaque, é colocada no topo da página, a quatro colunas, com uma imagem das cerimónias e o título “Homenagem em Lisboa e no mundo”. No dia seguinte a capa do Jornal de Notícias faz uma chamada em rodapé a seis colunas e três linhas, por cima do cabeçalho, com uma imagem do funeral e o título “Muitas lágrimas, palmas e cravos”.

No dia após a morte de José Saramago, os jornais dedicaram 51 páginas ao tema, publicaram 115 artigos e 102 fotografias.

O Correio da Manhã ocupa três das suas 56 páginas com José Saramago, no dia que se seguiu à sua morte. Além da capa, encontramos duas páginas inteiras, compostas por 13 artigos e 14 imagens. O género predominante são as breves (8), seguindo-se um artigo de opinião, uma notícia, uma cronologia, um inquérito e vozes. O género opinativo está presente num artigo assinado pelo escritor Francisco José Viegas. Quanto ao conteúdo noticioso, a vida de Saramago não é contada através de uma biografia, mas sim com recurso a uma diminuta cronologia, de onde constam os acontecimentos mais importantes do seu percurso. Além disso, o jornal publica oito pequenas breves, cada uma com um parágrafo, que destacam momentos da vida do escritor, sobretudo os mais polémicos. Encontramos no conteúdo destas breves os saneamentos políticos do Diário de Notícias, a polémica com a Igreja Católica, o facto de deixar uma obra inacabada, a característica de começar os seus livros pelo título, bem como outros dados sobre o seu segundo romance, os livros que lia e a sua obra que deu origem a um filme. Os outros dois artigos informativos centram-se nas circunstâncias da morte e no facto de Saramago ter morrido em Espanha e, por isso, o Governo ter pago para que o seu corpo fosse transportado de avião. As despesas da trasladação assumidas pelo Governo chegam mesmo a motivar um inquérito com a pergunta “José Saramago. Faz sentido o Estado Português pagar o funeral?”, seguida do argumento do sim pelo redator principal, João Vaz, e o argumento do não pelo editor de fecho, Sérgio A. Vitorino. Abaixo encontra-se o gráfico que mostra que 72% dos leitores votaram não. Fala-se ainda das cerimónias fúnebres que terão lugar a

partir desse dia e o Correio da Manhã publica ainda um conjunto de reações do Presidente da República, do primeiro-ministro, de uma escritora e do primeiro-ministro espanhol.

O Diário de Notícias foi o jornal que ocupou maior número de páginas, escreveu mais notícias e publicou mais fotografias no dia que se seguiu ao falecimento de José Saramago. Ao longo de 27 páginas, mais de 30% da edição, encontramos 52 artigos e 56 fotografias. Entre os géneros predominantes estão as biografias (11), as breves (11) e os artigos de opinião (10), mas todas as categorias de informação estão aqui representadas, à exceção do inquérito. Detetámos a presença de vozes (6), notícias (4), entrevistas (3), foto-legendas (2), cronologias (2), reportagem (1), editorial (1) e crónica (1). Somando a biografia e as cronologias, o grande enfoque do conteúdo informativo é a vida e obra de José Saramago. O Diário de Notícias procura abranger todos os ângulos, desde a intervenção política do escritor, ao Prémio Nobel, passando pela sua vida amorosa, pela ligação a Espanha, o ateísmo de Saramago e as polémicas em que se viu envolvido aquando do lançamento do “Evangelho Segundo Jesus Cristo”. As duas cronologias publicadas servem para listar todos os livros que publicou e para destacar os momentos mais importantes da sua vida. Quanto ao conteúdo informativo, de realçar a republicação de três entrevistas com José Saramago e a reportagem que o jornal fez na sua aldeia, Azinhaga. Nas notícias são abordadas as cerimónias fúnebres do escritor, as reações à sua morte em Espanha, a sua relação com a morte face à doença que desde 2007 o deixara fragilizado e ainda declarações da sua filha Violante. De realçar que o Diário de Notícias também refere os dias de luto decretados por Portugal (dois), fazendo uma comparação com os dias de luto decretados nas Canárias (três). A notícia descreve as movimentações do Partido Comunista para que se decretasse luto nacional e menciona o avião fretado pelo Estado para trazer o corpo de Saramago para Portugal. Aqui reside uma diferença em termos de conteúdo: para o Correio da Manhã este foi um facto preponderante, que motivou, aliás, a manchete, enquanto para o Diário de Notícias é um facto descrito na notícia em que se destaca o facto de haver menos dias de luto em Portugal do que nas Canárias.

Quanto às vozes publicadas pelo jornal, encontramos reações de pesar de 79 personalidades do mundo político (onde se incluem o Presidente da República e o primeiro-ministro e alguns representantes políticos estrangeiros), do cinema, do futebol, da música, da literatura, da educação, das artes plásticas e do teatro, bem como amigos e pessoas próximas de Saramago. No que toca à opinião, os dez artigos publicados figuram a

cada duas páginas e são da autoria de personalidades diversificadas, como os jornalistas João Céu e Silva, Ferreira Fernandes e Maria Augusta Silva, o presidente da Câmara de Montemor-o-Novo, Carlos Pinto de Sá, os escritores João de Melo e Urbano Tavares Rodrigues, o ex-Presidente da República Jorge Sampaio, o padre Joaquim Carreira das Neves, o ex-ministro da Cultura Manuel Maria Carrilho e a sua editora em Espanha, Pilar Reyes. A diversidade de artigos de opinião visa acompanhar a diversidade de ângulos biográficos que foram retratados no Diário de Notícias: por exemplo, a opinião do padre Joaquim Carreira das Neves fecha as duas páginas em que se fala sobre o ateísmo de Saramago. A crónica que identificámos é da autoria do próprio José Saramago, anteriormente publicada no Diário de Notícias. Ainda de realçar o facto de o editorial ter sido dedicada ao escritor, realçando as suas qualidades como escritor e elogiando o Estado português por decretar luto nacional e por agilizar os trâmites necessários para que Saramago fosse enterrado em Portugal.

No Jornal de Notícias foram ocupadas 21 páginas inteiras com a morte de José Saramago, o que se traduz em 19,4% do espaço do jornal, que neste dia publica um destacável de 20 páginas sobre a personalidade. Detetámos 31 artigos e 32 imagens, sendo que entre os géneros predominantes estão as breves (9), notícias (8), biografias (5), vozes (2), cronologias (2), entrevistas (2), artigos de opinião (2) e reportagem (1). O periódico inicia na página 35 um caderno especialmente dedicado ao desaparecimento do escritor. O conteúdo do material informativo não visa tanto a carreira de Saramago, sendo que as biografias publicadas abordam a relação entre José Saramago e Pilar del Rio, o início da sua carreira como escritor, a sua militância no Partido Comunista e o ateísmo que o caracterizou, bem como a sua ligação ao cinema e ao teatro. A descrição da carreira do escritor é complementada com uma cronologia das suas obras publicadas e dos prémios que recebeu. Quanto às notícias e breves, o seu conteúdo versa sobre as circunstâncias da morte de Saramago e as cerimónias fúnebres. No que toca ao papel do Estado, o Jornal de Notícias escolheu destacar a ida da ministra da Cultura a Espanha para trazer o corpo do escritor para Portugal. Aquele jornal refere ainda as reações sentidas em Lanzarote e um pouco por toda a Espanha e ouve alguns escritores do panorama nacional a propósito do legado literário deixado por José Saramago. As reações no estrangeiro motivam a publicação de várias breves e o jornal escreve também uma notícia sobre a fundação do escritor. À semelhança do Diário de Notícias, também aqui encontramos uma reportagem na aldeia de Azinhaga, onde a personalidade nasceu. O Jornal de Notícias dá à estampa

uma entrevista que havia feito a José Saramago a propósito da obra “A Viagem do Elefante”, sendo que coloca apenas uma parte da entrevista na sua edição impressa e optou por colocar a versão integral na sua página online. Outra das entrevistas publicadas é com Zeferino Coelho, editor de Saramago. Entre as vozes publicadas há um artigo com excertos e citações de José Saramago e é dada voz a 15 personalidades, maioritariamente da vida política nacional e internacional, mas também uma figura do desporto, Carlos Queiroz, um cineasta, Fernando Meirelles, e uma amiga de infância, Otelinda Nunes. Quanto aos dois artigos de opinião publicados, eles são da autoria do jornalista José Carlos Vasconcelos e do Professor e ensaísta Carlos Reis.

Nos dez dias que se seguiram à notícia da morte de José Saramago, entre 20 e 29 de junho de 2010, os três periódicos referenciaram a personalidade em 61 páginas, dedicaram-lhe 119 notícias e 130 imagens.

No Correio da Manhã encontrámos 14 páginas com referências a José Saramago nos dez dias após ter sido dada a notícia da sua morte, ou seja, 2,5% das suas edições. Destas páginas, duas são capas do jornal, correspondentes ao dia a seguir ao velório e ao dia a seguir ao funeral. Ao todo, foram publicadas 33 artigos, juntamente com 29 imagens. No que diz respeito aos géneros jornalísticos, falamos de breves (19), notícias (4), artigos de opinião (4), vozes (3), foto-legendas (2) e editorial (1). O conteúdo informativo versou, maioritariamente sobre as cerimónias fúnebres, bem como a notada ausência do Presidente da República. Não só o jornal dá grande destaque ao facto (que chega a ser título da primeira página), como chega a abordar personalidades presentes no funeral, como José Sócrates, acerca desse assunto. Muitos dos factos destacados no âmbito das cerimónias fúnebres são acessórios e a sua relevância noticiosa é questionável. É disso exemplo o relato sobre o facto de o velório ter decorrido à porta fechada e algumas personalidades que chegaram atrasadas terem ligado para o vereador do município de Lisboa, Ruben de Carvalho, para lhes abrir a porta. De realçar que o Correio da Manhã não fez a reportagem do funeral de Saramago, optando antes por um conjunto de breves e uma notícia principal para descrever o evento. O conteúdo noticioso do Correio da Manhã versa ainda sobre as homenagens em Portugal e no estrangeiro, a par de uma notícia sobre o aumento da procura dos livros do escritor. No que toca à opinião, é de realçar a presença de um editorial no dia do funeral de José Saramago. Apesar de não estar assinado, o texto elogia e destaca o papel de Saramago na literatura, bem como a sua luta para vencer no mundo

literário. A opinião está ainda presente no jornal com um artigo do colunista João Pereira Coutinho e nas cartas de dois leitores, um deles em tom elogioso e outro criticando o facto de o Estado pagar a trasladação. A opção pela publicação desta última carta, a nosso ver, visa reforçar um acontecimento a que o jornal deu bastante importância, tal como já foi aqui referido.

No Diário de Notícias registámos 35 páginas com referências a José Saramago nos dez dias após ter sido noticiado o seu falecimento, o que representa quase 5% do seu espaço noticioso neste período. Destas páginas, três são capas e referem-se ao dia após o velório, ao dia após o funeral e à notícia sobre o espólio do escritor. Ao todo foram publicadas 66 peças – 17 breves, 10 artigos de opinião, 12 foto-legendas, 12 vozes, 9 notícias, 4 reportagens, uma entrevista e uma biografia - e 54 fotografias. Em termos de conteúdo informativo, as peças abordam sobretudo as exéquias do escritor, quer o velório, quer o funeral, veiculados através de reportagens, algumas breves e muitas foto-legendas, que visaram retratar pessoas e momentos das cerimónias, através de uma descrição pormenorizada. Este detalhe leva o jornal a fazer referências a factos secundários, nomeadamente o número de funcionários que a agência funerária tinha a trabalhar. Ainda no que diz respeito aos artigos informativos, destaque para a reportagem na terra onde Saramago cresceu e para a publicação de mais informações sobre a vida do escritor, nomeadamente sobre as mulheres da sua vida. O jornal faz ainda eco das notícias sobre a morte do Nobel na imprensa estrangeira, publica vários excertos de entrevistas que o escritor deu em vida e destaca uma coluna com mensagens deixadas pelos leitores do Diário de Notícias na sua página na Internet. Aborda ainda a questão da possível trasladação para o Panteão, questão levantada por Mário Soares, e retomada no dia após o funeral, em que o jornal revela que Saramago não queria ficar no Panteão e aventa algumas possíveis localizações para as suas cinzas. A ausência do Presidente da República das cerimónias também é alvo de notícia, com o jornal a dar destaque às reações de outros políticos e de um investigador de ciência política, para destacar este facto. O periódico incluiu uma peça sobre os continuadores do legado de José Saramago na literatura portuguesa e vários artigos sobre as homenagens prestadas. As vozes incluem ainda a publicação de excertos de alguns dos livros mais conhecidos de José Saramago e o discurso das personalidades que marcaram presença no funeral. Foi também dado espaço a um artigo sobre as obras inéditas do Nobel.

Quanto à vertente de opinião, destaque para os artigos assinados pelo jornalista Ferreira Fernandes, pelo sociólogo Alberto Gonçalves, os escritores Baptista-Bastos e Vasco Graça Moura e o Professor Carlos Abreu Amorim. Ainda de realçar as cartas de dois leitores e admiradores do escritor, um dos quais escreve um poema a ele dedicado. Outro leitor ocupa ainda espaço na coluna de opinião do Diário de Notícias, mas este, além dos elogios que tece à faceta literária de Saramago, critica-o na sua vertente antirreligiosa.

No Jornal de Notícias são 22 as páginas que fazem referência a José Saramago nos dez dias após a sua morte ter sido noticiada, o que representa 3% do conteúdo dessas edições. Aqui se incluem duas primeiras páginas, mencionando o velório e o funeral do escritor. O periódico publicou 33 artigos e 47 fotografias durante o período em análise, entre as quais estão breves (12), reportagens (9), artigos de opinião (7), reportagens (2), notícias (2), vozes (2) e biografia (1). À semelhança dos outros jornais, o conteúdo informativo centrou-se nas cerimónias fúnebres, com recurso a reportagens que além de elencarem as personalidades presentes, descrevem o ambiente e o que foi dito. À semelhança dos outros jornais a cobertura das exéquias deu azo à publicação de factos paralelos. No caso do Jornal de Notícias podemos destacar a publicação de uma fotografia de Mário Soares a tropeçar à entrada da Câmara Municipal de Lisboa, onde se realizou o velório. O periódico foi o único a fazer reportagem da chegada do corpo, com texto e fotos no aeroporto de Figo Maduro e da comitiva que acompanhou a trasladação. As notícias nos dois dias que duraram as exéquias visaram ainda a questão do destino das cinzas da personalidade e as homenagens em Lanzarote e na Azinhaga, a par da questão da ausência de Cavaco Silva. No caso deste último tópico, o Jornal de Notícias não o referenciou nas suas primeiras páginas, mas dedicou-lhe um artigo em que analisa as palavras de justificação proferidas pelo então Presidente da República, com um certo tom de ironia. No dia do funeral publica-se ainda uma reportagem na aldeia da Azinhaga e mais duas em Lanzarote, onde o escritor viveu. Entre a matéria noticiosa foi ainda destacada a produção de um documentário sobre Saramago, o facto de nos Açores não ter sido autorizado o voto de pesar pelo escritor, as homenagens realizadas em Portugal e no estrangeiro e os destaques do seu falecimento na imprensa estrangeira. O jornal recorda ainda alguns marcos da vida e carreira de Saramago e aborda o aumento das vendas dos seus livros. Quanto à opinião, destaque para os artigos assinados pelo escritor Mário Cláudio e pela editora Zita Seabra. Foram ainda publicados cinco textos da autoria de leitores do Jornal de Notícias, todos em

tom elogioso. O último destes textos de opinião tece duras críticas a quem elogiou rasgadamente Saramago depois de morto e o criticou ferozmente em vida.

Todos os jornais assinalaram o primeiro ano da morte de José Saramago, apesar de o grau de importância não ter sido igual em todos os periódicos.

O Correio da Manhã escreve uma notícia sobre o primeiro aniversário do falecimento do escritor. A peça, acompanhada por uma imagem, destaca as homenagens a ter lugar naquele dia, apresentadas na véspera pela viúva de José Saramago.

O Diário de Notícias referencia o primeiro ano da morte de José Saramago em duas das suas páginas, com três notícias e três fotografias. Os textos falam sobre o mistério em torno do local onde estavam, até à data, as cinzas do escritor e as iniciativas que o irão homenagear. O jornal publica ainda uma entrevista com Pilar del Rio, viúva do Nobel da Literatura.

No Jornal de Notícias foram publicadas quatro notícias e duas fotografias, que ocuparam duas páginas inteiras. O periódico assinala um ano da morte de José Saramago, antecipando as homenagens que terão lugar nesse dia, as visitas que se realizaram ao polo da fundação com o seu nome, na aldeia da Azinhaga e o lançamento de três livros do escritor. Também o Jornal de Notícias publica uma entrevista com Pilar del Rio.

Ao todo, os três jornais analisados publicaram 235 fotografias junto das notícias que referenciam José Saramago nos 11 dias após a sua morte.

Nas edições do Correio da Manhã aqui analisadas contabilizámos 39 imagens, das quais apenas 11 retratam José Saramago, uma das quais mostra o escritor morto, deitado no caixão, com o rosto perceptível. As restantes fotografias referem-se, maioritariamente, ao ambiente das cerimónias fúnebres e às personalidades que por lá passaram. São 21 os retratos que ilustram o funeral e o velório de José Saramago.

O Diário de Notícias publicou 110 imagens junto das peças que mencionaram José Saramago durante os 11 dias após a sua morte. Destas, apenas 39 são retratos do escritor e 19 mostram o ambiente e as personalidades que marcaram presença nas cerimónias fúnebres. Algumas das restantes imagens referem-se às capas dos livros do escritor, aos lugares que ele habitou e pessoas que conheceu e às capas de jornais que motivou e que o Diário de Notícias destaca nas duas primeiras edições após a morte de Saramago. Também

o periódico publica uma imagem da personalidade morta, apesar de o fazer com a mulher de José Saramago, Pilar del Rio, focada e em segundo plano, a olhar o corpo, desfocado, do qual apenas vemos a cabeça.

No Jornal de Notícias foram publicadas 79 fotografias junto dos artigos acerca de José Saramago. Apenas 26 retratam o escritor, sendo que uma destas imagens é a mesma que foi utilizada pelo Diário de Notícias, onde se vê o corpo da personalidade, velado pela mulher. Há também uma cobertura fotográfica das cerimónias fúnebres bastante ampla, com 24 imagens, e vários retratos de locais e pessoas que tiveram significado na vida da personalidade.

1.17.3 Tabelas quantitativas

Correio da Manhã

Data	N. Páginas CM	N. peças CM	N. Imagens CM	Destaque Capa CM	Fotos Capa CM	Total pág. CM	Artigos CM	Biografia CM	Breve CM	Crónica CM	Cronologia CM	Editorial CM	Entrevista CM	Foto-legendas CM	Inquérito CM	Notícia CM	Reportagem CM	Vozes CM
19-06-2010	3	13	14	Chamada	1	56	1	0	8	0	1	0	0	0	1	1	0	1
20-06-2010	4	10	10	Fotocapa	2	56	0	0	5	0	0	1	0	0	0	1	0	3
21-06-2010	3	9	15	Chamada	1	56	0	0	6	0	0	0	0	2	0	1	0	0
22-06-2010	2	6	1	s/ref	0	56	2	0	3	0	0	0	0	0	0	1	0	0
23-06-2010	1	1	0	s/ref	0	56	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
24-06-2010	1	1	1	s/ref	0	56	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
25-06-2010	1	1	0	s/ref	0	56	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26-06-2010	1	4	1	s/ref	0	56	0	0	3	0	0	0	0	0	0	1	0	0
27-06-2010	1	1	1	s/ref	0	56	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
28-06-2010	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
29-06-2010	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
18-07-2010	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
18-12-2010	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
18-06-2011	1	1	1	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0

Diário de Notícias

Data	N. Páginas DN	N. peças DN	N. Imagens DN	Destaque Capa DN	Fotos Capa DN	Total pág. DN	Artigos DN	Biografia DN	Breve DN	Crónica DN	Cronologia DN	Editória DN	Entrevista DN	Fotolegenda DN	Inquérito DN	Notícia DN	Reportagem DN	Vozes DN
19-06-2010	27	52	56	Manchete	1	88	10	11	11	1	2	1	3	2	0	4	1	6
20-06-2010	13	32	24	Fotocapa	1	80	2	0	8	0	0	0	1	9	0	4	3	5
21-06-2010	8	18	15	Manchete	1	64	1	1	3	0	0	0	0	3	0	2	1	7
22-06-2010	4	5	5	chamada	0	72	2	0	1	0	0	0	0	0	0	2	0	0
23-06-2010	4	4	3	s/ref	0	64	3	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
24-06-2010	2	2	2	s/ref	0	68	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
25-06-2010	1	2	2	s/ref	0	72	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0
26-06-2010	2	2	3	s/ref	0	72	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0
27-06-2010	0	0	0	s/ref	0	76	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
28-06-2010	1	1	0	s/ref	0	64	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
29-06-2010	0	0	0	s/ref	0	72	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
18-07-2010	0	0	0	s/ref	0	68	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
18-12-2010	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
18-06-2011	2	3	3	s/ref	0	64	0	0	1	0	0	0	1	0	0	1	0	0

Jornal de Notícias

Data	N. Páginas JN	N. peças JN	N. Imagens JN	Destaque Capa JN	Fotos capa JN	Total pág. JN	Artigos JN	Biografia JN	Breve JN	Crónica JN	Cronologia JN	Editória JN	Entrevista JN	Fotolegenda JN	Inquérito JN	Notícia JN	Reportagem JN	Vozes JN
19-06-2010	21	31	32	Manchete	1	108	2	5	9	0	2	0	2	0	0	8	1	2
20-06-2010	10	19	29	Fotocapa	1	88	2	1	7	0	0	0	0	0	0	1	6	2
21-06-2010	7	8	15	Chamada	1	72	1	0	4	0	0	0	0	0	0	0	3	0
22-06-2010	0	0	0	s/ref	0	72	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23-06-2010	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

24-06-2010	1	1	0	s/ref	0	64	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
25-06-2010	1	2	0	s/ref	0	72	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26-06-2010	2	2	2	s/ref	0	72	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
27-06-2010	1	1	1	s/ref	0	72	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
28-06-2010	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
29-06-2010	0	0	0	s/ref	0	72	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
18-07-2010	0	0	0	s/ref	0	72	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
18-12-2010	0	0	0	s/ref	0	72	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
18-06-2011	2	4	2	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2	0	0

1.17.4 Marcas de subjetividade

Diário de Notícias	Jornal de Notícias
“eterna determinação (...) comia na cozinha e gostava de grão cozido (...) apanhar sol como tanto gostava” (“Morrer é... simplesmente natural”, 2010, 19 de junho, pp. 2-5).	“Qual Dom Quixote dos tempos modernos (...) consciência ética acutilante (...) imenso talento (...) energia infatigável” (“A imortalidade segundo Saramago”, 2010, 19 de junho, p. 36).
“Um génio de escrita quase barroca que parecia um operário da vírgula (...) foi um criador de imaginários tão fantásticos (...) um operário cultíssimo do idioma que dominava na perfeição” (“Um génio de escrita quase barroca que parecia um operário da vírgula”, 2010, 19 de junho, p. 8).	“controverso, polémico, desassombrado, frontal (...) estatuto de figura maior das letras” (“Militante comunista nem sempre alinhado”, 2010, 19 de junho, pp. 42-43).
“Um ilustre comunista nem sempre obediente” (“Um ilustre comunista nem sempre obediente”, 2010, 19 de junho, p. 12).	“terá mais de genialidade do que de verdadeira polémica (...) Saramago é património da Humanidade (...) A notícia ainda soa a falso, e já a sua morte deixa saudade” (“Património da humanidade”, 2010, 19 de junho, pp. 44-45).
“do ser humano que assumia compromissos que não tinha problemas em denunciar, em chamar as coisas pelos nomes” (“Espanha está órfã de ‘gigante’”, 2010, 19 de junho, p. 21).	“perdurará entre os maiores da língua portuguesa (...) mais reconhecido autor português contemporâneo” (“Lugar cativo ao lado dos grandes”, 2010, 19 de junho, p. 46).
	“excepcional não só pela projecção universal que atingiu” (“O primeiro ano do resto da imortalidade”, 2011, 18 de junho, p. 42).

1.18 António Feio

1.18.1 Biografia

António Jorge Peres Feio nasceu a 6 de dezembro de 1954 em Lourenço Marques, filho de um Francisco, engenheiro agrónomo, e Ester, dona de casa, e o mais novo de quatro irmãos. A família mudou-se para Lisboa quando António Feio tinha sete anos de idade, mas o pai permaneceu em Moçambique. Foram morar para Carcavelos e na vizinhança residiam os atores de teatro e televisão Fernanda Borsatti e Baptista Fernando. O irmão

mais velho foi chamado para fazer figuração em televisão e António foi chamado em seguida. A mãe de António Feio, cujo grande sonho tinha sido ser atriz, começou naquela época a ensaiar a peça “A Casa de Bernardo Alba” no Teatro Experimental de Cascais e António acompanhava-a. Assim, quando aquela companhia necessitou de crianças para fazer a peça de Miguel Torga, “O Mar”, António Feio foi o escolhido, estreando-se assim nas artes cénicas a 6 de maio de 1966, com 12 anos de idade. Nesse mesmo ano contracenou com Ruy de Carvalho no filme “Viajante sem Bagagem”.

Seguiram-se outras peças e, no final dos anos 60, António Feio começa a fazer o folhetim “Gente Nova”, na RTP, em que interpretava o personagem Luisinho. Nos anos que se seguiram fez peças de teatro, trabalhou ainda para televisão e fez folhetins para rádio e anúncios publicitários.

Em 1969 António Feio regressa a Lourenço Marques com os irmãos, à exceção do mais velho, pois o pai queria afastá-lo da representação, temendo as consequências da fama que o filho granjeava. António continuou os estudos no Liceu Salazar e afastou-se do teatro. Em 1974 a companhia Laura Alves decide fazer uma digressão por Moçambique, com a peça “Comprador de Horas” e António Feio é integrado na digressão. Após o 25 de Abril o jovem regressa a Lisboa com aquela companhia de teatro e com o seu irmão.

De regresso ao país de origem, António Feio reingressou no Teatro Experimental de Cascais. Entretanto conheceu a namorada, Lurdes Gonzalez, com quem decidiu casar no dia 12 de Abril de 1975, e de quem teve duas filhas, Bárbara e Catarina. O casamento durou seis anos, mas o divórcio só aconteceu 19 anos depois da separação. No início dos anos 80, num casting, conheceu a atriz Cláudia Cadima, com quem manteve um relacionamento durante 19 anos e de quem teve mais dois filhos, Sara e Filipe.

Quando saiu do Teatro Experimental de Cascais, António Feio formou a companhia Aquarius, juntamente com Fernando Gomes. Fizeram alguns espetáculos numa colectividade perto da Sé de Lisboa, mas acabaram por desistir por falta de dinheiro. O ator integrou então a Cooperativa de Comediantes Rafael de Oliveira e depois foi para o Teatro de São Luís, tendo passado a fazer parte do Teatro Popular – Companhia Nacional I. Seguiu-se uma passagem pelo Teatro Adoque, período durante o qual se dedicou à revista, género que continuou a representar quando transitou para o Parque Mayer. Seguiram-se o Teatro ABC, a Casa da Comédia (onde fez a sua primeira encenação), o Centro de Arte

Moderna, o Teatro Aberto e o Teatro Variedades. António Feio teve ainda alguns projetos pontuais no Teatro Nacional Dona Maria II.

António Feio tinha entretanto travado conhecimento com o ator Francisco Nicholson e, pela mão dele, foi chamado para o elenco da novela portuguesa “Vila Faia”, à qual se seguiu a produção “Origens”, onde se celebrizou no papel de “Nando”, em 1983. No Teatro da Comuna António Feio conheceu outro ator, José Pedro Gomes, e começou a interessar-se pela encenação de espetáculos. Encenou uma peça na Casa da Comédia chamada “Pequeno Rebanho não desespere”, à qual se seguiu “Vincent”, no centenário da morte de Van Gogh, e “O Verdadeiro Oeste”. Entretanto a dupla estreia-se no programa de televisão “Clubíssimo”, de Joaquim Letria, no ano de 1988, com sketches escritos por Nuno Artur Silva. José Pedro Gomes e António Feio estreiam-se nos palcos no ano de 1993 com a peça “Inox-Take 5”, seguindo-se, um ano depois, “O Que Diz Molero”.

No início dos anos 90 António Feio e José Pedro Gomes tinham conhecido Paulo Dias da produtora UAU e começam a delinear o que viria a ser a “Conversa da Treta”, espetáculo que esteve em cena 13 anos e que foi a primeira produção em teatro da UAU, tendo estreado no ano de 1997. A dupla António Feio/José Pedro Gomes deu vida a vários outros espetáculos, entre os quais se destacam “A Partilha”, “Benjamim”, “Popcorn”, “Deixa-me Rir”, “Jantar de Idiotas”, “Dois Amores” e “Monty Python”. A sua última peça como ator foi “A Verdadeira Treta”, também ao lado de José Pedro Gomes”, já em 2009. Como encenador trabalhou ainda em “Vai-se Andando” e “Apanhados na Rede”.

No cinema António Feio integrou o elenco de “Sorte Nula”, em 2004, e protagonizou “Filme da Treta”, em 2006, ao lado de José Pedro Gomes.

Em março de 2009 António Feio descobriu que estava doente, quando lhe foi diagnosticada a variante normal dos tumores no pâncreas, adenocarcinoma. Em 2010 António Feio foi condecorado com a comenda da Ordem do Infante D. Henrique pelo Presidente da República, Cavaco Silva. No dia 2 de Julho desse ano morreu, com 55 anos de idade, vítima do cancro com o qual lutava há vários meses.

1.18.2 Análise

A morte de António Feio foi referenciada no dia seguinte, 30 de julho de 2010, nas primeiras páginas do Correio da Manhã e do Diário de Notícias.

O Correio da Manhã faz uma pequena chamada na orelha lateral superior esquerda, com uma imagem de António Feio, acompanhada pelo título: “Última hora: António Feio morre aos 55 anos”.

No Diário de Notícias, a morte de António Feio é a foto de capa. O jornal utiliza uma fotografia do ator e escolhe o título “António Feio, o actor que riu até ao fim”.

O Jornal de Notícias não referenciou o tema, nem na sua capa nem na edição do dia seguinte à morte do ator, talvez devido à hora do falecimento: às 23h40 do dia anterior.

Após noticiar a sua morte, o Correio da Manhã faz uma chamada de primeira página, de duas colunas, no dia do funeral de António Feio. A imagem do ator está junto do título onde se lê “Morte no dia de anos da filha”. No pós-título o jornal opta por evidenciar a perda de peso de António Feio nos últimos tratamentos a que se sujeitou, devido à doença. No dia a seguir ao funeral, o periódico escolhe uma foto de capa, com uma imagem das pessoas presentes na cerimónia e o título “Lágrimas e aplausos no adeus a António Feio”.

O Diário de Notícias não mencionou o funeral do ator na sua capa, nem no próprio dia, nem no dia seguinte. Por sua vez, o Jornal de Notícias, que havia falhado a notícia sobre o falecimento do ator, faz uma foto de capa no dia 31 de Julho, com a imagem do encenador e o título “Até sempre, António Feio”. No dia a seguir ao funeral o tema não figurou na primeira página.

No dia que se seguiu à morte de António Feio, 30 de julho de 2010, os jornais dedicaram um total de seis páginas ao acontecimento, consubstanciadas em 20 artigos e 17 imagens.

O Correio da Manhã ocupou duas páginas inteiras com a morte de António Feio, além da capa da edição do dia seguinte ao falecimento do ator. Registámos nove artigos – quatro foto-legendas, duas breves, duas biografias e vozes – e nove fotografias. O conteúdo informativo aborda a carreira de António Feio, ainda que de uma forma bastante superficial, com recurso a uma breve de um parágrafo, a quatro foto-legendas de momentos importantes da sua carreira, e a uma biografia algo resumida. Há ainda um enfoque nas circunstâncias da morte e na própria doença, um cancro do pâncreas. O jornal refere ainda que a doença aproximou António Feio da sua família, citando as próprias filhas do ator que terão sido ouvidas pelo periódico na altura em que souberam da doença

do pai. As vozes ouvidas pelo jornal são as dos atores Maria Rueff e Nicolau Breyner, do humorista Aldo Lima e do produtor Manolo Bello.

O Diário de Notícias também ocupa duas páginas inteiras com o tema, além da sua capa. No interior identificámos oito artigos e oito fotografias. Os géneros jornalísticos são a foto-legenda (6), vozes (1) e biografia (1). O conteúdo é centrado na doença de António Feio, que é relatada como parte da sua biografia e que recorda o que o próprio ator disse numa entrevista à SIC quando descobriu que estava doente. O principal enfoque do Diário de Notícias é a carreira de António Feio e o seu percurso é relatado com recurso às foto-legendas, a uma coluna de citações da personalidade retiradas de entrevistas que foi dando ao longo da vida e ao texto biográfico.

O Jornal de Notícias não publicou qualquer informação sobre o acontecimento.

Nos dez dias que se seguiram à notícia da morte de António Feio, 31 de julho a 9 de agosto de 2010, os três jornais analisados referenciaram o ator em 16 páginas, escreveram 29 notícias e publicaram 61 fotografias.

O Correio da Manhã referenciou António Feio em oito páginas, das quais duas são capas das edições que se seguiram ao velório e ao funeral do ator. Falamos de 1,52% das dez edições analisadas. Ao todo o jornal publica 41 fotografias e 17 artigos, todos concentrados nos dois dias após ter sido noticiada a morte do ator. O género predominante é a breve (10), havendo ainda recurso a notícias (3), cronologias (2), vozes (1) e biografia (1). Quanto ao conteúdo noticioso, este centra-se na doença que vitimou António Feio. O jornal faz mesmo uma cronologia dos 16 meses de luta contra a enfermidade e entrevista um especialista de oncologia sobre aquele tipo de cancro. Além disso, são ainda abordadas as cerimónias fúnebres, mas sempre sem recurso à reportagem. Os textos noticiosos que relatam o velório e o funeral elencam as personalidades presentes e citam algumas delas. No caso da notícia sobre o velório, é novamente recordada a doença de António Feio e é referido, no meio do texto, a razão que motivou o título: António Feio morreu no dia de aniversário da filha Bárbara. Já na notícia do funeral, o predomínio das breves assenta no destaque de pormenores relacionados com a morte do ator, alguns dos quais verdadeiramente paralelos. O jornal publica, por exemplo, as mensagens deixadas no facebook pelos seus entes queridos e faz notícia do agradecimento de mensagens por parte da família. Além disso, menciona o facto de o corpo ter sido cremado e faz uma breve

sobre a paixão de António Feio por carros, patente no facto de a sua filha ter conduzido o Porsche do pai para o funeral. Entre os destaques na coluna de breves, publicada ao lado da notícia do funeral, está o número de coroas de flores que foram depositadas, a ausência da ex-namorada do ator do seu funeral e o facto de a família se ter recusado a prestar declarações à comunicação social. A vida de António Feio é ainda recordada com uma cronologia e uma breve com um parágrafo. Nas vozes o jornal ouve o Presidente da República, Cavaco Silva, e a ministra da Cultura, Gabriela Canavilhas.

O Diário de Notícias referenciou António Feio em quatro páginas, todas no interior do jornal, no período em análise, o que representa 0,68% das edições. Nenhuma das cerimónias fúnebres figurou na primeira página do jornal. Ao todo, foram publicados sete artigos – três artigos de opinião, duas notícias, uma breve e vozes – e 11 fotografias. O conteúdo das peças aborda sobretudo as exéquias. No dia após o velório, o jornal recorre a uma notícia para dar conta das personalidades presentes, ouvindo algumas dessas pessoas e recordando as circunstâncias da morte de António Feio. Nesse mesmo dia publica uma coluna de vozes, com contributos dos atores José Pedro Gomes, Maria Rueff, Virgílio Castelo e António Reis, da cantora Celina Pereira e do escritor José Jorge Letria. Quanto ao dia após o funeral, o texto é semelhante, relatando pouco do ambiente e muito das personalidades presentes. De realçar que, à semelhança do Correio da Manhã, as cerimónias fúnebres não foram relatadas através da reportagem. Nos dias que se seguiram há a publicação de três artigos de opinião, dois dos quais assinados pelo jornalista Pedro Correia e publicados no suplemento gente. Nestes artigos o autor recorda os primeiros passos de António Feio na televisão. O outro artigo é do sociólogo Alberto Gonçalves, recordando um episódio que o ligava a António Feio e fazendo o elogio da dupla António Feio/José Pedro Gomes.

O Jornal de Notícias colocou o nome de António Feio em quatro das suas páginas, uma das quais é a capa do dia do funeral. Falamos de 0,54% das suas dez edições. Ao todo foram publicados 5 artigos – duas vozes, uma notícia, uma reportagem e uma biografia – e sete fotografias. O conteúdo centra-se nas cerimónias fúnebres e no percurso profissional da personalidade. O Jornal de Notícias não noticiou a morte de António Feio no dia seguinte, mas ainda assim, quando fala do tema na edição a seguir, não o faz como se fosse a primeira vez. Assim, passados dois dias da sua morte, a notícia publicada centra-se no velório e, na segunda metade do texto, recorda a doença que vitimou o ator e os últimos

meses de vida. O periódico dá ainda voz a cinco personalidades, entre as quais o Presidente da República, a ministra da Cultura, dois atores e um guionista. A par com estes géneros há ainda uma biografia de António Feio e, no dia após o funeral, o Jornal de Notícias faz a reportagem do evento e ainda dá voz a quatro anónimos e admiradores do trabalho do ator, presentes nas cerimónias.

No que diz respeito às efemérides, apenas o Correio da Manhã assinalou uma delas: o primeiro ano após a morte de António Feio. O Correio da Manhã ocupou a quase totalidade de uma página, com duas notícias e três fotografias. Refere uma peça que vai estreiar com Miguel Guilherme e Bruno Nogueira, recordando brevemente a dupla de António Feio e José Pedro Gomes. Além disso, referencia o facto de ainda não ter sido encontrado, pela família, um espaço de homenagem dedicado ao ator.

Os três jornais publicaram um total de 78 imagens junto dos artigos que noticiaram a morte de António Feio.

O Correio da Manhã publicou 50 imagens, todas nas três edições após a morte de António Feio. Destas, 28 são retratos do ator e 20 retratam o ambiente das cerimónias fúnebres e, sobretudo, os familiares e figuras públicas presentes.

O Diário de Notícias colocou 19 fotografias nas edições em que referenciou António Feio. Contabilizámos 11 retratos do ator, um deles uma imagem de Feio ainda criança. As restantes oito fotografias mostram as personalidades presentes no funeral.

O Jornal de Notícias escolheu nove imagens para colocar nas suas edições. Apenas duas são de António Feio. As restantes sete mostram as cerimónias fúnebres e as pessoas presentes.

1.18.3 Tabelas quantitativas

Correio da Manhã

Data	N. Páginas CM	N. peças CM	N. Imagens CM	Destaque Capa CM	Fotos Capa CM	Total pág. CM	Artigos CM	Biografia CM	Breve CM	Crónica CM	Cronologia CM	Editorial CM	Entrevista CM	Foto-legendas CM	Inquérito CM	Notícia CM	Reportagem CM	Vozes CM
30-07-2010	3	9	9	Chamada	1	52	0	2	2	0	0	0	0	4	0	0	0	1
31-07-2010	5	8	25	Chamada	1	52	0	0	3	0	2	0	0	0	0	2	0	1
01-08-2010	3	9	16	Fotocapa	2	52	0	1	7	0	0	0	0	0	0	1	0	0

02-08-2010	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
03-08-2010	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
04-08-2010	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
05-08-2010	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
06-08-2010	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
07-08-2010	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
08-08-2010	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
09-08-2010	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
29-08-2010	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
29-01-2011	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
29-07-2011	1	2	3	s/ref	0	52	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0

Diário de Notícias

Data	N. Páginas DN	N. peças DN	N. Imagens DN	Destaque Capa DN	Fotos Capa DN	Total pág. DN	Artigos DN	Biografia DN	Breve DN	Crónica DN	Cronologia DN	Editória DN	Entrevista DN	Fotolegenda DN	Inquérito DN	Notícia DN	Reportagem DN	Vozes DN
30-07-2010	3	8	8	Foto capa	1	64	0	1	0	0	0	0	0	6	0	0	0	1
31-07-2010	1	3	6	s/ref	0	64	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1
01-08-2010	2	2	4	s/ref	0	68	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
02-08-2010	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
03-08-2010	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
04-08-2010	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
05-08-2010	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
06-08-2010	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
07-08-2010	1	2	1	s/ref	0	64	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
08-08-2010	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

09-08-2010	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
29-08-2010	0	0	0	s/ref	0	88	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
29-01-2011	0	0	0	s/ref	0	72	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
29-07-2011	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Jornal de Notícias

Data	N. Páginas JN	N. peças JN	N. Imagens JN	Destaque Capa JN	Fotos capa JN	Total pág. JN	Artigos JN	Biografia JN	Breve JN	Crónica JN	Cronologia JN	Editória JN	Entrevista JN	Fotolegenda JN	Inquérito JN	Notícia JN	Reportagem JN	Vozes JN
30-07-2010	0	0	0	s/ref	0	72	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
31-07-2010	3	3	7	Fotocapa	2	72	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
01-08-2010	1	2	2	s/ref	0	72	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
02-08-2010	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
03-08-2010	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
04-08-2010	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
05-08-2010	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
06-08-2010	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
07-08-2010	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
08-08-2010	0	0	0	s/ref	0	72	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
09-08-2010	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
29-08-2010	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
29-01-2011	0	0	0	s/ref	0	72	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
29-07-2011	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

1.18.4 Marcas de subjetividade

Correio da Manhã	Diário de Notícias	Jornal de Notícias
“Um adeus a António Feio: actor de talento e coragem (...) uma das mais brilhantes carreiras do teatro português	“não sabia cozinhar. Tinha bom feito (...) era “um tipo porreiro” (...) encenador de belíssimos espectáculos	“um artista talentoso (...) honrar esse optimismo e persistência será a melhor forma de o homenagearmos”

(...) um artista de talento (...) estilo próprio e inimitável” (“Um adeus a António Feio: actor de talento e coragem”, 2010, 30 de julho, p. 26).	infantis (...) é dessa persistência, no teatro e na vida, que nos iremos lembrar” (“António Feio: se pudesse matava o bicho a rir”, 2010, 30 de julho, pp. 32-33).	(“Familiares e amigos unidos no tributo a António Feio”, 2010, 31 de julho, pp. 58-59).
	“importância e relevância para o teatro nacional” (“Amigos e admiradores no adeus a António Feio”, 2010, 31 de julho, p. 52).	“popular actor (...) popular actor” (“Prolongada salva de palmas na despedida a António Feio”, 2010, 1 de agosto, p. 62).

1.19 Angélico Vieira

1.19.1 Biografia

Sandro Milton Vieira Angélico nasceu a 1 de janeiro de 1983 na Maternidade Alfredo da Costa, em Lisboa. Com apenas três anos foi com os pais assistir a um concerto de Marco Paulo no Alfeite e subiu para cima do palco, onde cantou e dançou com o intérprete. Com aquela idade cantava e dançava músicas de Mickael Jackson em espetáculos para toda a família (Angélico, 2012: p.26)

Desde a escola primária e até ao 9.º ano de escolaridade, Sandro estudou no Externato Frei Luís de Sousa, em Almada. No 10.º ano transitou para a Escola Secundária Francisco Simões. Após o ensino secundário ingressou no curso de Gestão de Empresas.

Aos 17 anos ingressou como modelo na agência DXL, onde, por já existir um modelo chamado Sandro, sugeriram que adotasse como nome artístico Angélico Vieira, aproveitando os seus apelidos. Com 18 anos Angélico recebe uma proposta de uma agência de modelos em Miami, que recusa por vontade da mãe.

No final de 2002 a agência de modelos DXL propõe o nome de Angélico para o casting da série juvenil “Morangos com Açúcar”, que iria estreiar em agosto de 2003 na TVI. O modelo fez o primeiro teste na Feira Popular, em Lisboa, e foi logo escolhido. Após o segundo casting ficou a saber que iria integrar o elenco da série e que iria, também, fazer parte de uma banda no âmbito da história.

Angélico Vieira estreou-se na televisão em 2003 na pele de David, personagem dos Morangos com Açúcar, e um dos membros da banda D’zrt, que nasceu no seio da ficção e rapidamente transitou para os palcos. O grupo era constituído por Angélico Vieira, Paulo Vintém, Edmundo Vieira e Vítor Fonseca e foi formado em 2004. O single de lançamento, “Para Mim Tanto me Faz” liderou os tops das rádios durante 13 semanas consecutivas e o disco de estreia, “D’zrt”, foi o mais vendido de 2005.

Também em 2005 os D'zrt lançam o dvd “Ao vivo no Coliseu dos Recreios” e no ano seguinte sai o segundo álbum de estúdio, “Original”. A banda anunciou o seu final em 2007, mas a interrupção durou apenas um ano e meio. Em 2009 gravam o dvd “A Despedida”, que continha o último concerto do grupo, gravado no Pavilhão Atlântico, e nesse mesmo ano juntam-se para lançar o álbum “D'zrt Project”. A banda viria a terminar oficialmente no ano de 2010.

A 29 de Setembro de 2008, durante a interrupção dos D'zrt, Angélico lançou-se a solo com o disco homónimo, que foi disco de ouro no dia do lançamento.

O seu último álbum, “Eu Acredito”, estava em fase final de produção quando Angélico Vieira morreu e foi editado postumamente em 2011. Ao mesmo tempo que gravou aquele trabalho, gravou também outro disco, em França, com o dj norte-americano Big Ali e o egípcio Khaled Hussein, que planeava lançar no estrangeiro.

Em 2006 Angélico estrou-se no cinema, no filme “20,13”, de Joaquim Leitão. Entre Outubro de 2006 e Setembro de 2007 Angélico integrou o elenco da telenovela da TVI “Doce Fugitiva”. Enquanto ator, integrou a novela brasileira “Dance, Dance, Dance” da Rede Bandeirantes, onde desempenhava o papel de Bruno Medeiros, e que foi exibida no Brasil entre outubro de 2007 e maio de 2008. De junho de 2008 a maio de 2009 teve um papel na telenovela “Feitiço de Amor”, exibida pela TVI. Também com este canal de televisão, Angélico fez parte do elenco de “Espírito Indomável”, que esteve no ar entre maio de 2010 e maio de 2011. Este foi o seu último trabalho em televisão.

No dia 25 de junho de 2011 Angélico Vieira sofreu um acidente na autoestrada, entre o Porto e Lisboa, após o rebentamento do pneu do carro que conduzia, causando a morte a outro dos ocupantes. Após quatro dias em coma, no Hospital de Santo António, no Porto, o óbito foi declarado às 15h00 do dia 28 de junho de 2011. Tinha 28 anos.

Angélico Vieira deu o seu último concerto no dia 31 de dezembro no Algarve. Ao longo da sua carreira na música vendeu mais de 350 mil discos e recebeu 25 galardões de platina, quer com os D'zrt, quer a solo. Com a banda e sozinho atuou no Coliseu dos Recreios, Pavilhão Atlântico, Campo Pequeno e Rock in Rio.

Após a sua morte desenrolou-se um longo processo que correu os tribunais em redor do que teria causado a sua morte. Angélico Vieira conduzia um BMW 635, que não possuía

seguro, emprestado pelo dono de um stand de automóveis Auguscar, em Vila do Conde, Augusto Fernandes. A bordo seguiam Hélio Filipe, que também morreu na colisão, Armanda Leite, que sobreviveu com algumas sequelas, e Hugo Pinto, que teve apenas ferimentos ligeiros. As perícias concluíram que o rebentamento de um pneu causou o despiste do veículo que circulava a cerca de 230 quilómetros por hora. Em março de 2016 o Tribunal da Relação do Porto concluiu que não podia ser imputada a culpa do acidente ao condutor, Angélico Vieira, pelo que a sua família ficou isenta do pagamento das indemnizações a Armanda Leite e à família de Hélio Filipe.

1.19.2 Análise

No dia a seguir à confirmação da morte de Angélico Vieira, 29 de junho de 2011, o assunto foi capa dos três jornais analisados.

O Correio da Manhã faz manchete com a morte de Angélico, com seis colunas dedicadas ao cantor, logo abaixo do cabeçalho, e ocupando quase toda a primeira metade da capa. O jornal utiliza três fotografias: uma do cantor, outra dos fãs chorando e empunhando um cartaz e ainda outra do seu pai abandonando o hospital. O título escolhido foi “Traído pela morte na flor da vida”, sendo que a imagem do pai de Angélico é ainda acompanhada pela legenda “Pai abandonou o St.º António ao final da tarde num carro da PSP”. Nesta primeira página o jornal destaca ainda factos que considerou relevantes: os pais assistiram aos últimos momentos de Angélico através de um vidro, o óbito oficial foi declarado às 23h40 e a mãe opôs-se à doação dos seus órgãos.

O Diário de Notícias faz foto de capa com a notícia da morte de Angélico, colocando uma imagem do ator na sua primeira página, junto do título “Morte de Angélico anunciada às 23.40”, seguido de um texto introdutório em que destaca a confirmação da morte, a decisão da família para que os órgãos sejam doados e a vigília de familiares e amigos à porta do hospital.

No Jornal de Notícias a opção também foi uma foto de capa, esta maior do que a utilizada pelo Diário de Notícias. O jornal colocou a imagem de Angélico e o título “Morreu o ídolo da geração Morangos”. Em antetítulo diz apenas “Hospital declara óbito de Angélico”.

O velório de Angélico motivou uma das cinco capas do Correio da Manhã com referências ao ator. A manchete, categoria que consideramos novamente como a mais acertada pelo facto de a opção editorial ser igual à do dia anterior, inclui duas imagens das exéquias e

uma fotografia da personalidade. O título escolhido foi “Dor no regresso a casa”. Nesta manchete vemos a multidão que chora, uma imagem do caixão a ser carregado e a fotografia do cantor em vida. Ao lado, destacam-se pormenores como o pedido da família para que a Polícia Judiciária investigue o acidente e o facto de os órgãos doados irem permitir salvar quatro vidas. Também o funeral do cantor mereceu espaço na primeira página do Correio da Manhã, desta vez com uma foto de capa. Aqui encontramos quatro imagens – uma mais pequena de Angélico em vida, outra da mãe a ser confortada, uma imagem maior da multidão que ladeia o caixão e a quarta do pai – contextualizadas com o título “Milhares de fãs no último adeus”. Os pós-títulos destacam a mãe em estado de choque, as lágrimas de Rita Pereira e o facto de o pai receber o pote com cinzas do filho. Em legenda encontramos ainda a informação sobre a investigação em torno do acidente. Segue-se uma chamada na capa do dia seguinte, fruto da decisão da família em lançar as cinzas do cantor ao mar. O periódico faz nova chamada relativa ao caso, no dia 6 de agosto, com o título “Rita Pereira sofre com os pais de Angélico”, numa referência ao sofrimento da ex-namorada do cantor, também ela uma figura pública, no dia após a missa de sétimo dia. Por último, onze dias depois da sua morte, Angélico Vieira volta a ser manchete do Correio da Manhã, desta vez pelo facto de estar a ser investigado o acidente que causou a sua morte. O título “GNR investiga crime na morte de Angélico” é manchete, acompanhada por uma fotografia do cantor.

O Diário de Notícias não voltou a mencionar o tema na sua primeira página mas, no Jornal de Notícias, o velório de Angélico mereceu uma foto de capa no dia seguinte. Com a imagem do ambiente da cerimónia, o jornal escolheu o título “Angélico de branco em urna aberta”. No pós-título lemos a informação de que Angélico foi cremado com o seu chapéu, mas sem coração, pulmão, rins, córnea e fígado. Quanto ao funeral, foi veiculado na primeira página do dia seguinte através de uma chamada a uma coluna, com uma imagem de Rita Pereira junto do caixão e o título “Até o padre chorou no funeral de Angélico”.

No dia seguinte à morte de Angélico Vieira, 29 de junho de 2011, as referências ao ator foram feitas em 13 páginas dos três jornais analisados, onde se incluem 36 notícias e 48 fotografias.

O Correio da Manhã ocupa cinco páginas com a morte de Angélico Vieira, quatro das quais são inteiramente preenchidas com 21 imagens e 10 artigos: sete breves, uma notícia, uma biografia e vozes. O conteúdo aborda as circunstâncias da morte da personalidade,

desde o acidente aos dias passados no hospital. Neste âmbito, o jornal destaca pormenores como o facto de a namorada de Angélico ter desmaiado no corredor ao saber da morte e fazem notícia com os milhares de fãs que se acumularam à porta do hospital, onde estavam também alguns colegas e amigos de Angélico a quem o jornal dá voz. Também são focados alguns aspetos da vida pessoal e profissional do cantor, numa biografia que foca o seu percurso na moda, na representação e na música e numa breve sobre o seu relacionamento com a ex-namorada, Rita Pereira. As vozes, colocadas no cabeçalho das quatro páginas, têm como título “Tragédia na A1” e uma imagem do carro acidentado. Foram ouvidos um músico, dois atores, uma apresentadora, dois manequins, um piloto e uma jornalista.

A cobertura que o Diário de Notícias fez da morte de Angélico Vieira traduz-se em três páginas, uma das quais é a capa. No interior do jornal encontramos duas páginas inteiras, de onde constam sete imagens e seis artigos: três breves, uma notícia, uma reportagem e uma caixa de vozes. O conteúdo foca, sobretudo, as circunstâncias da morte do cantor, mostrando um desenho que procura explicar como se deu o acidente e relatando numa notícia a investigação, na altura ainda a cargo da GNR. O Diário de Notícias publica ainda uma reportagem à porta do hospital, descrevendo os momentos que se seguiram ao anúncio da morte de Angélico e as manifestações de pesar dos milhares de fãs ali presentes. As breves falam ainda sobre a autópsia, as mensagens deixadas no facebook do cantor e o silêncio do pai de Angélico. As vozes são de dois atores, um cantor, uma jornalista, três apresentadores e do diretor da produtora de conteúdos Plural. De destacar que, ao contrário do que aconteceu nos outros casos, não existe nenhuma biografia na cobertura noticiosa do periódico, no dia a seguir à morte de Angélico.

O Jornal de Notícias dedica quatro páginas inteiras ao falecimento de Angélico, às quais se soma a capa da edição do dia. O periódico publicou 13 artigos: cinco breves, quatro notícias, duas vozes, uma reportagem e uma biografia. O conteúdo assenta, sobretudo, no acidente que vitimou o cantor quatro dias antes, e que culminou na notícia ouvida na noite anterior. Assim, o Jornal de Notícias faz uma reportagem à porta do hospital, recordando a forma como aconteceu o acidente. O despiste é alvo de uma notícia autónoma que detalha as horas antes do acidente, sendo que o jornal foca ainda a questão jurídica em torno da falta de seguro do carro. À semelhança do que fez o Diário de Notícias, também este periódico ilustra o choque com uma gravura. O estado de saúde dos outros ocupantes da

viatura, o reforço policial à porta do hospital, devido ao elevado número de pessoas e a homenagem dos fãs em Lisboa também são motivo de cobertura. O conteúdo noticioso centra-se ainda na carreira de Angélico, contada através de uma biografia, com destaque para a sua participação na série juvenil Morangos com Açúcar, exibida na TVI. O diretor do canal, José Eduardo Moniz, fala ao jornal e encontramos ainda uma referência a Francisco Adam, jovem ator daquela série que faleceu em 2006, também vítima de acidente rodoviário. As vozes publicadas são do diretor da Plural, um humorista, um estilista, uma manequim e um cantor.

Nos dez dias que se seguiram à notícia da morte de Angélico Vieira, 30 de junho a 9 de julho de 2011, os periódicos em análise referenciaram a personalidade em 38 páginas, 67 artigos e 127 imagens.

O Correio da Manhã foi o jornal que dedicou mais atenção à morte de Angélico Vieira nos dez dias após ter dado a notícia da sua morte. O periódico ocupou 22 páginas com o acontecimento e consequentes desenvolvimentos, cinco das quais são primeiras páginas. Falamos de 4,1% do total das suas páginas. Ao longo das dez edições aqui analisadas, o periódico escreveu 39 artigos, entre as quais estão 26 breves, nove notícias, duas vozes, um artigo de opinião e uma entrevista. O conteúdo assenta, essencialmente, nas cerimónias fúnebres e nas manifestações de pesar e homenagens que se realizaram na época. Assim, o jornal fez a cobertura do velório e do funeral de Angélico Vieira. De realçar que no dia após o velório é publicada uma página inteira sobre a doação dos órgãos do cantor, que inclui uma entrevista ao diretor da unidade de transplantação do Hospital Curry Cabral. A indecisão quanto ao local onde deixar as cinzas do cantor também foi tema de notícia. Foram várias as homenagens prestadas a Angélico Vieira e o Correio da Manhã fez a cobertura de algumas, como o caso de 30 mulheres e crianças que na Praça do Comércio, vestidas de branco e azul, realizaram uma largada de balões, e do lançamento de uma biografia escrita por fãs. De destacar que a missa de sétimo dia também foi alvo da cobertura do Correio da Manhã, que destacou as personalidades presentes e fez notícia da ausência da namorada de Angélico. As circunstâncias da morte e a investigação do acidente que a causou também merecem destaque. Em causa estava a dúvida se o carro que Angélico conduzia, cedido por um stand de automóveis, estaria ou não em condições de circular com segurança, ou se o condutor trazia ou não cinto de segurança. Os resultados das perícias da GNR merecem, aliás, uma página inteira sobre o caso. Ainda de destacar

uma entrevista a um advogado sobre o facto de as famílias das vítimas do acidente poderem ou não pedir indemnizações. Este tema é retomado no dia 9, com duas páginas dedicadas ao inquérito em torno do acidente e com pormenores sobre as restantes vítimas. O jornal aborda ainda a vida pessoal de Angélico, ouvindo moradores da zona de Almada onde Angélico cresceu, e dando destaque aos relacionamentos amorosos que o cantor manteve, até porque se instalou uma polémica entre a sua namorada, que nunca foi oficializada, e a sua ex-namorada, a atriz Rita Pereira, que acompanhou os pais de Angélico e acabou por assumir o papel de “viúva” para os jornais. O jornal chega mesmo a publicar uma notícia intitulada “Rita Pereira substitui Anita”. A própria vida da atriz Rita Pereira acaba por ser trazida para a ribalta, com a publicação de uma reportagem no local onde a atriz gravava uma novela, contendo relatos da sua tristeza e imagens que mostram isso mesmo. Outros pormenores da vida de Angélico têm destaque no periódico, como por exemplo as presenças que fazia em discotecas, o facto de na véspera do acidente ter salvado um gato de ser atropelado ou o destino a dar à sua página de facebook. As vozes ouvidas pelo Correio da Manhã são do diretor da Plural, seis atores, dois modelos, uma cantora, duas empresárias, uma taróloga e uma relações públicas.

No Diário de Notícias as referências a Angélico Vieira, nos dez dias após ter sido noticiada a sua morte, estão em oito páginas do interior de quatro edições. Os números representam 1,36% das páginas das dez edições do jornal. O número de páginas ocupadas traduz-se em 22 imagens e 12 artigos: quatro notícias, quatro breves, duas entrevistas, uma reportagem e um artigo de opinião. O conteúdo informativo das mesmas centra-se nas cerimónias fúnebres e manifestações de pesar dirigidas ao cantor. No dia após o velório, o artigo em destaque não se prende com o relato da cerimónia, mas sim com a questão da morte de um ídolo, analisada por uma psicóloga do Hospital Dona Estefânia. Já no dia após o funeral, a cerimónia é descrita numa breve, enquanto o artigo principal se centra na questão dos destinatários das receitas do novo disco de Angélico Vieira. À semelhança dos outros jornais, o Diário de Notícias também fez a cobertura da missa de sétimo dia de Angélico Vieira. Também as circunstâncias da sua morte, envoltas em polémica pelo facto de alegadamente o ator conduzir sem cinto, são motivo de vários textos, um dos quais remete para os números da Autoridade Nacional de Segurança Rodoviária sobre as pessoas que morreram na estrada por falta de cinto de segurança. O conteúdo inclui ainda duas entrevistas: uma ao psiquiatra Daniel Sampaio, sobre os pais que perdem os filhos, e outra à socióloga Filomena Mónica, sobre o prolongamento artificial da vida. Novamente de

realçar o facto de não ter sido escrita qualquer biografia sobre Angélico Vieira, no âmbito de todo o espaço que a sua morte ocupou no Diário de Notícias. Já o artigo de opinião publicado é da autoria do jornalista Ferreira Fernandes, que fala sobre a falsa questão do cinto de segurança, que, como se veio a descobrir, estava posto no momento do acidente.

O Jornal de Notícias referenciou o cantor em oito páginas durante o período em análise, ou seja, 1,24% destas dez edições. Destas páginas, duas correspondem às capas dos dias a seguir ao velório e ao funeral. O periódico referenciou o cantor em 11 artigos – cinco breves, duas notícias, duas reportagens e uma entrevista – e publicou 15 imagens. O conteúdo noticioso privilegiou as cerimónias fúnebres e as homenagens dos fãs, sendo de destacar a reportagem do velório e a cobertura da chegada do corpo ao Instituto Nacional de Medicina Legal. Quanto ao dia após o funeral, o Jornal de Notícias faz a reportagem do evento e destaca as reações dos anónimos ali presentes, por um lado, e a salva de palmas a Rita Pereira, a ex-namorada de Angélico, por outro lado. O jornal destacou ainda o acidente que vitimou Angélico, referindo-se à suspeita de falta de cinto de segurança e ao estado dos pneus. Nesse âmbito, publica uma entrevista a um advogado sobre as questões legais. O relato do prognóstico de uma das sobreviventes do acidente e a entrevista de outro dos ocupantes da viatura, na véspera, a um canal de televisão, também merecem destaque. Também a vida pessoal do cantor, nomeadamente o seu relacionamento com a atriz Rita Pereira, foi mencionado durante este período. À semelhança dos outros jornais a ex-namorada esteve em destaque e o Jornal de Notícias publica mesmo uma notícia sobre o pedido da atriz para que respeitem a sua privacidade.

Apenas o Correio da Manhã assinalou uma das efemérides face à morte de Angélico Vieira. O periódico publicou uma notícia sobre o cantor no dia em que passava um mês do seu falecimento, mas não faz qualquer referência a esta data. O conteúdo da notícia fala sobre um livro biográfico que o Correio da Manhã se preparava para editar, como forma de homenagear Angélico.

Os três periódicos publicaram 176 fotografias junto dos artigos referentes ao desaparecimento de Angélico Vieira.

O Correio da Manhã colocou um total de 111 fotografias nas suas páginas. Destas, apenas 27 são retratos de Angélico. A maioria (47) são imagens das cerimónias fúnebres (velório, funeral, homenagens e missa de sétimo dia) e mostram, sobretudo, as figuras públicas

presentes e os rostos de dor dos familiares do ator. Além disso, o jornal publica várias fotografias do acidente de que Angélico foi vítima, bem como dos outros ocupantes do carro. O dia-a-dia da atriz Rita Pereira, após o falecimento do ex-namorado, também motiva algumas das imagens.

O Diário de Notícias escolheu 30 imagens para colocar nas suas páginas e apenas duas são retratos de Angélico Vieira. Do total, 22 são fotografias do velório, funeral e missa de sétimo dia e retratam, maioritariamente as pessoas presentes nas cerimónias e os rostos de pesar que marcaram estes eventos.

Quanto ao Jornal de Notícias, do total de 35 imagens publicadas pelo periódico no âmbito da morte da personalidade, 12 são retratos de Angélico Vieira e 14 mostram as exéquias (velório e funeral) e as homenagens feitas ao cantor.

1.19.3 Tabelas quantitativas

Correio da Manhã

Data	N. Páginas CM	N. peças CM	N. Imagens CM	Destaque Capa CM	Fotos Capa CM	Total pág. CM	Artigos CM	Biografia CM	Breve CM	Crónica CM	Cronologia CM	Editória CM	Entrevista CM	Fotolegenda CM	Inquérito CM	Notícia CM	Reportagem CM	Vozes CM
29-06-2011	5	10	21	manchete	3	52	0	1	7	0	0	0	0	0	0	1	0	1
30-06-2011	6	12	25	manchete	2	52	0	0	8	0	0	0	1	0	0	2	0	1
01-07-2011	6	7	30	Fotocapa	4	52	1	0	3	0	0	0	0	0	0	2	0	1
02-07-2011	2	2	4	Chamada	1	52	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0
03-07-2011	1	2	3	s/ref	0	56	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0
04-07-2011	1	1	1	s/ref	0	52	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
05-07-2011	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
06-07-2011	2	2	10	Chamada	1	52	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0
07-07-2011	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
08-07-2011	1	1	4	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
09-07-2011	3	12	13	manchete	1	52	0	0	11	0	0	0	0	0	0	1	0	0
28-07-2011	1	1	1	s/ref	0	52	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
28-12-	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

2011																		
28-06-2012	0	0	0	s/ref	0	52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Diário de Notícias

Data	N. Páginas DN	N. peças DN	N. Imagens DN	Destaque Capa DN	Fotos Capa DN	Total pág. DN	Artigos DN	Biografia DN	Breve DN	Crônica DN	Cronologia DN	Editória DN	Entrevista DN	Fotolegenda DN	Inquérito DN	Notícia DN	Reportagem DN	Vozes DN
29-06-2011	3	6	8	Foto capa	1	56	0	0	3	0	0	0	0	0	0	1	1	1
30-06-2011	4	6	12	s/ref	0	56	0	0	2	0	0	0	1	0	0	3	0	0
01-07-2011	2	4	5	s/ref	0	56	0	0	2	0	0	0	1	0	0	1	0	0
02-07-2011	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
03-07-2011	1	1	0	s/ref	0	64	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
04-07-2011	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
05-07-2011	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
06-07-2011	1	1	5	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
07-07-2011	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
08-07-2011	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
09-07-2011	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
28-07-2011	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
28-12-2011	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
28-06-2012	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Jornal de Notícias

Data	N. Páginas JN	N. peças JN	N. Imagens JN	Destaque Capa JN	Fotos Capa JN	Total pág. JN	Artigos JN	Biografia JN	Breve JN	Crônica JN	Cronologia JN	Editória JN	Entrevista JN	Fotolegenda JN	Inquérito JN	Notícia JN	Reportagem JN	Vozes JN
29-06-2011	5	13	20	Foto capa	1	64	0	1	5	0	0	0	0	0	0	4	1	2
30-06-2011	2	4	3	Foto capa	1	64	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	1	0
01-07-	3	4	11	Chamada	2	68	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2	1	0

201-1																		
02-07-2011	1	1	0	s/ref	0	72	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
03-07-2011	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
04-07-2011	1	1	0	s/ref	0	56	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
05-07-2011	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
06-07-2011	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
07-07-2011	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
08-07-2011	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
09-07-2011	1	1	1	s/ref	0	64	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
28-07-2011	0	0	0	s/ref	0	64	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
28-12-2011	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
28-06-2012	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

1.19.4 Marcas de subjetividade

Correio da Manhã	Diário de Notícias	Jornal de Notícias
“Angélico era um verdadeiro exemplo para várias crianças e adolescentes” (“Estrelas não morrem”, 2011, 29 de junho, p. 5).	“ídolo da tv” (“Angélico. Família e amigos choram a morte do ídolo da TV”, 2011, 29 de junho, p. 50).	“Ouvida em silêncio notícia tão fria como a noite” (“Ouvida em silêncio notícia tão fria como a noite”, 2011, 29 de junho, p. 2).
“era considerado um dos meninos de ouro do panorama artístico nacional” (“Cada noite numa discoteca podia render 15 mil euros”, 2011, 1 de julho, p. 7).		“Um sorriso de anjo na vitrina ensolarada (...) E, ao fundo do corredor, numa vitrina, uma foto do cantor, sorrindo, cuja luminosidade do por do sol provocava uma enorme aura, como se de um verdadeiro anjo se tratasse” (“Um sorriso de anjo na vitrina ensolarada”, 2011, 29 de junho, p. 4).
“Angélico, conquistador de corações” (“Biografia de um ídolo amado pelos fãs”, 2011, 28 de julho, p. 49).		

1.20 Eusébio

1.20.1 Biografia

Eusébio da Silva Ferreira, ou simplesmente Eusébio, foi um jogador de futebol, considerado um dos melhores de todos os tempos, que ficou para a história com a alcunha de “Pantera Negra”. Nascido em Lourenço Marques, a 25 de janeiro de 1942, Eusébio da

Silva Ferreira, filho de Laurindo António da Silva Ferreira, que morreu de tétano aos 35 anos, e de quem Eusébio herdou o gosto pelo futebol, e de Elisa Anissabene, que morreu em 1977. Eusébio tinha quatro irmãos e três meios-irmãos, do segundo casamento da mãe (Malheiro, 2012: pp.21-22).

A primeira vez que jogou à bola tinha 8 anos, num campo de terra no bairro da Mafalala e a partir daí sucediam-se os jogos de futebol depois das aulas. Os amigos e colegas chamavam-lhe Magagaga, que significa supersónico em landim, o dialeto que falavam (Malheiro, 2012: pp.25-26). Também com 8 anos viu o primeiro jogo do Benfica, no recém-inaugurado Estádio Paulino Santos Júnior, em Moçambique.

Eusébio tinha 11 anos quando um cauteleiro de Moçambique, a quem chamavam Chico, decidiu formar uma equipa de futebol infantil chamada “Os Brasileiros” e cada um dos jogadores escolheu uma alcunha: Eusébio optou por Nené, em homenagem ao jogador de futebol com o mesmo nome. No primeiro jogo, frente ao grupo Estrada de Angola, venceram por 7-1 com dois golos de Eusébio (Malheiro, 2012: p.26). A dedicação ao futebol foi sendo cada vez maior, mas o Desportivo de Lourenço Marques, filial do Benfica de Lisboa, rejeitou-o. Estreou-se então, com 15 anos, nos juniores do Sporting Lourenço Marques, uma filial do Sporting, clube sediado em Lisboa. No primeiro jogo, frente ao Juventude em Namaacha venceram por 3-1 e Eusébio marcou os três golos. Passaria depois a sénior, marcou 29 golos em 12 partidas e conquistou o título para o clube (Malheiro, 2012: p.28).

Eusébio manteve-se na escola e fez o exame da terceira classe em julho de 1959, tendo sido aprovado com 15 valores (*idem*). Tinha então 17 anos e chegou a trabalhar no arquivo de uma empresa de acessórios para automóveis durante meio ano. Foi nessa altura que Eusébio recebeu o convite para ir fazer um teste ao Sporting, mas a mãe não o deixou ir sem contrato assinado. O Porto e o Belenenses também terão tentado cativar o jovem jogador de futebol, mas foi o Benfica quem conseguiu. Uma vez que a mãe só o deixaria ir para Portugal com um contrato assinado, foi o Benfica quem avançou o dinheiro e a garantia (Malheiro, 2012: p.31).

A 17 de dezembro de 1960 rumou a Lisboa e foi viver para o Lar do Jogador. O jovem precisava ainda de uma carta de desobrigação, o Sporting de Lourenço Marques recusava-se a passar o documento, pois queria-o como jogador do Sporting Clube de Portugal, e a

Federação Portuguesa de Futebol não autorizou a transferência. A batalha jurídica culminou a 5 de fevereiro de 1961, com decisão favorável do Conselho Jurisdicional para o Benfica (Malheiro, 2012: p.41). Os meses que se seguiram foram de interposição de recursos no tribunal e alegações de cada um dos clubes, ora para reverter, ora para manter a decisão do conselho e Eusébio acabou por ser levado durante alguns dias para Lagos, por responsáveis do Benfica, onde fez o exame da quarta classe, indispensável para jogar no clube da Luz. O clube ainda teve de pagar 400 contos ao Sporting de Lourenço Marques e a 13 de maio chegou a carta de desobrigação e o vínculo definitivo com o Benfica (Malheiro, 2012: p.45).

Eusébio estreou-se no Estádio da Luz a 23 de maio de 1961, um jogo particular frente ao Atlético e marcou o primeiro golo aos 11 minutos. No ano seguinte foi convocado para a Seleção Nacional e o primeiro jogo, que Portugal perdeu, realizou-se no Luxemburgo. Na época de 61/62 Eusébio recebeu a alcunha de Pantera Negra, epíteto pela primeira vez utilizado por um jornalista inglês após um jogo entre Inglaterra e Portugal (Malheiro, 2012: p.61). Mais tarde haveria de ser apelidado de King, cognome que também carregou com ele durante grande parte da carreira, pelo jugoslavo Filipovic. Jogou a primeira final europeia frente ao Real Madrid na Holanda a 2 de maio de 1962, partida que o Benfica venceu, tornando-se bicampeão da Europa. Jogava no Benfica com o número 13.

O Mundial de 1966 ficou na história de Portugal e foi um marco para Eusébio. A Seleção Nacional apurou-se para a competição, com uma equipa que ficaria conhecida como “Os Magriços”. A 13 de julho de 1966 em Inglaterra, no estádio de Old Trafford, frente à Hungria, Portugal estreava-se na competição da Europa com uma vitória por 3-1. Venceram os jogos seguintes frente à Bulgária, Brasil e Coreia do Norte, mas perdeu as meias-finais frente à Inglaterra. A imagem de Eusébio no estádio a chorar, no final daquela partida, correu mundo e ainda hoje perdura no imaginário do futebol nacional. Portugal terminou em terceiro lugar e Eusébio sagrou-se o melhor marcador do mundial com nove golos (Malheiro, 2012: p.89).

Conhecido goleador, o jogador marcou 1137 golos, disputou 715 jogos com a camisola do Benfica e da Seleção Nacional (Malheiro, 2012: pp.93-95). O jogador tem ainda o recorde de títulos de campeão da I Divisão, tendo ganho o campeonato onze vezes, a Taça de Portugal cinco vezes, a Taça de Honra da Associação de Futebol de Lisboa cinco vezes, um campeonato europeu de clubes. Ainda hoje mantém a posição como um dos dez

melhores goleadores de sempre (Malheiro, 2012: p.97). Na Seleção Nacional atingiu 64 internacionalizações e foi capitão em 16 ocasiões. O último jogo por Portugal aconteceu a 13 de outubro de 1973 em Sófia, frente à Bulgária.

Durante 23 anos Eusébio venceu vários troféus, entre os quais a bola de ouro de 1965, somando 67 pontos. Foi eleito pela FIFA como um dos dez melhores jogadores de todos os tempos, venceu duas botas de ouro (em 1967/1968 com 42 golos e em 1972/1973 com 40 golos) e por sete vezes consecutivas conquistou a Bola de Prata. Recebeu ainda a Medalha de Prata da Ordem do Infante D. Henrique (1966), o Grande Colar do Mérito Desportivo (1981), a Ordem do Infante (1992), a Medalha de Ouro da Cidade de Lisboa (1992) e a Ordem de Mérito da FIFA (1994).

Já em final de carreira Eusébio jogou no Beira-Mar e no União de Tomar, bem como em vários clubes norte-americanos, como o Boston Minute Men, Toronto Metros, Las Vegas Quick Silvers e New Jersey, e ainda no Monterrey (México). Teve vários convites durante os anos 60, para ingressar em equipas europeias e brasileiras, mas o Benfica nunca aceitou as propostas e Salazar chegou mesmo a chamar Eusébio para lhe dizer que era património do Estado e que não poderia deixar o país (Malheiro, 2012: p.106). Aposentou-se em 1979.

Em 1992, ano em que completou 50 anos, foi inaugurada a estátua de Eusébio no Estádio da Luz, uma obra do escultor norte-americano Duker Bower, oferecida pelo açoriano Vítor Batista, radicado nos Estados Unidos e adepto do Benfica. Em dezembro desse ano foi organizada a Consagração Nacional a Eusébio, de cuja comissão de honra fizeram parte os presidentes de Portugal e Moçambique, Mário Soares e Joaquim Chissano, e o então primeiro-ministro, Cavaco Silva.

Eusébio casou com Flora e teve duas filhas, Carla e Sandra. Em junho de 2012 esteve internado no Hospital da Luz, na sequência de um acidente vascular cerebral que sofreu na Polónia. Morreu a 5 de Janeiro de 2014, com 71 anos de idade, vítima de uma insuficiência cardíaca. O corpo ficou em câmara ardente no Estádio da Luz, de onde saiu para ser carregado em volta do estádio, como era seu desejo. O caixão foi depois colocado no centro do relvado, perante 10 mil pessoas que entoaram o hino do Benfica. O cortejo fúnebre saiu do estádio ao som do hino nacional e foi acompanhado por milhares de pessoas, e em direto nas televisões, para a Praça do Município, seguindo depois para a

Igreja do Seminário, no Largo da Luz, onde foi realizada a missa de corpo presente pelo padre Vítor Melícias. Foi enterrado no cemitério do Lumiar.

1.20.2 Análise

No dia a seguir à morte de Eusébio, 6 de janeiro de 2014, todos os jornais ocuparam a maioria das suas capas com o acontecimento.

A primeira página do Correio da Manhã fez manchete da morte de Eusébio. A fotografia do corpo do futebolista dentro do caixão, a ser chorado pela mulher, ocupa metade do espaço. A outra metade mostra a estátua de Eusébio coberta de cachecóis e várias pessoas em volta. O título escolhido foi “Adeus Rei” e segue-se um pós-título com detalhes do conteúdo no interior do jornal. De realçar que o Correio da Manhã colocou dentro da manchete um conteúdo de carácter promocional: “CM oferece poster gigante de Eusébio”.

O Diário de Notícias dedicou toda a sua primeira página à morte de Eusébio. Na sua capa inteira, o jornal optou por colocar uma fotografia do atleta, quando ainda jogava futebol, com o título “Eusébio 1942-2014: O adeus à lenda”. Na lateral da capa faz-se referência ao destacável de 24 páginas e aos temas que são abordados no âmbito da morte da personalidade; exéquias, luto nacional, biografia e opinião sobre a personalidade.

O Jornal de Notícias dedicou a quase totalidade da sua capa a Eusébio, pelo que a consideramos na categoria de capa inteira. Este periódico também optou por uma imagem do jogador de futebol durante a sua vida ativa como atleta. O título escolhido foi “O Rei Amigo”. A uma coluna do lado direito, o jornal colocou chamadas relativas a outros assuntos.

No dia após o funeral, Eusébio figurou como manchete na capa do Correio da Manhã com o título “Herói nacional rumo ao panteão”, e duas imagens: o seu caixão a ser levado em pleno Estádio da Luz e os adeptos que se juntaram ao cortejo fúnebre envergando frases de pesar. No dia seguinte, o jornal faz uma chamada de uma linha e duas colunas, referindo-se ao facto de o Benfica ter mandado retirar os cachecóis dos clubes rivais da estátua de Eusébio. Três dias depois de ter sido noticiada a sua morte, o futebolista motiva nova chamada de primeira página, desta vez fruto da discussão da ida do seu corpo para o Panteão Nacional. A chamada com foto a uma coluna tem como título “Eusébio no Panteão ao lado do General Sem Medo” e destaca o consenso político em torno desta transladação. No dia seguinte nova menção na capa do Correio da Manhã, mas desta vez

justificando uma manchete onde se lê “Benfica paga 15 000€/mês à viúva de Eusébio”, juntamente com uma pequena imagem de Eusébio deitado no caixão e velado pela mulher. A manchete inclui ainda como pós-título e informação complementar as seguintes frases: “Vieira garante: Flora terá direito às regalias do Rei” e “Ficam com salário do Pantera Negra e mantém percentagem das vendas de merchandising”. Nesse mesmo dia, a primeira página tem ainda uma chamada com foto para o facto de a estátua de homenagem a Eusébio estar quase pronta. A homenagem que a Assembleia da República fez a Eusébio justificou mais uma chamada na capa do jornal, com o título “Assembleia presta homenagem ao Rei” e uma imagem dos seus familiares e dirigentes do Benfica no Parlamento. Um dia depois, o periódico faz manchete com a vitória do Benfica frente ao Futebol Clube do Porto, escolhendo o título “Eusébio inspira liderança” e inserindo uma imagem do jogo, onde se lê o nome de Eusébio nas costas das camisolas dos jogadores do clube da Luz, ao lado de uma fotografia das homenagens a Eusébio no dia do jogo.

No dia a seguir ao funeral, o Diário de Notícias fez manchete das exéquias, com uma imagem do carro funerário rodeado de pessoas e o título “A despedida de um ídolo do povo”. A manchete engloba ainda vários pós-títulos, que destacam pormenores da cerimónia, homenagens a ter lugar e as memórias dos seus ex-colegas. No dia seguinte, a retirada dos cachecóis dos adeptos de junto da estátua de Eusébio mereceu uma chamada na capa do jornal, com imagem de um segurança a retirar os objetos, juntamente com o título “Segurança obriga Benfica a retirar cachecóis dos rivais”. Cinco dias depois de ter dado a notícia da sua morte, o Diário de Notícias faz uma foto de capa com a homenagem ao atleta no Parlamento e com as obras junto da estátua da personalidade.

No Jornal de Notícias o funeral de Eusébio motivou uma foto de capa, com a imagem do caixão rodeado de pessoas, imagem bastante semelhante, aliás, à utilizada pelo Diário de Notícias. Neste caso, o título escolhido foi “Panteão Nacional à espera do rei”. No dia seguinte o mesmo destaque na primeira página, mas desta vez para a retirada dos cachecóis do espaço junto à estátua de Eusébio, que também foi capa nos outros dois jornais. A fotografia do segurança a retirar os cachecóis é a mesma que foi utilizada pelo Diário de Notícias, mas o título realça que o “Benfica tira cachecóis do Sporting da estátua de Eusébio”, mencionando que o caso está a gerar polémica nas redes sociais. Segue-se, a 11 de janeiro, a capa com a referência à construção do memorial de Eusébio, também uma foto de capa, com uma imagem das obras, mais uma vez a mesma que o Diário de Notícias

utilizou. O título diz: “Memorial de Eusébio pronto para o clássico”. Por último o periódico publica uma chamada na sua capa de 12 de janeiro, que não corresponde ao interior: o Jornal de Notícias faz uma chamada a uma coluna e quatro linhas, sete dias depois da morte de Eusébio, para um artigo de opinião sobre o craque, da autoria de Ferreira Fernandes. Acontece que esse artigo não só não foi publicado naquela edição do jornal, como em nenhuma das quatro edições seguintes, nem das edições anteriores.

No dia que se seguiu à morte de Eusébio, 6 de Janeiro de 2014, os jornais referenciaram a personalidade em 58 páginas, preenchidas com um total de 143 notícias e 215 imagens.

O Correio da Manhã referenciou Eusébio em 15 das suas páginas, ou seja, 28,8% do total da edição. Destas, 12 são páginas inteiramente dedicadas à morte do atleta. No total, o periódico publicou neste dia 53 peças e 75 imagens. Os géneros jornalísticos encontrados são 21 foto-legendas, 13 breves, 6 vozes, quatro notícias, três cronologias, três artigos de opinião, duas biografias e um editorial. O conteúdo dos artigos informativos assenta, essencialmente, nas circunstâncias da morte e reações de pesar em vários quadrantes da sociedade portuguesa e no resto do mundo. Assim, o Correio da Manhã recorda a saúde debilitada de Eusébio e dá conta das imediatas homenagens que tiveram lugar após ter sido conhecida a notícia da sua morte, nomeadamente em torno da estátua do jogador, no Estádio da Luz. Além disso, publica um artigo com citações de uma entrevista a Luís Filipe Vieira, em que o dirigente do Benfica, além de lamentar a partida de Eusébio, se refere ao facto de a viúva continuar a receber o que era devido contratualmente ao ex-jogador em vida. No que toca à vida e percurso profissional do atleta, a par da lembrança de alguns dos seus jogos mais marcantes, são recordados os momentos mais significativos da sua carreira, em duas biografias e três cronologias. Mas a história de Eusébio conta-se também, e sobretudo, através de foto-legendas, que mais do que explicar, ilustram os momentos mais relevantes da sua carreira de futebolista. Esta categoria serve ainda para dar conta dos ecos da morte de Eusébio em 16 jornais estrangeiros. Quanto às vozes, foram ouvidas 28 personalidades, entre os quais antigos e atuais jogadores de futebol, atletas de outras modalidades, o seleccionador nacional, os dirigentes das instituições nacionais de futebol, o líder do Partido Socialista, o presidente da Comissão Europeia, o vice-primeiro-ministro, o líder do PCP, antigos políticos, ex-jogadores ingleses e dois presidentes de clubes estrangeiros. As personalidades que estão em falta, como Cristiano Ronaldo, o Presidente da República, o primeiro-ministro, o treinador do Benfica, o treinador José

Mourinho, o presidente do Sporting e o presidente do Porto, não integram a coluna de vozes, mas têm direito a uma notícia breve com as declarações de cada um. O jornal inclui ainda os testemunhos de anónimos que marcaram presença na homenagem no Estádio da Luz e de outras quatro personalidades do mundo do futebol, que deixaram as suas mensagens nas redes sociais. Quanto à opinião, o editorial foi dedicado ao momento político atual, mas o parágrafo inicial lamenta a morte de Eusébio. Os três artigos de opinião publicados são da autoria do diretor do Correio da Manhã, Octávio Ribeiro, Toni, antigo jogador do Benfica, e Medeiros Ferreira, sócio do Benfica.

O Diário de Notícias escreveu 34 páginas sobre Eusébio, no dia a seguir à sua morte, ou seja, 47,2% da edição daquele dia foi preenchida com 68 artigos e 106 imagens. De realçar que o periódico publicou um suplemento de 24 páginas sobre Eusébio. O género predominante é a foto-legenda (28), seguido das biografias (12), breves (11), artigos de opinião (6), notícias (4), vozes (3), editorial (1), entrevista (1), reportagem (1) e cronologia (1). Quanto ao conteúdo informativo, este centra-se maioritariamente na carreira de Eusébio e nos momentos mais importantes do seu percurso profissional. O trajeto do jogador é recordado nos textos biográficos que compõem o especial de 24 páginas, e que integra ainda uma cronologia que se estende por 19 páginas. À semelhança do Correio da Manhã, também o Diário de Notícias recorre às foto-legendas para recordar os momentos mais importantes da vida do ex-jogador do Benfica. As foto-legendas servem ainda para mostrar as páginas do Diário de Notícias onde, ao longo dos anos, se deu conta dos feitos mais relevantes de Eusébio. Além disso, o periódico publica os recordes de Eusébio, os golos que marcou e a teia de relações que estabeleceu com outras figuras da sociedade nacional e internacional. São ainda referidas as circunstâncias da sua morte e são relatados os últimos dias do atleta antes da sua morte, bem como as várias homenagens que decorreram durante o dia anterior. A reportagem junto à estátua de Eusébio é uma das peças principais publicadas pelo Diário de Notícias. As cerimónias fúnebres e a possível transladação para o Panteão Nacional também são abordadas pelo periódico, a par das reações causadas pela morte de Eusébio, quer em Portugal, quer no estrangeiro, com a publicação dos ecos em seis jornais estrangeiros. As vozes incluídas no jornal englobam, numa primeira fase, oito personalidades do mundo do desporto. Outra das colunas de vozes encontradas integra jogadores e treinadores de futebol, nacionais e internacionais, bem como o presidente do Benfica e o presidente do Futebol Clube do Porto. Foi ainda publicada uma entrevista a Manuel Alegre, poeta que escreveu dois textos sobre Eusébio e

que fala sobre a imagem que guarda do ex-jogador do Benfica. Quanto à opinião, de realçar a presença do editorial, inteiramente dedicado a Eusébio, ao contrário do que aconteceu com o Correio da Manhã. Foram também contabilizados seis artigos de opinião, da autoria dos jornalistas Ferreira Fernandes, Filomena Martins, Carlos Daniel, Eurico de Barros, Manuel Queiroz e Carlos Nogueira.

O Jornal de Notícias referencia Eusébio em nove das suas páginas, o que representa 19,5% da edição. O periódico publica 34 fotografias e 16 peças, cinco artigos de opinião, quatro vezes, três notícias, duas cronologias, uma biografia e uma breve. O conteúdo informativo assenta, sobretudo, no seu percurso profissional e nas homenagens de que foi alvo. Assim, a carreira de Eusébio é recordada numa biografia, em duas cronologias que ocupam uma página, num poema de Manuel Alegre, em algumas frases da autoria do ex-jogador de futebol e nos testemunhos de seis personalidades do futebol que relatam histórias que viveram com Eusébio. Quanto às restantes vozes, estas incluem 18 personalidades, entre as quais o Presidente da República, o primeiro-ministro, o presidente da Comissão Europeia, os presidentes do Benfica, Porto e Federação de Futebol Portuguesa, os presidentes da FIFA e da UEFA, antigos jogadores de futebol portugueses e estrangeiros, treinadores de futebol, dois ex-Presidentes da República e o ex-Presidente de Moçambique. Também as cerimónias fúnebres são referidas, com o relato de quem passou pelo Estádio da Luz para se despedir dele, a par das reações dentro e fora do país à morte do atleta. No que toca às circunstâncias da morte, o conteúdo é abordado recordando os últimos dias antes da morte, nomeadamente a passagem pelo restaurante Tia Matilde, onde pediu um robalo que não comeu. Os artigos de opinião publicados são da autoria de Fernando Santos, diretor-adjunto do Jornal de Notícias e do escritor João Luís Barreto Guimarães, havendo ainda três cartas de leitores e admiradores de Eusébio publicadas.

Nos dez dias que se seguiram à notícia da morte de Eusébio, 6 a 16 de janeiro de 2014, os três jornais referenciaram o Pantera Negra em 139 das suas páginas. Publicaram 274 artigos e 223 imagens.

O Correio da Manhã referenciou Eusébio em 53 das suas páginas, nos dez dias após ter sido noticiada a sua morte, o que representa 10,8% das suas edições neste período. Aqui se incluem seis primeiras páginas. Nas dez edições aqui analisadas, contabilizámos 116 artigos e 74 imagens. Os géneros detetados são 52 breves, 19 artigos de opinião, 19 fotolegendas, 11 vozes, nove notícias, três editoriais, dois inquéritos e uma entrevista. Quanto

aos conteúdos informativos, as exéquias têm um destaque idêntico ao dedicado à cobertura do funeral, juntamente com as dezenas de homenagens realizadas. No que toca ao funeral, a cobertura exhaustiva do acontecimento conduziu à publicação de vários factos paralelos, à semelhança do que já havia acontecido com António Feio ou Angélico. São disso exemplo as breves que falam sobre o facto de o Benfica pagar a conta do funeral ou do jogador benfiquista Cardozo ter mantido sempre uma mão em cima do carro fúnebre onde seguiu Eusébio. Aliás, o destaque dado a Óscar Cardozo é bem visível num dos textos sobre a homenagem a Eusébio no Estádio da Luz, cujo título é “Cardozo emocionado e quinze mil na Luz”. Os textos de informação centram-se ainda na questão da possível trasladação para o Panteão Nacional, questão que, aliás, tem o apoio explícito do Correio da Manhã, patente na campanha de angariação de fundos que o jornal levou a cabo e num dos títulos, “Eusébio ao Panteão, já!”. Quanto às homenagens, de realçar a cobertura do voto de pesar lido no Parlamento e das obras do memorial que foi iniciado quando Eusébio morreu. As foto-legendas voltaram a ser um recurso, nomeadamente para dar conta das 16 capas de jornais que noticiaram a morte de Eusébio. No que toca às vozes, a coluna principal publicou as citações de 23 personalidades do mundo do futebol, mas também do timorense Xanana Gusmão, do presidente do Parlamento Europeu e do ex-Presidente de Moçambique. Houve ainda o destaque das frases mais relevantes ditas pelo Padre Vítor Melícias no funeral e a publicação das vozes de anónimos que acompanharam o cortejo fúnebre nas ruas. Os conteúdos de informação centram-se ainda na questão do ordenado vitalício atribuído à viúva do Pantera Negra e em questões polémicas, como a retirada dos cachecóis da estátua de Eusébio. O jornal publica também uma entrevista com o treinador Octávio Machado, cujas perguntas foram colocadas pelos leitores.

Nem todas as notícias publicadas têm em Eusébio a figura central do texto. Na verdade, algumas das notícias que referenciam a personalidade centram-se nos jogos de futebol, que entretanto decorreram, nos quais o futebolista foi homenageado. O mesmo aconteceu com as notícias sobre Cristiano Ronaldo, que ao vencer a bola de ouro, oito dias depois da morte de Eusébio, dedicou o troféu ao ex-futebolista. É também o caso da notícia que se centra na suposta mentira de José Sócrates, que terá dito que assistiu na escola à final do Mundial de 66, algo que o Correio da Manhã desmente dizendo que esse dia foi um sábado.

Quanto aos textos de opinião, destaque para os artigos assinados pelo social-democrata Marques Mendes, pelo presidente do Sindicato dos Funcionários Judiciais, pelo jornalista Paulo Pinto Mascarenhas, pelo diretor-adjunto do Correio da Manhã, pelo Professor Luciano Amaral, pelo deputado socialista Eduardo Cabrita e pelo colunista João Pereira Coutinho. Foram também publicados quatro textos assinados por leitores do jornal e admiradores de Eusébio. Ainda de salientar a presença de três editoriais onde Eusébio é mencionado. Se no dia após a sua morte apenas o parágrafo inicial mencionava o ex-jogador do Benfica, no dia seguinte o editorial é inteiramente dedicado ao futebolista e é assinado por Fernando Cachão, editora do Correio de Domingo. Segue-se novo editorial a 8 de Janeiro, desta vez assinado pelo jornalista Francisco J. Gonçalves, defendendo a transladação para o Panteão. O terceiro editorial, da autoria do chefe de redação das revistas Paulo Fonte, também se centra no apelo à transladação. Destaque ainda para a presença de inquéritos, um questionando sobre se o Estádio da Luz deveria ter o nome de Eusébio e outro sobre se o “factor Eusébio” beneficiou o Benfica no jogo contra o Futebol Clube do Porto.

O Diário de Notícias referenciou Eusébio em 48 páginas, durante os dez dias após ter noticiado a morte do atleta, das quais três são primeiras páginas. Trata-se de 8,75% das páginas destas dez edições do jornal. Durante o período em análise o jornal publicou 89 fotografias e 86 artigos: 26 artigos de opinião, 24 breves, 16 foto-legendas, 14 notícias, seis vozes, três entrevistas, uma reportagem e uma cronologia. Quanto aos conteúdos informativos, estes centram-se nas homenagens a Eusébio e nas exéquias, a par da questão da transladação para o Panteão Nacional, que merece grande destaque. A reportagem do funeral é coadjuvada pela publicação de foto-legendas e, à semelhança do Correio da Manhã, as breves publicadas no Diário de Notícias também contam histórias paralelas às exéquias, destacando, por exemplo, que o presidente do Sporting esteve presente e que o Futebol Clube do Porto não enviou nenhum representante. As homenagens que foram organizadas também foram alvo de cobertura do jornal, nomeadamente na antecipação do jogo que iria opor Benfica e Porto e para o qual os adeptos estariam a preparar uma coreografia e um voto de pesar no Parlamento. As reações de diversas personalidades, nacionais e internacionais, bem como dos jornais estrangeiros, à morte de Eusébio também são notícia. As vozes centram-se em personalidades do mundo do futebol, mas há também vozes de anónimos presentes no funeral e dos jornais estrangeiros que fizeram notícia da morte de Eusébio. O conteúdo informativo aborda ainda pormenores da vida de Eusébio,

como por exemplo uma notícia do restaurante onde o jogador almoçava frequentemente ou as saudades que deixou no Beira-Mar, clube onde chegou a jogar, depois de ter saído do Benfica. A sua carreira também é recordada dando voz a dez personalidades que contam histórias passadas com ele. Destaque também para as entrevistas com Emílio de Andrade, amigo de Eusébio e gerente do restaurante Adega Tia Matilde, e com Sérgio Odeith, autor do grafitti de homenagem.

Registámos ainda a referenciação do atleta em relatos de jogos de futebol, durante os quais foi homenageado, ou na entrega da bola de ouro a Cristiano Ronaldo, que dedicou o troféu a Eusébio. A personalidade não é o foco destas notícias, mas o seu nome é referido no texto. Quanto à opinião, existem artigos assinados por Viriato Soromenho Marques, professor universitário, pelos jornalistas Pedro Tadeu, Joel Neto, Ferreira Fernandes e Carlos Daniel, do Professor Nobre-Correia, do sociólogo Alberto Gonçalves, do advogado Fernando Seara. Destaque também para dez cartas de leitores e admiradores da personalidade, uma das quais contra a trasladação para o Panteão, publicadas pelo Diário de Notícias.

Nos dez dias após dar notícia da morte de Eusébio, o Jornal de Notícias referenciou Eusébio em 38 páginas, quatro das quais foram capas do periódico. Os números representam 7,85% das páginas destas dez edições. Ao todo o Jornal de Notícias publicou 60 imagens e 72 artigos com referências a Eusébio. Os géneros jornalísticos predominantes são as breves (22), notícias (16), artigos de opinião (14), vozes (10), cronologias (2) e foto-legendas (2). À semelhança dos outros jornais, o conteúdo informativo aborda as cerimónias fúnebres e as várias homenagens que tiveram lugar nos mais variados quadrantes da sociedade, com destaque para o funeral e a cerimónia no Estádio da Luz. O relato das exéquias é coadjuvado pelas foto-legendas, que mostram aquilo que é relatado nas notícias. A trasladação para o Panteão Nacional também é um dos temas em destaque no Jornal de Notícias, assim como a possível mudança de nome do Estádio da Luz. Os ecos da morte de Eusébio na imprensa estrangeira também são reportados. Ainda de realçar a referência a algumas polémicas, como a retirada dos cachecóis, a par das reações, nacionais e internacionais, à morte de Eusébio. Tal como nos outros periódicos, também o Jornal de Notícias mencionou o nome da personalidade em várias notícias onde o foco não era ele, mas sim a bola de ouro de Cristiano Ronaldo e os vários jogos de futebol durante os quais Eusébio foi homenageado. Neste âmbito, houve a preocupação, por exemplo, de

questionar os treinadores no final do jogo sobre a memória de Eusébio, evocada no jogo Benfica-Futebol Clube do Porto, inserindo essas declarações nas páginas de relato da partida de futebol. As vozes do Jornal de Notícias pertencem a 12 cidadãos anónimos que assistiram ao funeral. Quanto à presença da opinião no Jornal de Notícias, há a destacar um artigo assinado pelo presidente da Controlinveste, Joaquim Oliveira, pelo empresário Manuel Serrão, pela analista financeira Cristina Azevedo, pelo professor universitário José Neto, pelo psicólogo do desporto Jorge Silvério, pelo subdiretor do Jornal de Notícias, Jorge Fiel, e pelo economista Fernando Gomes. Destaque ainda para cinco cartas de leitores, uma das quais crítica o tempo de antena que mereceu o funeral de Eusébio.

No que diz respeito às efemérides, apenas o primeiro aniversário da morte de Eusébio foi assinalado.

O Correio da Manhã destaca o primeiro aniversário sobre a morte de Eusébio com uma breve e uma imagem do atleta. O texto fala sobre as cerimónias de homenagem agendadas para esse dia.

O Diário de Notícias assinalou o primeiro ano após a morte de Eusébio com a referência ao tema em três páginas, uma das quais é a capa. Na sua primeira página, o jornal colocou uma foto de capa, com a imagem do atleta e o título “Um ano sem Eusébio”. No interior do jornal, o editorial é dedicado à efeméride e segue-se uma notícia e uma breve acerca das homenagens programadas e convocando antigos colegas do jogador de futebol para o recordar.

Por sua vez, o Jornal de Notícias, assinala a efeméride lembrando as circunstâncias da morte de Eusébio e ouvindo alguns adeptos anónimos que recordaram o jogador. À semelhança dos outros jornais, também as cerimónias de homenagem daquele dia são antecipadas pelo periódico.

Durante os onze dias de publicações analisadas, foram utilizadas 438 fotografias, junto das peças que referenciaram Eusébio.

O Correio da Manhã acompanhou os artigos onde Eusébio foi referenciado com 149 imagens. Tal como nem todas as notícias tiveram no atleta o principal ângulo de abordagem, também muitas destas imagens retratam pessoas ou acontecimentos paralelos ao atleta. Ao todo foram utilizados 46 retratos de Eusébio, quer na atualidade, quer dos

tempos em que se notabilizou como jogador de futebol. Outras 46 imagens referem-se às cerimónias fúnebres, às personalidades que marcaram presença e às homenagens que foram sendo levadas a cabo. De realçar que o Correio da Manhã publicou quatro imagens do cadáver.

No Diário de Notícias foram publicadas 195 imagens, junto das peças jornalísticas onde Eusébio foi mencionado. Destas, 86 são retratos da personalidade e 40 ilustram as exéquias, as homenagens e as personalidades presentes nestas cerimónias. De realçar que grande parte das restantes fotografias remetem para o acontecimento central das notícias onde o nome de Eusébio é apenas mencionado. Também o Diário de Notícias publicou imagens do cadáver.

O Jornal de Notícias publicou 94 imagens junto dos artigos que referenciam Eusébio da Silva Ferreira. Destas, 25 retratam o antigo jogador do Benfica e 26 referem-se às cerimónias fúnebres e às homenagens que tiveram lugar ao longo dos onze dias em análise. À semelhança dos restantes jornais, muitas das imagens acompanham textos em que o foco não é a personalidade, pelo que as fotografias não estão diretamente relacionadas com Eusébio. De destacar que também o Jornal de Notícias optou por utilizar uma imagem do atleta morto, dentro do caixão.

1.20.3 Tabelas quantitativas

Correio da Manhã

Data	N. Páginas CM	N. peças CM	N. Imagens CM	Destaque Capa CM	Fotos Capa CM	Total pág. CM	Artigos CM	Biografia CM	Breve CM	Crónica CM	Cronologia CM	Editorial CM	Entre vista CM	Foto- legenda CM	Inquérito CM	Notícia CM	Reportagem CM	Vozes CM
06-01-2014	15	53	75	manchete	2	52	3	2	13	0	3	1	0	21	0	4	0	6
07-01-2014	14	54	30	manchete	1	52	5	0	27	0	0	1	0	16	1	1	0	3
08-01-2014	8	15	11	Chamada	2	46	2	0	8	0	0	0	0	0	1	2	0	2
09-01-2014	4	7	9	Chamada	1	48	3	0	3	0	0	0	0	0	0	1	0	0
10-01-2014	5	5	3	manchete	1	48	2	0	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0
11-01-2014	6	15	11	Chamada	1	48	1	0	5	0	0	1	0	0	0	2	0	6
12-01-2014	3	4	2	s/ref	0	52	3	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
13-01-2014	9	11	6	Foto capa	1	52	2	0	6	0	0	0	0	2	0	1	0	0

14-01-2014	1	1	1	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
15-01-2014	2	3	0	s/ref	0	48	1	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
16-01-2014	1	1	1	s/ref	0	48	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
05-02-2014	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
05-07-2014	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
05-01-2015	1	1	1	s/ref	0	52	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Diário de Notícias

Data	N. Páginas DN	N. peças DN	N. Imagens DN	Destaque Capa DN	Fotos Capa DN	Total pág. DN	Artigos DN	Biografia DN	Breve DN	Crónica DN	Cronologia DN	Editorial DN	Entrevista DN	Fotolegenda DN	Inquérito DN	Notícia DN	Reportagem DN	Vozes DN
06-01-2014	34	68	106	Inteira	2	72	6	12	11	0	1	1	1	28	0	4	1	3
07-01-2014	12	37	48	Manchete	1	56	4	0	11	0	1	0	1	10	0	3	1	6
08-01-2014	6	13	14	Chamada	1	52	2	0	5	0	0	0	0	4	0	2	0	0
09-01-2014	4	6	2	s/ref	0	56	5	0	4	0	0	0	0	1	0	1	0	0
10-01-2014	4	6	4	s/ref	0	56	4	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0
11-01-2014	7	8	6	Fotocapa	1	48	2	0	2	0	0	0	1	1	0	2	0	0
12-01-2014	4	4	2	s/ref	0	56	3	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
13-01-2014	6	7	8	s/ref	0	56	3	0	1	0	0	0	0	0	0	3	0	0
14-01-2014	5	5	5	s/ref	0	56	3	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0
15-01-2014	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
16-01-2014	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
05-02-2014	0	0	0	s/ref	0	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
05-07-2014	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
05-01-2015	3	3	2	Fotocapa	1	48	0	3	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0

Jornal de Notícias

Data	N. Páginas JN	N. peças JN	N. Imagens JN	Destaque Capa JN	Fotos capa JN	Total pág. JN	Artigos JN	Biografia JN	Breve JN	Crónica JN	Cronologia JN	Editorial JN	Entrevista JN	Fotolegenda JN	Inquérito JN	Notícia JN	Reportagem JN	Vozes JN
06-01-2014	9	16	34	Inteira	1	46	5	1	1	0	2	0	0	0	0	3	0	4
07-01-2014	8	17	26	Foto capa	1	48	4	0	4	0	0	0	0	1	0	4	0	4
08-01-2014	4	12	4	Foto capa	1	44	1	0	4	0	0	0	0	0	0	1	0	0
09-01-2014	2	5	1	s/ref	0	48	0	0	3	0	0	0	0	0	0	1	0	1
10-01-2014	3	3	1	s/ref	0	48	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0
11-01-2014	3	5	4	Foto capa	1	48	0	0	3	0	0	0	0	0	0	1	0	1
12-01-2014	5	13	7	Chamada	1	48	5	0	5	0	1	0	0	1	0	1	0	0
13-01-2014	8	11	11	s/ref	0	56	2	0	1	0	0	0	0	0	0	6	0	2
14-01-2014	4	5	6	s/ref	0	48	0	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	2
15-01-2014	1	1	0	s/ref	0	48	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
16-01-2014	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
05-02-2014	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
05-07-2014	0	0	0	s/ref	0	48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
05-01-2015	1	5	5	s/ref	0	48	0	0	0	0	1	0	0	3	0	1	0	0

1.20.4 Marcas de subjetividade

Correio da Manhã	Diário de Notícias	Jornal de Notícias
“deus Rei” (“Adeus Rei”, 2014, 6 de janeiro, p. 1).	“O adeus à lenda (“O adeus à lenda”, 2014, 6 de janeiro, p. 1).	“O Rei Amigo” (“O Rei Amigo”, 2014, 6 de janeiro, p. 1).
“Mundo chora o rei (...) símbolo do futebol nacional (...) lenda do desporto (...) o mundo acordou ontem mais triste (...) símbolo maior do futebol e marco de uma geração (...) Rei (...) o pior veio a confirmar-se” (“Mundo chora o rei”, 2014, 6 de janeiro, p. 4).	“complicada esta coisa de dizer adeus” (“Hoje não há clubes, é o clube Eusébio, mais nada”, 2014, 6 de janeiro, pp. 2-4).	“Eusébio património do mundo (...) Eusébio não morreu ontem. Passou-se o homem de 71 anos, fica a obra do futebolista, património do Benfica e do futebol, símbolo de uma certa portugalidade ultramarina (...) prodigiosos jogador de futebol (...) herói dos estádios (...) futebolista genial (...) o homem admirável, de cativante simplicidade (...) ídolo nacional (...) amigo da pândega” (“Eusébio património do mundo”, 2014, 6 de janeiro, p. 2).
“King” (“Emoção e dor na Luz”, 2014, 6 de janeiro, p. 6).	“uma das maiores lendas do futebol” (“Datas marcantes da vida de Eusébio”, 2014, 6 de janeiro, p. II).	“Rivalidades à parte no adeus ao King (...) Mais do que um símbolo do Benfica, Eusébio é uma figura de

		Portugal (...) King (...) King (...) não é um ícone apenas de Portugal (...) grande glória do futebol nacional” (“Rivalidades à parte no adeus ao King”, 2014, 6 de janeiro, p. 6).
“Conquistou a glória com simplicidade (...) a glória de Eusébio soou sempre a simplicidade (...) rapaz simples de físico robusto e uma indômita vontade de vencer feita de suor e lágrimas” (“Conquistou a glória com simplicidade”, 2014, 6 de janeiro, p. 8).	“Um mito que nunca conheceu fronteiras (...) Era uma vez o melhor jogador do planeta (...) a história de uma estrela (...) um dos melhores e mais respeitados futebolistas (...) Eusébio é sinónimo de sucesso (...) fantástica exibição (...) é um autêntico mito (...) humildade que sempre o caracterizou (...) um símbolo do desportivismo, uma marca e um mito do futebol (...) foi o primeiro grande ídolo do futebol em Portugal (...) o melhor futebolista nacional de todos os tempos. E, já agora, um dos melhores que o mundo conheceu e admirou” (“Um mito que nunca conheceu fronteiras”, 2014, 6 de janeiro, pp. II-III).	“Panteão nacional à espera do rei” (“Panteão nacional à espera do rei”, 2014, 7 de janeiro, p. 1).
“Um talento com o mundo a seus pés (...) há duas qualidades que marcam a vida do Pantera Negra: o talento e a humildade (...) um homem humilde, um cidadão do mundo, uma lenda” (“Um talento com o mundo a seus pés”, 2014, 6 de janeiro, p. 12).	“um dos maiores futebolistas de todos os tempos (...) o início de uma carreira que o levaria ao topo do mundo” (“O menino da Mafalala que rendeu ‘dinheiro grande’ à mãe”, 2014, 6 de janeiro, pp. IV-V).	“Consenso partidário para o Rei ficar no Panteão” (“Consenso partidário para o Rei ficar no Panteão”, 2014, 7 de janeiro, p. 2).
“fez de mágico da felicidade de milhões de portugueses (...) merecia ser campeão do Mundo. Ficou ‘rei’ do golo, a alegria do povo” (“Eusébio semeava a alegria no povo”, 2014, 6 de janeiro, p. 14).	“talento em estado puro (...) genial golo (...) um espanto sem fronteiras” (“Da estreia na cidade-luz à glória em Amesterdão”, 2014, 6 de janeiro, pp. VIII-IX).	ídolo (...) King” (“Tu és o nosso Rei Eusébio, descansa eternamente”, 2014, 7 de janeiro, p. 3).
“Herói nacional rumo ao Panteão” (“Herói nacional rumo ao Panteão”, 2014, 7 de janeiro, p. 1).	“Antes de Eusébio, os portugueses tinham poucos motivos para se orgulhar da sua seleção nacional (...) Eusébio em todo o seu esplendor” (“Brilhar no berço do futebol e colocar Portugal no mapa”, 2014, 6 de janeiro, pp. X-XI).	“astro (...) Hoje é dia de recordar Eusébio, símbolo do futebol português” (“Eusébio continua a arrastar multidões”, 2015, 5 de janeiro, p. 28).
“Herói nacional” (“Herói nacional”, 2014, 7 de janeiro, pp. 4-5).	“prisioneiro do seu talento (...) envolto na humildade de sempre, um dos melhores” (“Como Salazar fintou o goleador”, 2014, 6 de janeiro, pp. 18-19).	
“Eusébio ao Panteão já! (...) iniciativa CM/CMTV visa recolher fundos para fazer face aos custos de trasladação que ronda os 50 mil euros” (“Eusébio ao Panteão já!”, 2014, 8 de janeiro, p. 24).	“A despedida de um ídolo do povo” (“A despedida de um ídolo do povo”, 2014, 7 de janeiro, p. 1).	
	“lenda benfiquista e da seleção (...) mitologia de um herói do futebol” (“Ele é mais que Mandela, é como se fosse Jesus, o rei do universo”, 2014, 7 de janeiro, p. 2).	
	“Um ano sem Eusébio. As saudades dos amigos e as homenagens merecidas (...) um dos maiores símbolos da sua história (...) mítica figura” (“Um ano sem Eusébio. As saudades dos amigos e as homenagens merecidas”, 2015, 5 de janeiro, p. 43).	